

ERIN STERLING

A MALDIÇÃO DO BEIJO

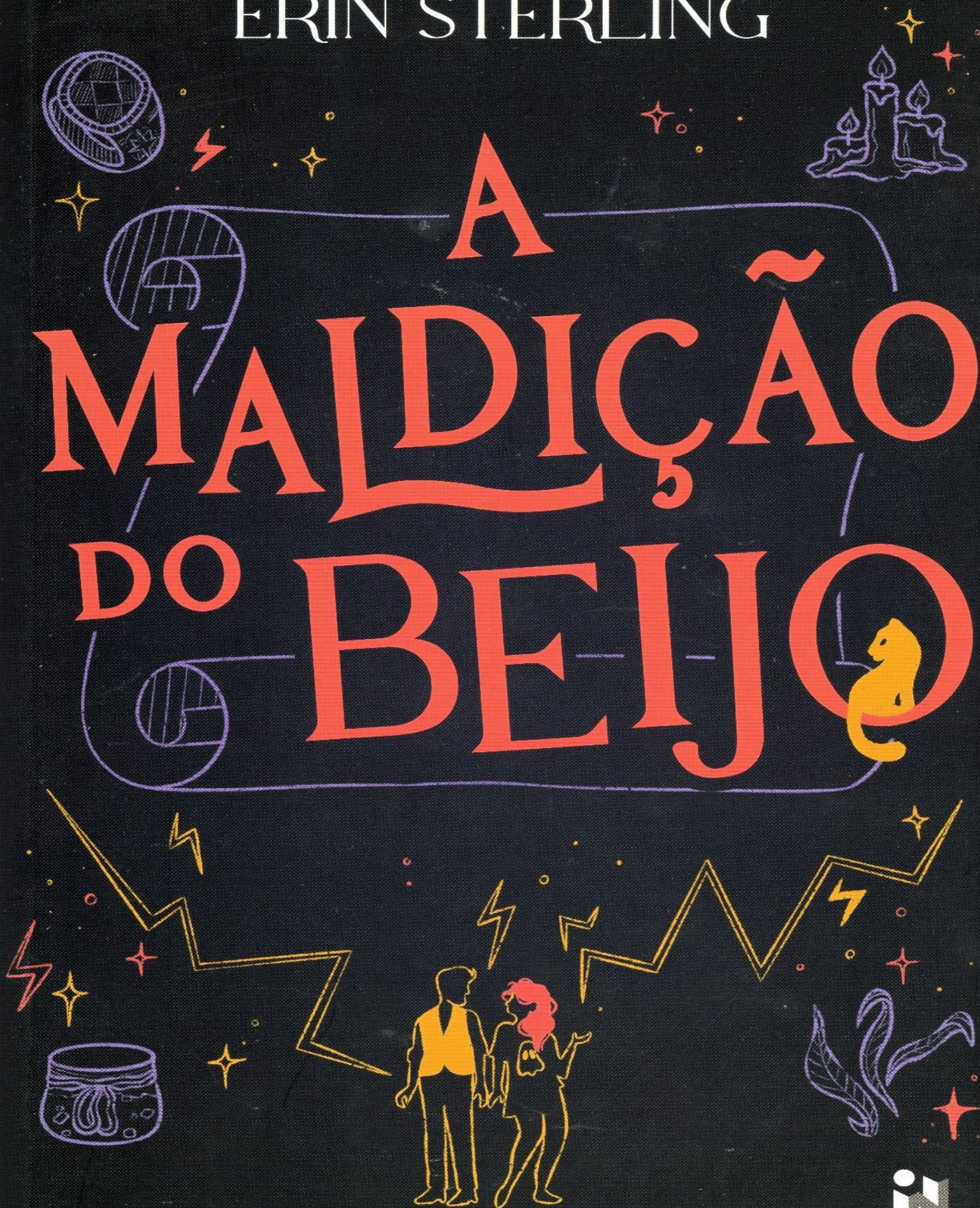




Table of Contents

[A Maldição do Beijo](#)

[Ficha Técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Agradecimentos

ERIN STERLING







**ZERO
A OITO**
www.zeroaoito.pt

20
anos

Uma chancela da Zero a Oito – Edição e Conteúdos, Lda.

Morada: Rua Castilho, 57 – R/C direito, 1250-068 Lisboa

Telefone: 213 713 130

Fax: 213 713 139

E-mail: publicacoes@zeroaoito.pt

Edição original

Título: *The Kiss Curse*

Texto: Erin Sterling

Design: Diahann Sturge

Ilustração: entrada de capítulo © Kuznetsova Darja / Shutterstock, Inc.

THE KISS CURSE Copyright © 2022 by Rachel Hawkins

Publicado por acordo com o autor c/o BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, U.S.A.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: A maldição do beijo

Tradução: Vernáculo

Revisão: Nuno Pereira

Design de capa: Mafalda Mota

Paginação: dprojetos.pt

1.ª edição: outubro 2023

ISBN: 978-989-574-028-4

Depósito legal: 518477/23

Impressão e acabamento: Eiga!

© 2023, Zero a Oito. Todos os direitos reservados.

O conteúdo desta obra não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por processo eletrónico ou mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio sem prévia autorização por escrito da Zero a Oito.

Esta obra é de ficção. Nomes, personagens, lugares e ocorrências decorrem da imaginação da autora ou são utilizadas ficcionalmente e não construídas como reais. Qualquer semelhança com acontecimentos, organizações ou pessoas reais, vivas ou mortas, são mera coincidência.

Para Merlin e Bosworth. Estou feliz por não falarem.

Prólogo



Há treze anos, Faculdade de Penhaven...

Dado que o feitiço era «Transforma esta folha noutra coisa» e Gwynnevere Jones tinha realmente *transformado aquela folha noutra coisa*, parecia extremamente injusto que todos estivessem agora a gritar com ela.

Bem, não era tanto estarem a gritar *com* ela, mas mais a gritar em *geral*, e, sim, na verdade, *talvez* a folha se parecesse agora com um pequeno dinossauro com dentes muito aguçados que naquele momento trincava a bota pontiaguda da professora. Mas por acaso o feitiço tinha sido específico?

Não!

Tinham todos os outros feito tretas aborrecidas como uma caneta ou uma folha ligeiramente maior?

Sim!

O feitiço de Gwyn era o único que tinha aquele muito sofisticado efeito de locomoção, pelo que deviam estar todos a agradecer-lhe e a dizer que ela era uma bruxa do caraças, em vez de estar a dizer coisas como «faz com que isto pare!» e «mas que porra é esta?».

«Francamente», pensou Gwyn! «É por isto», continuou ela a pensar, enquanto tentava reunir poder suficiente para devolver a criatura mordedora à condição de folha de carvalho, «que eu nem queria vir para cá».

A Faculdade de Penhaven, em Graves Glen, Geórgia, ensinava tanto alunos normais como bruxos, as aulas de feitiçaria eram secretas e escondidas de todos os outros, que apenas achavam que os alunos que iam para aqueles edifícios estranhos no *campus* estavam a tirar cursos esotéricos de Folclore ou coisas do género. Fabrico Avançado de Cercas, talvez.

Apesar de ter crescido em Graves Glen, nunca passara pela cabeça de Gwyn vir realmente a frequentar Penhaven. A mãe dela era demasiado fixe para isso, pensava ela, muito menos tradicional do que a maior parte das bruxas — ou mães, já agora —, e Gwyn deduzia que acabaria numa faculdade normal a beber cerveja em copos vermelhos de plástico e a praticar magia sozinha.

Mas não. Naquele *assunto em particular*, a mãe decidira ser supertradicional e insistira em que ela fosse para Penhaven.

A mãe de Gwyn, Elaine, era provavelmente a pessoa menos tradicional que Gwyn conhecia. Tinha criado Gwyn sozinha, ganhando a vida a vender sais de banho e chás especiais em vários festivais e feiras medievais, a ler cartas de tarô na acolhedora cozinha do seu chalé. Gwyn adorava aquela vida e achava que iria seguir as pisadas da mãe, embora fazendo as suas próprias coisas, mas então, quando o secundário estava quase a terminar, veio Penhaven para estragar tudo.

— Vai ser bom para ti — dissera Elaine a Gwyn, o cabelo louro a brilhar à luz do Sol que entrava na cozinha, os olhos bondosos, com aspeto de santa ou, ainda pior, como Stevie Nicks, porque, como é que seria possível dizer que não a Stevie Nicks?

Foi assim que Gwyn acabou em Penhaven, a ter aulas de Velas para Rituais e Fases da Lua.

E Conversão Simples da Forma, cadeira que ela já achava suspeita por soar tanto a matemática.

— Menina Jones! — gritou a professora, e Gwyn abanou a cabeça, ainda a tentar reunir toda a magia que conseguia. Era difícil, contudo, vendo como ela tinha dado

tudo de si, magicamente falando, para transformar uma folha na coisa que agora mordida ferozmente a bota da doutora Arbuthnot.

Não tens de ser sempre uma exibicionista, sabes disso.

A prima de Gwyn, Vivi, não estava na sala com ela — ainda lhe faltavam dois anos do secundário antes de Elaine, sem dúvida, a mandar fazer o mesmo. Mas Gwyn sabia que seria precisamente o que ela lhe diria e, ao pensar nisso, fez uma enorme careta, tentando concentrar-se ainda mais.

Tinha as mãos abertas em cima da mesa à sua frente, cuja superfície tremia ligeiramente, e as pontas do longo cabelo púrpura juntavam-se perto das palmas das mãos.

O vermelho normal do seu cabelo fora transformado num ametista-escuro, num toque de rebeldia antes do início das aulas. Mas claro que a mãe apenas sorria e lhe acariciara a nuca, dizendo-lhe que lhe ficava bem.

Esse era o problema de ter uma Mãe Fixe.

— Conseguieste?

A concentração de Gwyn quebrou-se por ínfimos segundos quando a sua colega, uma bonita morena chamada Morgan, se aproximou com os olhos pretos muito abertos.

— Sim — respondeu Gwyn, tentando sorrir, mesmo tendo quase a certeza de que *não* conseguira. — Está quase!

Graças à deusa, a coisa tinha largado a bota da doutora Arbuthnot.

Só que agora parecia estar a olhar esfomeada para o seu lenço pendente, e Gwyn cerrou os dentes, as unhas pintadas de azul brilhante a cravarem-se mais na superfície da mesa. *Não* ia ficar conhecida como a primeira aluna da história da Faculdade de Penhaven a fazer com que um professor fosse comido por acidente.

Muito bem, então, ao lançar o feitiço, colocara as mãos na folha e pensara com muita força que ela precisava de *mudar*. Não tinha dado instruções mais específicas do que isso. Talvez fosse esse o problema?

Gwyn levantou a mão e concentrou-se na cena no fundo da sala.

Não havia janelas ali, estava tudo iluminado com candelabros nas paredes, as pesadas mesas de madeira com os alunos sentados atrás encontravam-se todas numa ligeira plataforma elevada, quase como se fosse uma sala de cirurgias vitoriana ou algo do género.

No fundo da sala, a doutora Arbuthnot encontrava-se em pé atrás de um púlpito antiquado de madeira. Bem,

normalmente estava. Naquele momento, estava à frente dele, agarrada a uma das extremidades enquanto enviava, com os dedos, rajadas de luz azuis na direção da coisa que naquele instante estava agachada e a grunhir aos pés dela.

Mas o monstinho de folha de Gwyn era esperto, desviando-se sempre, e se Gwyn não estivesse preocupada com o facto de tudo aquilo a levar a ser expulsa ou queimada na fogueira — caso ainda fizessem isso —, quase se poderia sentir orgulhosa do pequenote.

Tal como Gwyn, ele era obstinado.

A doutora Arbuthnot podia, Gwyn sabia disso, destruir a coisa com um simples feitiço, mas ela queria que Gwyn a conseguisse controlar ou, melhor ainda, voltar a transformar em folha. Afinal, esse era o objetivo daquela aula, e Gwyn estava determinada a resolver a situação.

Podia não ter querido frequentar a Faculdade de Penhaven, mas, que raios, não ia tornar-se a Falhada da Turma.

Determinada, concentrou-se na criatura, levantou as mãos e sentiu que ela começava a mudar.

Começava a transformar-se.

Está quase.

Os dedos fletiram assim que a criatura virou a cabeça para ela.

Ao mesmo tempo, a porta da sala abriu-se, batendo com força na parede.

Gwyn não prestou atenção, tinha o olhar concentrado no fundo da sala, o poder ia aumentando, e então...

Houve um súbito clarão de luz que encheu a sala de um cheiro que lembrou a Gwyn as fogueiras e noites de outono.

No púlpito, a doutora Arbuthnot ficou subitamente muito direita, enquanto Gwyn via pedacinhos de fumo e detritos flamejantes — pedaços da folha a arder — a esvoaçar na direção do teto.

Gwyn baixou os braços, boquiaberta. Porra.

Porra.

De alguma forma, exagerara. Tinha posto poder a mais no feitiço e, em vez de transformar a coisa novamente em folha, apenas... a tinha desfeito.

E depois ouviu o suspiro de Morgan, quando a doutora Arbuthnot olhou para a porta.

Gwyn seguiu o olhar.

Estava ali um rapaz.

Não, um homem. Mais velho do que Gwyn, mas não muito, o cabelo preto desgrenhado, os olhos azuis brilhantes, mesmo à distância. Estava todo vestido de preto, as mãos ainda levantadas na direção da sala, e Gwyn não teve dúvidas de que, fosse quem fosse, os antepassados tinham de certeza enfrentado a lâmina da guilhotina.

Não se arranjam maçãs do rosto como aquelas sem se oprimir alguns camponeses.

— Penhallow — disse a doutora Arbuthnot, compondo o lenço, e o olhar de Gwyn tornou-se mais intenso.

Fora ela a culpada, é verdade. A família Penhallow praticamente governava a vila, apesar de não viver lá. Mas um dos seus antepassados fundara Graves Glen — e a própria faculdade —, por isso, de vez em quando, um Penhallow condescendia em juntar-se aos humildes cidadãos da terra natal de Gwyn para um verão ou algo do género.

— Estão todos bem? — perguntou ele, o olhar a percorrer a sala de aula ao mesmo tempo que penteava com uma mão o cabelo para trás.

Gwyn abriu a boca para lhe dizer que estavam *melhor* do que bem, que ela estava a segundos de ter tudo resolvido e que fazer um feitiço básico de explodir tudo não

era, na verdade, uma coisa assim tão impressionante. Mas a doutora Arbuthnot falou antes dela.

— Agora estamos bem, sim. Obrigada, Penhallow.

— Ia a passar — explicou ele — e ouvi o alvoroço. Pensei que podia ajudar, e...

— Já não temos medalhas nem bolachinhas — interrompeu Gwyn, dobrando os dedos. — E não chegaste a ajudar. Apenas explodiste a coisa. *Eu* podia ter explodido a coisa.

O Penhallow olhou para ela com uma sobrancelha levantada.

— Então, porque não o fizeste? — interrogou ele, e antes que ela conseguisse responder, já se tinha ido embora, fechando a porta atrás de si.

Na parte da frente da sala, a doutora Arbuthnot sacudia pequenos pedaços de folha da parte da frente da saia comprida e reajustava os óculos.

— Falamos depois da aula, menina Jones — disse ela. Gwyn revirou os olhos, ao mesmo tempo que assentia com a cabeça. Ela e a doutora Arbuthnot falavam depois da aula pelo menos uma vez por semana. Ao lado dela, Morgan ainda olhava para a porta.

— Aquele era o Llewellyn Penhallow — revelou ela, com um suspiro sonhador, e Gwyn resfolegou, agarrando nas suas coisas.

— *Llewellyn* — repetiu, porque quando um tipo tem um nome daqueles, nem sequer é *preciso* fazer troça. Repeti-lo era suficiente.

Morgan deu-lhe uma cotovelada, colocando o cabelo atrás da orelha com a outra mão.

— Tens de admitir que era giro — pressionou, e Gwyn atirou a carteira para o ombro, de olhos novamente postos na porta.

— Giro, talvez — admitiu, encolhendo os ombros. — Imbecil, definitivamente. É provável que tenha a palavra Excelentíssimo à frente do nome.

— Bem, não vais ter oportunidade de saber — disse Morgan, enquanto ia juntando os seus livros. — Parece que o pai dele o chamou de volta ao País de Gales para qualquer coisa de família.

Uma vez que os Penhallow eram uma linhagem muito antiga e poderosa de bruxos, Gwyn deduziu que «coisa de família» poderia significar imensas coisas diferentes, provavelmente nenhuma boa.

Não que isso lhe interessasse.

Não, de momento, a única coisa com que Gwyn se preocupava era com ter de ir falar com a doutora Arbuthnot e conseguir, de alguma forma, chegar a horas à aula seguinte, que era no lado oposto do *campus*, além de ir ajudar a mãe na *Something Wicked*, a loja delas no centro de Graves Glen.

Llewellyn Penhallow, Excelentíssimo, teve exatamente apenas mais um pensamento da parte de Gwyn, enquanto ela se dirigia para a parte da frente da sala, onde a esperava uma doutora Arbuthnot com um ar muito desaprovador.

«Graças à deusa, nunca mais tenho de ver aquele imbecil outra vez.»

Capítulo 1



— Se eu gritar «uau» quando apanharmos o fantasma, vais perceber que estou a ser irónica, certo?

Gwyn sussurrou as palavras enquanto seguia furtivamente a prima, Vivi, através dos bosques escuros. A lua crescente brilhava no céu azul-marinho, a pequena bola de luz que Vivi invocara flutuava alegremente mesmo por cima das suas cabeças. O ar do início de setembro estava surpreendentemente frio e cheirava a puro, com um toque de fumo a fazer cócegas no nariz de Gwyn.

Definitivamente, uma noite apropriada para caçar fantasmas.

No entanto, talvez uma noite não tão perfeita para brincar. Ao voltar o olhar para ela por cima do ombro, Vivi semicerrou os olhos cor de avelã.

— Gwynnevere.

— O que foi? — protestou Gwyn. — É isso ou algo como «não tenho medo de nenhum fantasma», uma frase que, francamente, acho um bocadinho datada.

— Porque é que estou com a sensação de que não estás a levar isto a sério?

Gwyn, que naquele momento estava a usar uma camisola preta com pequenos fantasmas brancos, fez a sua expressão mais séria para Vivi.

— Não faço a menor ideia de porque pensarias uma coisa dessas.

Como esperava, a expressão séria de Vivi deu lugar a um sorriso carinhoso e um revirar de olhos.

— Tudo bem. Eu aceito o teu «uau» irónico.

— Obrigada — agradeceu Gwyn, ajustando o saco de cabedal que levava a tiracolo. Como aquela era a sua primeira caçada a um fantasma, tinha ido buscar à *Something Wicked* qualquer coisa que aparentasse poder ser útil, mas a loja atendia essencialmente turistas, não bruxas a sério.

Isso significava que Gwyn tinha naquele momento um saco cheio de cristais, duas velas em frascos e uma bolsa de veludo com sais de banho que a mãe fizera especialmente para a loja.

Vivi olhou de novo para trás quando as velas bateram nos cristais.

— Eu disse-te que não precisavas de trazer nada — disse ela. — Isto é mais uma missão de reconhecimento.

— E eu sei disso, Vivi, mas só vi um fantasma na minha vida, e foi superassustador, por isso peço desculpa por querer estar preparada.

— Com sais de banho de camomila e alfazema?

— A parte importante é o sal.

Vivi parou novamente e levantou as sobrancelhas.
Gwyn agitou uma das mãos.

— Tu sabes, como nas séries.

— Séries?

— Aquelas em que rapazes giros caçam fantasmas e estão sempre, tipo — baixou a voz e falou num tom muito grave —, «precisamos de fazer um círculo de sal à volta do perímetro» ou uma coisa do género. Por isso — Gwyn deu uma pancadinha no saco —, sal.

— Nós somos bruxas, Gwyn — lembrou-lhe Vivi. — Se calhar não devíamos seguir as dicas da televisão?

— Não somos bruxas *caça-fantasmas* — argumentou Gwyn, desviando-se de um ramo grande ao entrar nas profundezas do bosque. — E essa série deu para aí durante uns vinte anos. Aposto que acertaram em *alguma* coisa.

Vivi refletiu sobre aquilo e encolheu os ombros.

— Mal não há de fazer.

O vento agitava as folhas sobre elas, chicoteando o longo cabelo vermelho de Gwyn e afastando-o da cara

enquanto ela aumentava o tamanho das passadas para tentar acompanhar a prima.

— Sabes, se *eu* tivesse um marido todo bom, de certeza que arranjaria mais razões para ficar em casa e menos razões para me embrenhar em bosques assombrados.

Vivi riu-se um pouco com aquela frase.

— Convidei o Rhys para vir connosco, mas ele está cheio de trabalho e a tentar ter tudo pronto antes da nossa viagem.

Gwyn soltou um som de concordância, ignorando a pequena pontada no peito ao pensar na partida de Vivi. Era estúpido — ela só ia estar fora umas semanas, fazer uma viagem para ver um ritual de magia qualquer em que Vivi estava interessada na terra de Rhys, Gales —, mas Gwyn nunca estivera afastada da prima assim tanto tempo. E como a mãe de Gwyn, Elaine, também estava fora, num retiro de feitiçaria no Arizona, isso significava que Gwyn ia ficar completamente sozinha.

O que não tinha mal nenhum. Afinal, ela era adulta, conseguia manter as coisas em andamento sem...

Sobre elas, uma coruja piou. Gwyn deu um gritinho, aproximando-se de Vivi.

Aclarou a garganta, endireitou os ombros e continuou.

— Então, é a primeira grande viagem à terra natal, o que sentimos em relação a isso?

O sorriso de Vivi era quase tão brilhante quanto o feitiço de luz.

— Vai ser *maravilhoso*. O Rhys vai levar-me a Snowdonia, perto de onde vive o irmão dele, e...

— O Irmão Imbecil ou o Irmão Lobisomem?

Vivi lançou outro olhar a Gwyn.

— Eles por acaso chamam-se Wells e Bowen. E, pela última vez, o Bowen não é um lobisomem, ele apenas... não faz a barba com muita frequência.

— Não sei, Vivi, parece-me a desculpa que um lobisomem daria — brincou Gwyn, contornando um monte de folhas.

Vivi riu-se, abanando a cabeça.

— De qualquer forma, sim, o Bowen. O Wells ainda vive na aldeia onde cresceram, por isso tenho a certeza de que também vamos passar por lá e visitá-lo.

— Fixe. Talvez lhe possas perguntar o que é que foi mais importante do que vir ao casamento do irmão.

Vivi resmungou.

— Vá lá, Gwyn, a sério. Eu não me importei! Nem o Rhys se importou.

— Bem, importei-me eu — respondeu Gwyn, outra vez toda irritada.

Vivi casara no verão, um casamento pequeno em Graves Glen, no mesmo campo onde ela conhecera Rhys, anos antes. Tinha sido muito bonito e simples, até Gwyn ficou com uma lagrimazinha nos olhos, não que alguma vez o admita, e, apesar de Gwyn ter ficado realmente alarmada com os pelos faciais de Bowen e o facto de parecer que poderia efetivamente morrer se tivesse de sorrir, pelo menos aparecera.

O pai de Rhys e o outro irmão, contudo, não tinham ido.

Gwyn não conseguia imaginar não estar presente para Vivi no dia do seu casamento, e não era como se Wells não tivesse sido convidado. Fora. Rhys até falara com ele uns dois dias antes do casamento. Mas quando chegou o dia, não apareceu.

Nenhuma desculpa, nada. Total ausência.

Que tipo de irmão era aquele?

Porém, pelo que Gwyn se lembrava da única e breve interação que tivera com Llewellyn Penhallow, não deveria

ter ficado surpreendida.

— O Rhys diz só que ele é assim — continuou Vivi. — O pai dele não queria vir, por isso também não veio. Ele é... não sei, leal, acho. E acho que está muito ocupado com o bar.

Gwyn ainda achava estranho que Llewellyn Penhallow, que era praticamente famoso pelo poder como bruxo que mostrou naquele semestre que passou em Penhaven, gerisse um *bar* em Gales, em vez de fazer alguma Porra Impressionante de Bruxo, mas nunca se preocupara verdadeiramente em perguntar a razão disso.

— O meu emprego também me mantém ocupada! — lembrou ela, cruzando os braços sobre o peito. — No outro dia, estava a organizar os grimórios na arrecadação da *Something Wicked*, e estava, tipo, «sabes, “grimório” é um nome estranho, qual será a origem?», e quando dei por mim tinha, tipo, doze separadores da Wikipédia abertos e já estava escuro lá fora.

Vivi sorriu, abanando a cabeça enquanto continuava a subir a colina, com Gwyn atrás.

— E ainda assim fui ao vosso casamento — acrescentou, e a prima estendeu o braço, fazendo uma festa na mão de Gwyn.

— E estou muito grata por isso. Como estou grata por vires fazer isto comigo.

Gwyn estava tão embrenhada na sua justa indignação que quase se esqueceu de onde estava e o que estava a fazer.

Certo. Caça ao fantasma. Bosque arrepiante.

— Talvez não haja qualquer fantasma... — sugeriu Gwyn, desejando muito que fosse esse o caso. Tinha planos para aquela noite, planos que envolviam experimentar um novo chá que encomendara e tomar um banho de imersão obscenamente longo. Planos que não envolviam, de forma alguma, caminhar pelo bosque a meio da noite só por Vivi ter ouvido alguns alunos dela da faculdade a falar sobre luzes e barulhos estranhos que ocorriam nesta parte do bosque.

— Provavelmente, são só miúdos com lanternas, a beber cerveja e a fazer más escolhas amorosas — disse Gwyn, entretanto, com a boca um pouco seca enquanto olhava em volta. Mesmo com a ajuda do feitiço de luz de Vivi, a escuridão era intensa, pesada. Teve a sensação de que qualquer coisa podia estar a observá-las mesmo ao lado do acolhedor círculo de luz, mil olhos nas árvores, e um calafrio fê-la puxar as mangas da camisola sobre as mãos.

— Talvez — reconheceu Vivi, batendo com a ponta da bota num monte de folhas. — Mas temos para com a vila a responsabilidade de nos assegurarmos de que não é mais do que isso.

«Responsabilidade» não era uma palavra que Gwyn apreciasse particularmente, mas tinha de admitir que a prima tinha razão: foi a magia das mulheres Jones que recarregou Graves Glen, e isso significava que, se houvesse grandes tretas com magia a acontecer, competia a ela e a Vivi porem-lhe um fim.

Gwyn entrelaçou o braço no da prima e puxou-a para mais perto de si.

— Detesto quando tens razão. É uma das tuas qualidades mais desagradáveis.

Vivi sorriu para ela.

— O Rhys diz o mesmo.

— O único assunto em que eu e o teu marido estamos de acordo — brincou Gwyn, sorrindo, e Vivi deu-lhe uma pancadinha com a anca, ainda a sorrir, enquanto a luz que flutuava sobre elas brilhava intensamente sobre o seu rosto.

Demasiado intensamente, apercebeu-se de repente Gwyn. Porque agora não era a única luz à volta delas.

Gwyn virou a cabeça lentamente, o braço ainda entrelaçado ao de Vivi, enquanto se apercebia... da coisa que flutuava pelo bosque na direção delas.

O único fantasma que Gwyn vira antes parecia-se definitivamente com uma pessoa. A brilhar e a flutuar como

o que quer que isto fosse, mas definitivamente em forma de pessoa.

Mas isto não era assim. Era quase como uma nuvem, a transformar-se e a ondular, a emitir uma estranha luz verde e com magia a sair dela...

Gwyn começou a tremer mais ainda, quase a tiritar. Tinha sido sempre mais sensível à magia do que Vivi ou Elaine, capaz de sentir a sua presença antes de elas conseguirem. Aquela coisa aproximara-se dela impercetivelmente, mas agora que ali estava, ela podia dizer que havia qualquer coisa de errado com o que quer que a tivesse criado.

De muito errado.

Colocou a mão dentro do saco à medida que Vivi se aproximava, o sobrolho franzido.

— Nunca tinha visto uma coisa destas — revelou ela, levantando um braço em direção à coisa.

— Vivi, talvez seja boa ideia não tocar na bolha medonha? — sugeriu Gwyn, vasculhando entre as velas e os cristais, tocando com os dedos na bolsa de veludo com os saís de banho.

Vivi continuava a aproximar-se da coisa, a mão ainda estendida.

— O Rhys e eu passámos, no ano passado, todo aquele tempo a pesquisar acerca de maldições e não encontrámos nada remotamente parecido com isto — continuou ela. — Nem consigo dizer do que é feito.

— Dos meus pesadelos e um bocadinho de gel para o cabelo? — ironizou Gwyn, conseguindo finalmente agarrar numa mão-cheia de sal. — De qualquer forma, é má e eu odeio-a, por isso *baixa-te*.

Capítulo 2



— Espera!

Gwyn rodou e viu três figuras em pé mesmo na extremidade do brilho da bolha, com as caras de um verde doentio. Ainda tinha o sal na mão, preparada para o atirar, quando Vivi disse:

— Sam?

Uma jovem deu um passo em frente, de cabelo turquesa-claro e com a bolha refletida nos óculos. Gwyn reconheceu-a naquele momento. Era uma bruxa da faculdade que também trabalhava no *Coffee Cauldron*, o café ao fundo da rua da loja de Gwyn. A rapariga ao lado dela, mais pequena e com o cabelo preto comprido apanhado sobre as costas numa trança, também lá trabalhava, apercebeu-se Gwyn. Não conhecia o terceiro

elemento do grupo, mas parecia tão assustado como as duas companheiras, com os olhos pretos muito abertos.

Contudo, era evidente que Vivi os conhecia, e à medida que se aproximou, eles encolheram-se um pouco.

— O que estão vocês os três aqui a fazer? — perguntou ela, antes de se virar para Gwyn e dizer: — Estes são a Sam, a Cait e Parker. Estão na minha aula de História da Magia, em Penhaven. E são *geralmente* bons alunos que de certeza não estariam no bosque, a brincar com magia perigosa.

— Está bem, eu sei que isto parece mau — reconheceu Sam. — E admito que as coisas... não estão a correr conforme o plano, mas este feitiço é inofensivo, juro.

— Na verdade, a ideia foi minha, doutora Jones — confessou Cait. — Neste semestre, estamos todos na cadeira da doutora Arbuthnot, Conversão Simples da Forma, e ela estava a ensinar-nos como transformar uma coisa noutra, tipo, sabe, uma folha noutra coisa qualquer.

Gwyn quase não conseguiu evitar revirar os olhos. Os bruxos da faculdade nunca se afastavam muito dos clássicos, pois não? Porquê tentar descobrir uma coisa nova

e inovadora em feitiçaria quando se podem ter as mesmas aulas chatas todos os anos.

— E então — continuou Cait —, lembrei-me de que o *Halloween* está quase a chegar e podíamos usar a magia para, sabe, subir um bocadinho de nível. Para os turistas.

— E decidiram fazer um fantasma? — perguntou Vivi, franzindo o sobrolho e cruzando os braços à frente do peito.

Gwyn tentou fazer uma pose igual, esperando parecer tão séria e autoritária como a prima, mas sabendo *que, provavelmente*, era prejudicada pela camisola com fantasmas.

— Não é um fantasma! — insistiu Sam. — A sério, é só um bocadinho de cola, purpurina e água, que juntámos com magia para se *parecer* com um fantasma. — Apontou com a cabeça para o terceiro membro do grupo. — Aliás, foi ideia de Parker. Sabe mesmo fazer este tipo de coisas.

Parker arranjou-se um pouco, ajeitando para trás os caracóis do cabelo.

— Na verdade, não é assim tão difícil — disse. — É só...

— Nada disso! — Vivi levantou a mão, interrompendo.

— Pode parecer inofensivo, mas é precisamente por isso que *não* fazemos magia para os turistas. Os alunos das minhas aulas normais têm estado a semana toda a falar sobre esta coisa que brilha nos bosques. É suposto sermos um pouco mais discretos do que isto.

Os três bruxos ficaram cabisbaixos depois do sermão, e Gwyn percebeu que Cait ia argumentar. E, honestamente, ela conseguia perceber. Qual era o objetivo de haver magia se não se podiam divertir um pouco com ela?

Mas Gwyn sabia que tinha de apoiar a prima, por isso aproximou-se de Vivi e disse:

— A Vivi tem razão. Acreditem em mim, a magia que aparentemente é divertida e nada séria pode subitamente explodir nas vossas caras. E se querem experimentar uma coisa dessas, têm, no mínimo, de ter um bruxo mais experiente a supervisionar.

Afinal de contas, ela e Vivi tinham tido Elaine a supervisioná-las.

Mas Sam limitou-se a ficar com um ar triste, abanando a cabeça.

— Doutora Jones, sabe como a faculdade é rígida. Tem todas aquelas regras sobre como e onde é suposto fazermos magia. Nunca temos a oportunidade de apenas... improvisar. Experimentar coisas novas.

— Pois, na verdade, essas regras existem por boas razões, e digo isto como alguém que detesta regras por princípio — respondeu Gwyn, e olhou para Vivi.

Vivi *adorava* regras. As regras eram a sua coisa preferida.

Mas Vivi deteve o olhar no trio de bruxos com uma expressão pensativa.

— Talvez a faculdade seja um bocadinho formal neste tipo de coisas — disse lentamente. — E uma parte do desenvolvimento das vossas capacidades vem da prática...

Virou-se para Gwyn, que estava de sobrolho franzido.

— Não faças essa cara pensadora para mim — disse Gwyn, e agora era Vivi quem franzia o sobrolho.

— Eu não tenho uma cara pensadora.

— Tens! Estás a fazer uma cara pensadora para mim neste preciso momento, e eu não gosto!

— Só estava a pensar... — começou Vivi, e Gwyn apontou para ela.

— Estás a ver?

Ignorando-a, Vivi continuou:

— ... que talvez isto agora também faça parte da nossa responsabilidade. Para com a vila. Seremos mentoras dos jovens bruxos. Dar-lhes um espaço seguro para experimentarem a magia que não esteja associado à faculdade.

Lá estava aquela palavra outra vez, e Gwyn ia lembrar Vivi que elas já tinham imensa responsabilidade — Gwyn tinha a loja, Vivi tinha dois empregos e o *Halloween* era já no mês seguinte, o que significava que as coisas iam ficar

mais caóticas. E agora ela queria organizar uma espécie de grupo de Escoteiras para Bruxos Bebés?

Foi então que Gwyn olhou por cima do ombro de Vivi e viu que as caras de Sam, Cait e Parker estavam praticamente a reluzir só com a ideia, os olhos completamente em modo cachorrinho, e quando olhou de novo para o «fantasma», teve de admitir que era uma magia bastante impressionante. Só o efeito luminescente era difícil de criar, e ainda mais difícil de manter, e eles tinham conseguido.

E, para ser honesta, tinha de admitir que havia qualquer coisa de divertido na ideia de ser uma Elaine para uma nova geração de bruxos.

— Está bem — concordou ela, suspirando. — Mas só porque acho que ia mesmo irritar os teus chefes lá da faculdade.

Vivi abanou a cabeça, sorrindo, e virou-se para os seus alunos.

— Muito bem, então, a Gwyn e eu vamos trabalhar convosco, se quiserem começar a experimentar feitiços. *Mas*. Não voltam a andar às escondidas nos bosques à noite e *não fazem*, de maneira nenhuma, «improvisações» sem falarem primeiro connosco, combinado?

O trio assentiu tão depressa que até era de admirar que as cabeças não tivessem saltado, e Vivi esfregou as mãos, claramente satisfeita com ela própria.

— Bem, agora só temos de nos livrar desta coisa — disse ela, fazendo um gesto para a bolha que pairava, e Parker franziu o sobrolho.

— Pois. É... é mais ou menos por isso que aqui estamos. Não sabemos bem como a *desfazer*?

Gwyn virou-se para a massa cintilante, agora significativamente menos assustadora, uma vez que sabia do que era feita e quem a tinha feito.

Sem pensar muito, pôs a mão no saco e agarrou de novo numa mão-cheia de sal.

Vivi franziu o sobrolho.

— Gwyn, não sei se...

— Oh, vá lá — disse Gwyn. — Mal não há de fazer!

E com aquelas palavras fatais, atirou o sal.

— Já alguém te disse que eras um bocadinho impulsiva, Gwynnevere?

Enquanto esfregava o cabelo com uma toalha, Gwyn olhou para o outro lado da mesa, onde estava Rhys, o

marido de Vivi. Tomara um duche de vinte minutos quando regressaram a casa, mas ainda sentia que estava cheia de gosma de fantasma. Como é que algo tecnicamente feito de cola, purpurina e magia podia ser tão nojenta ao explodir?

Talvez não houvesse um chuveiro suficientemente forte para que ela voltasse alguma vez a sentir-se limpa, sensação que Vivi claramente partilhava, porque ainda não descera da casa de banho de cima.

— Por acaso, já, já disseram — respondeu Gwyn a Rhys. — Professores, alguns ex e um juiz de infrações de trânsito particularmente mau. E agora tu.

— Bela companhia que tenho — respondeu Rhys, aproximando-se da bancada onde uma chaleira elétrica borbulhava.

Vivi apareceu, usando um dos roupões de Elaine, com o cabelo molhado a deixar pequenas manchas na seda azul-pavão.

— Sinto que este foi o primeiro de muitos banhos que vou precisar de tomar esta noite — disse, e Rhys sorriu para ela, estendendo-lhe uma chávena de chá.

— Desde que eu possa fazer-te companhia pelo menos num deles, não vejo nisso qualquer problema, meu amor.

Vivi sorriu, aproximando-se dele, e enquanto se abraçavam, Gwyn revirou os olhos. Estava realmente feliz por eles, e sabia a deusa o que eles tinham passado antes de encontrarem este «felizes para sempre», mas, sinceramente, tinha de haver *limites*.

— Estou sentada mesmo aqui — disse ela. — Zero interesse em saber dessas coisas!

— Ei — reagiu Vivi, apontando um dedo a Gwyn. — Sabes quantas vezes eu tive de estar sentada no sofá a verte aos amassos com alguém enquanto eu fingia que estava a ver coisas no telemóvel? Isto é a vingança.

— É justo — admitiu Gwyn, mesmo apercebendo-se de há quanto tempo não estava com alguém. Na verdade, meses.

Era deprimente.

Rhys riu-se, dando um breve beijo na testa de Vivi antes de se afastar e ir beber o seu chá, e Vivi sentou-se à frente da prima, no outro lado da mesa. Aquele costumava agora ser o sítio onde se reuniam ultimamente, apesar de Vivi ter o apartamento sobre a loja, no centro da vila, onde ela e Rhys estavam a viver. Tecnicamente, Rhys tinha a casa de família na montanha, mas como a casa parecia uma coisa saída de um filme de Tim Burton, estava geralmente desocupada.

Rhys voltou para a mesa, entregando uma chávena a Gwyn, que, como ele usara a mistura de chá preferida dela, decidiu perdoar-lhe por tê-la feito pensar em sexo no duche.

— Tenho de dizer que gosto desta coisa de sairmos para fazer coisas de feitiçaria e tu ficares aqui a fazer chá — disse Gwyn, soprando sobre a chávena enquanto o seu gato, Sir Purrcival, saltava para cima da mesa. Gwyn tentara enxotá-lo de cima da mesa ao longo dos anos, mas o facto de ele agora ter uma cama muito confortável no centro da mesa era a prova de quem ganhara a contenda.

Ele piscou-lhe os olhos, aqueles enormes olhos amarelos-esverdeados em contraste com o pelo preto, enquanto Rhys resmungava, deitando água quente na sua chávena.

— Tenho noção das minhas capacidades — disse ele, antes de se sentar ao lado da mulher. — E, com exceção das explosões de feitiços, parece que tiveram uma noite produtiva — continuou ele. — Encontraram a fonte dos boatos sobre fantasmas, orientaram alguns jovens para o caminho certo...

— Isso foi tudo a Vivi — assegurou Gwyn. — Fez a cara pensadora para mim e foi incapaz de resistir.

— Não tenho uma cara pensadora — refilou Vivi, mas Rhys sorriu, abanando a cabeça.

— Tens mesmo, meu amor. Para mim, é uma das caras preferidas que fazes. Uma coisa deste género.

Rhys enrugou as sobrancelhas só um bocadinho, os olhos com uma expressão distante, e Gwyn bateu na mesa com a mão livre.

— É isso mesmo! Meu Deus, é incrível.

Vivi fez uma careta enquanto olhava para um e para outro.

— Sabem, era muito mais agradável para mim quando vocês não gostavam um do outro.

— Eu sempre gostei da Gwyn — protestou Rhys, e Gwyn encolheu os ombros.

— Eu não gostava de ti.

— *Imbecil* — disse Sir Purrcival, num tom sonolento, do seu lugar no centro da mesa, e Rhys fez uma careta ao gato.

— Imagino que ainda não tiveram sorte em resolver essa coisa do feitiço da fala? — perguntou a Gwyn, e ela encolheu os ombros.

— Não é realmente uma prioridade.

Graças a uma confusão com feitiços no ano anterior, Sir Purrcival conseguia falar. Acabou por se verificar que os

pensamentos dos gatos são essencialmente sobre comida ou insultos, mas Gwyn já se habituara.

Inclinou-se para a frente para fazer festas a Purrcival, e ele fez jus ao nome, ronronando alegremente enquanto ela lhe acariciava as costas. No outro lado da mesa, Rhys colocou a mão na parte de trás do pescoço de Vivi, e ela inclinou-se muito ao de leve ao seu toque, provavelmente sem consciência disso.

Gwyn voltou a sentir no fundo do estômago aquela ligeira sensação que podia *não* ser ciúme ou desejo ou algo semelhante, porque esses eram sentimentos que Gwyn, definitivamente, não tinha.

Mas era... alguma coisa, e ela não estava a gostar.

Para se distrair da possibilidade de ter sentimentos, Gwyn estendeu a mão para o outro lado da mesa, à procura do pequeno frasco de mel de alfazema, acrescentando mais um pouco ao chá enquanto perguntava:

— Então, a grande viagem aproxima-se a passos largos?

— É verdade — replicou Rhys — E não te surpreenderá saber que a Vivi já tem uma lista muitíssimo completa de coisas para levar. Eu, por outro lado...

— Talvez fosse melhor não irmos. — Vivi disse estas palavras com hesitação, olhando para Rhys e Gwyn. — É que... esta noite fez-me lembrar que, agora que a nossa magia alimenta a vila, nós temos...

— Vivi, se disseres «responsabilidades» mais uma vez esta noite, vou criar outra bolha fantasma só para a explodir em cima de ti outra vez.

— Bem, mas *temos* — insistiu Vivi. — E estamos quase no *Halloween*.

— Daqui a um mês — lembrou Gwyn, e Rhys agarrou na mão da mulher, acenando com a cabeça.

— E vamos estar de volta a tempo.

— *E* tu mereces uma lua de mel há muito adiada.

— É isso — concordou Rhys, apontando para Gwyn. — Além disso, há séculos que queres fazer esta viagem.

Vivi mordeu o lábio inferior, pensativa.

— Seria muito útil para a minha investigação.

— Vai — insistiu Gwyn. — Aqui vai correr tudo bem. Tudo na loja está a correr na perfeição. Gere-se praticamente sozinha nesta altura do ano e, de qualquer forma, para ser honesta, ando desejosa de ter algum tempo só para mim.

Duas mentiras — a loja não ia assim tão bem, apesar de estarem perto do *Halloween*, e Gwyn era, de facto,

ligeiramente alérgica a ficar sozinha, mas fez o seu melhor sorriso para a prima.

— Além disso, quero uma lembrança. Pequenas bandeiras de Gales, talvez algum tipo de dragão empalhado... oooh, e se vires o irmão do Rhys, podes dar-lhe um pontapé no rabo por mim!

— Qual dos irmãos? — perguntou Rhys, e depois levantou uma mão. — Quer dizer, eu dou um pontapé a qualquer um deles com todo o prazer, só quero ter a certeza de que tenho a defesa apropriada depois de eles se levantarem.

— Está a referir-se ao Wells — respondeu Vivi, sorrindo por fim. — Ela ainda está ressentida por causa do casamento.

Rhys fez uma careta.

— *Eu* não estou ressentido por causa do casamento, e era o *meu* casamento. E o meu irmão, já agora.

Gwyn encolheu os ombros.

— Não tentes compreender as razões dos meus ressentimentos, Rhys, eu sou Touro.

Não quis acrescentar que o seu ressentimento para com Wells Penhallow vinha de muito antes do casamento, que tinha tido origem nos dias da faculdade, mas se uma

rapariga podia ter ressentimentos, também podia ter alguns segredos.

— É justo — respondeu Rhys. — Bandeira de Gales, dragão empalhado, irmão emasculado, tudo para ti no nosso regresso.

Vivi finalmente riu-se, inclinando ligeiramente a cabeça no ombro de Rhys.

— Está bem, não consigo vencer-vos quando se unem — concedeu ela. — Têm razão. Está tudo bem, a vila fica bem, e nós vamos definitivamente para Gales, como planeado.

— Graças aos santinhos — disse Rhys, suspirando e balançando-se para trás na cadeira. Gwyn sorriu, estendendo-se sobre a mesa para apertar a mão de Vivi.

— Olha, já lidámos com uma vila completamente amaldiçoada, um gato que fala, um fantasma que explode, e fizemo-lo muito bem. O que poderia acontecer que fosse pior do que alguma destas coisas?

Capítulo 3



Quando a porta se abriu no *The Raven and Crown*, Wells quis acreditar — estupidamente — que era um cliente a entrar.

Afinal, a tarde estava chuvosa, o tempo de meados de setembro, tipicamente frio e ventoso naquele cantinho de Gales, e o bar estava quente. Acolhedor, até. Na lareira crepitava alegremente um lume, havia madeira antiga escurecida por todo o lado e, mais importante, para quem tivesse estado à chuva numa noite fria de outono, havia álcool.

Imenso, uma vez que era raríssimo Wells ter de servir alguma bebida naquele lugar.

Por isso, quando ouviu a porta a ranger, e a chuva a bater contra as paredes do edifício enquanto alguém entrava, colocou-se à frente das torneiras, pronto para tirar uma imperial ou uma caneca, o que quer que fosse.

A figura à porta sussurrou para consigo e, ao tirar um sobretudo com capuz, Wells viu-se observado por uma versão sua mais velha.

Porra.

Não era um cliente, era apenas o pai dele.

Simon Penhallow não costumava descer à aldeia de Dweniniaid, preferindo os confins da sua mansão ligeiramente medonha na montanha mesmo à saída da aldeia. Na verdade, Wells sabia que o pai só tinha ido ao *The Raven and Crown* duas vezes nos treze anos desde que Wells ficara à frente do negócio.

Uma das vezes foi no primeiro dia em que Wells se responsabilizou pelo bar, e o pai ficara apenas o tempo suficiente para resmungar, olhar de relance, acenar com a cabeça, o que servia como aprovação na família Penhallow, e sair de rompante.

A segunda vez fora no ano anterior, depois de o irmão mais novo de Wells, Rhys, ter informado o pai de que a magia de Penhallow que antes alimentava a vila de Graves

Glen, na Geórgia, já não existia, afastada por uma congregação de bruxas.

Uma dessas bruxas era agora a mulher de Rhys, algo que Simon não aceitara particularmente bem. Em privado, Wells pensou que fora a melhor coisa que poderia ter acontecido ao irmão, assentar com uma mulher que parecia suficientemente sensível, além de se ter apaixonado pelo idiota do irmão, mas isso era uma coisa que era melhor guardar para si.

Por isso, enquanto Wells olhava agora para o pai a tirar o cachecol e a pendurá-lo ao lado do casaco, o seu desapontamento por não ser um verdadeiro cliente pagante começou a transformar-se lentamente noutra coisa.

Suspeita.

Que raios fazia com que Simon deixasse os seus livros e feitiços e várias conspirações numa noite como aquela?

— Boa noite — disse Wells, já à procura, atrás do balcão, da única marca de *whisky* que o pai se dignava a beber. Ele tinha-o sempre à mão para o caso de um momento como aquele alguma vez acontecer, e, uma vez que há quase um ano não acontecia, a garrafa estava cheia de pó quando a conseguiu localizar. Teve de a limpar subrepticiamente com o pano húmido que estava pendurado na argola do cinto.

— Aqui não parece uma boa noite — comentou Simon, olhando em volta enquanto se sentava ao balcão.

— A chuva deve estar a reter toda a gente em casa — reagiu Wells, e até mesmo para ele aquilo soou completamente ridículo. Desde quando é que a *chuva* impediu alguém de ir a um bar em Gales? Em todo o Reino Unido, aliás?

Mas o pai deixou passar a mentira, acenando distraidamente para si próprio ao aceitar o copo que Wells lhe entregava. Então, ante a perplexidade de Wells, bebeu o copo de um só trago.

Quando o voltou a pousar no balcão, batendo com o punho e grunhindo «outro», Wells obedeceu, antes de ir buscar um copo para si e servir-se. O que quer que tenha deixado o pai com aquele humor, em breve se tornaria também um problema de Wells.

Era assim a vida do filho mais velho.

Rhys, o irmão mais novo, dir-lhe-ia que ele secretamente adorava aquilo, ser o braço-direito do pai, e, embora Wells tentasse nunca dar crédito a Rhys se conseguisse evitar, tinha de admitir que houve uma altura em que isso... não fora completamente mentira.

Tinha sido fácil, no fim de contas, ser o Filho Preferido. Rhys fizera missão da sua vida irritar o pai, e Bowen, o

irmão do meio, pareceu sempre funcionar separadamente deles, uma ilha nele próprio. Por isso, sim, Wells gostava que o olhar rígido do pai naturalmente se pusesse nele quando havia alguma coisa para fazer, alguma responsabilidade para carregar.

Mas após trinta e quatro anos daquilo, os últimos treze a gerir aquele bar deplorável e falhado, Wells tinha de admitir que estava a ficar farto de toda aquela coisa do filho responsável.

E, contudo...

Ali estava ele, a servir *whisky* ao pai, à espera de saber o que era preciso fazer.

Raios, não tinha emenda.

Simon bebeu o segundo copo de *whisky* mais devagar, olhando para o fogo na lareira antes de se voltar para Wells. As sombras brincavam na sua severa estrutura óssea, fazendo-o parecer ainda mais sinistro do que era.

— É sempre assim — disse Simon, fazendo um gesto à volta do bar para o caso de Wells não ter percebido o que ele queria dizer. — Morto. Não é?

Por um momento, Wells pensou em mentir novamente, insistindo que era a tempestade ou talvez algum jogo importante na televisão — a deusa sabia que o pai não faria

a menor ideia sobre se *isso* era verdade ou não —, e que era por isso que ninguém se arrastara até ao bar de Wells.

Ao invés, largou o pano sobre o balcão com um som molhado, envolvendo-o com as mãos.

— Na verdade, como apareceu, até está uma noite agitada.

O pai fez aquele som entre grunhido e sopro, um som que, para ele, era como um riso. Wells ouvira-se a si próprio a fazer aquele som no outro dia, ao telefone com Rhys, e não sabia bem qual dos dois ficara mais horrorizado.

— Então, o bar que o meu trisavô abriu é um fracasso, e a vila que o pai do meu tio-avô fundou já não tem uma gota da magia dos Penhallow.

Simon ergueu o copo numa espécie de brinde irónico, mas uma vez que Wells não sabia até àquele momento se o pai sequer compreendia o conceito de ironia, aquilo foi um pouco assustador.

— O objetivo do bar nunca foi fazer dinheiro — recordou ao pai. *The Raven and Crown* fora construído no local do primeiro assentamento dos bruxos Penhallow em Dweniniaid, e ainda continha alguma dessa magia antiga, magia de que Wells tratava como um jardineiro tratava do seu canteiro de batatas mirradas.

A esperança dos seus antepassados era a de que a construção de um bar naquele sítio mantivesse a magia forte, com a terra a alimentar-se da energia de todas as pessoas que bebessem e rissem e lutassem e cantassem num bar de aldeia. E nos primeiros tempos assim tinha sido.

Mas agora, independentemente dos feitiços diários que Wells fizesse, sentia a pequena centelha de magia a desvanecer-se, como uma vela ao vento.

— Eu sei disso — reagiu Simon, suspirando e endireitando-se um pouco à medida que alguma da melancolia lhe desaparecia do rosto. — Só que... é como se tudo estivesse a desaparecer. Estabelecemo-nos aqui, e fizemos o mesmo na América, e onde fomos parar? Um bar vazio e... e *isto*.

Agitando a mão, Simon conjurou uma elipse de fumo cinzento que foi ficando maior e mais nítida, transformando-se em algo semelhante a um espelho.

Wells percebeu imediatamente que estava a ver Graves Glen. Só lá tinha ido uma vez, no verão em que frequentara o habitual curso da Faculdade de Penhaven, mas, apesar de isso ter ocorrido treze anos antes, pouco mudara. Ainda era um pitoresco cantinho de serenidade aninhado entre as agradáveis montanhas azuis da Geórgia com uma antiquada rua principal que percorria a zona

central da vila e os candeeiros de rua a lançar um brilho suave sobre todas as coisas.

Algo no peito de Wells lhe provocou uma pontada dolorosa. Tinha estado apenas um semestre em Graves Glen, só uma mão-cheia de meses, mas o lugar ficara-lhe sempre na memória. Gostara daquilo. Além disso, gostara *de si* lá. Em Graves Glen, o nome Penhallow era fonte de admiração e interesse, não de medo. Ali, ele praticara a sua magia, em vez de apenas a canalizar passivamente através daquele lugar. Mas o seu tio Colin, o guardião do bar até essa altura, morrera, e era importante que um bruxo Penhallow fosse o guardião da chama, por assim dizer, e de alguma forma os anos tinham decorrido com ele ali enfiado naquele lugar.

Wells afastou esses pensamentos melancólicos, concentrando-se na imagem que tinha à frente.

Era um fim da tarde em Graves Glen, por isso as ruas estavam relativamente movimentadas, as pessoas desfrutavam de um dia de outono perfeito, dourado, e no meio daquilo tudo, Wells vislumbrou uma montra imaginativa, uma enorme bruxa em papel machê a sorrir para ele, com luzes púrpura brilhantes por cima que diziam...

— Faça... feitiço... seguro¹ — leu cuidadosamente, e o olhar do pai quase incendiou o resto de *whisky* que ainda tinha no copo.

— Foi nisto que se tornou o sonho de Gryffud — disse Simon, num tom pesaroso. — Este lugar, outrora um paraíso para as crianças, um lugar de... de aprendizagem e erudição, e do aperfeiçoamento da nossa arte, é agora gerido por estas mulheres que vendem lembranças reles de *Halloween* e fazem trocadilhos ridículos.

Outro gesto da mão de Simon e a imagem desapareceu.

Quanto ao trocadilho, Wells não o achou *particularmente* horrível, mas como o pai já agarrava a garrafa de *whisky* e enchia ele próprio o copo, Wells pensou que era melhor não fazer qualquer referência.

Em vez disso, começou por dizer:

— Graves Glen... — Mas ao reparar no olhar de Simon, rapidamente mudou para galês. — *Glynn Bedd*— corrigiu — não está completamente livre dos Penhallow. O Rhys ainda lá está.

Simon fez um olhar a Wells que dizia *exatamente* o que achava disso, e Wells levantou as mãos em sua defesa.

— É só a minha opinião. Não fomos expulsos por completo.

Resmungando, Simon afastou para o lado o seu copo meio cheio.

— Ao casar-se com aquela mulher Jones, o teu irmão tornou-se um deles. Não te iludas, rapaz, ele preferiu a família dela à nossa. Os Penhallow estão acabados em Glynn Bedd, assim como, aparentemente, estão acabados em Dweniniaid.

Soltou mais um suspiro, e ao mesmo tempo soou lá fora um trovão no céu. Se o pai continuasse com aquele feitio, todo o raio da aldeia ficaria inundada não tardava muito.

Era quase insuportável, de repente, pensar em passar os dias naquele bar com a chuva a cair intensamente dos céus e ninguém a atravessar aquela porta. Wells ocupava o tempo a ler sobre feitiços, a fortalecer as runas e feitiços que ali tinham sido colocados para preservar a

centelha original da magia dos Penhallow, mas, sinceramente, havia limites para o que um homem conseguia aguentar.

Wells pensou novamente na sensação que teve quando Simon invocou Graves Glen.

Não eram bem saudades, mas não andava longe disso e, subitamente, o coração começou a bater-lhe mais depressa, a mente acelerou e as palavras saíram-lhe da boca antes sequer de ter tempo para pensar sobre as mesmas.

— E se eu fosse até Glynn Bedd?

¹ No original, «Practice safe hex». Trocadilho de *hex* (maldição) com *sex* (sexo). (N. da T.)

Capítulo 4



Wells teve o cuidado de manter uma expressão neutra, a voz calma, mas assim que o disse soube que era o que queria fazer, onde queria estar.

Finalmente, uma oportunidade para ser útil e sair daquele lugar lúgubre.

Simon olhou para ele sob as espessas sobrancelhas grisalhas, sem denunciar nada na expressão, e Wells não conseguiu evitar um movimento brusco, inclinando-se sobre o balcão.

— Eu sei que o bar é uma tradição de família, mas talvez esteja na altura de tentarmos uma coisa nova, não? Eu podia... podia abrir lá algum tipo de loja. Alguma coisa para bruxos a sério, não aquelas palermices para os turistas. Posso fazer com que o nosso nome seja lá lembrado, mesmo já não tendo a nossa magia.

Simon ouvia enquanto rodava o copo nas mãos.

— Há mais de cem anos que um Penhallow gere o *The Raven and Crown* — lembrou ele, ríspido. — Vê-lo fechado...

— *Da*, olhe em redor. Está fechado em espírito, se não em nome. E nem todos os feitiços do mundo vão manter

esse pedacinho de magia para sempre. Não com este sítio assim vazio. — Wells chegou-se mais à frente, agarrando o braço do pai e dando-lhe um pequeno abanão. — Deixe-me fazer isto. Deixe-me ajudar.

— Glynn Bedd é o legado mais importante da família, isso é verdade — admitiu Simon, relutante. — E não posso confiar no teu irmão. — Olhou para Wells e, pela primeira vez, houve um verdadeiro indício de brandura no rosto do velhote. — Confiei sempre em ti para fazeres o que é melhor para a família.

— E vou continuar a fazer — prometeu Wells.

Era aquilo que Rhys e Bowen nunca tinham compreendido no pai. Sim, ele era rígido e emocionalmente distante, mas gostava deles à sua maneira. Eram filhos dele e a família importava mais para Simon do que qualquer outra coisa. Que outra razão teria ele para se preocupar tanto com o raio do bar naquele sítio esquecido ou com uma pequena vila nas montanhas da Geórgia?

A razão é que ambos tinham sido construídos pela família e isso significava que Simon via como seu dever tomar conta deles.

Wells tomara conta do bar durante mais de uma década e agora faria o mesmo por Graves Glen.

Suspirando novamente, Simon tirou o braço de debaixo da mão de Wells.

— És um bom rapaz, Llewellyn — disse ele, antes de tirar o grande anel de prata que tinha no dedo.

Wells nunca vira o pai sem aquele anel em particular, a pedra no centro, púrpura-escura, que quase parecia preta, com os dragões dos Penhallow gravados de ambos os lados.

Depositou o anel na palma da mão de Wells e colocou a outra mão no ombro do filho, puxando-o para si.

— Muito bem. Vai para Glynn Bedd. Protege o legado que lá temos.

E então, chocando ainda mais Wells, deu-lhe um breve abraço.

— Vou ter saudades tuas, filho — disse, e Wells foi surpreendido por um ligeiro aperto na garganta.

— Também vou ter saudades suas, *Da*.

O pai deu-lhe uma forte palmada nas costas e endireitou-se.

— Muito bem — soltou, de um modo formal.

— Muito bem — repetiu Wells, e depois, com um aceno de cabeça, o pai dirigiu-se para a rua, noite dentro. Quando abriu a porta, Wells reparou que já não chovia.

O bar ainda estaria tecnicamente aberto mais uma hora, mas ele trancou a porta atrás de Simon e apagou as luzes principais.

Partiria no dia seguinte logo pela manhã, mas decidiu despendar algum tempo extra a limpar as mesas e a empilhar as cadeiras, ao mesmo tempo que pensava: «Até que enfim, porra.»

Já tinha a cabeça cheia de ideias e nenhuma delas envolvia voltar a tirar uma cerveja. Naquele breve vislumbre que tivera da vila, vira o que lhe parecera uma montra de loja vazia e já imaginava o que poderia fazer num espaço como aquele.

O oposto do que quer que fosse que a família da mulher de Rhys estivesse a fazer, obviamente. Cada um com as suas preferências, mas de certeza que havia mercado para uma coisa mais elegante, mais *real*. Um lugar onde os bruxos da faculdade se pudessem reunir, falar sobre feitiços e técnicas. Um lugar que assegurasse que o nome Penhallow ainda estava associado à magia da cidade, independentemente de quem fosse o poder que fluía através dela.

Abriu uma pequena porta atrás do balcão. Estava tão embrenhado na fantasia da sua nova vida que só se apercebeu de que não estava sozinho quando ia a meio caminho das escadas para a cave que convertera em quarto.

Sentiu um arrepio no pescoço e conseguiu sentir magia pesada no ar. Quem quer que estivesse ali em baixo, era também um bruxo.

Um dos poderosos.

— Quem está aí? — perguntou, ao mesmo tempo que começou a preparar os dedos junto ao corpo. Há muito tempo que não fazia aquele tipo de magia, mas, felizmente, a memória não lhe falhava. — O que raios estás a fazer no meu bar?

Estava prestes a levantar a mão e soltar o feitiço de atordoamento que tinha preparado quando de repente uma luz se acendeu, obrigando-o a fechar os olhos. O feitiço desfez-se no ar ao mesmo tempo que viu um sorriso familiar à sua frente, no outro lado do quarto.

— Não foi a melhor das boas-vindas, irmão.

Bowen estava estendido na cama de Wells, uma das mãos ainda no ar devido ao feitiço de luz que conjurara e o que lhe pareceu uma tonelada de barba na cara. Wells sentiu, como frequentemente sentia com os dois irmãos, aquela sensação familiar de irritação e afeto.

— Podia ter-te matado — disse a Bowen, acendendo as luzes enquanto o feitiço de Bowen se desvanecia.

— Podias — concordou Bowen, com um encolher de ombros. — Mas não mataste.

Há mais de um ano que Wells não via o irmão, e Bowen, claramente, tinha usado esse tempo para ficar mais peludo e irritante. A parte do peludo Wells conseguia, pelo menos, compreender — Bowen passara os últimos anos a fazer uma espécie de investigação mágica nas montanhas. Talvez a barba fosse necessária para esse tipo de coisas.

— Como é que conseguiste vir aqui para baixo sem que eu ou o *Da* te víssemos? — perguntou Wells, cruzando os braços sobre o peito.

Bowen grunhiu:

— Magia.

— Hummm — soltou Wells, antes de baixar o olhar e franzir o sobrolho. — Tira o raio das botas da minha cama — ordenou, dando uma palmada nos pés do irmão mais novo e fazendo-o sorrir, balançando as pernas e sentando-se na borda da cama.

Parecia cansado, reparava agora Wells, e algo pálido. Wells não tinha a menor ideia do que Bowen fazia lá nas montanhas, mas, o que quer que fosse, estava garantidamente a afetá-lo.

— Queres beber alguma coisa? — perguntou, e Bowen rejeitou com um aceno da mão.

— Ná, não vou ficar muito tempo. Vou ter de ir à casa mais cedo ou mais tarde, eu só... — Fez uma pausa e expirou longamente. — Ainda não estava bem preparado.

Wells sabia que os dois irmãos tinham um relacionamento muito diferente do dele com Simon, mas era, na sua opinião, ligeiramente ridículo que agissem como se falar com o pai fosse uma espécie de feito extraordinário. Afinal, ele fazia-o quase todos os dias. Mas, enfim, talvez fosse uma daquelas coisas em que tem de se desenvolver a tolerância.

Como o exercício. Ou o veneno.

— Como tens passado? — perguntou a Bowen, atravessando o quarto em direção ao pequeno carrinho de bebidas que ali instalara e servindo-se de um dedo de *whisky*. Nem de perto uma marca tão boa como a preferida do pai, mas o calor fumado ajudou a aliviar a tensão que tinha nos ombros, dissipando ligeiramente o frio que ainda o incomodava.

— Bem. — Foi a única resposta de Bowen. Wells perguntava-se, às vezes, porque seria que só ele sabia o número

apropriado de palavras para usar numa frase. Rhys falava definitivamente de mais, Bowen de menos.

Bowen voltou a cabeça para as escadas.

— Ouvi dizer que vais a Glynn Bedd.

— Ah, então esgueiras-te e ouves atrás das portas.

Lindo — disse Wells, e então, como Bowen continuava a olhar fixamente para ele, cedeu com um aceno de cabeça.

— Sim. Alguém da família tem de lá ir, agora que fomos magicamente expulsos, por assim dizer.

— O Rhys está lá.

— A lealdade do Rhys está... comprometida. Ou, pelo menos, é o que o *Da* pensa.

Bowen esfregou o queixo e assentiu.

— Faz sentido. Ele está completamente apaixonado por eia.

— Uma vez que casaram, seria de esperar que assim fosse.

Anuindo, Bowen ficou a observar Wells durante algum tempo, antes de perguntar:

— Porque é que não foste ao casamento?

Wells ainda sentia remorsos por isso. Queria ter ido, planeara ir, mas depois acabara por fazer o que Simon queria. Rhys não ficara chateado, por isso talvez tivesse sido pelo melhor.

Contudo, isso ainda o fazia sentir-se um merdas.

— Não consegui escapar — limitou-se a dizer, e Bowen fez outro dos seus lacónicos encolher de ombros.

— Bem, agora vão viver na mesma vila, por isso imagino que vão ver-se muitas vezes.

Pois.

Wells ainda não pensara bem nisso, como Rhys encararia a ida dele para Graves Glen. Davam-se razoavelmente bem, mas Rhys não confiava no pai e Wells duvidava que acreditasse que ele ia para lá por vontade própria. O irmão tinha sempre a tendência para pensar o pior dos dois.

Algo Com que Wells lidaria depois. Naquele momento, limitou-se a sorrir para Bowen, encostando-se à parede.

— Exato. Muito tempo para convívio fraternal.

— E o *Da*, deixa-te simplesmente ir? — perguntou Bowen, franzindo o sobrolho.

Wells resmungou enquanto engolia o resto do *whisky*.

— Assim dito, até parece que me mantém aqui prisioneiro.

Bowen não respondeu, mas a expressão ao olhar à volta do pequeno quarto de Wells — que, tudo bem, este tinha de admitir que havia semelhanças com uma cela — foi suficientemente eloquente.

— Foi uma escolha minha ficar aqui — lembrou Wells a Bowen, apontando para ele com a mão que agarrava o copo. — Tal como tu escolheste fazer sei lá o que ele quer que tu faças nas montanhas e Rhys escolheu... bem, o Rhys escolheu lixar-se para tudo isto, mas o que quero dizer é que fiquei porque quis. E agora quero ir para Graves Glen.

Rhys teria insistido mais com ele, mas Bowen, abençoado seja, aceitou, assentindo enquanto se levantava da cama, batendo com as mãos nas coxas.

— É justo. É um desperdício um bom bruxo estar aqui fechado.

— Obrigado — respondeu Wells, porque sabia que, vindo do irmão, aquilo era praticamente um elogio adulator.

— Bem, deixo-te então com as tuas coisas — disse Bowen, dirigindo-se para as escadas.

— Estava a ver que nunca mais te ias embora — brincou Wells, e pareceu-lhe ver um indício de sorriso sob toda aquela barba.

Bowen deteve-se, virando-se para observar Wells antes de acrescentar:

— Tem cuidado. Em Glynn Bedd.

Wells ergueu as sobrancelhas.

— Porquê? Corro o perigo de ficar soterrado debaixo de um monte de doces e máscaras pirosas de *Halloween*?

Bowen fez uma espécie de murmúrio que poderia ter sido um riso.

— É sempre uma possibilidade. Mas não, é só que... sempre que há uma transferência de poder de magia, como a que aconteceu no ano passado, podem acontecer porras estranhas.

Wells esperou e, vendo que ele não ia dizer mais nada, perguntou:

— Podes elaborar ou isso é uma nova coisa críptica que aprendeste com as ovelhas?

Bowen voltou a resmungar, balançando os ombros.

— Estou só a dizer. Sítios como aquele ficam vulneráveis por uns tempos. Começam a agir como imanes de magia marada. E com o Samhain a aproximar-se, convém pensar nisso.

— Eu... — começou Wells, mas antes de conseguir acabar a frase, já Bowen tinha desaparecido.

Capítulo 5



A casa Penhallow, mais acima na montanha onde se situava o chalé acolhedor de Gwyn, era, para sermos generosos, algo estranha.

Se não quisermos ser generosos — e Gwyn raramente era —, parecia que um fá histórico do passeio da Casa Assombrada da Disney World tinha decidido recriar isso na sua própria casa. Havia veludo, havia damasco, havia enormes candelabros de ferro e chifres, havia quadros de antepassados que tinham morrido há anos, carrancudos por trás de séculos de fuligem.

Um completo pesadelo e Gwyn não censurava Vivi e Rhys por escolherem viver no apartamento de Vivi no centro

da vila, apesar de o apartamento caber facilmente na cozinha daquela casa.

Contudo, ela tinha de admitir que se era para fazer uma festa de despedida de solteira com o tema de feitiçaria, a casa Penhallow era assustadoramente perfeita.

— Pus demasiada alfazema?

Gwyn desviou o olhar da sua própria mistura de sais de banho e viu a noiva, Amanda, a segurar num saco de rede que *estava* horivelmente púrpura, mas limitou-se a sorrir e abanar a cabeça.

— Isso do «demasiado» não existe — respondeu num tom animado, juntando mais uma colher de alecrim aos sais. — É essa a graça deste tipo de projetos.

— Certo, e não é suposto a alfazema ser relaxante? — disse a dama de honor, Leigh, naquele momento sentada à esquerda de Gwyn, com o chapéu brilhante de bruxa ligeiramente de lado, enquanto apontava para Amanda. — Miúda, tu precisas de um pouco disso.

Riram-se todas e Amanda encolheu os ombros amigavelmente, antes de beber o resto do seu vinho e

colocar o cálice sobre a enorme mesa de carvalho da sala de jantar. Também estava com um chapéu de bruxa com brilhantes, mas Gwyn tinha acrescentado um véu preto de tule, assim como uma faixa na qual se podia ler: *Amanda BRUXA CHEFE*.

Não que Amanda fosse realmente uma bruxa. As seis mulheres reunidas naquele momento à volta da mesa da sala de jantar da casa Penhallow eram todas completamente normais e deduziam que Gwyn também fosse. Mas em Graves Glen...

As despedidas de solteira — e as festas de aniversário e as festas dos feriados, e uma coisa meio esquisita relacionada com a reforma — tinham sido uma das ideias mais brilhantes de Gwyn para ganhar algum dinheiro extra para a loja. Fazia sentido entrar na onda da vila com tudo aquilo do *Halloween*, uma onda que, ultimamente, parecia ser cada vez mais duradoura, pelo que, porque não tirar proveito disso?

— Então, o que vamos fazer a seguir a isto? — perguntou Amanda, apoiando o queixo na mão. — Tabuleiro de Ouija?

Gwyn reprimiu um arrepio ao atar o seu saco de saís de banho com uma pequena fita.

— Eu estava a pensar em ler tarô — revelou ela. — A onda do Ouija é mais sombria.

— É verdade — concordou uma das damas de honor, Mel, abanando a cabeça. — Ninguém faz filmes de terror sobre cartas de tarô, Amanda.

As outras anuíram todas com murmúrios, enquanto Gwyn se levantava da mesa e se dirigia para o aparador, onde tinha alguns aperitivos preparados e, como centro de mesa, um enorme caldeirão cheio com um líquido verde-claro que parecia perigoso e ligeiramente tóxico, mas que era, na realidade, uma mistura de sumo de fruta, champanhe, um pouco de vodca e muito corante alimentar. Até agora estava a ser um grande sucesso. Tanto sucesso que Gwyn estava contente por já lhes ter arranjado boleias para irem para casa nessa noite.

De facto, ao olhar para elas, risonhas com os cálices de plástico, as faces um pouco rosadas, as vozes a subir de tom, pensou se deveria deixar passar a história do tarô e

deixá-las apenas a conversar. As cartas nunca eram tão claras quando se lia para uma pessoa que estava bêbeda, e a última coisa que Gwyn queria fazer era acidentalmente estragar o ambiente por tirar a carta da Morte a alguém que ia casar dali a duas semanas.

Então, o tarô estava excluído, decidiu, virando-se para o ponche para o mexer.

— Minhas senhoras, o que pensam sobre cristais? — perguntou, mas quando se voltou, ninguém estava a olhar para ela.

Estavam todas a olhar para a porta da sala de jantar ou, mais especificamente, para o homem que se encontrava à entrada da porta.

Gwyn não as podia censurar.

Era alto, cabelo preto ondulado sobre a gola de um casaco de lã azul-marinho, barba bem aparada, acentuando os ângulos bem definidos do rosto. Segurava num saco grande de couro, a expressão algo entre o cauteloso e o confuso enquanto analisava a cena que tinha à sua frente, e Gwyn semicerrou os olhos. Estava mais velho, e a barba

baralhou-a por um segundo, mas sabia exatamente para quem estava a olhar.

— É... um *stripper*? — tentou sussurrar uma delas, mas como o seu sangue devia conter cerca de 60 por cento de álcool, mais parecia ter gritado.

— Não tem muito aspeto de *stripper* — respondeu alguém, e o homem continuava a olhar à volta da mesa, fixando finalmente o olhar em Mel, a dama de honor que decidira pela via tradicional relativamente a acessórios para a cabeça e, em vez do chapéu de bruxa, estava a usar uma bandolete rosa-choque com dois pénis de plástico a abanar como antenas sobre o cabelo louro.

Gwyn viu os olhos dele postos naqueles pénis por um momento, antes de olhar para cima e, finalmente, parecer reparar nela pela primeira vez.

A sua expressão tornou-se mais carrancuda.

— Posso saber o que se passa aqui?

A voz era áspera, o sotaque ligeiramente mais acentuado do que o tom cadenciado de Rhys, mais profunda do que era há treze anos.

Gwyn cruzou os braços sobre o peito.

— Festa — respondeu ela sucintamente, e, tal como antecipara — tal como *desejara* —, a postura dele tornou-se ainda mais rígida.

— Esta é a casa Penhallow — disse ele, pondo os ombros para trás, apesar de os olhos voltarem a dirigir-se para a bandolete de Mel.

— Sim, pois é — disse ela. — Mas estamos a usá-la esta noite.

Ele olhou novamente para Gwyn, juntando as sobrancelhas.

— E com que autoridade? — perguntou. Gwyn sorriu, encostando-se ao aparador.

— Bem, em primeiro lugar, «autoridade» não é uma das minhas palavras preferidas. E, em segundo lugar, não sei bem se tens alguma coisa que ver com isso, mas o Rhys deixou-nos usá-la esta noite.

A expressão dele atenuou-se quando ela mencionou o irmão, mas antes de conseguir dizer mais alguma coisa, Gwyn apontou para ele.

— Minhas senhoras, este é o Llewellyn Penhallow — apresentou às damas de honor. — O irmão do Rhys. Que não veio ao casamento do Rhys e da Vivi, devo acrescentar.

As damas de honor deram um ligeiro suspiro, mas Gwyn não olhou para elas enquanto se aproximava de Llewellyn.

Ele estava novamente carrancudo.

— Não que tenhas alguma coisa que ver com isso, mas houve razoes que me impediram de vir ao casamento.

— E eu era a dama de honor, portanto, tenho *tudo* que ver com isso — respondeu Gwyn, e Llewellyn juntou ainda mais as sobrancelhas.

— És a prima da Vivienne. Gwyn.

— Precisamente — confirmou, pensando se ele se lembraria dela de Penhaven. Só se tinham visto naquela vez, e nessa altura ela tinha o cabelo púrpura, além de que ele parecia mais interessado em expô-la do que qualquer outra coisa.

— Estamos a transgredir? — Era Amanda, parecendo um pouco mais sóbria e muito menos feliz do que uns minutos antes. Gwyn lançou um olhar ressentido a Wells.

— Não — disse ela, sorrindo, tornando-se novamente na perfeita anfitriã. — Não, temos a permissão do dono para

estarmos aqui, isto foi apenas... uma confusão familiar. Já sabem como é. O Llewellyn vai já sair, não é?

— Por acaso, não, pois esta é a minha casa.

Bem, aquilo estava a tornar-se ridículo. O ambiente alegre e divertido da festa estava a dissipar-se rapidamente, as mulheres a sussurrar umas para as outras e a olhar para Gwyn e para Wells, e ela tinha quase a certeza de que podia esquecer quaisquer festas futuras ali se não cortasse *imediatamente* o mal pela raiz.

— Vamos conversar para a outra sala! — sugeriu ela, com uma vivacidade forçada, e então, dando o braço a Wells, praticamente arrastou-o dali.

Não era tarefa fácil, uma vez que ele era surpreendentemente sólido, mas Gwyn estava determinada, uma força imparável que nunca cedera face a qualquer objeto imóvel.

— *Olha* — sussurrou ela, quando já estavam na sala de estar, com um horrível candelabro de chifres de veado por cima. — Se não nos queres aqui, podes depois falar disso com o Rhys. Mas agora deixa-me falar um pouco sobre astrologia com estas senhoras, talvez ensinar-lhes algumas coisas sobre as fases da Lua e então deixá-las ir embora felizes, depois de pagarem, está bem?

Wells olhava para baixo, para ela, com o nariz empinado, provavelmente porque essa era a sua expressão mais comum, e a seguir desviou o olhar para lá dela, na direção da festa.

— É uma coisa que fazes com frequência? — perguntou ele. — Organizar... este tipo de festas?

Disse aquilo como se a tivesse apanhado a gerir uma espécie de casino/bordel na sala de jantar da família dele, e Gwyn cerrou os dentes.

— Confia em mim, não haverá mais nenhuma se não encontrares outro sítio qualquer neste horror sobrenatural a que chamas casa para passares o tempo enquanto eu acabo isto.

Agora era a vez de ele cerrar os dentes.

— Foi o meu pai que construiu esta casa. Tudo o que aqui está, ou foi criado com a sua magia, ou trazido da nossa casa de Gales.

— Tenho a sensação de que achas que isso é motivo de orgulho, não achas? É que, definitivamente, não é um motivo de orgulho.

Aprofundaram-se três rugas na testa dele e apertou a ponte do nariz, fechando os olhos e inspirando profundamente.

— Eu estava preparado para o Rhys — murmurou para consigo. — Como é que isto consegue ser ainda pior?

Depois, levantando a cabeça, fixou-a com um olhar resolutivo.

— Muito bem — disse ele. — Acaba a tua festa, eu saio do teu caminho. Mas que esta seja a última festa organizada nesta casa.

Voltou-se e dirigiu-se para as escadas. Gwyn não conseguiu evitar dizer-lhe:

— Ou seja, não haverá mais festas enquanto estiveres cá de visita, mas quando voltares para Gales, tudo pode acontecer!

Wells deteve-se e voltou-se para ela. Sob a luz ténue, ela apercebeu-se de que ele era quase igual ao retrato na parede atrás dele.

Tirando a cabeleira empoada, trocando as calças de tecido por umas calças de ganga escura, podia basicamente ser o mesmo homem.

— Não estou de visita, menina Jones — revelou ele, e Gwyn duvidou que aquele antepassado aristocrático ali atrás conseguisse soar mais gélido ou que alguma coisa naquela casa fosse mais assustadora do que aquela declaração. — Vou ficar em Graves Glen. Para sempre.

Capítulo 6



— Só posso deduzir que vieste até cá para me dares cabo da vida.

A manhã ia mais adiantada do que normalmente para Wells quando ele acordou, os efeitos das viagens mágicas não eram tão violentos como o *jet lag*, mas ainda assim eram consideráveis. Acabara de se servir da chávena de chá de que tanto estava a precisar, pela qual estava agora muito grato.

Bebeu um gole fortificante e voltou-se para Rhys.

O irmão mais novo estava à entrada da porta entre a cozinha e a sala de estar, as mãos nos bolsos de um belo casaco, com o meio-sorriso habitual, mas o olhar desconfiado.

Passara quase um ano desde que Wells vira Rhys pela última vez e havia diferenças, embora subtis. Parecia um pouco mais à vontade na sua própria pele, um bocadinho mais estável. O que se devia, sem dúvida, a Vivienne Jones, e Wells estava grato por isso, apesar de ser um pouco surreal que agora Rhys fosse o mais estável dos três.

Apoiando um braço na bancada atrás de si, Wells ergueu a chávena e bebeu novamente antes de perguntar:

— Dar Cabo da Vida do Irmão Mais Novo *está* na agenda, sim, mas há pelo menos mais umas dez coisas para fazer antes. Tens tempo de te preparares adequadamente.

Rhys bufou, avançando mais para dentro da cozinha e encostando-se ao frigorífico.

— O passo número um era Irritar Profundamente Gwyn Jones? Porque se era, podes riscar da lista.

Wells franziu o sobrolho, voltando o olhar para a sala de jantar.

Aquilo tinha sido... inesperado. *Ela* fora inesperada. Ele sabia algumas coisas sobre Gwyn através de Rhys, mas não estava preparado para um tornado disfarçado de mulher bonita, especialmente quando ainda estava desorientado por causa da viagem.

Já não havia vestígios dela ou da festa na casa. Gwyn limpara tudo muito bem antes de sair na noite anterior, mas ele desconfiava que ainda iria encontrar bocadinhos de purpurina e alfazema nos tapetes durante algum tempo.

— Não, esse foi um infeliz efeito secundário do *verdadeiro* passo, que era Chegar à Porra da Casa de Família e Não a Encontrar Cheia de Estranhos.

Rhys levantou um dos ombros.

— A parte engraçada é que se tivesses feito um *pré*-passo que envolvesse, oh, não sei, avisar de alguma forma que estavas a vir para cá, tudo isto teria sido evitado. Podias ter chegado completamente despreocupado e acender uma vela ao quadro do *Da* ou o que quer que seja que fazes quando chegas a um sítio novo, e *eu* não tinha tido a minha maravilhosa mulher a ser acordada por um telefonema que parece ter envolvido as palavras «arrogante» e «completo idiota». — Piscou o olho a Wells. — Foi quando percebi que estava a falar de ti.

Wells tinha trinta e quatro anos, por isso provavelmente seria má educação pensar se havia alguma coisa à mão para atirar ao irmão, mas é difícil acabar com os velhos hábitos. Conformou-se com uma saudação de dois dedos com a mão que estava livre, e Rhys sorriu e desencostou-se do frigorífico para se pôr à sua frente, de braços cruzados.

— A sério, Wells — disse ele, e apesar de só muito raramente estar com uma expressão minimamente séria, Wells tinha de admitir que naquele momento era o caso. — A Gwyn disse à Vivi que ias ficar para sempre. Porquê?

— O bar estava a morrer e não fazia muito sentido continuar lá. Eu queria... não sei... uma mudança de cenário, acho. Fazia sentido vir para aqui.

Não era mentira, apesar de não ser toda a verdade, e durante um bom bocado Rhys limitou-se a olhar para ele.

Wells ficou preocupado por se aperceber de que não fazia a menor ideia sobre o que o irmão estava a pensar. Estava habituado aos gracejos e respostas, às ironias e deflexões, mas era evidente que aquele último ano o mudara, isso se ele estivesse realmente a ponderar no que queria dizer.

E então, o que ele disse foi:

— Meu grande sacana.

Wells pestanejou.

— Desculpa?

— O *Da* enviou-te para aqui — disse Rhys, apontando para ele. — Porque ele não suporta que já não sejamos nós a governar esta vila. Então, tem de se assegurar que tem um pezinho aqui, e bem sabemos que não posso ser eu. Por isso enviou-te, o preferido, para salvares as coisas.

Doeu um pouco, mesmo tendo Wells de admitir que compreendia porque é que Rhys chegara àquela conclusão. Afinal, era ele o leal. O obediente.

— Na verdade, foi ideia minha — disse a Rhys, mantendo a voz calma e bebendo outro gole de chá.

De lábios cerrados, Rhys inclinou a cabeça.

— Ideia tua — repetiu. — Deixar Gales e vires viver para uma pequena vila na Geórgia.

— Sim — reagiu Wells, voltando a pousar a chávena na bancada. — Acredites ou não, às vezes *eu* penso por mim próprio. E estava farto de gerir um bar ao qual ninguém se dava ao trabalho de ir. Acredites ou não, *também* sou um bruxo bastante talentoso. E *talvez* quisesse usar essas

competências. Talvez quisesse fazer um bocadinho mais da minha vida. Talvez...

— Credo, agora vais começar a cantar?

Desta vez, Wells atirou uma coisa ao irmão, mas como foi só uma colher de chá, esta bateu inofensivamente no frigorífico enquanto Rhys se ria, levantando as mãos.

— É justo — disse ele, e cá estava o Rhys que Wells conhecia... aquele que dificilmente se irrita, facilmente deixa passar.

— Agora a sério, se vais viver aqui, podes tentar fazer com que a minha nova família não deseje servir a tua cabeça numa travessa? Acabo de conseguir que a Gwyn me chame pelo meu nome, e não por um insulto.

— Bem, quem me dera ter sabido disso ontem à noite. A menina Jones e eu podíamos ter ficado amigos por causa da única coisa que, aparentemente, temos em comum.

Não que Wells pensasse que isso teria resultado. Talvez ele tivesse sido... bem... não um *imbecil*, mas não estivera no seu melhor na noite anterior. E, depois, aquela mulher pareceu embirrar com ele assim que entrara na sala, e Wells sentira-se um pouco em desvantagem com tudo aquilo. Mulheres estranhas na casa dele, o cheiro enjoativo a alfazema e alecrim misturado com vodka e sumo de fruta,

os chapéus pontiagudos... tinha sido demasiado para assimilar.

Uma lembrança de que aquela já não era a vila da sua família.

Mas isso iria mudar, e em breve. Gwyn Jones podia ter as suas patéticas de *Halloween*, a sua versão de centro comercial de feitiçaria. Havia espaço para ele ali também, e ele ia conquistá-lo.

Agora quem franzia o sobrolho era Rhys, com a cabeça inclinada para um dos lados.

— Não me tinha apercebido de que também tinhas uma cara pensadora, Wells — disse ele, e Wells franziu o sobrolho.

— O que raio quer isso dizer?

Rhys abanou a cabeça para acabar com o assunto.

— Esquece. Então, presumo que estejas a planear viver aqui. — Há algum problema com isso?

— Não — replicou Rhys, antes de encolher os ombros. — Eu é que garantidamente não quero, e se perguntasse à Vivi, tenho quase a certeza absoluta de que se divorciava de mim. A Casa Assombrada é toda tua.

Wells quis responder àquela descrição, mas tinha de admitir que a casa era um bocadinho mais... gótica do que

se lembrava.

Horror sobrenatural, chamara-lhe Gwyn, na noite anterior, o que Wells achou muito hostil.

Ainda assim, talvez mudasse algumas coisas se quisesse que aquela fosse a sua casa.

— Vives no centro, certo? Por cima da loja da Gwyn?
— Quando Rhys assentiu, Wells sorriu e evitou a custo esfregar as mãos. — Excelente. Preciso de boleia nessa direção.

Meia hora depois, estava na rua principal, a observar o edifício que vira no bar. Estava de facto vazio e, segundo um letreiro na janela, arrendava-se.

Estava um pouco em mau estado, os vidros sujos, o toldo a ceder, mas tinha potencial. Wells conseguia vê-lo. E ao contrário de outros donos de negócios, ele tinha, *literalmente*, truques na manga.

Havia muitas pessoas a andar de um lado para o outro e o céu por cima estava azul-claro, apenas com

algumas nuvens almofadadas a flutuar lentamente. Uma brisa agitava as bandeiras cor de laranja e pretas que já estavam penduradas sobre a rua e, à distância, as montanhas começavam a mostrar indícios de cor de laranja e vermelho no meio do verde.

Wells sentiu-se mais animado só de ali estar.

Era aquilo. Era ali que era suposto estar.

Na mão esquerda, o anel do pai assentava pesadamente e ele, distraído, esfregou o aro de prata com o polegar antes de tirar o telemóvel do bolso e marcar o número do letreiro.

Só marcara o primeiro algarismo quando ouviu um cacarejo no outro lado da rua.

Virou-se e viu o que parecia uma enorme bruxa mecânica, a cabeça a oscilar para a frente e para trás em movimentos irregulares, surgindo à frente da porta da *Something Wicked*.

Caiu e deslizou pelo passeio, ainda a cacarejar, e Wells viu três pessoas, uma com um cabelo violentamente turquesa, a tentar colocá-la no sítio.

Mesmo atrás delas, com o cabelo vermelho a ondular ao vento, estava Gwyn.

Concentrava-se tanto em orientar as outras três pessoas a pôr a bruxa no sítio que nem se apercebeu dele, o que lhe deu uma oportunidade de a observar.

Ao vê-la assim, sem a camada da irritação, da bebedeira de magia e do cansaço que lhe turvavam a mente na noite anterior, apercebeu-se de como era bonita. Oh, ele notara na noite anterior, mas com uma espécie de distanciamento, uma simples classificação, na verdade. «Esta mulher bonita não gosta de mim.»

Contudo, agora ela sorria, ria-se enquanto a rapariga de cabelo turquesa imitava os movimentos robóticos da bruxa. Wells deu consigo a sorrir também.

Claro que esse foi o preciso momento em que Gwyn reparou nele.

O sorriso desvaneceu-se da cara dela quase de imediato enquanto fazia uma pala com a mão sobre os olhos, questionando-se claramente o que raios estava ele a fazer à frente daquele edifício.

«Bem», pensou Wells, virando-se e continuando a marcar o número, «em breve saberá».

Capítulo 7



Llewellyn Penhallow, Excelentíssimo, estava a preparar alguma.

Tinha chegado à vila há quase uma semana e, apesar de Gwyn não ter voltado a falar com ele, vira-o várias vezes a entrar e a sair do edifício no outro lado da rua da *Something Wicked*. Às vezes, levava caixas e, numa dessas vezes, ela teve quase a certeza de o ter vislumbrado a arrastar uma armadura mesmo antes de a porta da frente se fechar. Mas as janelas estavam forradas com papel e não havia qualquer letreiro no exterior a indicar o que se passava no interior.

Rhys jurou que não fazia ideia do que estaria o irmão a tramar.

— Ele está a ser reservado em relação a isso —
dissera ele a Gwyn, na noite em que foi jantar a casa deles.
— Provavelmente, a montar uma espécie de museu dos
nossos antepassados ou algo do género. Não me
preocuparia com isso.

E Gwyn *não* estava preocupada.

Estava apenas... curiosa.

Afinal de contas, Wells já era vizinho dela. Num
desses dias, passara por ele na estrada a caminho da
montanha, ela na sua carrinha vermelha maravilhosamente
restaurada ao longo dos anos, ele num novo BMW
completamente ridículo, aparentemente acabado de
comprar.

«Boa sorte com isso no inverno», pensou ela,
enquanto lhe fazia o mais ténue dos acenos e ele respondia
com uma careta por trás do volante, quase como se
soubesse o que é que ela estava a pensar.

Mas se ele tinha arrendado o sítio no outro lado da
rua, isso significava que *também* seriam vizinhos de
trabalho, e isso implicava, francamente, uma proximidade
muito maior do que a que ela desejava ter com Wells.

Além disso! Como uma das bruxas principais da vila, não era importante ela ter uma ideia do que os outros bruxos estavam a fazer no território *dela*? Não era, e para usar uma das palavras preferidas de Vivi, da sua *responsabilidade*?

Claro que Gwyn sabia que podia usar magia para saber exatamente o que Wells estava a fazer, mas a questão era que uma bruxa tinha de se reger por certos padrões e, para Gwyn, usar magia para espiar uma pessoa era um pouco duvidoso.

O que significava que só lhe restava esperar. E uma vez que *detestava* esperar, andou a semana toda com mau humor. Além disso, tinha de ir à Faculdade de Penhaven a um sábado...

Bem, isso aumentou O Mau Humor para níveis verdadeiramente nucleares.

— Isto parece-me mesmo uma coisa que podias perfeitamente fazer sozinha — disse ela a Vivi, quando se dirigiam para a biblioteca. Estava um dia de sol, o céu azul límpido, e as folhas estavam a começar a mudar. Se Gwyn

não fosse tão alérgica a Penhaven, poderia ter admitido que aquilo... até era bonito. Idílico mesmo, todos aqueles tijolos vermelhos e a relva verde.

— Preciso da tua ajuda — insistiu Vivi. — Vou acabar por escolher uma coisa demasiado académica ou muito seca. Vais perceber que tipo de histórias os visitantes vão estar mesmo interessados.

Estavam as duas numa missão para o Conselho de Turismo de Graves Glen. Quando o principal negócio da vila é o *Halloween*, há que o espremer até ao tutano, e isso significava que havia três eventos oficiais durante o mês de outubro, começando com aquele que antes era o Dia do Fundador.

Era uma celebração centrada em Gryffud Penhallow, o homem que fundou a vila e — não que os residentes não bruxos de Graves Glen o soubessem — estabelecera as mágicas Linhas de Ley que davam a Graves Glen o seu poder. Mas, no ano anterior, Vivi e Rhys tinham descoberto que Gryffud tinha, na verdade, roubado a magia da antepassada de Vivi, Aelwyd Jones, matando-a no processo. Escusado será dizer que depois disso ninguém era grande fã

de Gryffud, por isso Vivi e Rhys conseguiram convencer a presidente da câmara a fazer uma coisa um «bocadinho menos patriarcal».

Aquele ano iria marcar o primeiro Encontro Anual de Graves Glen. Era no dia treze e tinha tudo que ver com a história da vila (e a venda de produtos aos turistas). Uma semana depois, havia a Feira de Outono, que era uma coisa mais tipo Carnaval, com as pessoas mascaradas e comida (e a venda de produtos aos turistas).

E, claro, apenas onze dias depois, era o *Halloween* propriamente dito, que significava casas assombradas e labirintos de milho e doces (e a venda do *máximo* de produtos aos turistas).

Estavam sempre muito ocupadas em outubro, mas naquele ano, ela e Vivi estavam mesmo no comité de planeamento chefiado pela presidente, Jane Ellis. Jane também era a ex de Gwyn, mas como o fim do relacionamento não tinha sido mau, Gwyn permitira que Vivi falasse com ela para se juntar também ao comité. Mas Gwyn achava que isso significaria a ocasional reunião ao fim

do dia, e não vasculhar num sábado uma biblioteca empoeirada.

— Nem tens de encontrar uma história real, oficial sobre a vila — lembrou Gwyn a Vivi. — Podes só inventar qualquer coisa. «Um facto interessante sobre Graves Glen é que sofreu uma breve invasão de morcegos em 1976», «Graves Glen é líder mundial na produção de gomas de uva», «Todos os marços, os cidadãos de Graves Glen lutam uns com os outros nos *Jogos da Fome*».

Vivi riu-se e deu uma pancadinha no braço de Gwyn.

— Não. A Jane pediu-me especificamente que encontrasse factos interessantes *reais* nos arquivos de Penhaven, de forma a podermos partilhá-los, agora que já não estamos a falar de Gryffud. E estou com a esperança de encontrar algumas fotografias antigas da faculdade da época em que foi fundada. Este é o primeiro Encontro de Graves Glen, por isso queremos fazer o melhor possível.

Suspirando, Gwyn atirou o cabelo para trás dos ombros.

— E sentes-te culpada por não estares cá para o Triplo G, por isso estás a fazer um esforço extra.

— Sabes que a Jane quer mesmo que as pessoas deixem de lhe chamar isso, mas sim.

Sorrindo, Gwyn deu uma pancadinha com o ombro no de Vivi.

— Muito bem. Mas quando acabarmos, ofereces-me o almoço. — Combinado.

Já tinham chegado aos degraus da biblioteca quando Gwyn viu um clarão turquesa pelo canto do olho.

Sam aproximava-se pela lateral da biblioteca, com Cait e Parker atrás dela, e Gwyn reparou que o trio ia praticamente a correr atrás da doutora Arbuthnot.

— O que está ela aqui a fazer a um sábado? — perguntou Gwyn, e Vivi suspirou, cruzando os braços sobre o peito.

— Ela praticamente vive no escritório.

À vista de Gwyn, a mulher não envelhecia, continuava tão bonita e dominadora e aterrorizadora como era há treze anos. Enquanto observava, a doutora Arbuthnot deteve-se, com os lenços a esvoaçar em seu redor ao encarar o trio de bruxos.

— Pela última vez — disse ela, com uma voz que chegou aos degraus da biblioteca. — O trabalho era muito simples. Vocês escolheram indubitavelmente torná-lo mais complicado do que era preciso, e é por isso que agora estão a pedir-me mais tempo.

— Não estamos a torná-lo mais *complicado* — disse Sam, com um tom de súplica na voz. — Só queremos que fique... sofisticado.

— Evoluído — acrescentou Parker, e Cait assentiu.

— Exato, com um bocadinho de tempo extra, podemos apresentar-lhe algo *realmente*...

— O que me vão apresentar — interrompeu a doutora Arbuthnot — é o que eu pedi. Na segunda-feira, impreterivelmente.

Dito isto, virou-se e foi-se embora, com um breve olhar de relance na direção de Gwyn e Vivi.

— Vivienne — disse ela, acenando com a cabeça, que lhe acenou de volta. — Gwynnevere.

Talvez tenha sido imaginação de Gwyn, mas quase podia jurar que a temperatura baixou uns dez graus quando a doutora Arbuthnot olhou para ela. Apesar disso, também fez um aceno de reconhecimento.

A poucos metros, Sam, Cait e Parker estavam com um ar triste, as cabeças juntas enquanto murmuravam e sussurravam, e Vivi voltou a suspirar.

— Têm talento — disse ela. — Trabalhei umas duas ou três vezes com este trio no meu gabinete, nas últimas semanas. Mas a doutora Arbuthnot tem razão. Tornam as coisas todas mais complicadas do que têm de ser para se exibirem.

— Ou então — rebateu Gwyn —, os feitiços que a doutora Arbuthnot atribui são aborrecidos e muito à letra, e só querem ser um bocadinho mais criativos.

Com um olhar irónico. Vivi arqueou uma sobrancelha.

— *Ouuuuuuu...* — respondeu arrastadamente — alguém está a projetar-se um bocadinho?

Gwyn fez uma careta à prima, mas não argumentou. Passara todos os anos em Penhaven em atrito com as regras, as obrigações, toda aquela coisa de «fazemos assim porque é assim que fazemos» que a deixavam louca. E, sim, talvez isso quisesse dizer que de vez em quando cometia erros, mas pelo menos *tentava*.

Exatamente como os três jovens estavam a tentar.

Ugh, ela ia ter de ser a responsável, claramente.

— Acho que hoje vais ter de ir sozinha aos arquivos — disse Gwyn a Vivi, e depois, resmungando para si própria, aproximou-se do trio de bruxos.

Levantaram o olhar quando ela se aproximou, os rostos cheios de esperança e, bem, isso tinha um quê de adorável. *Eram* bons miúdos. Bruxos talentosos que apenas precisavam de um pouco de orientação da bruxa certa, uma

bruxa que tivesse feito tantas trapalhadas como eles, uma bruxa que os compreendesse e o que eles estavam a tentar fazer.

— Então — disse ela, colocando as mãos nas ancas —, qual é o feitiço que supostamente têm de fazer?

Três horas depois, Gwyn tinha um recém-descoberto e relutante respeito pela doutora Arbuthnot.

O feitiço que Sam, Cait e Parker tinham de fazer era realmente bastante simples e objetivo. Envolvia criar um *glamour* básico que alterasse as aparências deles, mas de uma forma muito subtil. Cabelo castanho ficar louro, uns centímetros mais altos, esse tipo de coisas.

Gwyn concordou que era bastante aborrecido e achou que a ideia deles — juntamente com uma maior descarga de magia para melhores resultados — era muito boa.

Isso foi antes de ter de descobrir como pôr no sítio um nariz virado ao contrário, como livrar-se ao certo de cinco cotovelos extra, *porque* é que o feitiço criara cinco cotovelos extra, já agora, e se o cabelo dela iria ficar verde para sempre.

Ainda pairava fumo no ar quando Gwyn inspirou profundamente e se olhou no espelho pendurado na sala de estar sobre o sofá, em casa.

Já tinha o cabelo vermelho, graças às deusas, e quando ela se voltou para Parker, o cabelo, outrora castanho, era agora de um louro cor de areia. Mas o nariz estava no sítio certo.

Os cotovelos de Sam também voltaram a ser só dois e o cabelo turquesa estava preto, os olhos um pouco mais arredondados, o nariz mais fino.

Cait fazia uma careta enquanto olhava para as unhas, mas isso apenas porque tinha estado a tentar pôr verniz vermelho e as unhas estavam púrpura.

— Ora então — disse muito lentamente Gwyn, levantando-se. — Isto foi... bem, não vou mentir, foi horrível e perdi uns cinco anos de vida, *mas* acho que conseguimos e vocês estão prontos para segunda-feira. E aprendemos uma valiosa lição sobre magia que encontramos na Internet, não aprendemos?

Limpando o pó das mãos nas calças de ganga, Gwyn olhou à volta da sala. O chamuscado no tapete foi um azar e Sir Purrcival nunca mais desceria, mas pelo menos o fogo tinha sido controlado...

Não era algo de que se orgulhar?

— Quando é que nos pode ajudar outra vez? — perguntou Sam, levantando-se e ficando ao pé de Parker e Cait. Gwyn riu-se, abanando a cabeça.

— Honestamente, Bruxos Bebés, vocês ficam melhor se derem atenção ao que a Vivi e a doutora Arbuthnot vos dizem. Sinto que a ajuda delas vai proporcionar-vos boas notas e feitiços seguros... na verdade, menos cotovelos.

Mas o trio abanou a cabeça.

— Nem pensar — insistiu Parker. — A Gwyn ouviu-nos a sério. Deixou-nos *tentar* fazer uma coisa gira.

— E quando lixámos tudo, tipo, lixámos *mesmo*, ajudou-nos a resolver as coisas! — acrescentou Cait, balançando nos calcanhares. — É, sem dúvida, a Bruxa Boa Glinda², e nós precisamos de si.

— Sim! — concordou Sam, aproximando-se para agarrar no braço de Gwyn e dar-lhe um pequeno abanão. — Seja a nossa Glinda!

— Eu não fico bem de cor-de-rosa e não viajo na minha bolha há *pelo menos* seis meses — retorquiu Gwyn, mas eles estavam outra vez a fazer os olhinhos de cachorrinhos e, para ser honesta, mesmo com o fumo e o fogo e os cotovelos e tudo isso, Gwyn sentia-se bem a ajudá-los. A deixá-los praticar magia sem lhes dizer que era exagerada ou muito estranha ou muito avançada.

Talvez tenha sido por isso que acabou por dizer uma coisa estúpida como:

— Sim, está bem. Podemos tentar outra vez para a semana.

² Personagem de *O Feiticeiro de Oz*. (N. da T.)

Capítulo 8



— Está sempre a sair o Cinco de Espadas.

Gwyn estava sentada numa mesa ao fundo no *The Cider Shack*, um novo restaurante em Graves Glen que abrira no verão anterior. Tinha-se tornado rapidamente num dos seus refúgios preferidos e pareceu-lhe um bom sítio para levar os Bruxos Bebés para a sua segunda aula de magia.

Suspeitou que tinham ficado um pouco desiludidos, sem dúvida à espera de algo um pouco mais místico do que um lugar onde serviam chili de abóbora e uma coisa chamada Puré Macbeth, mas depois do sábado, Gwyn decidira que talvez precisassem de começar um pouco mais devagar e com magia que pudesse ser feita em segurança e em público.

Daí a aula de tarô.

E se decidira concentrar a lição em «vê se consegues uma leitura sobre, oh, não sei, o que é que o Wells

Penhallow está a construir no outro lado da rua», então que fosse.

Ela prometera não usar magia para saber qual era o projeto de Wells, mas ele continuava naquilo há mais de uma semana e a curiosidade acabou por se tornar insuportável.

Além disso, usar a magia de *outra* pessoa, não era assim tão mau, pois não?

Naquele momento, Gwyn pousava o seu Hambúrguer Cabo de Vassoura e dava pancadinhas na carta à frente de Parker.

— E o que é que isto te diz?

Parker suspirou, inclinando a cabeça para trás enquanto Cait se aproximava e dizia:

— Tu sabes esta. — Olhou para Gwyn. — Sabe perfeitamente, Glinda.

— Não há respostas certas ou erradas — lembrou Gwyn a Parker. — É baseado na intuição.

Enrugando a cara, Parker pensou.

— Espadas são ar. O ar é pensamento, intelecto.

— Boa — incentivou Gwyn, assentindo com a cabeça. — E?

— O cinco está no centro do naipe, por isso, conflito...

Sam começou a cantar *Bad Blood*, fazendo com que Cait se risse, e Gwyn revirou os olhos, apesar de sorrir para eles. Eram realmente bons miúdos. Andavam a ajudar na loja como uma espécie de troca pelas lições, e Gwyn

percebeu o que Vivi queria dizer sobre eles serem bruxos talentosos.

— Continua a trabalhar nisso — disse Gwyn, limpando as mãos ao guardanapo — enquanto vou buscar uma sidra.

Sam afastou-se para que Gwyn pudesse passar e, enquanto ela se dirigia para o balcão, ouviu-os a discutir sobre qual era a pior carta, a Torre ou a Morte.

The Cider Shack estava cheio para uma quarta-feira à noite, e Gwyn viu várias caras conhecidas. Uma das suas clientes habituais na loja, Sally, estava no bar com o marido, e também lá estava o amigo de Elaine, Nathan.

Numa mesa a um canto, Gwyn viu Jane. Estava lá com a noiva, Lorna, e ela e Gwyn fizeram o mesmo aceno constrangedor que faziam sempre que se cruzavam uma com a outra. O que, uma vez que Graves Glen não era uma vila muito grande, acontecia frequentemente.

A separação não fora má, e Gwyn gostava genuinamente de Lorna e estava feliz por Jane, mas era uma lembrança de como a sua vida romântica estava praticamente morta há quase um ano.

Tinha namorado um pouco depois de Jane, saído umas vezes com Daniel, o tipo que geria o *Coffee Cauldron*, e Vivi arranhou-lhe uns encontros com a colega de História, Beth, mas também não tinha dado em nada.

Para ser franca, culpava Vivi e Rhys. Ver a prima tão feliz, tão... *certa* com alguém, tinha-a tornado mais exigente. Não queria apenas uma pessoa para conversas casuais e algum sexo ardente. Queria... bem, não sabia o que queria.

Olhar nos olhos de uma pessoa e saber o que está a pensar. Estar numa sala cheia de gente e saber que aquela pessoa é *nossa*. Não apreciar apenas a companhia de outra pessoa, mas apreciar a pessoa que ela própria é com essa companhia.

Gwyn abanou ligeiramente a cabeça.

Pois, era tudo culpa de Vivi e de Rhys, por a terem tornado toda sentimental assim do nada.

O que ela precisava era de uma sidra com um nome odioso e voltar para os seus alunos, por isso avançou e pediu uma coisa chamada A Maçã Envenenada da Rainha Maléfica.

Acabara de agarrar no copo quando viu uma figura familiar a dirigir-se para ela.

Wells segurava uma garrafa de cerveja simples, em vez de uma sidra toda especial, e num mar de *T-shirts* e calças de ganga, estava de calças com vinco, uma camisa, e, credo, um colete.

Sim, confirmou ao aproximar-se. Era um colete. De certeza que era assim que ele lhe chamava.

Ele pareceu não a ver até estar quase em cima dela, a mente claramente a milhas de distância, e então ficou visivelmente sobressaltado.

— Menina Jones.

— Llewellyn Penhallow, Excelentíssimo — respondeu ela, levando-o a comprimir os lábios.

Lá está. Era tão fácil gozar com ele que a dificuldade era parar.

— O que te traz ao *The Cider Shack*? — perguntou ela — Pareces mais o tipo de... não sei... Castelo de Champanhe.

Gwyn pensou que ele poderia rir com aquilo, mas o impulso para o fazer, se é que existiu, desapareceu rapidamente.

— Tens de certeza imensas opiniões acerca de mim, dado que só me conheces há duas semanas e estiveste para aí uns cinco minutos na minha companhia.

Fazendo um sorrisinho, Gwyn cruzou os braços à frente do peito.

— Nós não nos conhecemos há duas semanas — disse ela, e ele franziu o sobrolho, confuso.

— O quê? Não, tenho a certeza de que nunca nos conhecemos antes. Eu lembrar-me...

Percorreu-lhe brevemente a cara com os olhos, e Gwyn sentiu-se picada por uma súbita perceção, um ligeiro calor a subir-lhe pela coluna.

«Pois, não», disse ela ao corpo traiçoeiro. «Eu sei que ainda agora estava a pensar em como te tenho negligenciado, mas, por favor, controla-te.»

Ele era atraente, tinha de admitir. E os olhos eram muito bonitos e ela sempre gostara de um homem com barba, mas continuava a ser *Llewellyn Penhallow*, um completo *snob* e Não-Presente em Casamentos.

Ele bebeu um gole da cerveja e abanou a cabeça.

— Se dizes que nos conhecemos antes, se calhar conhecemos, mas não me lembro de todo.

— Talvez venhas a descobrir — sugeriu ela, encolhendo um ombro, e lá estava ele outra vez a pressionar os lábios, aquele olhar duro, aquela quase impercetível rigidez da coluna.

— Certamente. Foi bom rever-te — disse ele, apesar de ser bastante óbvio precisamente o contrário. — Agora, se me desculpas, só aqui vim para uma bebida rápida. Ainda tenho de trabalhar hoje.

— Oh, certo — soltou Gwyn, o mais casualmente possível, enquanto ele se afastava dela. — Acho que te vi naquele edifício sombrio do outro lado da rua. Estás a trabalhar em quê?

Gwyn achou que tinha sido subtil, mas ela nunca tinha sido *muito boa* com subtilezas e era óbvio, pelo sorriso presunçoso na cara de Wells, que falhara redondamente.

— Talvez venhas a descobrir — replicou ele, e se não estivesse tão furiosa, talvez Gwyn tivesse ficado um pouco impressionada.

Então, ele voltou-se e olhou para o fundo do restaurante, com uma careta.

— Aqueles são os teus empregados? Reconheço a de cabelo azul.

— Não são meus empregados, são meus *aprendizes* — emendou ela. — Agora que a magia da família Jones flui pela vila, começámos a trabalhar com alguns dos bruxos mais jovens, para lhes ensinar feitiços, orientar as suas práticas. Deduzo que penses tratar-se apenas de pateticos e chapéus de bruxas de plástico, mas, acredites ou não, aqui fazemos magia a sério.

— Hummm. Bem, neste momento, estão seriamente a pôr cartas de tarô nas testas — disse ele, e Gwyn virou-se bruscamente.

Sim, Cait estava a lamber a parte de trás de uma carta de tarô e a colá-la na testa, enquanto Parker e Sam tentavam acertar qual era.

Perfeito.

— Aquela é, de facto, uma nova técnica de leitura que estão a experimentar — respondeu ela, levantando o

queixo. — Deduzo que ainda não tenha chegado a Gales.

— Humm — repetiu ele, e, ao voltar-se, permitiu que ela visse o mais ténue dos sorrisos.

— Boa noite, menina Jones.

Gwyn nem se dignou a fazer uma provocação de despedida, dirigindo-se de novo para a sua mesa e puxando a carta da Imperatriz da testa de Cait.

— A sério? — perguntou-lhes, e Cait encolheu os ombros sem se desculpar.

— Estava a demorar imenso e aborrecemo-nos. — Inclinando-se no banco, ela olhou para Wells. — Ainda não o tinha visto de perto. É atraente.

— Não é nada — mentiu Gwyn, enquanto Parker murmurava:

— Superatraente.

— Quero dizer, a família tem bons genes, temos de admitir — acrescentou Sam.

— A atratividade dele — lembrou Gwyn — não é para aqui chamada. O que supostamente deveriam estar a descobrir era *o que é* que ele está a fazer.

Ela olhou para as cartas ainda espalhadas em cima da mesa. O Cinco de Espadas ainda ali estava. Assim como o

Seis de Espadas. Não era de surpreender, uma vez que essa carta significava que algum tipo de atividade dissimulada estava em andamento.

A terceira carta estava ligeiramente tapada pelo guardanapo de Parker, e Gwyn afastou-o de cima da carta.

Era a carta Os Amantes.

— Tirei essa carta, tipo, umas nove vezes seguidas — revelou Parker, abanando a cabeça. — Até baralhámos as cartas antes de voltar a tirar e saía sempre essa!

Gwyn pegou na carta e juntou-a às outras, baralhando-as todas juntas rapidamente, tentando arduamente não pensar no momento estranho que tivera quando Wells olhou para ela — *realmente* olhou para ela — e ela sentiu... o que quer que aquilo fosse.

— Claramente, esta lição foi um fracasso — disse-lhes. — Acho que só nos resta esperar e descobrir da maneira tradicional o que é que ele anda a fazer.

Ela não teria de esperar muito.

Capítulo 9



Na manhã seguinte, Gwyn chegou cedo à loja. Estava à espera de uma encomenda de chás e queria desempacotar tudo assim que chegasse, principalmente para poder decidir quais levar para experimentar em casa. Na verdade, tinha a cabeça tão cheia de Pensamento com Chá que inicialmente nem se apercebeu.

Foi só quando destrancou a porta da *Something Wicked* e vislumbrou um reflexo na visão periférica que se voltou e viu aquilo.

E mesmo assim, ainda não tinha bem a certeza de que acreditava no que estava a ver.

De facto, mesmo quando atravessou a rua e se pôs à frente do edifício, olhando para cima, não parecia real.

No dia anterior, a fachada da loja em frente à *Something Wicked* estava completamente vazia, a montra tapada com papel pardo, a tinta azul-escura da porta a descamar.

Hoje, a tinta estava fresca e nítida, um verde tão escuro que parecia quase preto, e a montra exibia um expositor com cristais e amuletos sobre veludo da mesma cor.

Em cima da porta encontrava-se um elegante letreiro de madeira com um corvo a usar uma coroa e quatro palavras

pintadas numa discreta letra cursiva.

PENHALLOW'S ARTIGOS DE MAGIA

— Oh, nem pensar, porra — murmurou Gwyn, entre dentes, e abriu violentamente a porta.

Ali não havia o grasnar, apenas uma suave campainha, e quando Gwyn entrou na loja — porque é óbvio que era isso que aquilo era, Wells Penhallow montara uma *loja mesmo à frente da loja dela* —, foi recebida com uma onda de salva, louro e couro envelhecido.

Luzes ténues envoltas em quebra-luzes de vidro colorido lançavam um brilho quente sobre tudo e, apesar de estar sol e luz no exterior, Gwyn subitamente sentiu que se abrisse agora a porta, deparar-se-ia com um dia cinzento e tempestuoso. Essa era a sensação imediata, como se tivesse entrado no sítio mais acolhedor do mundo, e não era uma sortuda por estar segura e quente ali?

Ficou parada por um momento, tentando organizar as ideias.

Era um feitiço. Tinha de ser um feitiço, fazer com que, seja quem for que entre na loja, se sinta subitamente grato por ali estar, querendo perder-se entre as prateleiras com livros e bugigangas, mergulhar no cadeirão de couro perto de uma... lareira?

O sacana tinha literalmente uma *lareira*.

— Bem-vindo à *Penhallow's* como posso... oh.

Gwyn virou-se para fitar o sacana em questão, a sua cara linda já a passar de Lojista Charmoso para Bruxo Rabugento. Era realmente injusto que continuasse bonito tanto com uma expressão como com outra, mas isso, pensou Gwyn, era tanto a bênção como a maldição de uma estrutura óssea deveras boa.

Também parecia hoje menos intimidante. Em vez do colete enfadonho, usava uma camisola cinzenta com aspeto macio, calças de ganga com o desgaste perfeito e, apesar de o cabelo não ser tão solto como o do Rhys, ainda caía lindamente sobre aqueles olhos azuis.

Não que ela estivesse a reparar em alguma dessas coisas.

— O que é isto? — perguntou-lhe ela, e ele encostou-se ao balcão, entrelaçando os dedos e suspirando.

— Há alguma nova palavra americana que eu desconheça que queira dizer «loja»? Porque tenho quase a certeza de que essa palavra significa a mesma coisa nas duas terras.

O irmão dele teria dito aquela frase com uma espécie de sorrisinho, mas Wells apenas ficou a olhar para ela como se já estivesse aborrecido com toda aquela conversa, e uma vez que Gwyn sabia muito bem que era a pessoa menos aborrecida *do mundo*, aquilo foi particularmente irritante.

O que era, provavelmente, a intenção dele.

— Oh, percebo a coisa toda do «é uma loja». A questão é que é uma loja mesmo à frente da *minha* loja, e que claramente vende o mesmo tipo de coisas.

Wells ergueu as sobrancelhas e olhou em redor de forma teatral.

— Ai, sim? Comprei algumas abóboras de plástico algures e esqueci-me disso?

Gwyn revirou os olhos e aproximou-se do balcão, os saltos das botas a baterem firmemente no chão de madeira.

— Tu sabes o que quero dizer. Isto é uma loja com coisas de feitiçaria. Eu tenho uma loja com coisas de feitiçaria. Estás a invadir o meu território.

— É agora que estalamos os dedos e começamos uma batalha de dança?

«Raios, até foi uma piada bastante boa.»

Mas Gwyn recusou-se a dar-lhe a satisfação de lhe ver o mais ténue dos sorrisos, colocando as mãos nas ancas e levantando o queixo.

— Estou só a dizer que é uma sacanice mudares-te para a minha terra e começares imediatamente uma competição.

Especialmente porque mal conseguia safar-se naqueles dias. Não que lhe fosse dizer isso. Mas a contabilidade da *Something Wicked* estava definitivamente mais no vermelho do que no preto, e um lugar como aquele — acolhedor, elegante, vagamente misterioso — não ia ajudar o negócio dela.

Endireitando-se, Wells cruzou os braços sobre o peito.

— Acho que esta terra aguenta mais do que uma loja de «feitiçaria», menina Jones. Especialmente porque vamos estar a vender itens muito diferentes a clientes muito diferentes.

— Não há clientes diferentes — argumentou Gwyn. — Acredita em mim. Temos os turistas e o ocasional residente à procura de uns saís de banho requintados. Só isso.

— Sais de banho, dizes tu? — Wells levantou uma sobrancelha, depois apalpou os bolsos. — Eu devia anotar isso.

Gwyn nunca se vira como uma mulher violenta, mas talvez, só *taaaa/vez*, aquele homem precisasse de uma bela pancada na cabeça com um dos luxuosos grimórios de couro no balcão atrás dele.

— Além disso — acrescentou ela, apontando para ele um dedo com a unha pintada de verde —, não vendo coisas verdadeiramente mágicas na minha loja, porque isso é perigoso. As pessoas que vêm passar o *Halloween* não precisam de acidentalmente agarrar numa... numa Pedra das Viagens ou num grimório que realmente funcione. É assim que acabamos com *zombies*, Excelentíssimo. Queres *zombies*?

Wells franziu a testa, com os cantos da boca virados para baixo.

— Em primeiro lugar, não me chames isso, e, em segundo lugar, aqui também não há nada mágico. Não sou um completo idiota, sabes?

Gwyn olhou em redor. Os livros a forrar as prateleiras junto à porta pareciam certamente antigos, mas quando pôs em ação as suas antenas mentais, não sentiu qualquer poder proveniente deles. Assim como as joias na montra e as varinhas mágicas nas caixas de madeira atrás do vidro do balcão da frente.

— Só porque estas coisas não são feitas de plástico, não significa que sejam artefactos reais — disse ele, dirigindo-se para trás do balcão, perto da máquina registadora à moda antiga. — Apenas estou a proporcionar uma experiência ligeiramente... mais sofisticada.

— Eu vou sofisticar a tua experiência — respondeu Gwyn, antes de franzir o sobrolho. — Tudo bem, isto não fez qualquer sentido, e, apesar de me arrepender das palavras, *não* me arrependo da emoção por detrás delas. Podias ter aberto... não sei. Uma loja de roupa de *tweed*. Uma loja que só vendesse relógios de bolso a preços exorbitantes. Gravatas R Us. Diabos, não gerias um bar em Gales? Podias ter feito isso! Mas, não, foste abrir *isto*, e fizeste de propósito para seres um imbecil.

— Já te ocorreu que nem tudo tem que ver contigo, menina Jones? — Como Gwyn nem se dignou a responder, Wells revirou os olhos e levantou elegantemente uma das mãos.

— Primeiro — disse ele, estendendo o dedo indicador —, não tenho propriamente roupa de *tweed*. Ou relógios de bolso, já agora. Segundo, usei uma gravata uma vez na vida, e acredita quando te digo que é uma experiência para nunca mais voltar a repetir. E, terceiro, *geri* um bar e não gostei muito, na verdade.

— Era porque tinhas de falar com pessoas e por isso fingir que eras também uma pessoa e não um androide que funciona a chá e desdém?

Ele fez uma careta, o que Gwyn considerou uma vitória.

— De qualquer forma — continuou Wells —, abri esta loja porque acho que é algo de que esta terra precisa. Independentemente do que se tornou, Graves Glen começou como um refúgio para bruxos e praticantes de magia, e seria agradável preservar alguma dessa história, em vez de a cobrir com caramelo e canela e desenhos de gatos pretos.

Gwyn deu uma gargalhada e bateu no balcão com força suficiente para abanar um frasco de vidro cheio de penas pretas.

— Certo. Então, isto tem que ver com snobismo. Já percebi.

— Tem que ver com tradição — contrapôs ele, e ela virou-se, fazendo um pequeno aceno por cima do ombro.

— Continua a dizer isso a ti próprio, Excelentíssimo. E depois diz-me quantas pessoas querem gastar... — Parou à porta, verificando o preço na parte de trás de um grimório. — Cem dólares por uma coisa que podem comprar na *Something Wicked* por vinte.

Atirou o grimório para cima da mesa, já se sentindo um pouco... bem, talvez não fosse *simpático* dizer cheia de si, mas definitivamente um pouco melhor. A loja era, de facto, linda e elegante e um bocadinho fantasmagórica, e tinha a certeza de que ia ter imensas pessoas, mas certamente ele não ia vender muito. Não com aquele tipo de coisas.

Olhando por cima do ombro para Wells, Gwyn já estava a sorrir.

Mas então...

Ele também estava.

— Veremos, menina Jones — respondeu ele, e depois sorriu ainda mais no momento em que Gwyn virou a cara. — Veremos.

Capítulo 10



Wells não tinha a certeza sobre se havia alguma coisa de que gostasse mais do que o som da campainha a tocar sobre a porta da loja.

E nos dias seguintes, ouviu o seu som preferido muitas e muitas vezes.

Não sabia bem se era o ambiente do lugar que trazia as pessoas — e que as trazia *de novo* — ou se se devia à aproximação de outubro, mas fosse qual fosse a razão, a *Penhallow's* (Artigos de Magia) começou a vender muito bem logo desde o início.

Foram os professores de Penhaven que começaram a ir primeiro, sem dúvida curiosos com o novo Penhallow na vila. Depois, durante a semana, apareciam turistas, suspirando de prazer à frente da lareira, dos sofás de couro,

das pinturas de Gales penduradas nas paredes. Mas não estavam só a admirar; também compravam.

Wells já tivera de encomendar uma nova remessa de grimórios de cabedal e quase já não tinha bolas de cristal. Também percebeu que as velas eram populares, assim como os chás.

Ao saber disso, Wells começou a fabricar os seus próprios frascos na loja, oferecendo-os aos clientes, feliz por os dar às pessoas que conversavam sentadas à lareira. Quanto mais relaxadas estavam, quanto mais apaparicadas se sentiam, maior era a probabilidade de ficarem mais tempo e isso significava que geralmente viam alguma coisa que queriam comprar.

Era, apercebeu-se rapidamente Wells, como ele *esperara* que fosse gerir um bar. Sorrisos amigáveis que lhe eram dirigidos, calorosos apertos de mão à saída.

E, raios, ele era *bom* naquilo.

Soube que era porque, após a primeira semana, Gwyn aparecera outra vez na loja, olhando furiosa para ele:

— Estás a servir chá aqui? — perguntara ela. — E grátis?

Estava vestida de cor-de-rosa choque, tão cor-de-rosa como a fita no cabelo vermelho, e Wells despendera demasiado tempo a pensar acerca daquela fita cor-de-rosa, a pensar porque é que teve o impulso de a enrolar num dedo.

Naquele momento, contudo, dissera apenas:

— Eu sabia que os americanos são naturalmente desconfiados em relação ao chá britânico, mas não sabia que servi-lo de graça era um problema.

Ela murmurara qualquer coisa horrível antes de sair tempestuosamente, e Wells decidira encomendar mais bules de chá.

Entretanto, era sábado, o que significava que a loja estava agradavelmente cheia, pessoas a conversar e a ver as coisas, e ele sentiu-se um pouco mais do que convencido quando a campainha da porta soou novamente.

Pôs o seu melhor sorriso ao virar-se e viu que era um dos adolescentes que costumavam estar na loja de Gwyn. Um dos «aprendizes» dela, presumiu, a rapariga que usava sempre uma trança no cabelo preto.

Nesse dia, estava a usar uma *T-shirt* com o desenho de um gato preto e por baixo as palavras ondulantes «Mantenham-se Malvadas, Bruxas!». Quando ela se voltou, Wells viu que tinha estampado nas costas *SOMETHING WICKED, GRAVES, GLEN, GA.*

Inteligente. Muito óbvio, mas nada mal como lembrança.

A rapariga andou a ver tudo com grande espalhafato, e Wells cruzou os braços, abanando-se ligeiramente nos calcanhares enquanto a observava a vaguear pela loja, agarrando num baralho de cartas de tarô, olhando com ar de enfado e colocando-o novamente no lugar.

A seguir, passou pelos grimórios e literalmente bocejou, dando pancadinhas à frente da boca com a mão.

Wells arqueou uma sobrancelha.

Estava à espera de luta, mas se aquilo era o melhor que Gwyn conseguia fazer, estava francamente desiludido.

A porta abriu-se novamente e ele reconheceu outro dos estudantes da faculdade, o que tinha o cabelo castanho encaracolado e um *piercing* no nariz que brilhava sob as ténues luzes da *Penhallow's*.

— Encontrei alguma coisa? — ouviu um deles perguntar, demasiado alto, e a rapariga suspirou exageradamente.

— Não, aqui parece tudo... — Olhou fixamente para Wells. — Enfadonho.

Ele quase sorriu, a sério.

E então a outra pessoa disse:

— Quero dizer, nós vimos um GATO FALANTE na *SOMETHING WICKED*. Depois disso, tudo parece enfadonho!

As palavras ressoaram na loja e, desta vez, Wells não conseguiu conter um sopro de desdém.

Francamente.

Então, tudo o que Gwyn tinha era aqueles adolescentes irem à loja dele, parecerem aborrecidos e depois dizerem uma mentira óbvia. Como se os seus clientes fossem tão facilmente...

— Espera, a sério?

Wells, virou-se.

Uma jovem bruxa aproximava-se dos adolescentes, uma mulher que Wells começava a pensar que era já uma das clientes habituais. Era uma aluna em Penhaven e entrava quase todas as tardes na loja para beber chá, conversar e, na maior parte das vezes, comprar um novo cristal. Wells chegou a vender-lhe um dos bules quando ela pediu.

Agora estava com os... *minions* de Gwyn e a olhar para alguma coisa nos telemóveis deles. Dando uma gargalhada de surpresa, dirigiu-se para a porta e saiu, atravessando a rua para a *Something Wicked*.

— Certo, tenho de ver isso.

A campainha tocou novamente, mas desta vez, Wells não gostou mesmo, *mesmo nada* do som.

Nem das muitas vezes que a ouviu a seguir, à medida que, aos poucos, todas as pessoas começavam a levantar-se e a encaminhar-se primeiro na direção dos dois

adolescentes e daquele maldito telemóvel e depois, invariavelmente, para o outro lado da rua.

Até que, por fim, ficaram apenas os três na loja, dois deles com um ar muito presunçoso.

— Ela não pode ter um gato que fala — disse Wells. — Não é um feitiço que se possa fazer.

Apesar de, ao dizê-lo, Wells não ter a certeza se era realmente assim. Tratava-se simplesmente de um feitiço que ele nunca tinha *visto* a ser feito. Mas depois do sermão que Gwyn Ihe dera sobre Não Fazer Magia Real para os turistas, de certeza que ela própria não estaria a quebrar essa regra.

«Tu quebrarias? Se achasses que ela estava a ganhar?»

Quando deu por si, Wells estava no lado de fora da loja a olhar para a multidão reunida à porta da *Something Wicked*. Havia uma fila, literal mente, e teve de a contornar, pedindo perdão profusamente até conseguir entrar na *Something Wicked* e ver...

A porra de um gato a falar.

— Feliz HalloWEEEEEEEN!

As pessoas na multidão arquejavam e suspiravam e riam, enquanto Gwyn Jones, completamente paramentada

de bruxa, chapéu e tudo, fazia festas num gato bastante gorducho que também estava com um pequeno chapéu e um lenço cor de laranja muito vistoso.

Gato que, mais uma vez, abriu a boca e disse:

— Feliz HalloWEEEEEEEN!

Depois, virou a cabeça para Gwyn e perguntou:

— Guloseimas?

A multidão também adorou aquilo, e enquanto Gwyn lhe fazia festinhas e lhe sussurrava alguma coisa, alguém perguntou:

— Como é que o treinou para fazer isso?

Gwyn sorriu, encostando o gato ao queixo.

— Uma bruxa nunca revela os seus feitiços! — disse ela, e depois, piscando o olho: — Ou onde compra adereços ridiculamente caros.

Riram-se todos, e Wells olhou em redor, espantado.

Ele não tinha a menor dúvida de que o gato era real, que a *magia* era real, mas pôr uma coisa daquelas à frente das pessoas e dizer-lhes que não era, e elas acreditarem...

A alternativa era demasiado bizarra.

Para o caso de ele não estar suficientemente impressionado, ela gritou:

— Cada compra inclui uma fotografia ou vídeo grátis de Sir Purrcival! Certifiquem-se de que usam o *hashtag* «*Something Wicked*»!

Diabólico.

Completamente perverso.

E quando os olhos dela encontraram brevemente os dele, fez um sorriso *vai-te lixar*, e Wells apercebeu-se de que nunca se sentira tão atraído por uma mulher.

Bem, isso era mesmo inconveniente.

Capítulo 11



— Por quanto mais tempo ao certo é que esta guerra com o meu irmão vai continuar?

Gwyn estava sentada à mesa da cozinha com Rhys e Vivi, no seu tradicional jantar semanal. Às vezes, era na casa deles, outras vezes, num restaurante, mas na maior parte das vezes era no chalé, e aquele dia não era exceção.

E se Gwyn se sentia um *bocadinho* culpada ao pensar em Wells a comer sozinho naquela casa enorme mesmo no cimo da rua, também se lembrava de que, ainda no dia anterior, soubera que ele tinha feito um requerimento para uma licença para bebidas alcoólicas, o que significava que, em breve, aquela estúpida e elegante loja dele iria começar a servir bebidas, provavelmente de graça, e ela não tinha a certeza de que Sir Purrcival conseguisse competir com bebidas grátis.

— Até eu ganhar — respondeu ela a Rhys, esticando-se para apanhar o sal.

Rhys grunhiu, inclinando a cabeça para trás.

— Macacos me mordam.

— O que foi? — perguntou Vivi, e o marido suspirou, endireitando-se de novo.

— Foi exatamente isso que o Wells me disse quando lhe fiz a mesma pergunta.

Bebendo um gole do vinho, Gwyn escondeu um sorriso atrás do copo.

O negócio nunca tinha estado tão bom na *Something Wicked*. Sir Purrcival só aparecia aos sábados, mas era o suficiente. Vídeos dele espalhavam-se pelas redes sociais e as pessoas que passavam apenas para o ver também acabavam, inevitavelmente, por comprar algumas coisas. O *website* também tinha melhorado as vendas e ela contratara oficialmente Cait e Parker para a ajudarem com isso.

Wells Penhallow era uma chatice para ela, mas não podia negar que a competição com ele tinha sido boa para o negócio.

— Então, ele pode arrumar as suas coisinhas — disse Vivi, enchendo novamente o copo. — A Gwyn não vai perder.

Rhys olhou para ela, surpreendido.

— Pensei que éramos objetores de consciência em relação a isto.

— Podes ser objetor de consciência à vontade — respondeu Vivi, antes de erguer o copo e fazer um brinde com Gwyn. — Eu sou da Equipa da Gwyn para sempre.

— É isso mesmo — respondeu Gwyn, e Rhys olhou para as duas antes de puxar para perto de si o seu copo.

— Eu acho que o Wells é um parvalhão durante a maior parte do tempo, mas creio que não posso brindar ao fracasso dele. — Fez uma careta. — É a isto que se chama amor fraternal?

Ignorando-o, Vivi voltou-se para Gwyn.

— Vamos embora muito em breve. Vocês os dois vão ficar bem enquanto estivermos fora, não vão? Quer dizer, isto é só competição familiar, certo? Não vai levar a... não sei, maldições e fantasmas vingativos?

— Só como exemplo — acrescentou secamente Rhys, e Gwyn abanou a cabeça.

— Podem deixar-nos sem supervisão, prometo. Além disso, vou estar muito concentrada a ensinar Sir Purrcival a dizer algumas frases novas apropriadas para os feriados. Demorou *imenso* tempo a aprender a dizer «Feliz *Halloween*», mas agora que sabe que lhe dou uma guloseima depois de o dizer, não deixa de o dizer.

Como para provar que ela estava certa, Sir Purrcival apareceu naquele momento:

— Halloweeeee feliz feliz haloweeeeeenn guloseimasinguloseimas imbecil?

— Bem, isto vale pelo menos uns mil «gostos» — brincou Rhys, e Gwyn suspirou enquanto se baixava para dar um bocadinho da sua comida a Sir Purrcival.

— Estamos a trabalhar nisso.

Ao lado do seu copo, o telemóvel começou a vibrar e Gwyn agarrou nele para ver se era a mãe que estava a ligar.

— É a Elaine — disse a Rhys e Vivi, apontando para os dois. — *Não* lhe digam que estou a explorar o neto dela para ganhos financeiros.

O dia seguinte foi bastante calmo na *Something Wicked* (e qual era o mal se Gwyn espreitava pela janela algumas vezes para ver se na *Penhallow's* também estava tudo bastante morto?).

Mas estava tudo bem para Gwyn. Tinham feito mais no fim de semana do que em todo o mês anterior. E precisava de renovar o *stock*, além disso, os Bruxos Bebés queriam mais prática de tarô, de forma que, quando um cliente se aproximou mais, Gwyn ficou quase surpreendida.

A rapariga era vagamente familiar, o que significava que era provavelmente da terra, mas definitivamente não uma bruxa. Gwyn conseguiria sentir se ela fosse.

— Olá! — saudou alegremente. — Posso ajudar em alguma coisa?

A rapariga aproximou-se do balcão, tocando no vidro com o seu longo cabelo louro.

— Eu estava interessada no tarô...

Ah. O ganha-pão de Gwyn.

— Bem, está com sorte, porque temos cartadas de baralhos. De que tipo de vibração está à procura? O clássico Rider-Waite, algo mais contemporâneo...

Gwyn pegou, de debaixo do balcão, num dos seus baralhos preferidos para vender aos humanos e, ao fazê-lo, sentiu aquilo.

Havia uma espécie de sensação elétrica no ar, um ligeiro crepitar que a fazia sentir o cabelo arrepiado.

Endireitou-se, as cartas ainda na mão, e tentou concentrar-se naquela sensação. Não vinha da rapariga. Ou não *exatamente* dela, mas...

— Está tudo bem?

Gwyn olhou para a rapariga, que estava à espera do baralho de tarô, e o seu olhar fixou-se no pescoço dela.

Ali, pendurado, estava um cristal numa corda de cabedal. Apenas um pedaço de quartzo, nada de particularmente especial, mas alguma coisa deve ter sido feita à pedra, porque estava praticamente a pulsar de magia, deixando Gwyn tensa.

Esforçou-se por sorrir ao colocar o baralho de cartas no vidro do balcão.

— Que colar tão bonito!

A rapariga retribuiu o sorriso, levando os dedos ao cristal.

— Obrigada. Comprei-o ali.

Fez um gesto na direção da janela.

Penhallow's.

Agora, Gwyn não tinha de fingir um sorriso.

«Oh, apanhei-te, Excelentíssimo.»

A gozar com as abóboras de plástico e desenhos de gatos enquanto vendia artefactos com poder a pessoas normais. Ia esfregar-lhe aquilo na cara com tanta força que talvez ele ficasse *sem* cara quando ela acabasse.

Mas, primeiro, tinha de fazer o seu Dever de Bruxa.

Olhando à volta, inclinou-se para a frente e baixou a voz.

— Está bem, geralmente não faço isto por amuletos que não foram comprados aqui, mas este é tão bonito que tenho pelo menos de oferecer.

Os olhos da rapariga iluminaram-se enquanto Gwyn dizia uma data de palavras que sabia que funcionariam... «lua cheia», «sal», «purificação», «energizado»... e, de repente, o cristal já estava na sala dos fundos, sobre um pequeno prato de prata.

Colocou a palma da mão sobre o cristal, inspirando e concentrando-se.

Passado um momento, sentiu o quartzo agitar-se sob a mão e então, com um muito ténue som sibilante, uma runa surgiu à sua frente, oscilando como fumo.

Suspirou de alívio. Nada de significativo ou assustador, apenas um simples feitiço de clareza. *Segura nisto, concentra-te num problema e saberás o que fazer, o caminho abrir-se-á para ti.*

Por um segundo, pensou em esquecer o cristal enfeitiçado. Os *normies* não precisavam de alguma clareza?

Mas, não, havia regras sobre este tipo de coisas, e, apesar de Gwyn detestar por completo seguir regras, quebrou o encantamento, murmurando algumas palavras e lançando salpicos de água que recolhera num fluxo corrente sob a lua cheia.

Quando terminou, a pedra estava na mão dela, tão bonita quanto antes, mas já não irradiava qualquer tipo de magia.

Satisfeita, Gwyn devolveu-a à rapariga com um amplo sorriso e um cupão de dez por cento de desconto na próxima vez que fosse à *Something Wicked*.

Uma vez que era a última cliente e já estava quase na hora de fechar, Gwyn acompanhou-a até à porta e fechou-a

atrás dela. Demorou apenas alguns minutos a arrumar a loja, a tratar da caixa registadora e a guardar o dinheiro na sala da arrecadação. Já no exterior, na rua fria iluminada pelo luar, o vento a bater-lhe no cabelo, apressou-se na direção da *Penhallow's*.

Gwyn passara os últimos quinze minutos a planejar exatamente o que ia fazer para confrontar Wells sobre ele vender magia verdadeira e pensou que talvez pudesse começar com algo apropriadamente dramático. Atirar a porta para trás, apontar um dedo, talvez um belo *J'accuse!* para dar algum estilo.

Afinal, ela esperara treze anos para dizer das boas a Llewellyn Penhallow; não era altura para ser subtil.

Mas quando agarrou na maçaneta da porta, ela não se mexeu. Na verdade, estava teimosamente trancada, o que queria dizer que, em vez de uma entrada num turbilhão de gloriosa e virtuosa justiça, ela abanou pateticamente a porta e depois bateu com as unhas no vidro enquanto ele lhe franzia o sobrolho atrás do balcão.

— Estamos fechados! — avisou ele, e Gwyn aproximou a cara do vidro, embaciando-o só para o irritar.

— Preciso de falar contigo! — disse ela, e ele permaneceu momentaneamente parado, a batucar com os dedos no balcão antes de finalmente se dirigir para a porta e a abrir.

— Sim?

Claro que não a deixou entrar.

Claro que ficou ali à entrada, a pairar, a olhar para ela com aquele nariz comprido e empinado.

E claro que Gwyn o empurrou, entrando na loja escura com uma mão no bolso do casaco.

— Tu — disse ela, apontando para ele com a mão livre — lixaste tudo.

Gwyn não queria soar *tão* alegre, mas não conseguia evitar. Aquilo era bom de mais para não apreciar.

As sobrancelhas de Wells juntaram-se e cruzou firmemente os braços sobre o peito.

— Desculpa?

— Vendeste um cristal encantado a uma humana.

— Vendi o tanas.

— Ai vendeste, vendeste — respondeu Gwyn. — Um quartzo abençoado com uma runa da clareza. Não é um mau feitiço, graças à deusa, mas *poderia* ter sido. Por isso é que temos de ter tanto cuidado com o que vendemos.

Wells dirigiu-se para o balcão e retirou um grande livro com capa de couro. Abriu-o e folheou-o, à procura de alguma coisa.

Gwyn observava-o, agora também ela com o sobrolho franzido. — O que é isso?

— Todos os itens vendidos nesta loja aparecem neste livro de contabilidade — respondeu Wells, sem levantar o olhar. — Por isso, se realmente vendi hoje um quartzo, estará aqui.

— Sabes que temos computadores para essas coisas, certo? Aplicações para inventários nos nossos *smartphones*? Sou toda pelo uso de magia, mas tens de admitir que a tecnologia, às vezes, é melhor do que nós.

Wells ignorou a observação, percorrendo com o dedo uma das folhas de velino sedoso.

Era, Gwyn teve de admitir, um belo dedo agarrado a uma muito bela mão. Comprido, elegante, ainda assim masculino, um anel de sinete a cintilar tenuemente sob a luz suave da loja.

E ela também teve tempo para admitir, uma vez mais, que Wells estava a acertar naquela coisa toda... em que estava a investir. Proprietário de uma elegante loja de feitiçaria, a camisa branca muito bem passada, o colete azul-escuro a acentuar-lhe a cintura esbelta e os ombros amplos.

«Estás a galar o *Llewellyn Penhallow*, miúda, por favor, controla-te.»

Era por isto que ela precisava de sair mais. Estava há demasiado tempo sozinha, e começava a admirar *coletes*, por amor de Deus.

Aclarando a garganta, Gwyn afastou-se do balcão e olhou para a janela em frente. A sua pequena loja brilhava alegremente na noite, a montra talvez não tão sofisticada como a da *Penhallow's* — a vassoura gigante talvez fosse um pouco excessivo —, mas engraçada à sua maneira. Única.

Dela.

— Cá está.

A voz de Wells estava surpreendentemente monocórdica, e Gwyn voltou-se para ele, aproximando-se do balcão e inclinando-se sobre o ombro dele para ver com os seus próprios olhos.

— A-ha! — exclamou, triunfante, colocando o dedo nas palavras «Quartzo (Runa da Clareza)».

— Não compreendo — murmurou Wells para si próprio, passando as folhas. — Tudo o que vendi era completamente inofensivo; como é que *isto* passou despercebido?

— Talvez não tenhas confirmado suficientemente bem — disse Gwyn, e depois encostou-se mais, ignorando o quão bem ele cheirava. — Talvez tenhas sido... *irresponsável*.

Fez acompanhar a palavra de um ligeiro estremecimento, pestanejando. Wells fechou o livro com tanta força que o cabelo dela foi atirado para trás.

— Recebi mercadoria nova há dois dias — disse ele, afastando-se e dirigindo-se para a porta atrás do balcão. — Pensei que não tinha posto ainda nada nas prateleiras, mas se calhar deixei passar alguma coisa. Ou foi posta por acidente.

— Por isso é que precisas de mais uma pessoa a trabalhar aqui — disse-lhe Gwyn, ao abrir a porta. — Gozas

com os meus Bruxos Bebés, mas...

— Estou muito bem sozinho — respondeu ele, e com isso desapareceu, descendo as escadas escuras.

Capítulo 12



Wells não sabia bem por que razão pensara que Gwyn iria calmamente embora, mas quando ouviu as botas dela a bater nos degraus atrás de si nas escadas para a cave, mal reprimiu um suspiro.

— Não preciso da tua assistência — gritou para ela, enquanto acendia as luzes.

Ou lá o que fossem. Todo o local tinha talvez quatro castiçais de metal presos às paredes, mantendo a divisão numa penumbra perpétua.

— É óbvio que precisas — respondeu ela. Wells ouviu um leve silvo e um estalido, e um globo de luz flutuou-lhe sobre o ombro, subindo lentamente as prateleiras à sua frente.

Gwyn apareceu junto do seu cotovelo, a cabeça inclinada para cima enquanto olhava para a variedade de

caixas nas estantes. A luz que conjurara lançava um brilho caloroso sobre os seus traços, o longo cabelo vermelho ao longo das costas, e ele forçou-se a desviar o olhar.

Seria ligeiramente mais fácil continuar irritado com ela se Gwyn não fosse tão bonita.

Desde o momento dela com o gato, aquele *sorriso* e o raio do seu *atrevimento* — teria ele sempre gostado de mulheres atrevidas? Seria isto uma coisa nova? Teria sido amaldiçoado por alguém, como Rhys fora? —, que ele pensava nela, e agora, tê-la assim tão perto parecia uma forma especial de tortura.

E para piorar tudo ele tinha mesmo feito asneira da grossa.

Ainda bem que era cuidadoso. Sim, havia alguns objetos mágicos na loja. Ele queria ter alguns à mão para o caso de a *Penhallow's* se tornar um sítio onde se pudesse — discretamente e em segurança, claro — comprar esse tipo de coisas.

Mas agora vendera um cristal com magia a uma humana e isso era uma trapalhada de primeira.

— É assim tão difícil encontrar uma caixa? — perguntou Gwyn, e Wells voltou-se, fazendo um gesto para a enorme quantidade de caixas empilhadas naquelas prateleiras.

Revirando os olhos, Gwyn deu um passo em frente, o raio das botas a baterem e a deixarem-lhe os nervos em franja.

De irritação, claro.

Nada mais.

— Esta aqui está um bocadinho de fora — indicou ela, pondo-se em bicos de pés. — Poderá ser esta?

Puxou-a, mas estava um pouco fora do seu alcance, e Wells fez um som de frustração, aproximando-se.

— Deixa que eu faço isso.

— Eu consigo — insistiu ela, puxando pelo canto da caixa. Wells resfolegou, aproximando a mão da mão dela. Ela era alta, mas ele era mais alto e conseguia ter uma mão mais firme para agarrar a caixa.

— Tu, comprovadamente, *não* «consegues» — disse ele, puxando a caixa, e ela franziu a testa, dobrando os dedos com mais força, puxando com mais decisão.

— Bem, se não tivesses aqui tretas magicamente perigosas em caixas...

— Um cristal com uma runa muito básica dificilmente se qualifica como...

— Magia é magia, Excelentíssimo.

— Já te pedi que não me chamasses isso. Nem sequer compreendo *porque* é que me chamas isso.

Estavam muito próximos agora, as mãos de ambos na borda da caixa, os peitos a tocarem-se, a ponta da saia a roçar nos joelhos dele. Estava ligeiramente corada, os lábios entreabertos, e ele recordou a si próprio que era raiva o que causava aquele enrubescimento, que os lábios estavam abertos para o insultar, sem dúvida. Mas, por alguma razão, isso parecia difícil de recordar naquele momento.

Já nenhum deles estava a puxar a caixa.

Estavam apenas ali parados, a olhar um para o outro.

Uma reação humana básica e estúpida. Ela era bonita, eles estavam muito juntos, estavam a respirar de forma ofegante e a olhar para os olhos um do outro. Claro que ele, de repente, começou a pensar noutras razões para estarem assim tão perto, outras coisas que podiam estar a fazer em vez de discutir.

É que... aquela era uma faceta que ele tinha mais ou menos fechado nos últimos anos, e senti-la rugir de novo pela última mulher por quem deveria estar interessado era mais do que um pouco desconcertante.

— Gwyn — disse ele, e os olhos dela encontraram de novo os dele. Tinham estado a olhar para a boca dele? Estivera Gwynnevere Jones a olhar para a boca dele e a ter os mesmos pensamentos ordinários que ele estava a ter?

Wells viu na cara de Gwyn, a mesma confusão que ele estava a sentir e ela abanou a cabeça, quase como se estivesse a tentar afastar os pensamentos.

E então, a mão dela conseguiu agarrar melhor a caixa e puxou-a.

Mesmo assim, esta não se soltou, mas um dos cantos do cartão rasgou-se e qualquer coisa caiu da caixa e acertou em cheio no peito de Wells.

Uma nuvem cor-de-rosa brilhante pareceu envolver os dois, um cheiro doce de baunilha encheu o ar. Encheu a boca e os pulmões de Wells enquanto ele pestanejava contra as partículas brilhantes que pairavam no ar.

Também rodeava Gwyn, um pó cor-de-rosa claro e brilhante, os olhos verdes vívidos dela levantados para ele. Se Wells achava que a queria beijar antes, isso não era nada em comparação com o que estava a sentir agora.

Era como se ele estivesse às portas da morte se não o fizesse. Subitamente, beijar Gwyn Jones era a única coisa que interessava em todo o mundo e, quando ela cambaleou ligeiramente na direção dele, as pupilas enormes, a língua um pouco saída para humedecer os lábios, Wells seguiu o movimento com olhos ávidos.

Ela tinha a mão no peito dele, os dedos dobrados na camisa, e depois, de alguma forma, a mão dele encontrava-se na cara dela, olhando para baixo, na direção dela, o coração a bater tanto que parecia sair-lhe do peito.

«É um feitiço de amor, seu idiota», gritou a sua última célula cerebral sensível. Nunca experienciara um, apenas ouvira dizer que talvez existissem, mas não tinha qualquer dúvida de que este era um deles. Aquela era, claramente, a caixa de onde viera o cristal, a única caixa em toda a treta da loja que realmente continha magia, e agora ele estava a pagar pela sua arrogância.

Não que ele se importasse com isso, agora que ela o olhava daquele modo.

— Wells — murmurou Gwyn, e ele apercebeu-se de que nunca antes ela o chamara pelo nome. Era sempre o pavoroso *Excelentíssimo*. Nunca Wells.

Gostava de como o seu nome soava na boca dela. Queria prová-lo na sua língua. Queria afundar as mãos naquele maravilhoso cabelo vermelho, sentir o corpo dela contra o seu. Queria...

Porra, ele só *queria*.

— Isto é uma coisa muito má — disse-lhe, ao baixar o rosto sobre o dela.

— Mesmo a pior possível — concordou Gwyn, mas já estava em bicos de pés, com os lábios a tocar nos dele.

Gwyn não desconhecia a luxúria. Era uma das suas sensações preferidas, na verdade. O arrebatamento que se sente ao ver-se o desejo nos olhos de outra pessoa, como o nosso próprio desejo cresce para o igualar. O golpe no estômago, o bater do coração, aquele arrepio que sobe e desce a espinha... Tudo isso é maravilhoso e ela perseguiria-o sempre que a oportunidade se lhe apresentava.

Mas beijar Wells Penhallow na cave da loja dele estava a um nível completamente diferente.

«É porque os dois foram enfeitados com magia sexual», tentava lembrar-se a si própria, enquanto se encostava com mais força a ele, envolvendo-lhe o pescoço com os braços e as mãos dele a deslizarem-lhe pelas costas, pelas costelas, puxando-a para ele ainda com mais força.

Não parecia um primeiro beijo. Era demasiado bom, demasiado seguro e, uma vez mais, Gwyn tentou dizer a si própria que tinha que ver com a magia, porque certamente um homem chamado Llewellyn não podia beijar assim sem algum tipo de intervenção mágica.

Ele tinha a mão novamente no rosto dela, aquela mão maravilhosa que ela estivera a admirar antes, o polegar a roçar-lhe o maxilar e a fazer centelhas de arrepios onde quer que tocasse. Quando esse toque deslizou um pouco mais para cima, tocando num ponto mesmo por baixo da orelha dela, Gwyn teve quase a certeza de que gemeu.

Isso era uma novidade.

Wells acompanhou o som com um som grave vindo da sua garganta, e ela sentiu aquele rugido em toda a parte, com os joelhos a fraquejarem um pouco.

Sem interromperem o beijo, ela virou-se de forma a que as costas dele ficassem contra a estante, empurrando-o com tanta força que alguma coisa acima das suas cabeças chocalhou, mas, sinceramente, podia ter caído tudo em cima deles que Gwyn não tinha a certeza de que se aperceberia disso.

Não com a mão dele na nuca dela, a prata do anel contra a pele quente dela, não com a língua dele a deslizar na dela, a boca dele a saber a citrino e açúcar do chá que

estivera a beber. Não quando o conseguiu sentir através do tecido das calças, duro para ela.

Desejando-a.

Por causa de um feitiço.

Até que aquela voz começou a penetrar em alguma daquela bruma.

Um feitiço.

Um estúpido feitiço de amor que lhes caiu em cima porque estavam a discutir, que era o que faziam *sempre*, por isso era o mais poderoso feitiço de amor que existia, e, que *raios*, ela estava agarrada a um homem de que nem sequer *gostava* por causa de uma chuva de *pó sexual*.

Aclarando as ideias, Gwyn interrompeu o beijo, dando um passo atrás tão depressa que chocou contra a estante atrás de si. Desta vez, caiu mesmo uma coisa do topo, um suporte de vela votiva, e, ao partir-se sob os pés de ambos, o vidro pareceu tirá-los daquele transe.

Wells ainda respirava profundamente, a cara com riscos do pó cor-de-rosa, os olhos muito abertos, o cabelo todo desgrenhado.

«Eu fiz isto», pensou Gwyn, quase admirada, e depois abanou a cabeça, puxando a saia para baixo para a endireitar.

— Isto — disse ofegante, afastando o cabelo da cara.

Nem teve de acabar a frase. Wells já estava muito direito, puxando a lapela do colete.

— Certíssimo — concordou ele com uma coisa que ela não tinha dito.

— E aquilo — acrescentou ela, apontando para a caixa que oscilava na prateleira.

— Para queimar — respondeu ele. — Salgar a terra.

Gwyn fez um breve aceno, depois rodou sobre o tacão, na esperança de que as pernas não estivessem demasiado fracas para subir as escadas.

Não olhou para trás.

Capítulo 13



O ar frio da noite foi um alívio para Gwyn quando ela voltou à rua. Ainda estava com calor, ainda sentia como se estivesse a arder por dentro, um fogo que mil banhos de água fria não conseguiriam apagar.

Tinha a carrinha estacionada no lugar habitual em frente à *Something Wicked*, mas passou por ela, dirigindo-se, em vez disso, para o pequeno beco ao lado da loja. Ainda lhe tremiam os dedos ao fazer um pequeno feitiço na porta lateral que dava para o apartamento de Vivi.

Quando a prima abriu a porta, Gwyn percebeu que devia estar com um ar completamente tresloucado, porque Vivi, que na verdade vira muitas parvoíces de Gwyn, murmurou, de olhos arregalados, um termo em galês que Gwyn nunca lhe ouvira antes.

— Meu Deus, o que provocou *essa*... oh.

Rhys apareceu atrás da mulher e Gwyn apontou para ele.

— Sai — disse ela. — Eu e a Vivi temos... assuntos de bruxas.

— Geralmente, código para as duas beberem vinho e falarem sobre coisas que não querem que eu ouça, e pelo estado em que estás agora, Gwynnevere, parece-me justo.

Dando um breve beijo na testa de Vivi, Rhys estendeu a mão para pegar no casaco, pendurado no sítio habitual junto à porta, e passou por Gwyn com outro olhar intrigado, mas, misericordiosamente, sem perguntas.

À medida que os passos dele se afastavam nas escadas, Vivi puxou Gwyn para dentro.

— O que é isto em cima de ti? — perguntou ela, fechando a porta atrás de si.

Ah. Pois.

Gwyn tinha estado tão centrada nos efeitos do feitiço de amor que quase se esquecera de que ainda estava literalmente a usá-lo.

— Feitiço — disse ela, a voz ainda atordoada enquanto se sentava, atirando-se para o sofá.

O apartamento de Vivi era uma segunda casa e estendeu a mão para agarrar na manta preferida dela, a suave e púrpura que oferecera a Vivi vários anos antes e que tinha sempre um lugar de honra nas costas do sofá.

— Que tipo de feitiço? — perguntou Vivi, levantando uma sobrancelha. Gwyn olhou para ela, pestanejando.

— Feitiço de amor.

Vivi ficou muito quieta por um momento e a seguir, sem dizer uma palavra, desapareceu na cozinha. Quando voltou, trazia dois copos grandes de vinho e uma garrafa de *Pinot Grigio*.

De facto, Vivi fora sempre a pessoa preferida de Gwyn em todo o mundo.

Grata, aceitou um copo e bebeu um longo gole.

Está bem, um enorme trago.

Ainda conseguia sentir o beijo de Wells, os lábios com formigueiro e esfolados do raspar da barba dele, e estremeceu um pouco ao colocar o copo em cima da mesa.

Vivi, paciente como sempre, estava enrolada no cadeirão em frente dela, os pés calçados com meias pretas e brilhantes, e assustadores olhos verdes. Para Gwyn era mais fácil olhar para aqueles olhos do que olhar para Vivi enquanto contava à prima o que acontecera naquela noite.

Sobre o cristal, sobre ter ido ter com Wells para se vangloriar merecidamente, sobre querer ver o que mais ele tinha na arrecadação e, depois, finalmente — *humilhanamente* —, sobre a parte em que uma chuva de purpurina cor-de-rosa que cheirava a *cupcake* a levava a pôr todo o rosto no de Wells e a beijá-lo como se os beijos estivessem em vias de extinção.

Quando acabou, o copo estava vazio e a boca de Vivi completamente aberta, e nada disso fez Gwyn sentir-se muito bem acerca das decisões de vida que tomara naquela noite.

— Wells — disse finalmente Vivi. — Tu beijaste... o Wells. Por causa de um feitiço de amor.

Dito assim, parecia tão inocente. Apenas um beijo entre dois adultos graças a um pouco de magia, nada de especial!

Mas isso não explicava quão *devastador* fora o beijo, como parecia ter abalado tudo no interior de Gwyn.

— Não foi apenas um beijo — disse ela, esfregando a cara e fazendo uma careta quando viu a mão cheia de purpurina cor-de-rosa. — Foi um beijo *mágico*. Feitiço de magia do amor, Vivi! Que estava dentro de uma caixa na loja do Wells. Qualquer pessoa podia ter comprado aquilo e acabado aos beijos com uma pessoa que odeie.

Era isso que ela precisava de fazer — dar a volta àquilo, pensar em quão irresponsável aquilo tinha sido, como era perigoso Wells ter ido para a vila e aberto a loja de magia sem sequer saber o que estava a fazer.

Abriu a boca para o dizer, mas Vivi fez uma careta, inclinando-se ligeiramente para a frente, com a cara pensadora muito óbvia.

— Os feitiços de amor não funcionam assim — disse ela, e Gwyn pestanejou.

— O quê?

Levantando-se do cadeirão, Vivi dirigiu-se para uma das muitas estantes com livros que tinha em casa, passando os dedos ao longo das lombadas até encontrar o que procurava.

— A magia não pode fazer com que as pessoas ajam contra a sua vontade básica — disse ela, virando as páginas à medida que o estômago de Gwyn começava a descer para algum lugar abaixo dos joelhos. — Viola os... princípios básicos da magia. Claro que se pode fazer um feitiço *mau* a alguém, e esses podem fazer *mal*, mas não se consegue pôr uma pessoa a fazer algo que não queira. Os nossos espíritos são intrinsecamente demasiado fortes para ceder, mesmo com magia. Está tudo aqui! — E espetou o dedo sobre a página para começar a ler. — Apesar de a ideia de um feitiço de amor surgir amplamente na cultura popular, esse tipo de magia é quase impossível de concretizar, a menos que ambos os indivíduos sintam uma atração mútua um pelo outro.

Gwyn achava que Vivi era a pessoa preferida dela em todo o mundo? Isso não podia ser verdade. A pessoa preferida dela em todo o mundo não poderia ser *tão mentirosa*.

— Deixa-me ver isso.

Gwyn levantou-se do sofá, arrastando atrás de si a manta púrpura, e tirou o livro de Vivi. Deslizou os olhos pela página e, horrorizada, leu exatamente o que Vivi acabara de ler.

Fechando o livro com toda a força, Gwyn empurrou-o para cima de Vivi.

— Este é, claramente, um livro estúpido. Um livro estúpido tão errado que nem sei como o tens na tua prateleira. Deve ser um dos livros do Rhys.

Vivi não fez mais do que rir, abanando a cabeça ao colocá-lo novamente no seu lugar na prateleira.

— Lamento, miúda. Os livros não mentem, e o feitiço não te obrigou a fazer nada. Beijaste o Wells Penhallow porque *querias* beijar o Wells Penhallow.

Quando Wells ouviu passos de alguém a descer as escadas para a cave, o seu coração deu um salto no peito.

«Ela voltou.»

Mas os passos eram muito pesados para ser Gwyn, os sapatos não faziam o barulho que as botas dela pareciam fazer sempre, e, passado um momento, Rhys apareceu, com as mãos nos bolsos enquanto descia as escadas.

Wells disse a si próprio que apenas ficara desiludido porque ficava *sempre* desiludido quando via Rhys. Não tinha nada que ver com a sensação da boca de Gwyn, que ainda lhe pairava nos lábios, nem com a dor que praticamente sentia nas mãos, desejosas de voltarem a tocar-lhe.

Não era o momento nem o lugar para esse tipo de pensamentos, mas, felizmente, a voz do irmão mais novo era melhor do que qualquer banho de água fria.

— Estás aqui em baixo? — perguntou, e Wells, que continuava no mesmo sítio depois de Gwyn o ter deixado, e que estava, na verdade, sem saber se alguma vez conseguiria voltar a mexer-se, foi capaz de soltar um «sim» muito ténue.

Rhys apareceu ao virar da esquina com uma bola de luz a pairar mesmo por cima do seu ombro esquerdo.

— Pensei em... — começou, mas depois ficou paralisado e abriu um pouco mais os olhos ao ver Wells.

O irmão fez uma careta e desceu o olhar sobre si próprio. O feitiço ainda brilhava sobre ele, manchas cor-de-rosa brilhantes na roupa escura, e revirou os olhos, preparado para qualquer piadinha que, sem dúvida, o irmão iria fazer.

Mas Rhys não disse uma palavra, ficou apenas parado, ainda em choque, na cara um alarmante tom de vermelho

antes de desatar a rir às gargalhadas.

Não eram gargalhadas normais, mas das que vinham do fundo da garganta de um irmão mais novo a ter oportunidade de gozar com o mais velho, e isso, finalmente, deu a Wells a força de que ele precisava para deixar de estar ali imóvel como um palerma.

— Pronto, já chega — disse ele, enquanto tentava tirar os brilhantes de cima. — Parece que assaltei a maquilhagem de uma rapariga de treze anos, mas também não é razão para te rires assim, Rhys.

Mas Rhys só abanava a cabeça, encostando-se à prateleira que estava mais próxima e limpando as lágrimas dos olhos.

— Oh, pá — disse ele, e começou novamente às gargalhadas.

Wells franziu a testa e cruzou os braços sobre o peito, dando o seu melhor para parecer o mais ameaçador que um homem coberto de purpurina cor-de-rosa podia ser.

— Pode parecer engraçado, mas isto é, na verdade, bastante sério. Alguém enviou uma caixa com objetos contendo magia verdadeira. Isto — e fez um gesto para a purpurina — é um feitiço. Um feitiço de amor, Rhys. E que poderia ter sido um desastre nas mãos erradas.

— Parece que *já foi* um desastre — respondeu Rhys, ainda a rir. Depois, inclinou a cabeça em direção às escadas.

— Especialmente porque a Gwyn Jones está neste momento no meu sofá coberta com essa mesma porcaria.

Porra.

Então, era por isso que Rhys estava a achar tudo tão engraçado. Wells tinha a esperança de conseguir sair desta sem o irmão vir *alguma* vez a saber o que acontecera naquela sala, mas aquele era, como não demorou a aprender, o problema das pequenas povoações e das famílias *nessas* pequenas povoações: na verdade, não havia segredos.

— Sim, bem — disse ele, fungando e endireitando o colete. — Já acabou tudo, e aprendeu-se uma lição. Agora, ajuda-me a limpar isto e, antes de mais nada, vamos ver se percebemos *porque* é que eu tinha esta porra de feitiço, sim?

Aliviado, Rhys mexeu ligeiramente os ombros e avançou mais para dentro da cave.

— Mais tarde, quero ver isto por escrito. De como precisaste da minha ajuda.

— Tudo bem — resmungou Wells, e Rhys riu-se antes de se baixar para apanhar a bolsinha onde estivera o feitiço de amor.

— Cuidado! — avisou Wells. — Isso é magia poderosa. Não faço ideia de onde veio.

Rhys analisou a bolsinha por um momento antes de se virar para Wells, a expressão cuidadosamente estudada.

Não era um bom sinal.

— O feitiço. Estava aqui?

Wells assentiu e percebeu de imediato, pelo sorriso absolutamente perverso que se espalhou pelo rosto de Rhys, que alguma coisa estava muito, muito errada.

O irmão levantou-se e apontou para a caixa rasgada ainda na prateleira de cima.

— E caiu dali?

— Oh, por amor de Deus — murmurou Wells, aproximando-se da prateleira. — Porque é que não me dizes o que estás a pensar, em vez de estares a armar-te em Poirot, hum? — perguntou, já a esticar-se para tirar a caixa. — Fazes cá um espetáculo de tudo, raios te partam.

Wells tirou a caixa com facilidade, colocou-a nas prateleiras mais baixas e abriu-a.

— Seja o que for que ainda aqui esteja, tem de ser eliminado em segurança — garantiu. — Não há como saber quantos mais feitiços perigosos podem...

Wells pestanejou ao ver o conteúdo da caixa, enquanto Rhys se aproximava, espreitando por cima dele.

— Não sei, Wells — reagiu ele, encolhendo os ombros. — Algumas dessas coisas parecem um bocado *ousadas*, talvez, mas não propriamente *perigosas*.

Wells tirou da caixa umas algemas com pelo púrpura, ainda a tentar perceber o que estava a ver, à medida que o

sorriso de Rhys aumentava.

— Parece que houve algum tipo de confusão — disse Rhys, dando umas pancadinhas na parte de fora da caixa, onde, pela primeira vez, Wells reparou num rótulo encardido e rasgado. — E, confesso, pergunto-me... — Inclinou-se mais, para tentar ver o nome do rótulo. — O que vai o *Palácio do Prazer* fazer com toda a porra de feitiçarias que, sem dúvida, agora tem.

— Isto não é... — disse Wells, vasculhando a caixa e pensando por que razão a sua vida ali em Graves Glen parecia envolver falos de plástico. — Não percebo.

Aquele talvez fosse o maior eufemismo que alguma vez usara na vida. Não percebia como é que aquela caixa fora ali parar, não percebia como é que aquela caixa continha, de alguma forma, um feitiço de amor e, garantidamente, não percebia porque se sentia tão completa e dolorosamente atraído por uma mulher que, obviamente, passava todos os momentos livres a pensar em formas de tornar a vida dele o mais desagradável possível.

Porque ele já pensava em beijá-la muito antes de aquele feitiço cair em cima deles.

Rhys ainda segurava a bolsinha de veludo e tirou de lá de dentro um pedaço de papel.

— Acho que isto poderá explicar algumas coisas — disse ele, encostando o papel ao peito de Wells, antes de se virar e se dirigir para as escadas.

Wells olhou para as palavras impressas no papelinho cor-de-rosa, os olhos à procura da palavra «feitiço».

Mas não dizia nada sobre feitiços ou magia, apenas...

— Oh, que porra — murmurou Wells.

Ou possivelmente gemeu.

Do cimo das escadas, Rhys apenas se riu.

Capítulo 14



Gwyn não podia acreditar que estava deitada na cama, a olhar para o teto e a pensar em beijar a porra do Llewellyn Penhallow.

E, contudo...

Lá fora, o Sol acabara de nascer, enchendo o quarto com uma luz quente e acolhedora. Era uma das suas alturas preferidas do dia, o nascer do Sol. O mundo parecia sempre tão calmo, o que significava que a mente também tinha de estar um pouco calma.

Mas, naquela manhã, tinha uma banda completa a tocar na cabeça.

Uma banda completa que incluía macacos-uivadores e criancinhas e *banshees* e...

A gemer, Gwyn tapou a cara com as mãos. Perfeito, agora aquele anormal até *aquilo* lhe tirara, aquela parte pacífica do dia, tudo porque teve a lata de ser tão bom a beijar, apesar... apesar... bem, apesar de tudo acerca dele.

Vivi tinha de estar errada desta vez. Aquele *livro* tinha de estar errado, e quando terminasse o trabalho na loja naquele dia, Gwyn provaria isso a ela própria. Faria o chá mais forte que o ser humano conhece, talvez encontrasse uns dos óculos de ler da mãe para que o Universo tivesse a certeza de que ela estava mesmo séria naquele momento, e dedicaria bastante tempo a pesquisar feitiços de amor. E então poderia provar que aquele tinha sido um beijo causado pela magia, e nada mais.

Acenou firmemente com a cabeça.

— É isso — disse em voz alta para o quarto vazio.

Mas o problema estava no facto de, assim que começava a pensar em como provar que o beijo fora um acaso mágico, começar também a pensar de novo no *beijo propriamente dito*, e foi assim que perdeu mais dez minutos embasbacada a olhar para o teto, ao mesmo tempo que se

perguntava como é que estivera enrolada com um homem que provavelmente usava *coletes de malha*.

— Beijo?

Surpreendida, Gwyn olhou para os pés da cama, onde Sir Purrcival tinha acabado de acordar para se aproximar vagarosamente dela.

— Beijo? — repetiu ele, dando-lhe pancadinhas com a cabeça.

— Não tens piada — disse-lhe ela, mas o gato limitou-se a piscar os olhos lentamente, antes de bocejar e se enroscar na zona quentinha da cama que Gwyn acabara de deixar livre.

As roupas da noite anterior ainda estavam atiradas na cadeira de veludo cheia de tralhas que ela tinha perto da janela, as purpurinas cor-de-rosa a cintilar à luz do Sol, e com uma careta, Gwyn agarrou no monte de roupa e atirou tudo para o cesto da roupa suja. Um breve momento depois, empurrou as roupas para a parte mais funda da pilha de roupa suja.

Longe da vista, longe do pensamento.

Se pelo menos fosse assim tão simples livrar-se de Wells Penhallow.

«A única saída é em frente», disse Gwyn para consigo, com uma careta, ao abrir a porta do *Coffee Cauldron*, uma hora depois.

O familiar e reconfortante cheiro a café moído flutuava sobre ela enquanto se encaminhava para o balcão. Estava cheio naquela manhã e era geralmente sempre assim àquela hora. Mas não fazia mal. Quanto mais tempo conseguisse adiar o inevitável, melhor.

Mas o *Coffee Cauldron* usava um pouco de magia no seu funcionamento — todos os empregados eram bruxos na faculdade —, o que significava que, antes de se aperceber disso, Gwyn já estava ao balcão e Sam sorria para ela.

— O habitual? — perguntou Sam, e Gwyn assentiu antes de se inclinar para a frente e, baixando a voz, interrogar: — O Wells Penhallow vem aqui muitas vezes?

— Humm, o nosso archi-inimigo? Às vezes?

— Por acaso, sabes o que costuma pedir?

Sam pareceu confusa e olhou em volta.

— Certo, vai, tipo... pôr alguma espécie de feitiço no café dele, Glinda? Porque isso não me parece muito fixe, tenho de o dizer.

— Não! — respondeu Gwyn, talvez um pouco alto de mais, pois Sam encolheu-se ligeiramente. Afastando o cabelo dos ombros, Gwyn esforçou-se por sorrir e continuou: — Só preciso de uma oferta de paz.

Sam, graças à deusa, não questionou. Apenas encolheu os ombros e disse:

— Ele geralmente pede um café simples normal.

— Obviamente — murmurou Gwyn, antes de suspirar e entregar-lhe o cartão de débito. — Um desses, então, e o meu habitual.

Gwyn, na verdade, não tinha um «habitual», apenas gostava de dizer aquilo, e Sam gostava de inventar diversas misturas que achava que *poderiam* ser o habitual de Gwyn. Desta vez, resolveu fazer uma espécie de chá de alfazema com baunilha e cardamomo, e Gwyn deu um gole revigorante enquanto se dirigia para a saída do *Coffee Cauldron* e, em seguida, para a loja *Penhallow's*.

Ainda era relativamente cedo, as ruas estavam calmas, o céu tinha a cor azul perfeita que ela associava àquela altura do ano. Havia apenas um ligeiro frio no ar — à tarde, ela sabia que tinha de tirar o casaco que estava a usar por cima da *T-shirt* e que dizia *Cristais&Gatos&Varinhas&Vassouras* —, mas o outono tinha

chegado oficialmente e Gwyn inspirou profundamente, procurou confiança dentro de si e entrou na *Penhallow's*.

Wells estava atrás do balcão, como era habitual, atento a um tipo de livro de contabilidade parecido com o que lhe mostrara na noite anterior, e ao levantar o olhar e vê-la, ela podia jurar que as orelhas dele ficaram um pouco vermelhas.

Isso fê-la sentir-se melhor. Se estivesse tão atrapalhado como ela, pelo menos o campo de jogo não estava inclinado.

Aclarando a garganta, Wells saiu de trás do balcão. Tinha uma camisa azul-marinho com calças de ganga escuras e, para alívio de Gwyn, um colete de malha.

Aquele colete de malha era melhor do que qualquer duche frio. Ela ia comprar-lhe mais. Talvez um com bolinhas.

Endireitando-se um pouco, Gwyn estendeu-lhe o copo de papel com café e disse:

— Trouxe-te isto.

Ele não pegou no copo.

— Está envenenado?

— Sim, finalmente decidi que a única forma de resolver uma insignificante rivalidade comercial era cometendo um homicídio. Boa, Excelentíssimo.

O mais ínfimo vestígio de um sorriso surgiu nos cantos da boca de Wells enquanto ele pegava no copo e o levava à boca.

— Pedi a coisa mais aborrecida que tivessem e acabou por ser precisamente o que pedes habitualmente — disse Gwyn, quando ele bebeu um gole.

— Não há nada de aborrecido num café simples bem feito — reagiu ele, acenando com a cabeça em direção ao copo dela. — Imagino que o teu esteja cheio de purpurinas e lágrimas de unicórnio.

— Já não tinham lágrimas de unicórnio esta manhã. Tiveram de usar *Splenda*.

Aquilo fê-lo sorrir abertamente, e Gwyn teve de admitir que ele na verdade tinha um belo sorriso. Provavelmente, fazia-lhe doer a cara, uma vez que todos aqueles músculos deviam estar muito mais habituados ao ar carrancudo, ainda assim...

— Então, porque é que me trazes uma chávena de café aborrecido e não envenenado, esta manhã? — perguntou Wells, e Gwyn inspirou profundamente.

— Oferta de paz — respondeu ela, e ele ergueu as sobrancelhas.

— Humm.

Pousando o copo no balcão ao seu lado, Gwyn cruzou os braços sobre o peito e deu a si própria um abanão mental.

«Tu és o raio da Gwynnevere Jones», lembrou a si própria. «És uma mulher adulta que não vai ficar atrapalhada porque beijou um tipo, vá lá.»

— Olha — disse ela a Wells. — Ontem à noite, foi um momentâneo lapso de sanidade que ocorreu devido a um estúpido feitiço de amor que não tinha nada de estar nesta loja. — Wells franziu a testa, olhando para o seu copo, mas não a interrompeu, por isso Gwyn não se deteve. — Mas o que se passa é que não teríamos sido apanhados naquela parvoíce do feitiço de amor se não andássemos nesta luta estúpida sobre as lojas. Por isso, proponho tréguas.

Wells pousou o copo no balcão e encarou-a, imitando-lhe a pose. Isso fazia com que aquele colete de malha estúpido e completamente não *sexy* se esticasse sobre o peito surpreendentemente largo com o qual agora, infelizmente, Gwyn estava muito mais familiarizada, mas ela só afastou o olhar da cara dele por um momento ínfimo.

— Estou... recetivo a isso — concordou ele. — Quais são os termos?

— Um. — Gwyn levantou um dedo. — Nunca mais dizes «recetivo» e talvez possas começar a praticar frases

do século XX, algo como «isso parece-me bem!» ou uma coisa do género. Dois. — Levantou outro dedo. — Tu ficas no teu lado da rua e eu fico no meu. Eu trato do meu negócio, tu tratas do teu, e...

— Nunca os dois se hão de encontrar, já percebi.

— Não ouviste mesmo nada do que eu disse no ponto um, pois não?

Ignorando aquilo, Wells levantou uma sobrancelha.

— Há um ponto três, ou já esgotámos esta conversa cansativa?

— É mais ou menos isto — disse Gwyn, e estendeu a mão. — Concordas?

Wells baixou o olhar para a mão dela, e Gwyn apercebeu-se subitamente de que apertarem as mãos significava tocarem-se. E tendo em conta tudo o que se tinham tocado na noite anterior, talvez mesmo uma coisa tão segura como um aperto de mão não fosse a melhor das ideias.

Talvez ele estivesse a pensar em algo similar, porque aclarou novamente a garganta e, quando Gwyn olhou para ele, apercebeu-se de que... bem, não estava propriamente corado... mas havia definitivamente algum rubor a subir-lhe pelo pescoço. E ela teve uma memória muito visceral de, na noite anterior, ter querido pôr a boca ali, mesmo na cova entre as clavículas, e que...

Wells agarrou-lhe a mão e os dedos de Gwyn fecharam-se automaticamente. Então, graças à deusa, o momento

acabou e a mão dela estava a salvo.

— Então, agora somos amigos? — perguntou Wells, dobrando os dedos sobre a ilharga. — Colegas? Compatriotas?

— Somos... vizinhos — decidiu ela. — Afáveis proprietários de negócios que partilham um espaço.

Wells assentiu.

— Por mim, tudo bem.

— E — acrescentou Gwyn, apontando para ele —, como tua vizinha e parceira no mesmo ramo de negócios, gostaria de saber se te livraste daquela caixa de feitiços.

Por um segundo, tremeluziu na cara de Wells uma expressão bastante estranha, o que fez Gwyn franzir o sobrolho.

— Livraste-te daquilo, certo?

— Claro — respondeu ele, e fez novamente uma pausa, como se quisesse dizer mais alguma coisa. Mas, fosse o que fosse, claramente decidiu não o dizer, pois abanou a cabeça e garantiu: — Tudo resolvido, nunca mais será um problema. Promessa de bruxo.

Aquilo não era nada de palpável, mas Gwyn aceitou.

— Ótimo. Bem. Vejo-te.... quando te vir, Excelentíssimo.

Ele fez-lhe uma pequena saudação engraçada como resposta que a fez revirar os olhos, ao mesmo tempo que se ria, completamente aliviada.

Então, aquilo estava resolvido. Uma pequena falha da magia, algo que podia pôr de lado e esquecer. Por esta altura, na próxima semana, provavelmente já nem se lembraria daquele beijo.

Capítulo 15



Estava tudo muito mais calmo, refletia Wells, enquanto dispunha novos amuletos no balcão da *Penhallow's*, agora que não andava em disputas com Gwyn Jones.

Tinha passado uma semana desde o... incidente na cave e, depois de Gwyn lhe oferecer um café e tréguas, quase não a vira. Ocasionalmente, abriam ou fechavam as lojas ao mesmo tempo. E acenavam cordialmente um ao outro quando isso acontecia. Não havia discussões nem tentativas de um superar o outro. Apenas dois comerciantes com um Relacionamento Profissional apropriado, tudo muito civilizado.

Por isso, sim, estava tudo muito mais calmo.

E também, teve de admitir, tudo muito mais chato.

Deu por si a espreitar novamente pela montra da frente, coisa que ultimamente fazia com mais frequência. Wells dizia sempre a si próprio que era para ficar de olho em

potenciais clientes, mas na verdade esperava ter um vislumbre do cabelo vermelho dela, e aquilo era tão patético que mal o conseguia suportar. Era, claramente, no que dava ter vivido uma vida relativamente celibatária durante muitos anos. Um beijo e andava praticamente a suspirar. Estaria a rabiscar «Senhor Llewellyn Penhallow-Jones» num bloco de notas a seguir.

E Gwyn deixara bastante claro que não andava a fazer o mesmo.

«Devias ter-lhe contado sobre o “feitiço”, seu idiota», lembrava-lhe uma voz na cabeça, e ele suspirava, fechando o vidro do expositor.

— Para quê? — murmurou em voz alta, no preciso momento em que a campainha da porta soou.

Outro estúpido salto do seu coração, na esperança de que fosse ela — embora soubesse que, se Gwyn o ouvisse a dizer «para quê», isso levá-la-ia certamente a gozar com ele —, mas ao olhar para a porta percebeu que não era Gwyn, mas outra mulher, ligeiramente mais baixa, toda vestida de preto. O cabelo também era preto, tão escuro que tinha um brilho praticamente azulado à luz do candeeiro.

A pele era clara, os lábios de um carmesim vivo e a magia que irradiava era tão forte que Wells quase deu um passo atrás. Não sentia um poder como aquele há... bem... na verdade, nunca o tinha sentido. E a família dele estava cheia de bruxos poderosos.

— Bom dia — saudou ele, saindo de trás do balcão. Ela voltou-se para ele, os lábios de um vermelho-vivo a transformarem-se num sorriso.

— Llewellyn — disse ela, e fez uma pausa enquanto os olhos dele lhe observavam o rosto à procura de algo familiar. De certeza que se lembraria dela. Não só por ser bonita — embora certamente fosse —, mas pela sensação, como que de eletricidade, que vinha dela. Wells estava meio à espera de que os seus próprios cabelos ficassem espetados.

— Desculpe, mas conhecemo-nos? — perguntou ele, e ela riu-se, agitando a mão elegante.

— Oh, na verdade, não — replicou ela, com uma ligeira pronúncia sulista, arredondando as vogais. — Andámos em Penhaven na mesma altura, mas creio que nunca chegámos a falar.

Ah. Isso explicava tudo. Ele tinha andado com o nariz tão enfiado nos livros no pouco tempo que passou em Penhaven que era uma sorte ainda ter nariz.

— Sou a Morgan. Morgan Howell — apresentou-se ela, estendendo a mão para Wells a cumprimentar. Ele lembrou-se da manhã em que tocou brevemente na palma da mão de Gwyn, como imediatamente teve perceção da pele dela, do calor que emanava, como um gesto tão simples o

deixara a abrir e a fechar a mão o dia todo para continuar a sentir o toque dela.

Não houve uma dessas faíscas com Morgan, o que era tanto um alívio — ele não desenvolvera uma espécie de fetiche por apertos de mão — como também ligeiramente irritante, porque era mais um item na coluna que dizia «Wells É um Imbecil com uma Paixoneta Completamente Inapropriada».

— A sua loja é linda — elogiou Morgan, gesticulando em volta, e Wells enfiou as mãos nos bolsos, baloiçando um pouco nos calcanhares. Era uma sensação nova, este orgulho no seu negócio, e ele estava a gostar bastante da sensação, tinha de admitir.

— Obrigado. Estamos abertos há poucas semanas, mas até agora tem corrido bem.

— E compreendo porquê — disse Morgan, observando as prateleiras bem organizadas, o reflexo opaco dos diversos amuletos, o crepitar do lume na lareira.

Desviou, então, os olhos escuros para ele, e Wells teve a sensação de que ia ser avaliado, tal como a loja tinha sido.

— Mas nada aqui é... verdadeiro — acrescentou ela.

— Oh, é tudo muito *verdadeiro*, garanto-lhe — respondeu Wells, batendo na prateleira onde se

encontravam os grimórios. — É só que nenhuma das coisas é mágica.

Sorrindo, Morgan estendeu uma mão com o gesto de quem enxota alguma coisa.

— Era, obviamente, o que eu queria dizer — continuou ela, e Wells apercebeu-se de uma inclinação muito ligeira da sua cabeça e da covinha que lhe apareceu na face.

Ela estava a *namoriscar* com ele.

E se ele tivesse algum bom senso, responderia namoriscando com ela. Era uma mulher bonita e também uma bruxa poderosa, e estava claramente interessada em mais do que nos seus produtos. Mulheres como aquela não eram fáceis de encontrar.

Mas, então, sentiu-se novamente de olhos postos na janela da frente.

Morgan seguiu-lhe o olhar.

— A Gwyn Jones ainda gere a *Something Wicked*, certo? — perguntou ela, fazendo Wells voltar à realidade.

— Sim, é verdade — respondeu ele. — Tem, como ela própria diz, «uma onda diferente», mas é uma bela loja, à sua maneira.

— A Gwyn foi sempre explosiva — refletiu Morgan, ainda a olhar pela janela da frente, e Wells não conseguiu evitar sorrir.

— Isso não mudou, posso garantir.

Morgan virou-se então para ele, com o olhar de quem o avaliava:

— Vocês os dois estão.... — interrogou, de forma sugestiva, e Wells conseguiu sentir-se envolvido numa espécie de discurso horrivelmente púdico, gaguejando e com palavras formais como se estivesse numa comédia romântica medonha.

Em vez disso, afastou-se da janela, soltando o que esperava ser uma gargalhada descontraída.

— Oh, não — assegurou, ao mesmo tempo que o seu cérebro era assaltado por visões das mãos no cabelo dela, os lábios dela a abrirem-se sob os seus. — Apenas colegas proprietários de lojas locais. E... familiares, acho eu. A prima dela é casada com o meu irmão.

Morgan assentiu.

— Ouvi falar disso. E, atualmente, é a família Jones que domina a magia na vila, não é?

Wells assentiu, à espera da irritação que normalmente sentia quando esta lembrança surgia. Mas isso não aconteceu desta vez. Talvez porque estava em Graves Glen há tempo suficiente para ver como as coisas pareciam correr tranquilamente. Para ver como o irmão estava feliz.

Talvez, apesar de nunca o dizer em voz alta, o pai estivesse, de facto... enganado.

Não caiu um raio do céu para o chamuscar por esse pensamento desleal, por isso Wells acrescentou:

— E também a fazer um trabalho fantástico.

Morgan sorriu outra vez, ajeitando uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

— É precisamente por isso que aqui estou — revelou ela. — Depois de Penhaven, fui para Charleston e juntei-me ali a uma congregação de bruxas. Não me interprete mal, tem sido ótimo, mas Rhiannon sabe que Charleston tem imensas bruxas, o que significa imensas congregações, e eu estava a sentir-me um bocadinho perdida naquela confusão. Achei que poderia ser agradável mudar-me para uma vila mais pequena, mais perto de uma fonte de magia direta. E quando soube que esse poder estava agora a ser canalizado através da Gwyn e da sua família, pensei que este era o momento certo para voltar.

Procurou no bolso do casaco e tirou um envelope de cor creme que tinha o nome dele escrito com uma letra elegante e um selo de cera púrpura na parte de trás.

— Arranjei uma casa mesmo nos arredores da vila, perto da faculdade, e vou dar uma pequena festa de inauguração na sexta-feira à noite. Apenas bruxos da vila — convidou ela, com mais um dos seus argutos sorrisos. — Espero que possa aparecer.

O convite era pesado, o papel espesso e caro, e Wells teve de admitir que ficou um pouco impressionado, apesar

de haver alguma coisa na história de Morgan que... bem, não o *incomodava* propriamente, mas também não batia certo. Wells podia não ter tido muitos clientes no *The Raven and Crown*, mas não se gere um bar durante anos sem se aprender a ler as pessoas.

E, naquele momento, Morgan estava a esforçar-se um bocadinho de mais.

Pensou novamente no que Bowen tinha dito, como as mudanças do poder da magia podiam atrair todo o tipo de más pessoas.

Seria por isso que Morgan estava ali?

Essa, lembrou Wells a si próprio, fora a razão que o levara até ali. Para ter algum préstimo para a vila que o seu antepassado fundara e mantê-la em segurança.

Por isso, retribuiu o sorriso a Morgan, dando pancadinhas na palma da mão com o convite.

— Não a perderia por nada.

— Já disse o quanto vou sentir a vossa falta?

Gwyn estava sentada de pernas cruzadas na cama de Vivi e Rhys, a observar a prima a acabar de fazer as malas. Ou, pelo menos, essa versão de Vivi, porque ela tinha as

malas prontas há semanas, tanto quanto Gwyn sabia, mas acabava sempre por fazer aquilo, tirava tudo e fazia uma reorganização minuciosa para o caso de se ter esquecido de alguma coisa.

Enquanto Vivi dobrava uma saia e a colocava na mala aberta ao lado da perna de Gwyn, abanou ligeiramente a cabeça, fazendo com que o cabelo louro lhe roçasse os ombros.

— Voltamos antes que dês por isso. De qualquer modo, as semanas antes do Samhain são sempre caóticas, vais estar demasiado ocupada para sentir a minha falta.

Gwyn soltou um suspiro dramático e deitou-se para trás na cama.

— Tens razão, eu sei que tens razão. — Virou-se, apoiando-se num cotovelo, e semicerrou os olhos para Vivi. — Oh, e contigo e com a mãe fora, isso faz de mim a chefe de família. — Vivi riu-se e isso encorajou-a, fazendo-a levantar-se. — A matriarca — continuou. — Bruxa Chefe ao Comando. *Rainha* Bruxa. Vou estar embriagada de poder quando voltares para casa. Toda Galadriel, linda e terrífica.

Vivi zurziu Gwyn com uma das camisolas que ia dobrar e sorriu.

— Certo, agora acho que estás a tentar convencer-me a ficar em casa.

— Oh, não vai haver nada disso — anunciou Rhys, entrando no quarto. Trazia uma cerveja, o cabelo preto

desgrenhado, e Gwyn podia jurar que Vivi *desfaleceu*. Quem é que desfalece com o próprio marido?

Gwyn olhou para lá de Rhys e viu Wells ali em pé. Apercebera-se de que Rhys lhe abrira a porta pouco antes, presumindo que ele também passara por lá para se despedir, uma vez que Rhys e Vivi iam para fora durante um tempo completamente ilegal na manhã seguinte.

Wells também tinha uma cerveja na mão e, apesar de o cabelo estar um bocadinho mais alinhado do que o de Rhys, parecia definitivamente mais casual do que o habitual, com calças de ganga e uma camisola de decote em V.

E a sensação que teve no estômago *não* foi, garantidamente, um desfalecimento.

Gwyn sentou-se e pôs uma perna debaixo da outra, ajeitando o cabelo ao mesmo tempo.

— Estava só a lembrar a tua mulher que, com ela fora, eu serei a bruxa mais importante da vila e, por isso mesmo, estava a planear o meu reinado tirânico e sedento de poder.

— E a vila estremece — respondeu Rhys, aproximando-se de Vivi e colocando um braço à volta da cintura dela. Ela aproximou a cara da dele e Rhys beijou-a, e Gwyn viu Wells fazer uma pequena careta.

— Estão sempre a fazer isto — disse-lhe ela. — É do pior.

— De facto — murmurou Wells, com os lábios encostados ao gargalo da garrafa de cerveja. Ao beber um gole, olhou de relance para ela e quando os olhos de ambos se encontraram, Gwyn quase podia jurar que houve um breve e conspirador piscar de olhos.

— *Vocês* os dois é que são do pior e eu não me vou acanhar por beijar a minha maravilhosa mulher na minha própria casa — retorquiu Rhys, apontando para Wells e depois para Gwyn, que levantou as mãos, rendendo-se.

— Tudo bem, admito, o vosso apartamento é o lugar correto para esse tipo de coisas.

— Oh, vá lá — respondeu Rhys. — Qualquer lugar é o sítio correto para beijos apaixonados. Apartamentos. Carros. Bibliotecas. — Um dos cantos da sua boca levantou-se um pouco. — Caves...

Vivi deu-lhe uma cotovelada e ele encolheu-se exageradamente, ao mesmo tempo que Wells lhe lançava um olhar sombrio. Gwyn, por seu lado, só desejava não corar. Eram todos adultos, porra. Ela podia não levar tão a sério uma piadinha sobre uma treta de um beijo.

— Sabes uma coisa, Rhys — disse-lhe ela. — Quando eu for a Rainha Bruxa, posso mandar executar-te por esse tipo de coisas.

— E, embora eu venha a liderar ativamente uma resistência contra a maléfica soberania da Rainha Bruxa Gwyn, irei apoiá-la nesta questão em particular — acrescentou Wells, apontando com a ponta da garrafa para Rhys.

O irmão fez uma careta, olhando para um e para o outro.

— Esperem. Esperem, não, eu detesto isto. Voltem a ser maus um para o outro, por favor.

Vivi riu-se.

— É bem feito — disse ela, e Gwyn fixou de novo os olhos de Wells. Ele estava com um ligeiro sorriso, mais descontraído e relaxado do que costumava estar, e ela teve de admitir que isso era... agradável. Ter outra pessoa com quem partilhar trocas de olhares quando o Rhys e a Vivi estavam a Dar o Máximo. Talvez não fosse assim tão mau ter Wells por perto, especialmente se ele conseguisse ser *aquele* Wells.

Só que aquele Wells também lhe provocava um formigueiro nos dedos com a vontade de lhe tocar na camisola para ver se era tão macia quanto parecia. Deslizar as mãos por baixo da camisola e sentir a pele dele, quente e maciça sob as suas mãos. E...

Gwyn afastou o olhar tão depressa que teve a certeza de que os seus olhos fizeram um estalido audível.

— Continuo a não gostar disto — prosseguiu Rhys. — Eu a fazer as malas antes de ti, a Gwyn e o Wells todos amiguinhos, o Wells a ter um encontro... O mundo está todo ao contrário.

Gwyn olhou de novo para Wells, com as sobrancelhas levantadas.

Ele tinha todo o direito de ter encontros, claro. Ele *devia* ter encontros. Wells a ter encontros era positivo por

todo o tipo de razões que ela tinha a certeza de que se lembraria nos próximos segundos, mas houve aquela minúscula sensação de alívio que a atravessou quando Wells revirou os olhos e disse:

— Pela porra da última vez, não é um encontro.

— Tens a certeza? — perguntou-lhe Gwyn. — Tenho noção de, seja quem for essa mulher, provavelmente não pediu permissão ao teu pai para te cortejar, mas para as outras pessoas que não são viajantes do tempo vindos de 1823, pode ser considerado um encontro.

Wells fez um semblante carregado, ao mesmo tempo que Rhys desatava a rir.

— Posso assegurar-te de que não é um encontro — repetiu ele, mas como não acrescentou informações adicionais, Gwyn ficou na dúvida.

Não que ela tivesse alguma coisa que ver com isso.

Levantando-se da cama, inclinou a cabeça na direção da mala de Vivi.

— Acho que atingiste a Utopia de Arrumação de Malas, Viv.

Só mais uma coisa.

Gwyn foi buscar a carteira que atirara despreocupadamente para um canto da cama ao entrar e tirou uma ametista. Mexeu-a entre o polegar e o indicador.

— Nunca saias de casa sem isto!

Inclinando-se, colocou o cristal entre as coisas de Vivi e pôs a mão por cima, sentindo a pedra fria contra a palma da mão quente. Era um feitiço que já fizera milhares de vezes, uma proteção muito simples que garantia que a bagagem de Vivi não se perderia.

Uma vez que os talentos mágicos de Rhys lidavam com a sorte, especialmente em tudo o que estivesse relacionado com viagens, não havia grande hipótese de isso acontecer, mas Gwyn queria, ainda assim, enviar um bocadinho de casa com Vivi.

Um bocadinho dela.

Pensou nas palavras do feitiço e esperou que a sensação de calor alastrasse dos dedos dos pés ao braço e daí à mão em cima da ametista.

Não aconteceu nada.

Abriu os olhos, a sobrancelha a tremer ao olhar para a mão.

— Gwyn? — perguntou Vivi, e a prima levantou o olhar para a encarar, sorrindo, apesar de os sinos de alarme estarem a tocar na sua cabeça.

— Não é nada — garantiu ela. — Não estava suficientemente concentrada.

Desta vez, não se limitou a dizer as palavras para si. Disse-as em voz alta, o mais alto que pôde, os olhos muito fechados, pequenas gotas de suor a escorrerem pela testa.

Sentiu de imediato a magia percorrê-la, o cristal ficar quente, e riu-se, um pouco ofegante.

— Pronto — disse Gwyn, endireitando-se, antes de abrir e fechar a mão várias vezes, agitando-a como se a estivesse a despertar. — Isto foi estranho.

Mas Vivi não estava a rir e até Rhys mantinha um semblante sério. Wells estava atrás dela, por isso Gwyn não conseguiu ver-lhe a expressão, ainda assim conseguia sentir como olhava para ela.

— O que foi? — interrogou, olhando em redor. — Está tudo bem! Estava a ser preguiçosa e a magia foi tipo, «nada disso, não estás na onda, miúda», a seguir empenhei-me um bocadinho mais e *voilà!*

Gwyn sabia que isso podia acontecer. Afinal, a magia era uma coisa selvagem. Às vezes, não cooperava.

Só que nunca lhe acontecera antes.

Voltou a agitar os dedos, lançando depois pequenos salpicos de faíscas douradas no ar só para ter a certeza, evocou um rápido feitiço de luz, uma esfera brilhante a pairar sobre o seu ombro.

Tentando não parecer tão aliviada como se sentia, Gwyn encolheu os ombros.

— Perfeito.

— Futura Rainha Bruxa garantida, então — brincou Rhys, e os ombros de Vivi relaxaram.

— Desculpem — disse ela, um pouco envergonhada. — Acho que depois de tudo o que se passou o ano passado com a maldição e a magia do Rhys, fiquei um pouco paranoica.

— Compreensível — reconheceu Gwyn. — Mas não tens de te preocupar com nada. Vão lá para a vossa grande lua de mel e não pensem neste sítio nem por um segundo. Vou ter tudo completamente sob controlo.

— E tens o Wells — acrescentou Rhys, fazendo um gesto na direção do irmão, com um ligeiro brilho perverso no olhar. — Vocês os dois defendem maravilhosamente o forte. Como uma equipa.

Gwyn olhou para trás por cima do ombro e viu Wells tão horrorizado com a ideia como ela.

Mesmo assim, ela esforçou-se por sorrir.

— Claro. Uma equipa.

Capítulo 16



— Estou com a sensação de que fiz asneira da grossa.

Estas são palavras que nunca queremos ouvir vindas de um bruxo, e Gwyn, atrás do balcão na *Something Wicked*, franziu o sobrolho ao olhar para cima.

Estava uma tarde cinzenta e chuvosa, o tipo de tempo que costuma manter as pessoas em casa e longe das lojas, por isso Gwyn permitira que Sam, Cait e Parker treinassem feitiços na sala dos fundos.

Obviamente, não uma das suas melhores ideias, dada a cara com que Parker espreitava naquele momento por trás da cortina.

Com um suspiro, Gwyn saiu de trás do balcão.

— A Vivi só se foi embora esta manhã — disse ela —, e vou ficar muito desiludida convosco se tiverem criado algum

tipo de desastre mágico nas menos de doze horas desde que ela partiu.

— Estão a ser dramáticos! — garantiu Cait, do interior da sala das arrumações. Quando Gwyn afastou a cortina, viu os dois jovens no chão, rodeados por pedacinhos de pergaminho, alguns sacos de ervas diversas e um monte de pedaços de cera. No centro, um pequeno caldeirão pendurado sobre uma chama rosada, com o conteúdo leitoso a borbulhar.

— Certo, quando eu disse que podiam praticar aqui, não sabia que iam fazer velas — observou Gwyn, cruzando os braços sobre o peito, ao mesmo tempo que Sam e Cait trocavam olhares ligeiramente culpados.

— Bem — disse Sam —, achámos que, se lhe disséssemos, ia dizer-nos que não. E este é o *melhor* sítio para praticar coisas de feitiçaria!

Gwyn não podia discordar dela nesse ponto. Sempre gostara daquela sala da *Something Wicked*. Podiam chamar-lhe «sala das arrumações», mas era, na verdade, um sítio mágico, acolhedor e repleto de cortinas de veludo e castiçais a brilhar nas paredes, com tapetes por baixo. Um feitiço leve impedia os clientes de ali entrarem sem querer, e Vivi, Gwyn e Elaine redecoravam-na à vez com magia ao gosto de cada uma. Neste momento, ainda estava como Vivi

a deixara, mas Gwyn acrescentara alguns toques pessoais. Uma planta pendurada num canto, uma janela à esquerda onde parecia sempre que estava a chover.

Por isso ela não podia culpar os Bruxos Bebés por quererem passar tempo ali. *E*, como alguém que vivera a maior parte da vida a pedir desculpa, em vez de permissão, Gwyn achou que era *karma*.

— Em que é que fizeram asneira, ao certo? — perguntou, sentando-se no círculo deles.

Parker passou-lhe uma vela com a cera ainda grumosa e um pouco quente.

— Apenas parece errado — disse, sacudindo o cabelo escuro da frente dos olhos. — Estava a tentar fazer um encantamento calmante, percebe. Para que, quando fosse acesa, a pessoa se sentir toda *zen*. Mas não tenho essa sensação.

Gwyn também não estava a senti-la e fechou os olhos, tentando perceber o que se passava com a vela.

Quando regressara da casa de Vivi, na noite anterior, esforçara-se até à exaustão testando a sua própria magia. Usou-a para preparar um bule com chá, estalou os dedos e acendeu todas as luzes de casa e depois apagou-as todas. Tinha até posto as garras de Sir Purrcival púrpura e uma linda fita entre as suas orelhas. (Ele ainda estava a usá-la.

Quando usou magia para a tentar tirar, ele gritara «Lindo! Linnnnnnndo!», até ela voltar a repô-la.)

O que quer que tivesse ocorrido com aquilo do cristal, fora apenas um acaso, um pequeno momento estranho, embora restasse ainda uma pequena centelha de preocupação a remoê-la enquanto evocava a sua magia.

Mas agora estava a funcionar, aquela sensação calorosa espalhava-se por ela e, passado um segundo, sorriu.

Gwyn abriu os olhos e devolveu a vela a Parker.

— Não há nada de errado com o encantamento em si. Está lá.

Parker suspirou de alívio e a seguir fez uma careta para a vela que tinha na mão.

— Então, porque...

— É só feia — interrompeu Gwyn. — É isso que estás a sentir. O feitiço é bom, a arte de elaboração da vela é que é uma porcaria.

Cait aplaudiu.

— Diga-lhe, Glinda!

Parker fez uma careta, gesticulando para Cait.

— Está bem, peço desculpa por não ser espetacular em artes e ofícios no acampamento de férias ou sei lá, mas

ouviste a Gwyn. O *feitiço* está bom e é isso que interessa.

— Não exatamente — corrigiu Gwyn, levantando-se. — São todas as partes do feitiço que resultam juntas. Sim, a parte da magia está bem feita, mas se ninguém quiser comprar a vela, ou se acharem que parece *mais ou menos* um pénis a derreter-se, então o feitiço não pode realmente cumprir o seu objetivo.

Parker ainda parecia infeliz, mas, um segundo depois, assentiu.

— Certo, faz sentido.

— Devia estar a dar aulas na faculdade, Gwyn — disse Sam, com os olhos quase a brilhar por trás dos óculos. — É muito melhor nestas coisas do que a nossa *atual* professora de Fazer Velas para Rituais.

— Ainda é a professora McNeil? — perguntou Gwyn. Lembrava-se daquelas aulas e da mulher verdadeiramente assustadora que as ensinava. Tinha passado, claro, mas por uma unha negra.

Os três bruxos assentiram com tristeza e Gwyn riu-se, dando uma pancadinha no ombro de Sam.

— Vão sobreviver, prometo. E Penhaven já reivindicou uma das bruxas Jones. Não pode ter outra.

— Mesmo assim — disse Cait, agarrando noutra mão-cheia de pedaços de cera e atirando-os para o caldeirão. — Obrigada, Glinda.

Gwyn sorriu para ela, e, sim, talvez se tivesse sentido um pouco aconchegada e feliz com a ideia de ensinar aqueles miúdos. Não significava que quisesse trabalhar na faculdade, mas, tinha de admitir, era agradável partilhar o conhecimento, ver a admiração nos rostos deles.

Eles deviam ir ali mais vezes treinar os seus feitiços.

A cera agitou-se dentro do caldeirão, uma bolha grande rebentou à superfície, salpicando o tapete com um ténue crepitar que fez com que Cait desse um gritinho enquanto Parker se afastava e Sam se inclinava para trás, batendo numa taça com ervas e espalhando pedacinhos verdes por todo o lado.

Bem, talvez precisassem de outro sítio para praticar magia.

Da entrada, Gwyn ouviu o corvo sobre a porta crocitar e virou-se para os bruxos, apontando-lhes o dedo.

— Se pegarem fogo à minha loja enquanto estiver lá fora, transformo-vos a todos em salamandras.

— Isso não é bem assim — disse Parker, e Gwyn semicerrou-lhe os olhos.

— Querem testar essa teoria?

— Não queremos — responderam os três ao mesmo tempo, e Gwyn acenou firmemente com a cabeça.

— Muito bem.

Na verdade, dava trabalho ser a matriarca.

Afastando a cortina, Gwyn dirigiu-se para a loja.

— Gwyn!

Gwyn não via Morgan Howell há dez anos, mas reconheceu-a de imediato. Tinha o cabelo mais curto, com um corte elegante, e estava a usar uma roupa que *parecia* simples, mas que devia ter custado mais do que a hipoteca do chalé.

Também usava aquele que, provavelmente, era o melhor batom vermelho que Gwyn alguma vez vira, o que a fez subir imediatamente imensos pontos aos olhos de Gwyn.

— Morgan! — disse ela, avançando para lhe dar um abraço. — O que te traz a Graves Glen?

Não era invulgar ver bruxos com quem tinha frequentando a faculdade. Não ficavam muitos em Graves Glen, mas geralmente voltavam sempre, mesmo que fosse só para visitar.

Gwyn assumiu que era o que Morgan estava a fazer, por isso ficou surpreendida quando Morgan respondeu:

— É altura de mudar de ares.

Afastou-se, ainda com as mãos nos ombros de Gwyn.

— Ouvi dizer que ainda geres esta loja, e tive de vir comprar alguma coisa para mim.

Gwyn riu-se, acenando com a cabeça para a prateleira perto de Morgan.

— Não diria que eras o tipo de rapariga que gosta de autocolantes-para-pôr-no-teto-que-brilham-no-escuro, mas *adoro* ser surpreendida.

Morgan deu uma vista de olhos e pegou numa das embalagens. As unhas tinham a mesma cor vermelha dos lábios e num dos dedos reluzia um anel com uma enorme esmeralda encastrada em ouro antigo.

— Estes vendem-se bem? — perguntou. Gwyn assentiu.

— Acredita em mim, material barato de plástico paga as contas todos os anos. Estrelas, abóboras, pequenos caldeirões...

Morgan ficou a observá-la por um momento, com uns olhos negros pensativos.

— E é só isso que há nesta loja? Este tipo de... bugigangas?

Gwyn não gostava muito daquela palavra, ou do modo como Morgan a disse, mas defender uma abóbora que piscava e com um *BOO!* escrito não era exatamente uma tarefa em que quisesse dar o seu máximo.

— Sim — respondeu, mantendo um tom animado. — É demasiado perigoso vender material a sério. Temos muitos turistas e já há magia tão forte na vila. Não vale a pena arriscar.

Morgan levantou as sobrancelhas, erguendo um canto da boca.

— Não sei. A melhor magia é sempre um bocadinho arriscada, não é?

Agora foi Gwyn a levantar as sobrancelhas. Morgan estava a namoriscar com ela? Porque aquele era o tipo de deixa sexy-mas-perigosa que é habitual dizer-se antes de uma pessoa se aproximar da outra, fechar um pouco as pálpebras e isso tudo.

Mas Morgan estava de olhos diretamente postos nos dela, e Gwyn fez um esforço para se rir e disse:

— Porque é que isso me soa a um lançamento inicial para uma espécie de esquema comercial multinível baseado em magia?

Morgan sorriu, mas desviou o olhar de Gwyn.

— Estou a falar a sério! — garantiu ela. — Nunca fazes nada mais profundo do que isto? Lembro-me de que eras muitíssimo talentosa. Aquela folha na aula da doutora Arbuthnot! Demorei dez anos até conseguir fazer um feitiço de transformação como aquele, e mesmo nessa altura nada tão impressionante como o teu.

Gwyn gostava de elogios como qualquer rapariga, mas havia algo de ligeiramente ávido no olhar de Morgan que não lhe agradava, qualquer coisa que a fazia sentir-se desconfortável.

— O que posso dizer, atingi o pico precocemente — reagiu ela, e depois fez um gesto na direção da rua. — Agora uso os meus talentos para coisas como os comités de planeamento da vila.

Morgan viu o cartaz a anunciar o Encontro Anual de Graves Glen, que ocorreria em breve, e batucou com as unhas na prateleira à sua frente.

— Esqueci-me de todos os festivais e festas que a vila organiza. — Virou-se para Gwyn e fez um grande sorriso. —

Talvez eu possa ajudar.

— Claro — concordou Gwyn, interrogando-se novamente sobre porque é que aquele ténue alarme não parava de lhe ressoar na cabeça. — Eu sei que a nossa presidente Jane precisa sempre de ajuda extra.

Morgan assentiu e logo em seguida agarrou em várias embalagens das estrelas.

— E sabes que mais, se calhar *sou* o tipo de rapariga que gosta de autocolantes-para-pôr-no-teto-que-brilham-no-escuro — disse ela. — Só há uma maneira de saber.

— Ótima escolha. Eu sugeria também veres se és uma rapariga tipo chapéu-de-bruxa-de-papel-maché, mas cada coisa a seu tempo.

Aproximaram-se da caixa registadora e, enquanto Gwyn registava as compras de Morgan, esta inclinou-se sobre o balcão, enchendo a sala com o seu perfume de sândalo.

— Na verdade, eu tinha outro motivo para vir aqui hoje — revelou, e depois procurou na sua carteira e retirou um envelope.

O nome de Gwyn estava escrito em letra cursiva na parte da frente, e ao pegar nele, os dedos de Morgan tocaram muito ligeiramente nos dela.

— Vou dar uma pequena festa esta sexta-feira. Uma espécie de inauguração da casa. Gostaria muito que pudesses ir.

Gwyn observou o envelope, dirigindo os olhos para o selo de cera atrás.

— Deduzo que seja o tipo de festa com vestidos elegantes e vinho, e não um churrasco no quintal — disse ela, e Morgan riu-se.

— Está um bocadinho exagerado, eu sei, mas *c'est moi*.

— Não, está ótimo — retorquiu Gwyn. — Terei todo o prazer em ir.

— Excelente! — respondeu Morgan, pegando no embrulho com as estrelas brilhantes de Gwyn. — Então, vemo-nos na sexta-feira.

Fez uma pequena pausa, a sobrancelha a tremer-lhe ligeiramente enquanto sentia um cheiro no ar.

— Está... a arder o cabelo de alguém?

—

Obrigada pelo convite e aprecia o autocolante se vemo-nos na sexta! — praticamente gritou Gwyn, saindo a toda a pressa de trás do balcão e abrindo a cortina que dava para a arrecadação.

Sam, Cait e Parker estavam todos em pé junto da entrada, com um olhar acanhado, e Cait a agarrar na ponta da sua trança. Ainda saia fumo da vela que Parker tinha na mão e Sam murmurou:

— Eu nem sequer sei o que é uma salamandra. É um lagarto, certo? Não quero nada ser um lagarto.

Olhando fixamente para os três, Gwyn sibilou:

— O que é que eu disse sobre queimarem coisas?

— Pedimos desculpa! — disse Cait. — Mas... oh, deuses, a *Morgan Howell* convidou-a para ir a *casa dela*?

O trio olhava para ela com expressões de expectativa, e Gwyn franziu o nariz.

— Porque é que dizes o nome dela assim? Como se ela fosse uma estrela de cinema ou uma daquelas famosas que fazem aqueles minivídeos que vocês estão sempre a mandar-me?

— A Morgan Howell é melhor do que qualquer estrela de cinema *ou influencer* — respondeu Parker. — Ela é, tipo... a bruxa mais fantástica de sempre.

— No outro dia — apressou-se Sam —, ela foi ao *Coffee Cauldron* e eu perguntei-lhe que batom é que ela usa, e não é sequer uma marca que se possa comprar. Alguém o fez *só para ela*.

— Uma amiga minha disse que alguém lhe contou que, quando ela vivia em Londres, a congregação dela foi expulsa do país porque andavam a fazer magia que era demasiado pesada — revelou Cait, com os olhos a brilhar, — Estamos a falar de necromancia, maldições, feitiços de amor...

— Eu sabia que eram reais — murmurou Gwyn, e quando Cait pestanejou, Gwyn limitou-se a abanar a cabeça.

— Eu conheci a Morgan na faculdade. E era uma boa bruxa, mas não era assim *tão* boa. E, honestamente, vocês não deviam admirar essas coisas. São perigosas.

Sam, Cait e Parker tentaram fazer um ar de que tinham sido repreendidos, mas não enganaram Gwyn.

— Estou a falar a sério — acrescentou. — Vocês estiveram por aqui o ano passado quando aquela maldição que eu e a Vivi fizemos ficou descontrolada. Tivemos sorte de conseguir resolver tudo e foi necessária toda a nossa

magia. Vocês estão apenas deslumbrados por aquilo que, tenho de admitir, é uma *excelente* maquilhagem e uma roupa fantástica.

Gwyn não acrescentou que talvez estivesse com uma *muito, muito ligeira* pontada de inveja por os seus Bruxos Bebés estarem tão embevecidos com Morgan. Pois então, não era verdade que, ainda minutos antes, tinham olhado para *ela* com caras radiantes e o olhar de adoração de quem olha para um herói?

— Vai à festa dela? — perguntou Sam, e Gwyn olhou por cima do ombro para a loja, pensando naquele pesado convite em cima do balcão. Sempre gostara de Morgan, mas, era obrigada a admitir, havia qualquer coisa estranha naquele aparecimento repentino. Porquê voltar agora a Graves Glen?

E com Vivi e Elaine ausentes, se viessem aí problemas com feitiçarias, era ela que tinha de ir até ao fundo da questão.

— Ah, sim — respondeu aos bruxos. — Eu vou.

Capítulo 17



Sexta-feira à noite chegou mais depressa do que Gwyn esperava.

A loja estivera movimentada. Além disso, Sam, Cait e Parker tinham exame sobre as fases da Lua na aula de Magia Natural, e Gwyn concordara em ajudá-los a estudar para isso. Entretanto, Sir Purrcival teve uma consulta no veterinário para o seu exame anual. Elaine quisera fazer uma chamada por Skype, Vivi ligara para saber como andavam as coisas...

Era até surpreendente ainda se lembrar da festa, mas agora ali estava, sexta-feira à noite, na sua carrinha, seguindo as indicações de Morgan no elegante convite.

As montanhas e colinas eram de um azul difuso contra os últimos instantes do pôr do sol, as casas — na verdade, qualquer edifício — iam-se tornando cada vez mais escassas

até que Gwyn viu-se a conduzir na direção de um vale por onde tinha uma vaga ideia de já ter passado.

Contudo, não se lembrava de qualquer casa ali, por isso pegou novamente no convite para verificar se as indicações estavam certas. Não indicava uma morada, apenas uma sugestão vaga no canto da folha que dizia: «Verás a casa». Gwyn espreitava pelo para-brisas à medida que a estrada ficava mais estreita e as montanhas rochosas de ambos os lados bloqueavam a vista de tudo o resto.

A seguir, a rua fazia uma curva, alargando-se, e Gwyn ficou de boca aberta.

Ela viu a casa, e muito bem.

Aparentemente, o que quer que fosse que Morgan andara a fazer na última década correra muito bem, porque aquilo não era apenas uma *casa*. Era algo saído de um filme, a versão mais elegante e menos assustadora da casa Penhallow.

Torreões perfuravam o céu violeta, janelas esguias derramavam retângulos dourados de luz no relvado. Havia uma varanda sobre um recanto que levava a uma gigantesca porta frontal, e mesmo atrás do edifício, reparou numa estufa, embaciada pela condensação.

Havia carros estacionados em filas alinhadas no campo mesmo atrás da casa, e Gwyn estacionou a carrinha

dela ao lado de um *Mercedes*. Havia muitos *Mercedes*, reparou ela, assim como dois *Audi* e até um *Rolls-Royce*.

Pelas mamas de Rhiannon, quem é que Morgan convidara para aquela coisa?

Gwyn saiu da carrinha e os saltos afilados das suas botas perfuraram a relva à medida que se dirigia para a casa. Ao aproximar-se dos degraus da entrada, ouviu uma porta de carro fechar-se atrás de si e voltou-se.

Já estava a anoitecer, a luz era de um púrpura-claro, mas ela reconheceria aquela postura muito rígida em qualquer lugar. E quando Wells surgiu sob a luz emanada pelas janelas, detestou o salto que o coração deu dentro do seu peito.

Estava com uma camisa branca e calças pretas, não tinha colete naquela noite, mas sim o casaco de pele de cabra mesmo, *mesmo* giro da noite em que chegara à vila. Gwyn perguntou-se se teria algum fetiche desconhecido até agora com casacos, porque, sinceramente, aquilo estava a tornar-se ridículo.

— Gwyn — chamou ele, aproximando-se, e não lhe passou despercebido o modo como o olhar de Wells deslizou por ela. Foi subtil e, como ele era *Excelentíssimo*, bastante respeitador, mas estava lá.

De repente, alegrou-se por ter decidido usar o vestido a que Vivi se referia sempre como o «da bruxa sexy». Era de um azul tão escuro que era quase preto e, apesar de ter mangas compridas e uma saia que teria varrido o chão se as botas não tivessem salto, a parte da frente tinha um decote suficientemente comprido para mostrar o pendente de prata com uma safira que ela comprara no Festival de Beltrane, alguns anos antes.

Combateu a vontade de mexer no colar naquele momento. Afinal, Gwyn Jones *não* era uma pessoa irrequieta. Era ela que deixava as *outras* pessoas irrequietas. Em vez disso, endireitou os ombros e fez o seu melhor sorriso.

— Excelentíssimo — respondeu ela, e um músculo do maxilar dele tremeu.

— Estou a ver que as nossas tréguas não se estendem até à minha alcunha.

— Não fazia parte dos termos.

Wells soltou um suspiro profundo, enfiou as mãos nos bolsos do maldito casaco e aproximou-se, provocando o ruído da gravilha sob os seus sapatos.

— Não devia ficar surpreendido por te ver — disse ele.
— Esta é, obviamente, uma festa exclusivamente para bruxos.

Gwyn não precisava de perguntar o que queria ele dizer com aquilo. Sentia-a, a magia tão pesada que quase se conseguia saborear. Todas as pessoas dentro daquela casa tinham poder e, pelo que percebia, tinham *muito* poder.

Subitamente, ocorreu-lhe um pensamento e abriu muito os olhos.

— Oh... este era o teu Encontro Não Encontro — disse ela, e lá estava o tique do músculo.

— Agora completamente demonstrado que era um Não Encontro — respondeu Wells, apontando para a casa, e Gwyn encolheu os ombros e mudou de ombro a alça da carteira que usava naquela noite.

— Tanto quanto sabemos, até podem estar a fazer ali *speed-datings* de bruxos.

Wells estremeceu visivelmente.

— Safa, que ideia medonha.

Gwyn estava inclinada a concordar, não que ela o fosse deixar saber.

— Só há uma maneira de saber!

Ele subiu os degraus atrás dela, os passos pesados.

— Conhecias a Morgan? — perguntou Wells. — De Penhaven?

Surpreendida, Gwyn olhou para ele.

— Tu não a conhecias?

Wells abanou a cabeça.

— Deduzo que tenha sido convidado por causa do meu apelido.

— Bem, isso é porque ela tinha uma paixoneta valente por ti — respondeu Gwyn, e foi gratificante ver uma ligeira surpresa estampada no rosto de Wells.

— O quê?

— Eu sei, também tive dificuldade em acreditar, mas na verdade os gostos não se discutem!

Ficou à espera de um dos habituais Sobrolhos Franzidos de Wells Penhallow, mas em vez disso ele encolheu os ombros e disse:

— Creio que ela foi um bocadinho atiradiça quando foi à loja.

Aquele pedacinho de informação não devia ter incomodado Gwyn minimamente, por isso foi bastante irritante sentir o estômago dar um pequeno solavanco ao pensar em Morgan — a bela e misteriosa Morgan — e Wells a *namoriscarem*. Será que Wells sabia mesmo como namoriscar?

«Bem, garantidamente, sabia beijar.»

Não era um pensamento que ajudasse naquele momento.

Do interior, Gwyn conseguia ouvir os sons baixos de pessoas a falar e música ao longe. Ao seu lado, sentiu Wells a preparar-se.

Claramente, o Excelentíssimo não era uma pessoa de festas, então, porque é que aceitara o convite?

Estava prestes perguntar-lhe quando ele se virou para ela, oferecendo-lhe o braço.

— Bem — disse ele, com um suspiro —, vamos?

Gwyn olhava para o cotovelo dele como se nunca antes tivesse visto alguma coisa de anatomia. Já Wells questionava-se sobre se devia desistir da ideia e apenas bater à porta.

Mas depois de ele bater uma vez, ela agarrou muito cautelosamente no braço dele, com os dedos dobrados sobre a manga.

Wells podia dizer para consigo que estava a oferecer-lhe o braço apenas porque era um cavalheiro, mas ele próprio não acreditava nisso. Assim que a viu ali com aquele vestido, o desejo de lhe tocar tornou-se quase insuportável. Ela parecia como que saída de uma lenda, uma sereia, uma maga, o tipo de mulher pelo qual um homem se deixa perder alegremente.

Aquilo distraía imenso quando o que ele queria era perceber melhor o que poderia querer Morgan de Graves Glen, mas, enfim, Gwyn Jones distraía-o e perturbava-o desde o momento em que ele chegara àquela vila.

Questionava-se se deveria partilhar com Gwyn as suas suspeitas relativamente a Morgan, mas Gwyn e Morgan eram claramente amigas de longa data. Ela provavelmente apenas reviraria os olhos antes de lhe dizer que estava a ser

um idiota. E era muito possível que estivesse, mas antes prevenir do que remediar.

Wells franziu a testa e anotou mentalmente que nunca diria em voz alta, junto dela, aquilo em que estava a pensar.

Levantando uma mão, ia a bater na porta, mas esta abriu-se sozinha, revelando uma entrada iluminada sob um lustre reluzente.

A música e as vozes eram agora mais nítidas e Wells avançou com cautela, tendo a mão de Gwyn na curva do braço.

Era agora ainda mais forte a sensação tida no exterior de uma quantidade de magia quase esmagadora. Junto a ele, Gwyn inspirou profundamente, olhando de um lado para o outro para ver o que os rodeava.

A entrada era monumental, elevando-se no mínimo dois andares. Havia uma escadaria logo em frente com uma passadeira vermelho-escura, quase da mesma cor do batom que Morgan usara dias antes, e o chão era de madeira escura, tão brilhante que Wells quase conseguia ver o seu reflexo nela.

Abriam-se salas a partir da entrada e Wells escolheu a da direita, uma sala de estar com mobiliário folheado a ouro e papel de parede de seda dourada.

Há algum tempo que Wells não ia a uma festa e ao entrar na sala lembrou-se exatamente porquê.

Havia... tantas pessoas.

Grupos de pessoas, em pé com taças de champanhe ou copos de *cocktail* nas mãos, a conversar, a ocupar as mobílias, a rir. Naquela sala havia, pelo menos, uma dúzia, e Wells teve um vislumbre de outra sala de estar, igualmente cheia de gente.

Preocupara-o estar ou não demasiado bem vestido para aquela noite, mas, ao olhar em redor, viu que, pela primeira vez na sua vida, era ele que estava vestido casualmente. Estavam dois homens de *smoking* a conversar junto a um piano e vários com os mantos formais que o pai tanto apreciava. Quase todas as mulheres estavam vestidas de forma similar a Gwyn, com vestidos justos, longos decotes e joias que brilhavam de um modo subtil.

Junto a Wells, Gwyn inclinou-se um pouco para ele, tocando-lhe na manga com o seu cabelo comprido.

— Certo, se eu não tivesse a certeza de que os vampiros não são reais, *definitivamente* pensaria que estas pessoas eram vampiros.

Wells olhou para ela, contraindo o rosto numa expressão de confusão.

— Os vampiros são reais.

Gwyn inclinou a cabeça para cima e arregalou os olhos.

— Espera aí, a sério?

— Como é que não sabes isso?

— Porque nunca vi um!

— Também nunca vi o Monstro de Loch Ness, c
mesmo assim sei que existe — reagiu ele, dando uma

fungadela, e de alguma forma os olhos de Gwyn arregalaram-se a um ponto quase impossível.

— *A Nessie também é real?*

Wells manteve a postura pomposa o mais que pôde, mas o choque definitivo que havia na voz de Gwyn provocou-lhe um tremor nos lábios e, quando ela semicerrou os olhos na sua direção, não conseguiu evitar sorrir. E o sorriso transformou-se em riso quando ela lhe deu uma pancadinha com a anca.

— Está bem, sabes uma coisa? Só por isso, esta noite, quando estes esquisitoides escolherem alguém para sacrificar num ritual, vou voluntariar-te, sem dúvida nenhuma.

— Nada que eu não mereça — respondeu ele, e ela sorriu um pouco, abanando a cabeça.

— Detesto quando me fazes gostar de ti, Excelentíssimo.

— De futuro, irei empenhar-me para ser mais detestável — prometeu ele, e Gwyn resfolegou.

— Frases como essa ajudam.

Um empregado passou por eles, levando uma travessa com taças de champanhe, e Wells e Gwyn tiraram uma cada

um, e Gwyn finalmente largou o braço dele.

Wells sentiu mais a falta daquele toque do que gostaria de admitir. Por isso, para se distrair, observou os restantes participantes da festa. Não estava à espera de reconhecer alguém, por isso ficou mais do que chocado quando viu uma cara familiar. Bronwyn Davies fazia parte de uma das famílias mais influentes de Cardiff, uma bonita loura que outrora Simon teria gostado que se tornasse noiva de Wells. Ela decidira não casar, tanto quanto Wells sabia, e ele não a via há séculos. O que estaria ali a fazer?

E eis que, perto da grande janela de sacada, reconheceu Connell Thomas, outro bruxo galês com quem se cruzara brevemente em Penhaven.

— É suposto isto ser um reencontro? — murmurou para Gwyn, e quando pôs os olhos nela, Gwyn fez um gesto com o copo.

— Isto são bruxos de Penhaven — disse ela. — Do nosso ano. E do que seria o teu ano, acho eu, se tivesses ficado.

Mal tinha acabado a frase quando se ouviu um grito e uma morena alta atravessou a sala com os braços completamente abertos.

— Gwynnevere Jones! — gritou ela. Gwyn sorriu-lhe, deixando-se ser puxada pelo abraço da mulher.

— Olá, Rosa — saudou, e quando se afastou, apontou com a cabeça para Wells.

— Lembras-te do Llewellyn Penhallow. Ou talvez não, não sei. Ele não é assim tão memorável, na verdade.

Rosa riu-se enquanto Wells lançava um olhar a Gwyn, antes de estender a mão a Rosa.

— Pode chamar-me Wells, muito prazer em conhecê-la.

— Oh, eu lembro-me de si — revelou Rosa, quase a ronronar, os olhos escuros muito brilhantes ao sorrir para ele, e apesar de Wells não poder ter a certeza, pareceu-lhe que os ombros de Gwyn se contraíram muito ligeiramente.

Reprimindo alguma arrogância pouco atrativa, Wells devolveu o sorriso a Rosa.

— Lamento, mas eu era um pouco pateta durante o breve tempo que passei em Penhaven. É a única razão que vejo para não me lembrar de si.

Rosa deu uma gargalhada de agradecimento e Wells teve a certeza de que nesse momento Gwyn estava a ranger os dentes.

— Bem, agora estamos todos reunidos — disse Rosa. Wells não sabia bem como ela conseguira tornar aquelas

palavras tão inócuas soarem tão promissoras, mas era assim.

Gwyn bebeu o resto do champanhe e voltou-se para os dois com um sorriso.

— Deixo-vos para se conhecerem melhor enquanto vou procurar a Morgan para dizer olá.

Wells viu-a a afastar-se — e os olhos de quase todos os homens e algumas mulheres na sala fizeram o mesmo.

— Ela sempre foi o máximo — reconheceu Rosa, acenando com a cabeça em direção a Gwyn, para o caso de ele não ter percebido a quem ela se referia. — Bela e inteligente e poderosa. Nem quis acreditar quando soube que tinha ficado nesta vilazeca, a vender lembranças foleiras aos humanos. Que desperdício.

Wells cerrou os maxilares, apertando os dedos na taça de champanhe.

— E ainda assim — disse ele, num tom seco —, é a magia dela que atualmente dá energia a esta vila. E, francamente, mesmo que não fosse, a vida que a menina Jones construiu não me parece de todo um desperdício. A loja dela é um belo sítio que traz felicidade a todas as pessoas que lá entram. Quem nos dera ter a sorte de proporcionarmos uma coisa assim. Agora, se me dá licença.

Afastou-se de Rosa para se envolver mais na festa, deixando-a ligeiramente boquiaberta, surpreendida.

Um desperdício.

Se esse termo se aplicava a alguém, era a ele. A perder tempo a fazer todas as vontades ao pai. Não, o que Gwyn tinha feito era usar a magia para a fazer feliz, assim como àqueles de quem gostava. Ao pensar bem nisso, era nobre como o caraças.

Wells deteve-se à frente de uma mesa com pequenos canapés e suspirou.

A arranjar desculpas para lhe tocar e agora a defender a honra dela em público. Ele era mesmo um caso perdido.

Olhando em redor, tentou encontrar o cabelo vermelho de Gwyn, mas não a viu. Nem Morgan, e saiu da sala de estar para outro longo corredor.

Estava escuro e deserto, mas a sensação que tivera no exterior da casa era mais forte, como se ali a magia se estendesse em grandes vagas.

E não era só forte.

Era errada.

Aquela fora sempre uma qualidade de Wells, reconhecer o tom da magia, que tipo de feitiço estava a ser usado, a intenção por detrás. O que quer que estivesse a acontecer naquela casa não era especificamente sombrio ou maléfico, mas também não era bom. Era como uma nota

desafinada no meio de uma bela sinfonia, e quanto mais avançava no corredor, mais forte se tornava essa nota.

Chegou a uma porta no final do corredor, mesmo ao lado de um belo quadro com uma paisagem bastante agradável de montanhas e campos que lhe recordava a sua terra natal.

Da sala de estar, Wells ainda conseguia ouvir o murmúrio longínquo das conversas e alguém começara a tocar piano.

Olhando novamente em redor, agarrou a maçaneta da porta e rodou-a lentamente.

A porta abriu-se sem ruído e, com um suave suspiro de alívio, Wells entrou sem demoras, fechando-a o mais silenciosamente que pôde atrás de si.

Uma luz muito forte acendeu-se, deixando-o quase cego, e ele protegeu-se do brilho com uma das mãos. O coração batia-lhe nos ouvidos.

Diria que estava à procura da casa de banho. Diria que se tinha enganado no caminho. Diria...

— Excelentíssimo?

Capítulo 18



— O que estás aqui a fazer? — murmurou Gwyn, do cimo de umas escadas, enquanto apagava rapidamente o seu feitiço de luz, voltando a mergulhá-los numa quase escuridão. Havia algures uma janela no topo daquelas escadas que deixava entrar luz do luar suficiente para o conseguir divisar ali parado junto à porta. Ela quase tivera um ataque cardíaco assim que a porta se abria, já a engendrar desculpas para ali estar, por isso ficou aliviada quando percebeu que era Wells.

Além de surpreendida.

E também algo irritada.

Aparentemente, um misto de sentimentos seria a norma sempre que ele estivesse por perto.

— O que estás *tu* aqui a fazer? — devolveu Wells, e Gwyn revirou os olhos, fazendo um gesto na direção das escadas que tinha à sua frente.

— Eu, obviamente, ia coscuvilhar, porque há alguma coisa neste sítio...

— Completamente desagradável e de natureza duvidosa, sim — completou Wells, e Gwyn deu um pequeno passo atrás, encostando o corrimão à anca.

— Eu ia dizer «assustador e suspeito como o raio», mas acho que tecnicamente é a mesma coisa, sim.

Ficaram ali parados por um momento, olhando-se mutuamente enquanto Gwyn tentava lidar com o facto de A) ela e o Excelentíssimo estarem de acordo numa coisa, B) o que quer que fosse que se passava com Morgan e aquela casa ele também estava a sentir, e C) ele cheirava.... tão, mas tão bem...

Dizendo para consigo que a questão C não interessava nada naquele momento, Gwyn voltou de novo a atenção para as escadas.

— Porque é que vieste aqui? — perguntou ela a Wells, mantendo o tom de voz baixo, apesar de conseguir ouvir os sons da festa na outra sala. — Porquê esta porta, especificamente?

— Presumo que pela mesma razão que tu — replicou ele, apoiando a mão na parede das escadas. — Seja o que for que estamos os dois a captar, parece emanar desta área.

Gwyn concordou, assentindo ao mesmo tempo que franzia a testa, levantando o olhar para a escuridão ameaçadora que tinham à frente.

— Sabes, eu estava à espera que a Morgan fosse um pouquinho mais original do que isto. Se vais fazer algum tipo de magia negra, não a faças no sítio mais óbvio da casa, não é? «Oh, já sei, vou criar demónios ou outra treta qualquer num sótão assustador!»

— Acho que estás a protelar um bocadinho.

— Estou completamente a protelar — respondeu Gwyn, suspirando. Agora a sério, as feitiçarias dela não podiam voltar essencialmente aos chás e às pinturas? *Tinha* de passar a vida a arriscar ter teias de aranha no cabelo?

Preparou-se para começar a subir as escadas, mas Wells deteve-a, colocando uma mão no braço dela. Mesmo através do tecido do vestido, Gwyn sentiu o anel de sinete.

— Eu vou à frente — disse ele, e Gwyn levantou as sobancelhas.

— Estou chocada, Excelentíssimo! «As senhoras primeiro» não é a regra sagrada da etiqueta?

— Normalmente, sim — reagiu ele, não mordendo o isco. — Mas parece-me má educação insistir nisso quando a dita senhora pode ir *primeiro* na direção de uma armadilha mágica.

— Galante — concordou Gwyn. — Mas desnecessário.

Dizendo isto, voltou-se e subiu os degraus devagar. Iam estalando cada vez mais à medida que se aproximavam do topo, Wells uma presença sólida atrás dela. Gwyn disse a si mesma que era o nervosismo que estava a deixar-lhe a boca subitamente seca.

Os últimos degraus davam para um espaço ameaçadoramente escuro, apenas com uma janela que proporcionava um pouco de luz que não era de todo suficiente. Gwyn conseguiu discernir um chão de tábuas e diversas formas enormes, mas nada mais, por isso, levantando os dedos, evocou de novo a bola de luz.

Pouco antes, funcionara perfeitamente, mas agora surgiam apenas umas faíscas sibilantes na ponta dos dedos, e mais nada.

— Algum problema? — perguntou Wells, e ela abanou a cabeça, agitando novamente os dedos, à espera de sentir a magia passar por ela. Estava lá, ela conseguia senti-la, mas... vagarosa. Tal como naquela noite em casa de Vivi.

«Talvez seja a magia que a Morgan está aqui a fazer, seja ela qual for», disse a si própria, «que está a bloquear a minha».

Mas esse pensamento não a fez sentir-se melhor.

Uma vez era um acaso.

Duas vezes? Era o início de um padrão, e um do qual não estava a gostar nada.

— Talvez tenha que ver com a magia desta casa — alvitrou Wells, e ela olhou de relance para ele. Wells estava atento à mão dela, as sobrancelhas ligeiramente franzidas, mas sem tentar fazer ele próprio um feitiço da luz. Estava à espera que ela se recompusesse.

Isso foi... querido. Respeitador.

Ugh.

Afastando aqueles pensamentos perturbadoramente piegas, Gwyn concentrou-se no feitiço. Passado um momento, ouviu-se uma espécie de som crepitante e a bola de luz ganhou vida, pairando mesmo ao seu lado.

— Muito bem, Jones — murmurou Wells, e Gwyn fez-lhe um satisfeito... e aliviado... aceno de cabeça.

— Achei que devíamos ver o que estávamos a fazer — disse ela, mas então olhou à volta e quase desejou que o feitiço não tivesse funcionado.

O resto da casa era elegante, apesar de um pouco — está bem, muito — exagerada. Mas o sótão?

O sótão era completamente assustador.

Viam-se quadros empilhados ao acaso contra uma das paredes. Todos, tanto quanto Gwyn conseguia perceber, representavam algum momento sombrio e horrível da história da feitiçaria. Queimados em fogueiras, afogamentos, eviscerações.

Arcas pretas pesadas com fechos ferrugentos encontravam-se agrupadas no centro da sala e mesmo sob a janela havia um monte do que pareciam ser anéis de ferro de tortura. Prateleiras com frascos cobertos de pó forravam

a parede escura e, ao aproximar-se, Gwyn viu uma figura sobressair da escuridão, provocando-lhe um grito e fazendo-a dar um salto para trás antes de se aperceber de que não era uma pessoa, era uma...

— Aquilo é uma dama de ferro?³ — perguntou ela, olhando com um misto de horror e fascínio para a forma metálica que tinha à frente, do tamanho de uma pessoa.

— Porra, mas que merda... — murmurou Wells, aproximando-se e pondo-se ao lado dela para também ver melhor, as mãos nos bolsos e a baloiçar sobre os calcanhares.

— Palavras fortes para um Excelentíssimo — comentou Gwyn, e ele respondeu-lhe com uma expressão de sarcasmo.

— Apropriadas, não dirias?

— Oh, sim, que porra — respondeu ela, e surgiu um breve vislumbre de dentes brancos por trás daquela barba escura, um Verdadeiramente Excelentíssimo Sorriso, o que a fez querer dizer outras coisas que talvez o fizessem sorrir assim novamente.

Mas uma vez que, aparentemente, tinham entrado no covil do Diabo, aquele não era, provavelmente, o momento para piadas.

Em vez disso, Gwyn fez um gesto em volta e disse:

— Achas que estamos só a apanhar as más vibrações destas tralhas? É que as vibrações aqui são definitivamente más. Falha total no teste das vibrações.

— Não sei bem o que isso quer dizer — respondeu lentamente Wells —, mas acho que apanhei a ideia geral e, sim, é definitivamente possível. — Franziu a testa. — Mas para quê ter uma coleção como esta?

Wells virou-se mais para Gwyn. A luz por ela evocada pairava sobre o seu rosto sério.

— Quão próxima eras da Morgan na faculdade?

— Éramos amigas — retorquiu Gwyn —, mas não superpróximas. Era... não sei, uma amizade de colegas. Tínhamos muitas aulas juntas, às vezes almoçávamos juntas no refeitório, curtimos um bocadinho quando estávamos bêbedas num festival da Ostara. — Encolheu os ombros. — Tu sabes. Faculdade.

Wells ficou um momento a olhar para ela e depois reagiu:

— Certo. Muito bem. Tudo isso está... muito bem. — Depois abanou ligeiramente a cabeça, voltando-se para observar os quadros encostados à parede. — Naquela altura, ela parecia interessada neste tipo de coisas?

— Tanto quanto me lembro, não tinha instrumentos de tortura antigos no quarto do dormitório — respondeu Gwyn, estremecendo um pouco ao olhar novamente para a dama

de ferro. — Mas, por outro lado, não andámos em tantas aulas juntas depois do segundo ano. Eu segui Magia Prática e ela foi para... não me lembro. Uma das áreas mais esquisitas, tipo, Rituais de Feitiçaria, acho. E depois, no último ano...

Gwyn interrompeu o que ia a dizer e Wells virou-se novamente para ela.

— E depois o quê?

Ela tinha-se esquecido daquilo até àquele momento, nunca mais pensara naquilo, nem mesmo quando Morgan reapareceu, mas agora ressurgia-lhe uma memória.

— Ela foi-se embora — continuou Gwyn, enquanto pensava. — A meio do último semestre. É como te disse, não éramos muito próximas, e nessa altura raramente a via, mas lembro-me de uma das minhas amigas me dizer que pediram a vários alunos que saíssem por uma razão qualquer. Ela não sabia porquê, era tudo muito sigiloso, e tenho de ser franca, eu não estava muito interessada, porque não parecia ser nada de escandaloso. Quero dizer «pediram-lhes que saíssem» não significa propriamente que foram *expulsos*, certo?

Wells esfregou o queixo com a mão, reunindo toda aquela informação enquanto o cérebro de Gwyn vasculhava quaisquer outros pormenores. Mas tinha sido uma década antes e, como ela disse, não prestara assim tanta atenção na altura.

Gwyn olhou outra vez em redor.

Era óbvio que devia ter prestado mais atenção.

— Gostava de saber se algum desses outros alunos estará aqui esta noite — ponderou Wells, e Gwyn olhou para trás, na direção das escadas.

— Não me lembro de quantos eram. Talvez cinco? Mas a Rosa foi um deles, sem dúvida.

— Humm — foi a resposta de Wells, e Gwyn virou-se para ele, abraçando-se a si própria devido ao frio que se fazia sentir no sótão.

— Em que estás a pensar com essa cara pensadora?

Ele baixou as mãos e franziu as sobrancelhas.

— Bem, isso é uma expressão americana ou é única deste sítio? — quis ele saber, e antes que Gwyn tivesse tempo para perguntar o que ele queria dizer com aquilo, Wells abanou a cabeça, afastando o pensamento. — Esquece. Antes de vir para cá, o meu irmão Bowen foi visitar-me.

— O irmão Lobisomem — disse Gwyn, assentindo, e Wells semicerrou os olhos um pouco antes de conceder.

— A barba é de mais. De qualquer forma, ele disse-me que um lugar como Graves Glen, um sítio com magia verdadeira a passar por aqui, ao sofrer o tipo de transformação que a vila sofreu no ano passado, pode servir como uma espécie de íman para outros bruxos cujas intenções podem não ser as melhores.

Bem, nada daquilo soou bem.

Mesmo assim, Gwyn teve de admitir que fazia sentido. A magia era imprevisível e volátil, e ela conseguia imaginar como algo tão grande como uma mudança de poder poderia ser detetada por algum tipo de radar de bruxos.

— E achas que pode ser por isso que a Morgan regressou subitamente?

— Acho que temos de descobrir exatamente porque é que lhe pediram que saísse de Penhaven, há dez anos — respondeu ele, fazendo Gwyn sorrir.

— Então, vamos ser detetives, hum? Detetives *mágicos*.

— Não iria tão longe — respondeu ele num tom seco, antes de inclinar a cabeça na direção das escadas. — E devíamos provavelmente regressar à festa antes que alguém repare que não estamos lá.

Gwyn desceu as escadas atrás dele, agitando os dedos ao mesmo tempo para fazer desaparecer o feitiço da luz.

— Jones e o Excelentíssimo, Detetives Mágicos — brincou ela, e Wells lançou-lhe um olhar sério sobre o ombro.

— Penhallow e Jones.

— Jones e Penhallow.

— Penhallow, ponto final.

— Jones e Filho.

Wells parou no fim das escadas e virou-se para ela, a cabeça ligeiramente inclinada para um dos lados antes de perceber...

— Ah. O gato.

— Sir Purrcival seria uma mais-valia em qualquer caso.

Ele resmungou qualquer coisa e tinha acabado de chegar ao último degrau, com Gwyn mesmo atrás dele, quando ouviram passos.

Vozes.

Vozes muito, muito perto.

Os passos detiveram-se no outro lado da porta e, sim, era, sem dúvida, Morgan a dizer:

— Tenho vindo a guardar tudo aqui.

Não havia tempo para pensar, mas Gwyn sempre preferiu ser uma mulher de ação.

Virando-se para ficar de frente para Wells, agarrou-lhe a lapela do casaco e puxou-o para si.

— Mas que... — começou ele, mas não conseguiu dizer mais nada, pois ela premiu a boca contra a dele.

[3](#) Instrumento de tortura e execução utilizado na Idade Média. Consiste numa cápsula de ferro suficientemente alta para enclausurar um ser humano. Habitualmente, tinha pequenas aberturas por onde o torturado ou condenado podia responder ao interrogador ou sofrer ferimentos através de facas ou pregos. No interior da cápsula havia cravos de ferro que perfuravam o corpo, mas não atingiam órgãos vitais. A vítima morria por perda de sangue ou ficava a agonizar por asfixia. (N. da T.)

Capítulo 19



Pelas mamas de Rhiannon.

Wells passara as últimas semanas a dizer a si próprio que aquele beijo na cave não fora tão bom como ele se lembrava, que ele ficara tão alterado porque não beijava uma mulher há imenso tempo antes disso.

Mas quando os lábios de Gwyn se abriram sob os dele, compreendeu que aquele pensamento tinha sido muito, muito estúpido.

Não, aquele beijo fora completamente avassalador porque *e/a* era completamente avassaladora, e ele estava agora metido em sérios problemas.

Não que Wells se importasse minimamente.

Pousou as mãos nas ancas dela, o material daquele vestido... aquele *vestido*; ele quase engolira a língua ao vê-

la à entrada nessa noite — tão suave como ele achava que seria. Ainda melhor, o calor da pele dela tornava o tecido ainda mais palpável, mais irresistível, e Wells não conseguiu evitar fazer soltar um som grave com a garganta enquanto a puxava mais para si.

A parte racional do seu cérebro, a parte que se lembrava de que ela só estava a beijá-lo para terem uma desculpa plausível para andarem ali a bisbilhotar, ficou rapidamente esmagada pela parte sombria e mais primária dele que só ela parecia conseguir fazer emergir.

E talvez também ele fizesse emergir alguma coisa nela, porque Gwyn estava a puxá-lo, os braços a envolverem-lhe o pescoço, os seios encostados ao peito dele, a língua...

— Oh! Desculpem!

As escadas para o sótão ficaram subitamente iluminadas por um brilhante retângulo de luz à medida que a porta se abria e surgia uma silhueta.

Gwyn afastou-se e Wells precisou de todas as forças para não ir atrás da boca dela com a dele, mas então Gwyn pôs-lhe a palma da mão no peito, dando uma gargalhada ofegante enquanto se virava para Morgan.

— Oh, meu Deus, *nós é* que pedimos desculpa — disse ela, e depois olhou para Wells, mordendo o lábio inferior entre os dentes e dando a impressão de alguém que estava genuinamente um pouco envergonhado. A representação de uma vida, claramente, porque ele duvidava que Gwynnevere Jones alguma vez tivesse estado envergonhada na vida. — Estávamos só a admirar a tua linda casa, e acho que aquele vinho muito, *muito* agradável que serviste nos deve ter subido à cabeça — continuou Gwyn, mantendo o braço naturalmente sobre o ombro de Wells, enquanto ele mantinha a palma da mão na anca dela, lutando contra o desejo de apertar os dedos, de a puxar para ele.

Morgan fixou-os com aqueles olhos pretos a observar tudo, Wells tinha a certeza, e mesmo que tenha sorrido, havia alguma fragilidade nisso. Seria simplesmente porque ela — sensatamente — não era muito fã de pessoas agarradas uma à outra aos beijos nas zonas privadas da sua casa? Ou seria antes outra coisa? Teria que ver com o que ela guardava no sótão?

— Foi pavorosamente rude da nossa parte — concedeu Wells, fazendo com que Gwyn descesse o último degrau e interrogando-se se conseguiria imitar Rhys suficientemente bem para sair daquela situação com elegância.

Morgan limitou-se a acenar com a mão.

— Não, não, não tem mal nenhum! Só fiquei surpreendida. Voltou o olhar para Wells.

— Perguntei se vocês andavam juntos. Não me diga que me mentiu, Llewellyn Penhallow.

Mentir parecia um pecado muito menor do que colecionar artefactos de magia negra, mas o que é que sabia ele?

— É recente — replicou Gwyn, apertando um pouco com os dedos o ombro dele, como se sentisse o que ele queria dizer.

— Muito, muito recente — confirmou Wells, dando uma pequena pancadinha na anca dela.

Mensagem recebida.

Ela afrouxou um pouco os dedos e fez um gesto na direção da porta.

— E olá! Chama-se...

Pela primeira vez, Wells apercebeu-se de que estava mais uma pessoa mesmo atrás de Morgan, um homem mais ou menos da idade deles, cabelo louro muito puxado para trás num rosto muito delgado.

— Harrison Phelps — apresentou-se ele, estendendo a mão para um cumprimento. — E nós já nos conhecemos de Penhaven. É a Gwyn Jones.

— Ah, certo! — disse Gwyn, num tom jovial, mas Wells teve a sensação de que ela não fazia a menor ideia de quem era aquele homem.

— E Llewellyn Penhallow — continuou Harrison, apertando a mão de Wells a seguir. — Nunca nos encontrámos, mas claro que o conhecia pela reputação.

Wells não tinha a certeza sobre se Harrison se referia à reputação da *família* ou à escassa glória que Wells conseguira para si próprio em Penhaven, mas acenou com a cabeça e esboçou um pequeno sorriso.

— Que bela reunião organizaste, Morgan — disse Gwyn, e Morgan sorriu, os dentes muito brancos entre os lábios vermelhos.

— Acho que estava a sentir-me nostálgica — reagiu ela. — E pareceu-me a altura certa de visitar velhos amigos. Antigos fantasmas. — Wells estava prestes a perguntar o que ela queria dizer com aquilo quando Morgan continuou:

— Agora, se os dois me dão licença, eu gostaria de mostrar o sótão ao Harrison. — De olhos postos entre os dois, o sorriso firmemente fixo, perguntou: — Vocês os dois foram lá acima?

Wells tinha de reconhecer — ela fizera um bom trabalho ao pôr a pergunta com aquela leveza, mas havia qualquer coisa no olhar de que ele não gostou, algo que tornava óbvio que ela queria, talvez precisasse, que a resposta fosse não.

— Oh, meu Deus, não — replicou Gwyn, rindo um pouco e levando uma das mãos à cara. — Para ser franca, tivemos sorte em conseguir fechar a porta atrás de nós antes de... bem.

Fez um breve sorriso malicioso, o rosto ainda corado, e Wells sentiu a ponta das orelhas a arder, o que era ridículo. Era adulto e estavam apenas a beijar-se, mas ela insinuou tanto com aquele «bem» que ele ficou meio excitado só de ouvir a palavra.

Não era só ridículo, *era patético*.

Wells desceu o último degrau e Gwyn seguiu-o, inclinando levemente a cabeça para Morgan ao dizer:

— E com isto, acho que aproveitamos para irmos embora.

Enquanto não soubessem bem a razão por que Morgan e os amigos tinham sido expulsos da Faculdade de Penhaven, parecia mais seguro passarem o menor tempo

possível na companhia deles, além disso, a magia naquele sítio estava a começar a dar-lhe dores de cabeça, uma tensão entre as omoplatas, uma espécie de peso atrás dos olhos. Quanto mais depressa saíssem dali, melhor.

— Normalmente, eu diria «vão-se embora tão cedo?», mas neste caso dou-vos permissão — disse Morgan, piscando o olho, e Gwyn, uma vez mais, pôs-se ao lado de Wells. Assustava-o um pouco o quanto ele gostava daquilo e como lhe parecia natural colocar de novo o braço à volta dela.

— Vamos marcar alguma coisa para a semana — sugeriu ela a Morgan. — Adorava pôr a conversa em dia.

— Claro — respondeu Morgan, quase a cantarolar, mas Wells não perdeu o modo como o olhar dela se focou novamente no sótão e a energia nervosa que irradiava de Harrison.

Sim, havia ali qualquer coisa.

Gwyn não tinha a certeza de alguma vez ter estado tão feliz por sair de uma festa, e dado que já tinha ido a um casamento em que tanto a noiva como o noivo eram ex dela, isto era dizer muito.

— Achas que se pode morrer de arrepios? — perguntou a Wells, à medida que desciam do alpendre. Ainda lhe estava a dar a mão, parte do estratagema «somos um casal!», enquanto se afastavam da festa, mas não havia

ninguém ali fora, pelo que, na verdade, não havia qualquer razão para continuarem de mãos dadas.

Nenhum deles largava a mão do outro e, ao descerem os degraus principais, ela demorou mais um pouco o olhar no perfil dele ao luar, o nariz afilado e o maxilar pronunciado, e por que razão, em nome de todas as santinhas, ela o beijara novamente?

«Era a melhor desculpa para todas as pessoas que andam a bisbilhotar! E funcionou!»

Mas ainda que a sua mente lhe apresentasse esses factos muito verdadeiros, Gwyn sabia que não era assim tão simples.

E agora que sabia que aquele beijo na cave, alimentado a magia ou não, não fora um Beijo Aberração da Natureza, tinha dificuldade em saber como poderia passar mais tempo junto dele e *não* querer beijá-lo novamente.

E como tinham de lidar juntos com Coisas de Feitiçaria, isso tornava-se num problema muito maior.

Por agora, Gwyn soltou casualmente a mão enquanto atravessavam o relvado onde a carrinha dela estava estacionada.

O reluzente *BMW* dele estava mesmo atrás da dela e detiveram-se por um momento, com Wells a meter as mãos nos bolsos do casaco.

— Bem — disse ele, aclarando a garganta e olhando de relance para Gwyn, antes de olhar para um sítio qualquer a meia distância. — Primeiro passo, descobrir porque é que a Morgan e os outros tiveram de sair de Penhaven. Posso

tentar descobrir sozinho, ou podes *tu*, na verdade, pois não é preciso andarmos em equipa para isto quando tu...

— Isto não tem de ser esquisito — interrompeu Gwyn, encostando-se à traseira da sua carrinha, e ele voltou novamente a cabeça para ela. — Só é esquisito se o *tornarmos* esquisito.

Wells inclinou a cabeça.

— Não estava a torná-lo esquisito. Acho que estás a tornar isto esquisito ao sugerir que não tornemos isto esquisito. — Franziu o sobrolho. — Agora, o que quero mesmo é parar de dizer «esquisito».

Gwyn riu-se, ajeitando o cabelo atrás da orelha e observando-o pelo canto do olho. Na verdade, ela ria-se muito... com Wells. E isso, estranhamente, parecia de alguma forma mais perigoso do que dois beijos muito bons.

Abanou o cabelo para o tirar dos ombros e disse:

— Olha, faz mais sentido trabalharmos juntos nisto. Caso contrário, corremos o risco de perder tempo a ver as mesmas coisas e depois dizer ao outro o que descobrimos e ser, tipo, «sim, já sabia isso», e nessa altura já a Morgan e os seus amiguinhos podem ter aberto a Boca do Inferno ou algo do género.

— Tens uma forma muito própria de chegar ao âmago das questões, Jones — disse ele com um pequeno sorriso, e

Gwyn retribuiu o sorriso.

— É a minha especialidade. E, sim, percebo que a cena do beijo torne as coisas mais esquisitas, mas não foi como se nos *quiséssemos* beijar um ao outro. Primeiro beijo? — Levantou o polegar. — Feitiço de amor. Segundo beijo? — Levantou o segundo dedo. — Uma estratégia tática para nos tirar de uma situação complicada.

Agitando os restantes dedos dessa mão, Gwyn acrescentou:

— Do meu ponto de vista, a menos que nos encontremos numa situação estranha em que tenhamos de nos beijar para salvar o mundo *ou* um de nós precise de fazer ao outro respiração boca a boca, acho que vamos conseguir evitar as bocas um do outro enquanto tentamos proteger Graves Glen.

Gwyn estava orgulhosa de si própria por soar tão sensata, tão completamente despreocupada.

Raios, tinha apresentado tão bem as coisas que *e/a* quase acreditava naquilo.

Se Wells acreditava ou não, não fazia ideia. Ele mantinha uma expressão neutra e estava muito escuro para lhe ler os olhos.

— Então, estamos de acordo — continuou Gwyn. — Isto é um esforço conjunto.

Wells suspirou e olhou para o céu por um momento antes de concordar, assentindo com a cabeça.

— De acordo. Penhallow e Jones, então.

— Jones e Excelentíssimo.

Mas ela riu-se ao dizer aquilo, e como ele também se riu, ela sentiu a pulsação acelerar.

— Devemos dar um aperto de mão para selar o acordo? — perguntou ele, encostando-se ao seu carro. — Ou, uma vez que no sótão acordámos informalmente em trabalhar juntos, talvez esse beijo já visasse selar o acordo?

Gwyn humedeceu os lábios, notando a forma como os lábios dele seguiram o movimento.

— Esse beijo — replicou ela, tentando não se mostrar tão excitada quanto estava — foi uma manobra de diversão para a Morgan e o tenebroso boneco de ventriloquista que ela, aparentemente, conseguiu transformar, por artes mágicas, num rapaz a sério.

Wells riu-se e apenas o som daquele riso foi o suficiente para ela apertar a saia com os dedos, de modo a não fazer uma loucura como avançar e tocar nele.

Mas Wells endireitou-se, o olhar já menos intenso, o clima fora quebrado.

— É justo — disse ele, virando-se e abrindo a porta do carro. Gwyn deu a volta para o lado do condutor da sua carrinha e ia a abrir a porta quando Wells continuou: — Purpurina comestível para o corpo.

A chave de Gwyn riscou um pouco da tinta vermelha perto do puxador, falhando completamente a fechadura.

— Desculpa?

Wells ainda estava de pé, a porta do carro aberta, o braço pousado por cima da porta, de olhos postos em Gwyn.

— Era o que estava naquele saco. O que nos caiu em cima — disse ele, e Gwyn sentiu qualquer coisa a afundar-se de forma perturbadora no estômago ao endireitar-se, enquanto apertava as chaves com força.

— Houve uma confusão — continuou ele —, e eu recebi uma caixa de um sítio que se chama *Palácio do Prazer*.

Gwyn devia ter uma piada preparada para aquilo. Era o cenário *perfeito* para uma piada, mas só conseguiu ficar a olhar para Wells enquanto ele a fixava.

— Estás a inventar — disse ela por fim, e, apesar de não conseguir perceber bem a expressão dele, quase conseguia *ouvir* as suas sobrancelhas franzir.

— Achas mesmo que inventaria «*Palácio do Prazer*»?

Gwyn tinha de admitir que era pouco provável, mas ela ter beijado Wells naquela noite só *porque queria*, isso ultrapassava o improvável e entrava em território inconcebível. Por isso, teve de insistir.

— Ainda assim, só podia ser um feitiço — insistiu ela.
— Talvez... talvez um tenha ali caído acidentalmente e...

— Oh, também pensei nisso durante algum tempo. Desejei até. Mas, juro-te, não há nada de mágico na *Pixie Licks*. É apenas...

— Purpurina comestível para o corpo — completou ela, e ele assentiu.

— QED⁴.

Outro momento perfeito para uma piada, mas não lhe surgia nada, a não ser uma espécie de zunido no cérebro, porque *tinha* de ter sido um feitiço naquela noite. Nem lhe passara pela cabeça que o desejava e, até àquele preciso momento, nunca pensara na Porra do Wells Penhallow em sentido sexual.

Exceto...

Daquela vez no *The Cider Shack*. E quando ele olhou para ela daquela maneira atrás do balcão da *Penhallow's*. E em centenas de outros momentos que agora lhe bruxuleavam na mente.

— Então... — resumiu Wells, aclarando novamente a garganta. — Apesar de não poder discordar que o beijo de hoje teve um motivo secundário, receio que o primeiro tenha, na verdade, sido real.

Gwyn gostaria que não estivesse tão escuro, gostaria de conseguir ver mais nitidamente a cara dele, porque subitamente lhe parecia muito importante perceber como ele a olhava.

Engolindo em seco, Gwyn apertou com mais força as chaves que tinha na mão.

— Eu... terei isso em consideração na próxima vez que tiver de avaliar o Risco de Beijo entre Jones e o Excelentíssimo — respondeu de um modo pouco convincente.

Ele fez aquele som que às vezes fazia, aquela espécie de sopro que não era bem um riso, mas estava suficientemente perto.

— Faz isso — retorquiu ele. — Boa noite, Gwyn.

E então afastou-se, deixando-a ali especada, ainda com as chaves na mão.

⁴ Abreviatura da expressão latina *quod erat demonstrandum*, que significa como se queria demonstrar. (N. da T.)

Capítulo 20



Era de alguma forma perturbador, pensava Wells na segunda-feira seguinte, ter finalmente tirado a Rhys a coroa de Imbecil da Família.

Afinal, o irmão mais novo ia bem lançado na função. Mas ao informar Gwyn do feitiço de amor não-verdadeiramente-feitiço, Wells não tinha dúvidas de que ia agora garantidamente à frente. Bowen teria de explodir acidentalmente Snowdonia para ter uma hipótese naquela corrida.

Wells não sabia bem porque o tinha feito, só que havia qualquer coisa no modo como ela continuava desdenhosa em relação àquilo tudo que o irritou. Sabia que ela ficara tão afetada como ele com aqueles beijos,

percebeu pela forma como o corpo dela se moldou ao dele, a ousadia da sua língua, os seus lábios. Talvez por isso quisesse que ela o reconhecesse ou, pelo menos, lidasse com a mesma confusão, a vaga sensação de alarme que ele sentia desde que Rhys lhe dera aquele saco rasgado e desatara a rir.

Contudo, à fria luz do dia, Wells não tinha a certeza de que fora a melhor ideia. O melhor teria sido, certamente, esquecer o assunto, deixá-la acreditar que não tinha sido mais do que um pouco de magia estúpida e seguir em frente. Gwyn poderia sentir-se atraída por ele, mas parecia bastante claro a Wells que não estava interessada em seguir essa atração, além disso, as coisas já eram suficientemente complicadas. A prima — que bem podia ser irmã dela — era casada com o irmão dele, viviam todos na mesma vila e estavam todos envolvidos nas feitiçarias da povoação, de uma forma ou de outra. Nenhuma dessas ligações era fácil de quebrar.

E se eles saíssem algumas vezes, e aquele... o que quer que fosse entre eles esfriasse quase de imediato? Ele teria de a ver todos os dias, colocaria Rhys e Vivienne numa

posição constrangedora e esfumar-se-ia a vida bastante agradável que Wells construía para si próprio.

E se *não* esfriasse...

Wells não fazia ideia de como o pai iria reagir ao facto de ter *dois* filhos envolvidos com mulheres que ele considerava inimigas mortais dos Penhallow. Estremeceu literalmente ao pensar nisso.

Simon ligara na noite anterior. Bem, «ligar» significa que apareceu no espelho de adivinhação que Wells levava com ele especificamente para essa função. Não fora uma conversa longa, mas Simon conseguira perguntar pelas «mulheres Jones» pelo menos três vezes. Wells recordara ao pai que naquele momento havia apenas uma mulher Jones na vila e depois mentira, dizendo que não a via muito.

Para sua surpresa, o pai não gostara disso.

— Faz sentido manter os inimigos por perto, Llewellyn — dissera ele, e Wells quase não conseguiu evitar revirar os olhos.

— Ela não é minha inimiga, *Da* — contrapusera, e Simon resmungara outra vez qualquer coisa sobre o legado e a magia e «tudo o que os Penhallow fizeram pela povoação», o que dera a Wells a oportunidade de perguntar

ao pai se sabia alguma coisa sobre os bruxos expulsos da Faculdade de Penhaven.

Mas Simon limitara-se a agitar a mão.

— A faculdade deve o seu nome à nossa casa, mas eu mantive-me afastado desde que introduziram aqueles cursos ridículos. Folhas de Chá e esse tipo de coisas — bufou. — Porcarias.

Wells não estava, na verdade, à espera que o pai fosse útil, por isso terminou a ligação com a promessa de «ficar de olho nas coisas» e não se preocupou em mencionar Morgan ou as suas suspeitas.

Depois foi pesquisar na Internet, e, apesar de encontrar alguns indícios do passado de Morgan — um comentário que deixou num *website* de uma loja de magia em Roma, o nome numa lista de doadores para uma escola secundária em Londres —, não havia muito mais. Isso não o surpreendeu muito, pois a maior parte dos bruxos tentavam passar despercebidos.

A seguir, passou algum tempo a consultar vários livros de feitiços que tinha em casa, questionando-se se haveria algum feitiço de clareza que talvez lhe conseguisse dar a resposta, mas sabendo que não seria fácil. Extrair informação de alguém que não a queria dar estava definitivamente do lado obscuro da magia, por isso, como

ele desconfiava, um feitiço desse tipo envolvia ingredientes complicados que não se arranjavam com facilidade. Um osso de um dedo de um homem enforcado por traição, uma taça de água de uma fonte seca há cem anos e um dia, e, talvez ainda mais perturbador, um globo ocular.

Não especificava se tinha de ser de um humano ou animal, mas, em qualquer dos casos, Wells decidiu que a magia não ia seguir por esses lados.

Mesmo assim, como as coisas, naquela tarde, estavam calmas na *Penhallow's*, continuou a folhear outros livros que tinha na loja, na esperança de encontrar outro feitiço que envolvesse muito menos partes de corpos.

Acabara de encontrar um que parecia promissor — embora «pedaço de renda do véu de uma noiva afogada» fosse garantidamente um desafio —, quando a campainha da porta tilintou.

Não via Gwyn desde sexta-feira à noite e pareceu-lhe mesmo que, de alguma forma, ela passara os últimos dois dias a ficar ainda mais bonita. O cabelo caía-lhe ao longo do rosto em longas ondas vermelhas, com uma madeixa mais esbatida, ainda assim muito evidente. Tinha uma espécie de camisolão preto sobre *leggings* outra peça de roupa que ele sabia que seria insuportavelmente macia sob as suas mãos.

Não que ele fosse comprovar isso, claro.

Mas era mais do que isso. O rosto brilhava, o sorriso era luminoso e isso, *isso* era o que o deixava ligeiramente zozzo, para ser franco.

— Bruxos Bebés entram em ação! — disse ela, e só nesse momento Wells se apercebeu de que estavam três pessoas juntas atrás dela, todas com o mesmo olhar excitado.

— Venham — ordenou-lhes Gwyn, acenando na direção do balcão. — Digam-lhe o que me disseram.

Sam, a rapariga com cabelo turquesa, foi a primeira a falar.

— Então, a Glinda estava a dizer-nos que estão a tentar saber qualquer coisa sobre alguém expulso de Penhaven, e eu estava a *dizer-lhe* que andei com uma rapariga que trabalha no departamento dos registos. Chamava-se Sara e era mesmo, mesmo simpática, mas também era Peixes, e *eu* sou Leão, por isso...

— Podes passar essa parte — pediu-lhe Gwyn, colocando-lhe uma mão no braço —, apesar de melhorar muito a história original.

— Certo — concordou Sam. — De qualquer forma, ela disse-me que havia um ficheiro de todos os alunos que andaram em Penhaven. Tipo, um ficheiro a *sério*. Não nos computadores, papel verdadeiro para cada um dos alunos.

Wells endireitou-se e fechou o livro.

— Interessante — comentou ele lentamente. Parecia realmente mais fácil porem as mãos — ou pelo menos os olhos — numa folha de papel do que piratear um computador.

— Os ficheiros estão no armário no gabinete da doutora Arbuthnot — continuou Sam. — Não é um armário qualquer, obviamente, é mágico, uma vez que guarda a informação de centenas de estudantes, mas *parece* normal.

Gwyn assentiu, cruzando os braços.

— Eu vi-o, tipo, um milhão de vezes quando andava em Penhaven. Eu praticamente vivia no gabinete da doutora Arbuthnot.

Wells sabia que a doutora Arbuthnot era a atual diretora do departamento de Feitiçaria de Penhaven, e fora professora dele numa cadeira quando ele frequentara a faculdade, mas havia qualquer coisa em relação àquele nome que fazia soar uma ténue campainha. Alguma coisa que o levou a olhar para Gwyn porque... sentiu que a envolvia de alguma forma?

Mas Sam continuou.

— De qualquer forma, nada disto é a parte maluca! Bem, o armário é um bocado maluco, mas...

— Sam! — interrompeu Cait, agarrando-a pelos ombros e abanando-a ligeiramente. — Vai direta ao assunto!

— Não há magia no armário — continuou Sam, muito depressa. — A sério. Zero feitiços de proteção. A Sara disse que nunca foi um problema, porque quem é que quer ver aqueles ficheiros? É só sobre alunos do passado, não dos atuais. E ninguém tem a coragem de entrar pelo gabinete da doutora Arbuthnot dentro e tentar tirar alguma coisa.

— E! — acrescentou Parker, levantando um dedo. — O gabinete da doutora Arbuthnot *está* protegido com feitiços. Quem quiser lá entrar não vai conseguir forçar a entrada.

— *Mas* — acrescentou Gwyn, lançando um olhar a Wells —, se alguém já estivesse no gabinete podia, hipoteticamente, abrir o armário e encontrar o ficheiro da Morgan. Especialmente se esse alguém fosse uma respeitável pessoa da comunidade dos bruxos em quem se teria total confiança se ficasse sozinho naquele escritório.

— Humm — soltou Wells, porque aprendera, ao longo dos anos, que era uma boa reação para quando não se fazia a porra de ideia do que fazer ou dizer.

O sorriso de Gwyn aumentou.

— Hoje vamos os dois fechar as lojas mais cedo, Excelentíssimo.

Capítulo 21



— Isto nunca vai resultar.

— Isto vai resultar de certeza.

Gwyn e Wells tiveram versões daquela discussão pelo menos meia dúzia de vezes desde que fecharam as respectivas lojas. Quando subiram a montanha para se prepararem nas respectivas casas. («Eu não acho que vá ser tão simples como tu pensas.» / «Vai completamente ser tão simples como eu penso.»)

Quando Wells saiu da sua casa com a roupa mais formal e austera que tinha sem ser um *manto*. («É ridículo pensar que vai ser canja entrar e fazer isto.» / «Pois então prepara o frango, Excelentíssimo, hoje vamos ter canja.»)

Quando se dirigiam para a faculdade na carrinha de Gwyn, com os Bruxos Bebés em cima uns dos outros no banco de trás. («Se despendêssemos mais tempo a planear isto como deve ser, podíamos ver as falhas deste suposto plano.» / «Não há falhas, este plano é perfeito.»).

E agora, enquanto estacionava na berma da estrada a cerca de um quarteirão do *campus*, Gwyn voltou-se para Wells, que estava no lugar do passageiro.

— Só tens de encarnar o teu pai. Tu sabes. Autoritário. *Snob*. Um pouco imbecil. — Estendeu a mão e colocou-a no ombro dele. — Deve ser fácil, és tu, mas uns níveis mais acima.

Os Bruxos Bebés deram uns risinhos ao ouvir aquilo, enquanto Wells olhava fixamente para ela, mas Gwyn continuou a sorrir e, por fim, ele revirou os olhos, no que lhe apareceu uma ténue sugestão de sorriso.

— Está bem. E tu vais estar a que distância de mim?

— Dez minutos. Talvez quinze. Depende de quão depressa este pessoal aqui atrás consegue fazer o que tem de fazer. — Acenou para Sam, Cait e Parker, que estavam quase a saltitar de excitação, e, apesar de Gwyn achar que aquilo era ótimo para eles, talvez estivesse muito

ligeiramente nervosa e *ligeiramente* menos confiante com O Plano do que vinha a garantir.

Mas como ela e os Bruxos Bebés tinham inventado aquele plano, parecia imperativo que o pusessem em andamento o mais depressa possível, naquele preciso segundo. Afinal, quanto mais depressa descobrissem qual era o grande segredo de Morgan, mais cedo saberiam se ela representava uma ameaça para Graves Glen.

E, pronto, sim, talvez Gwyn andasse a pensar numa razão para ir falar com o Wells desde sexta-feira à noite, e aquilo dera-lhe a desculpa perfeita. Mas agora não ia pensar muito nisso.

Tal como *não* pensara em como aquele beijo não teve nada que ver com magia e que ela estava, aparentemente, muito, muito interessada em Llewellyn Penhallow, o Excelentíssimo.

Por isso, era melhor atirar-se a isto do que analisar esses assuntos com mais pormenor.

Wells chegou-se à frente, endireitando a gravata. Estava todo vestido de preto, o cabelo puxado para trás, sendo o anel de sinete no dedo o único toque de cor além dos olhos azuis.

Aquele visual funcionava com ele. Sério, sóbrio.

Sexy como um raio.

Gwyn afastou esse pensamento com a força de um trator e verificou o seu reflexo no espelho retrovisor. Estava com as *leggings* e as botas de antes, mas trocara o camisolão por uma *T-shirt* larga na qual se lia *VOEM, MINHAS LINDAS!* num verde berrante. Por cima disso, tinha posto um casaco felpudo do mesmo tom de verde. Das orelhas pendiam-lhe dois brincos que eram umas vassouras púrpura brilhantes.

Até para Gwyn aquilo era um bocadinho de mais, mas, tal como Wells, ela tinha um papel para representar naquela tarde.

— Então, só tiro o ficheiro do armário e tenho esperança de que ela não se aperceba? — perguntou Wells.
— Enfio-o no meu casaco?

— É esse o plano — respondeu Gwyn, mas Parker aproximou-se, inclinando-se do banco de trás com algo na mão.

— Na verdade — disse —, eu fiz isto.

Parecia uma moeda, ligeiramente maior do que uma moeda de um dólar, e quando Wells a tirou da mão de Parker, Gwyn sentiu um leve bruxulear, como de azeite em água.

— Toque com isto nas páginas e a informação fica gravada — disse Parker. — Depois, só tem de pôr noutra

folha de papel, e tudo o que estava no papel original passa para lá.

— Isso é... muito inteligente — elogiou Wells, segurando na moeda à luz, e Parker fez um sorriso enorme.

— Obrigado! Fui eu que inventei, e acho que vou fazer uma *fortuna* se conseguir fazer mais e começar...

Parker interrompeu o que ia dizer quando Gwyn e Wells se viraram lentamente, e encolheu-se no seu lugar.

— Claro que não as vou vender no *campus* — concluiu, e Sam deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

— É bom saber — disse Wells, antes de soltar um suspiro e abrir a porta da carrinha.

— Dez minutos — avisou ele, e Gwyn assentiu.

— Dez minutos.

Wells virou-se e avançou na direção da faculdade. Gwyn esperou um momento antes de abrir a porta de rompante.

— Excelentíssimo! — chamou, correndo atrás dele. Wells deteve-se à espera dela.

Esvoaçavam folhas na rua, a tarde estava límpida, mas começava a ficar fresca, sobretudo ali, à sombra entre

os prédios, e Gwyn puxou mais o casaco para si, com um ligeiro arrepio.

— Gosto muito dos meus Bruxos Bebés — disse ela a Wells —, mas tenho de ser franca contigo. Há... pelo menos trinta por cento de hipóteses de essa coisa pegar fogo ou possivelmente explodir.

Wells observou a moeda na mão.

— Trinta por cento?

— Estimativa conservadora.

Ele levantou o olhar para encontrar o dela, e Gwyn sentiu outro arrepio que já não tinha nada que ver com o fresco que fazia.

— Isto vai acabar em desastre — disse ele, mas Gwyn não achou que desta vez estivesse a falar a sério.

— Vai acabar em *triunfo* — respondeu-lhe, e ele suspirou, colocando a moeda no bolso.

— Em breve saberemos, não é?

— Regozijares-te não é muito atraente, Jones.

Gwyn ria-se, batendo com a mão no volante enquanto voltavam para o centro da vila, já a tarde se tornava noite.

— Eu só disse que queria que admitisses que eu tinha razão e também que pusesses um anúncio no jornal a dizer que eu tinha razão, e depois fizesses a tua própria página nas redes sociais e a tua primeira publicação fosse: «Gwyn Jones tinha razão e eu, Llewellyn Penhallow, Excelentíssimo, estava errado.»

Pareceu-lhe que Wells poderia estar a tentar lançar-lhe um olhar fulminante, mas não era fácil, porque ele estava claramente tão feliz quanto ela por o plano ter funcionado.

Quando muito, tinha corrido *melhor* do que ela estava à espera.

Wells conseguira realmente reunir-se com a doutora Arbuthnot no gabinete dela, com uma história qualquer sobre a sua família e querer estar mais envolvido na faculdade, agora que regressara à vila.

Quando Gwyn entrou de rompante, dez — bem, quase vinte — minutos depois, com uma história desvairada sobre ter visto alguns dos bruxos da faculdade a praticarem um feitiço que parecia ter-lhes saído fora do controlo, quase acreditou na expressão arrogante que Wells fez na sua direção.

Tinha, na verdade, sido até excitante, sobretudo a maneira como os olhos dele lhe percorreram o corpo, obviamente para transmitir um desdém pelo traje agressivo, mas suficientemente caloroso para Gwyn ficar feliz por a doutora Arbuthnot ter sido distraída.

A doutora Arbuthnot tinha, como eles esperavam, ido atrás de Gwyn até ao pátio, uma zona encantada, de forma que os alunos normais apenas vissem o que pareciam ser outros jovens a ler, a estudar, a atirar o disco voador.

Os Bruxos Bebés tinham feito o seu trabalho talvez um pouco bem de mais, mas assim que conseguiram fechar a brecha no chão e as árvores voltaram ao normal, safaram-se apenas com um castigo razoavelmente leve (duas semanas como voluntários no refeitório), e Gwyn ficara sozinha com a doutora Arbuthnot.

— Obrigada — dissera a sua antiga professora, antes de semicerrar os olhos. — Já agora, porque estava a menina no *campus*?

— Vim buscar uma coisa ao gabinete da Vivi — replicara Gwyn, mostrando o livro de história de Gales que antes tinha, de facto, ido buscar ao gabinete da prima. Vivi ainda lá tinha algumas coisas dela, e Gwyn soube qual era o adereço perfeito assim que o viu. — Precisa dele para a pesquisa que está agora a fazer em Gales.

A doutora Arbuthnot desconfiaria sempre de Gwyn até uma delas, ou as duas, morrerem, mas gostava de Vivi e respeitava-a, por isso engoliu a desculpa. Uns minutos depois, Gwyn estava de volta à carrinha, onde esperou por Wells.

Esperou bastante.

Passara quase meia hora quando ele apareceu, subindo apressadamente a rua. E quando entrou na carrinha e tirou o ficheiro de dentro do casaco (tinha claramente seguido o conselho dela relativamente à moeda de Parker), Gwyn começara oficialmente O Gabanço.

Enquanto virava no sentido da rua principal, acenou com a cabeça para o ficheiro ainda no colo de Wells.

— Deste uma vista de olhos?

— Não, só fiquei feliz por encontrá-lo, sinceramente. Sabes quantos Howell andaram em Penhaven, ao longo dos anos? Não queria arriscar ela voltar e apanhar-me com isto, por isso escondi-o logo no casaco. E depois tive de ficar

sentado para manter o estratagema após ela terminar com o que quer que aqueles três fizeram.

Olhou para o banco de trás.

— Por falar nisso, onde estão eles?

— Ficaram no *campus* para estudar um pouco — retorquiu ela, e Wells assentiu, olhando para o ficheiro.

— Então, abro-o agora ou preferes esperar para o podermos ver convenientemente?

Gwyn abanou a cabeça e fechou a janela.

— Segue em frente e vê.

Wells abriu a capa e percorreu a página com os olhos.

— Tinhas razão sobre ela ter-se formado em Rituais de Feitiçaria. Também era boa aluna. Quase tudo vintes, louvores dos professores...

Gwyn resfolegou.

— Nunca vou querer ver o meu ficheiro — disse ela. — Provavelmente, está lá escrito «AQUI HÁ DRAGÕES»⁵ e mais nada.

Wells sorriu, sem tirar os olhos do ficheiro de Morgan.

— E o meu, sem dúvida, deve dizer «BAZOU», por isso também não tenho vontade de o ver. Ah! — Bateu na folha.

— Cá vamos nós. «Aluna aconselhada a sair antes da formatura devido a práticas mágicas inapropriadas e indignas.»

Wells levantou o olhar e um trio de rugas surgiu-lhe entre as sobrancelhas.

— E é só isto.

— Pode ser qualquer coisa — disse Gwyn, e Wells recostou-se no assento, pensativo.

— Qualquer coisa *má* — completou. — Por isso sabemos, pelo menos, que, fosse o que fosse, não era bom.

Gwyn assentiu, mas não conseguiu deixar de se sentir um pouco desiludida.

— Sinceramente, isto faz-me sentir que desperdiçámos um plano excelente — disse a Wells, e ele fez aquele «hummm» nasalado, aquela coisa que ele fazia quando não sabia o que dizer.

O que a irritou, só um bocadinho, pois estava a começar a reconhecer os sons dele. As expressões. A maneira como coçava a barba quando estava a pensar arduamente em alguma coisa.

Ele levou a mão à gravata para a afrouxar e desabotoou os primeiros botões da camisa. Gwyn teve de fazer um grande esforço para manter os olhos na estrada.

— Deixo-te em casa?

Ele tinha usado o carro ao sair da loja, mas depois tinham-no deixado em casa dele antes de irem para a faculdade. O crepúsculo instalara-se e Gwyn não estava com vontade de abrir a loja só por duas horas.

Mas também não lhe apetecia ir já para casa, a excitação e a adrenalina ainda fluíam nela, independentemente da desilusão do ficheiro.

Abriu a janela outra vez, deixando entrar o ar frio da noite, o cheiro a lenha e folhas. Noites como aquela em Graves Glen eram mágicas em todos os sentidos da palavra, e à medida que a carrinha de Gwyn percorria a rua principal, as luzes suspensas ao longo dos passeios acendiam-se, refletindo-se no para-brisas.

Ao lado dela, Wells também abria a sua janela, recostando-se no assento.

— Que noite maravilhosa — disse ele com uma voz suave, e, de repente, Gwyn soube exatamente para onde queria ir.

⁵ *Hic sunt dracones* é uma frase em latim traduzida como «aqui há dragões». A cartografia medieval utilizava

esta expressão para designar territórios desconhecidos ou perigosos, imitando uma prática medieval de colocar serpentes marinhas e outras criaturas mitológicas em áreas em branco do mapa. (N. da T.)

Capítulo 22



A noite já caíra quando Gwyn virou a carrinha na direção de uma estrada de terra que lhe era familiar. Serpenteava entre as colinas, com raízes retorcidas de árvores a arquearem-se a partir dos taludes em volta. Ainda tinham as janelas abertas e Gwyn conseguia ouvir o leve gotejar da água que escorria dos afloramentos rochosos em cima, o suave piar de uma coruja, o farfalhar da brisa através das árvores.

— Não estás a levar-me para um sítio longínquo para me assassinares, agora que já cumpri o meu propósito nos teus planos, pois não? — perguntou Wells, e Gwyn piscou-lhe o olho.

— Não me dês ideias.

A estrada curvava ligeiramente ao descerem a colina, e Gwyn acenou com a cabeça para a esquerda.

— Se fores por ali, chegas ao pomar de maçãs do Johnson. Só um aviso, são boas pessoas, mas a querela entre as Pessoas das Maçãs e as Pessoas Sinistras é antiga em qualquer vila que se empenhe seriamente no *Halloween*.

— Registado — reagiu Wells, com uma solenidade falsa, e Gwyn sorriu, metendo outras mudanças à medida que a carrinha subia cada vez mais.

— Normalmente, deixamo-los ter praticamente todo o mês de setembro, mas se tentarem fazer o Passeio de Carroça de Maçãs do Outono na noite do *Halloween*, como ameaçaram, vale tudo.

A carrinha subiu mais um pouco e Gwyn meteu a marcha-atrás, manobrando de forma a estacionar exatamente onde queria. Estivera ali vezes suficientes para quase conseguir fazer aquilo de olhos fechados, mas Wells olhava em volta, um pouco desconfiado.

— Estava a brincar com aquilo do assassinio, mas não faço a menor ideia de onde estamos agora.

Desligando a carrinha, Gwyn abriu a porta.

— Agarra-te ao colete, Excelentíssimo.

— Nem sequer tenho um vestido — resmungou ele, enquanto saía, mas qualquer outra queixa morreu-lhe nos

lábios ao olhar para a paisagem que se estendia à sua frente.

Gwyn estacionara de forma a deixar a parte de trás da carrinha voltada para a falésia escarpada. A terra descia subitamente, revelando o vale lá em baixo. Graves Glen era uma coleção de luzes que brilhavam na escuridão, acolhedoras e calorosas, apesar de distantes, com as colinas indistintas a erguerem-se em redor.

Logo a seguir à vila, o luar revelava a fita prateada de um comboio a passar pelo vale e ouviu-se à distância o som da sua buzina.

Gwyn estendeu a mão para o banco de trás e pegou na manta que levava sempre na carrinha para quando ali quisesse ir. Atirou-a para a parte de trás da carrinha e subiu.

Wells ainda estava em pé ao lado da carrinha, a absorver a paisagem. Depois de preparar a manta, Gwyn disse:

— Na verdade, quem descobriu primeiro este sítio foi a Vivi. Quando éramos adolescentes. Ela gostava de

conduzir pelas montanhas e dizia que esta era a melhor vista de todas em quilómetros.

— Sim, é difícil imaginar algo mais bonito do que isto — concordou Wells, com uma voz suave, bebendo tudo com os olhos.

Ajeitando-se na manta, Gwyn fez-lhe um gesto para se sentar com ela.

— Anda lá, Excelentíssimo — convidou ela. — Se vais ser um rapaz da Geórgia, precisas de alguma experiência em sentares-te na parte de trás das carrinhas.

— És um bocadinho mandona, sabias isso? — disse ele, mas içou-se para a parte de trás da carrinha com surpreendente elegância, sentando-se ao lado dela e esticando as pernas para a frente.

Por um momento, ficaram quietos, e se ocorreu a Gwyn que nunca levara alguém para ali antes, também não quis pensar demasiado nisso.

Demasiado.

Preferiu inclinar a cabeça para trás e olhar para cima. As estrelas cintilavam através das árvores sobre eles e a

Lua era um crescente perfeito mesmo à direita da colina mais alta.

Ao lado dela, Wells inclinou-se para trás, apoiando-se nas mãos.

— É tão límpido aqui. O ar, o céu.

Gwyn também se inclinou para trás, tocando com a mão na dele. Quis fingir que não tinha dado por isso, que o calor do corpo dele não a fez querer enroscar-se nele, respirá-lo.

Mas estava a tornar-se cada vez mais difícil fingir esse tipo de coisas relativamente a Wells, por isso aproximou-se mais um pouquinho, suficientemente perto para que as ancas se tocassem enquanto observavam as estrelas.

— Tenho a certeza de que Gales também não se deve sair nada mal em termos de beleza natural — disse ela, e Wells soltou uma risadinha.

— Não se sai nada mal, não — reconheceu. Gwyn olhou de relance para ele, apesar de estar tão escuro, ele era pouco mais do que uma sombra. — Mas é diferente aqui. É muito... americano — completou Wells.

Pela primeira vez, não disse aquilo como se fosse um palavrão e, quando se virou para olhar para ela, Gwyn achou que havia qualquer coisa de melancólico na sua expressão.

— Tiveste saudades? — interrogou ela. — De Graves Glen. Quando voltaste para Gales.

Wells esfregou a barba ao pensar nisso.

— Achei que não, pelo menos no início. Estive aqui poucos meses, e a maior parte do tempo passei-o na faculdade. Mas, quando voltei, dei por mim a pensar nesta terra nos momentos mais estranhos. Estava a caminhar no passeio em Dweniniaid e lembrava-me de como as folhas voavam através do *campus*, de como era bonita aquela relva verde com os tijolos vermelhos. Ou, atenção, isto era muito raro, aparecia no bar um grupo de rapazes que eram claramente antigos colegas de universidade e eu pensava nas pessoas que poderia ter conhecido se tivesse ficado mais tempo. Nas pessoas que ainda poderiam fazer parte da minha vida. — Abanou a cabeça e riu-se timidamente. — Acho que isto me faz parecer um pobre coitado.

— Eu já achava isso de ti, por isso, tudo bem — respondeu ela, mas a mão ainda estava perto da dele e Wells limitou-se a sorrir.

— De qualquer forma, sim, tive saudades. Ou melhor, lamento tudo o que perdi por me ter ido embora tão cedo.

— Wells olhou para ela, interrompendo momentaneamente o que estava a dizer antes de voltar a contemplar a paisagem. — Por exemplo, não fazia ideia de que a Festa de Ostara incluía a possibilidade de namoricos alcoolizados.

Gwyn riu-se, dobrando os joelhos e envolvendo-os com os braços.

— Eram amassos, não namoricos — corrigiu ela. — Duas coisas muito diferentes. — Dando uma pancadinha com o ombro no dele, acrescentou: — E tenho a certeza de que tiveste pelo menos um ou dois casos de namoricos *ou* amassos alcoolizados. As raparigas em Penhaven praticamente punham fotografias tuas nas paredes.

Outra daquelas gargalhadas abafadas enquanto Wells levantava a mão e penteava o cabelo.

— Como já estabelecemos, eu era um pouco idiota na altura, por isso, não, parece que nunca tive oportunidade para nada disso enquanto aqui estive.

— A sério? Nem uma vez?

Ele ainda olhava para a paisagem, o seu perfil na sombra, e Gwyn pensou naquele rapaz arrogante a entrar na sala de aula da doutora Arbuthnot, como ela ficara tão irritada com ele, como presumira que era tudo fácil para ele por causa do apelido.

E durante esse tempo todo, ele só sentira... solidão.

— Nem uma — confirmou ele, e lançou-lhe um daqueles sorrisos irónicos. — Se serve de consolação, tive *ótimas* notas.

Havia um milhão de piadas que ela podia fazer naquele momento. Provavelmente, um milhão e cinco.

Mas Gwyn não queria fazer piadas.

Em vez disso, virou-se para Wells, ajoelhando-se, e colocou as duas mãos na cara dele.

A barba era macia sob as palmas das mãos, e quando ela passou uma perna por cima dele, para se sentar ao colo de Wells, o galês engoliu em seco, ao mesmo tempo que levantava as mãos e as colocava mesmo abaixo da cintura dela.

Por um segundo, Gwyn pensou se ele a deteria ou se referiria todas as razões pelas quais aquilo era uma má ideia, ou iniciaria um solilóquio sobre o assunto.

Mas ele só a puxou para mais próximo.

Gwyn sentiu um leve sorriso ao baixar a cabeça na direção da dele, as bocas muito próximas.

— O que achas de alguns amassos pelo tempo perdido, Excelentíssimo? — murmurou ela.

— Não estamos bêbedos, por isso não sei se isto conta — respondeu Wells, mas mantinha as mãos nela e inclinou muito ligeiramente a cabeça, deslizando o nariz pelo maxilar dela de uma forma que fez com que os olhos de Gwyn se fechassem.

— Oh — prometeu Gwyn, balançando as ancas enquanto ele perdia novamente o fôlego —, acredita em mim. Vai contar.

Não houve pretextos quando ela o beijou desta vez. Nenhum feitiço, ninguém para enganar. Ninguém por perto, exceto eles os dois na escuridão, Graves Glen a cintilar à distância, mas a milhares de quilômetros na cabeça dela.

De certa forma, foi como um primeiro beijo e isso fez com que qualquer coisa se apertasse no peito de Gwyn

quando abriu a boca sobre a dele, a mão a agarrar a roupa dele no peito, os dedos dele a cravarem-se nas ancas dela.

Quando ela se afastou, os lábios dele passaram para o pescoço, arranhando-lhe a pele com a barba de um modo que ela sabia que na manhã seguinte lhe doeria, mas naquele momento era apenas agradável. Tudo era bom. A boca dele, as mãos, a suavidade do cabelo ao roçar na cara dela, a dor lenta e suave a aumentar entre as suas pernas ao mover-se ansiosa sobre o colo dele.

Apesar do fresco da noite, ela ergueu-se um pouco para tirar o casaco no mesmo momento em que Wells levantou a cabeça para a beijar novamente, e então ela deixou-se distrair, beijando-o de volta com o casaco pendurado entre o braço e o flanco.

E quando a língua dele fez uma coisa particularmente agradável contra a dela, Gwyn soltou um gemido de carência, agarrando-se aos ombros dele, mas detendo-se na camisola de malha traiçoeira.

Rindo-se contra a boca dela, Wells levantou as mãos, ajudando-a a tirar o resto da roupa ofensiva e, com um som frustrado, interrompeu o beijo para atirar o casaco para fora da carrinha no meio da noite escura.

— És uma mulher linda, mas aquela era uma peça de roupa tenebrosa — disse Wells, ofegante, enquanto lhe

beijava o queixo. — Por isso, não me arrependo de a ter sacrificado esta noite.

— Era a minha preferida — mentiu ela —, e vou obrigarte a ofereceres-me uma nova.

Ele riu-se outra vez e Gwyn seguiu aquele som com a boca, o ar frio da noite contra o seu rosto ruborizado. Com uma das mãos encostada às costelas dela, Wells sentia um peso quente através da sua *T-shirt*. Gwyn perguntou-se se ele conseguia sentir como o seu coração batia depressa.

Ela conseguia senti-lo, duro sob ela, apesar das camadas de roupa entre eles. Pressionou ainda mais, baloiçando as ancas, sentindo nas veias as vagas de calafrios provocadas pela fricção, contraindo as coxas enquanto, de repente, o beijo se tornava mais selvagem.

Uma das mãos de Wells, aquelas mãos lindas e elegantes que a tinham feito ter pensamentos obscenos durante muito mais tempo do que ela queria admitir, estava na nuca dela, enrolada no cabelo. A outra, apoiada mesmo acima do rabo dela, empurrava-lhe a anca para si enquanto ela se movia, os corpos em sintonia. Gwyn pensou em como algo tão simples, como beijarem-se completamente vestidos, podia ser tão maravilhoso.

O homem ainda tinha um *fato* vestido, caramba.

Mas talvez isso fizesse parte. O sério e formal Wells Penhallow no seu fato escuro, beijando-a na parte de trás da carrinha como se fossem dois estudantes excitados que se tinham esgueirado do *campus*.

Apenas por um instante, sentiu-se percorrida por algo como nostalgia, um desejo de voltar atrás no tempo para poderem ser aquele Wells e aquela Gwyn, sem as outras tretas, todas as outras complicações.

— Sabes — disse Gwyn, ofegante, afastando os lábios dos dele —, és extremamente bom nisto para quem alega nunca ter feito este tipo de coisa.

— Eu aleguei não ter feito estas coisas *aqui* — emendou Wells, afastando o cabelo dela da cara, com o dedo a tocar brevemente naquela madeixa rosa esbatida contra a face, enquanto a mão que tinha nas costas dela a incentivava a continuar a mexer-se. — Eu não era um monge, Jones.

— Ah, então há raparigas galesas que seduziste nas traseiras de carrinhas. Desculpa, *camhões*.

— Acho que foste tu que te puseste ao *meu* colo — lembrou ele, aproximando-se para lhe dar outro beijo fervoroso no pescoço.

O cérebro de Gwyn estava completamente baralhado, fechando os olhos ao mesmo tempo que conseguia dizer:

— Posso ter dado o primeiro passo, mas tu é que continuaste com isto, Excelentíssimo. Começo a achar que esta coisa do Tipo com Colete é uma encenação.

Ele tirou a mão do rabo dela, inclinando-se um pouco para trás, observando-a, apesar de o seu peito subir e descer vigorosamente.

— Falas sempre assim tanto durante o sexo?

Gwyn lambeu os lábios, sendo a vez dela de inspirar profundamente.

— É isso que estamos a fazer? — perguntou. — Sexo?

Wells levantou uma mão, ajeitando o cabelo antes de se inclinar para trás apoiado nas duas mãos, Gwyn ainda sentada sobre ele.

— Parece bastante o prelúdio disso.

— É isso que queres? — interrogou Gwyn, subitamente com um pouco de frio por não estarem agarrados um ao outro.

Mas era bom.

Ela precisava do espaço, precisava de respirar, porque aquilo começara como uma coisa divertida, algo que sentia que estava a controlar, e começava a parecer uma coisa maior do que isso, o que era francamente assustador.

— Podemos — continuou Gwyn. — Fazer sexo. Ou podemos só continuar a fazer isto, talvez subir um pouco a parada. Quero dizer, ainda nem me apalpaste nem nada, e *múltiplas* fontes poderiam dizer-te que as minhas mamas não são de desperdiçar. Por isso — Gwyn encolheu os ombros —, é o que quiseres.

Wells ficou tão quieto durante tanto tempo que Gwyn perguntou-se se ele não *seria* realmente um androide e ela tinha provocado um curto-circuito no sistema dele. Ou então demorava um pouco para que o sangue regressasse de súbito ao cérebro.

O vento ainda soprava através das árvores, um suave farfalhar sobre eles, e a carrinha rangeu um pouco quando Wells se ergueu lentamente, encostando o peito ao dela, tocando-lhe no rosto com uma das mãos.

O luar era suficiente para Gwyn conseguir ver a expressão dele enquanto a olhava nos olhos. E se ela esperava pôr um pouco de distância entre eles, aquela

mistura de calor, irritação e prazer acabou com qualquer hipótese de *isso* acontecer.

— O que quero — disse Wells, com a voz baixa —, sua irritante...

Os lábios dele roçaram os dela, uma muito leve insinuação de beijo, e Gwyn estremeceu.

— Completamente aterrorizante.

Outra vez o roçar de lábios, desta vez ligeiramente mais firme.

— Maravilhosamente linda mulher doida, é ver-te a ter um orgasmo.

Um beijo agora a sério, rápido, que acabou demasiado depressa, mas suficientemente indecente para que, quando ele se afastou, as mãos de Gwyn estivessem outra vez a agarrar a roupa dele. E ele tinha de novo a respiração pesada, o olhar lascivo na cara dela.

— Oh! — Foi a única coisa que a Gwyn conseguiu dizer, a boca seca, mas de resto todo o corpo estava simultaneamente líquido e em fogo.

Um dos cantos da boca de Wells levantou-se quando, uma vez mais, tirou o cabelo da frente da cara dela, com um toque suave que foi o suficiente para ela ficar arrepiada.

— Se isso quer dizer que queres que te coma, então eu como-te — continuou ele, deslizando o polegar nos lábios dela, um toque suave que ela sentiu no corpo todo. — Mas fico na mesma feliz só por poder tocar-te. Ou saborear-te.

Gwyn expirou tremulamente. Toda ela tremia, apercebeu-se, e queria que ele continuasse a falar assim para sempre, a voz quente e baixa, áspera, mas a deslizar por ela como uma coisa sedosa e macia; queria que continuasse a encher a cabeça dela com imagens dos dois, das coisas que ele lhe podia fazer, das coisas que *podiam* fazer.

— Se quiseses continuar com todas as roupas que temos vestidas agora e mexer-te sobre mim até teres um orgasmo, nada me daria mais prazer. Se quiseses tocar-te enquanto vejo, eu... bem.

Wells mexeu-se sob ela, as mãos a agarrarem-lhe as ancas, pressionando-a para baixo sobre ele, só para o caso de Gwyn não ter percebido bem o quanto aquela ideia lhe

agradava, e ela engoliu em seco, as mãos pousadas nos ombros dele, cravadas no casaco do seu fato.

— É isso que eu quero, Gwynnevere Jones — disse ele. — Que tenhas um orgasmo para mim. Da maneira que tu escolheres.

Gwyn olhou para ele quase maravilhada.

— Quem és tu, e o que fizeste ao Llewellyn Penhallow, Excelentíssimo? — murmurou ela, e Wells sorriu, inclinando-se para lhe beijar a covinha do pescoço.

— Mas se o que *tu* quiseres é parar com isto e descer a montanha e fingir que nada disto aconteceu, também estou recetivo — murmurou contra a pele dela.

— Ah, cá está ele — disse Gwyn, e Wells deu uma gargalhada retumbante que ela sentiu mais do que ouviu.

Ele levantou de novo o olhar sobre ela, tirando-lhe a mão do ombro e dando-lhe um beijo na palma da mão.

— Então, o que escolhes, Jones?

Capítulo 23



Era libertador, de fazer perder completamente o raio da cabeça.

Pois claramente foi isso que ele fez, e Wells não tinha a certeza de alguma vez ter estado tão feliz.

Ou se calhar foi por ter Gwyn ao colo, o corpo quente e dócil sobre ele, a cara dela uma mistura de desejo e necessidade e uma deliciosa espécie de surpresa que o fez sentir vontade de lhe dizer todos os pensamentos indecentes que já tivera com ela, todas as coisas deliciosas e debochadas que já desejara.

Ia demorar um pouco, porque Wells tinha quase a certeza de que, relativamente àquela mulher, ele queria *tudo*, mas não havia qualquer problema nisso. Ali naquele local escondido, sobre a povoação lá em baixo, longe de tudo menos dela, Wells sentia que tinham todo o tempo do mundo.

De qualquer forma, o tempo parecia congelado, agora que ele esperava que ela decidisse, que lhe dissesse o que queria. Ele sabia que a coisa mais inteligente era voltarem para Graves Glen, encontrar outra razão para explicar este

momento de loucura, mas, raios, ele estava farto de ser inteligente.

E ela deve ter sentido o mesmo, porque se inclinou para a frente, beijando-o novamente, chupando o lábio de baixo dele de tal forma que Wells achou que conseguia vir-se só com aquilo, a boca dela na dele, ela sentada de pernas abertas sobre ele, os seios um leve peso sobre o peito.

E então ela afastou-se, um sorriso perigoso naquela boca maravilhosa.

Desceu as mãos pelo corpo, cruzando-as na extremidade da *T-shirt*, e lentamente subiu-a pelo corpo. Os olhos de Wells observavam avidamente cada centímetro de pele que se ia revelando. À luz do luar, ela estava pálida, a pele parecia mármore, e Wells não conseguiu evitar colocar a mão na barriga dela, tocando levemente com a ponta dos dedos a borda do sutiã enquanto ela atirava a *T-shirt* para fora da carrinha, onde já estava aquele casaco horrível.

Wells inclinou-se, de forma a olhar para ela, desejando que houvesse mais luz, lembrando-se então que *era* um bruxo.

— Posso? — perguntou, tirando a mão da barriga dela, já com uma pequena faísca a surgir-lhe entre os dedos, e quando ela assentiu, aquela faísca cresceu para um brilho suave, pouco mais brilhante do que uma vela, mas suficiente para a conseguir ver.

O sutiã dela era todo preto, quase transparente, exceto sobre os mamilos, onde duas caras de gatos sorriam para ele. Wells riu-se, já com a mão no seio dela, o polegar a deslizar sobre um daqueles bigodes de gato patetas.

— Raios, eu não devia estar tão excitado como estou agora — disse, e Gwyn riu-se para ele.

— Ajuda ou não, sabes que vou começar a vender disto na *Something Wicked*? — perguntou ela, e Wells abanou a

cabeça.

— Sinceramente, não sei.

Ainda a sorrir, Gwyn levou a mão atrás das costas e desapertou o sutiã. Esse, Wells reparou, ela não atirou para fora da carrinha, colocou-o ao lado das ancas, e a partir daí também não pensou em mais nada, porque Gwyn estava seminua em cima dele, a passar-lhe os dedos pelo cabelo, arranhando-o com as unhas.

— Só para que saibas — disse ela numa voz rouca, dirigindo a mão de Wells para o seu peito —, podes olhar e tocar.

Com a respiração ofegante, Wells passou os nós dos dedos pelo mamilo, depois começou a fazer pequenos círculos com o polegar, enquanto ela suspirava e balançava as ancas de novo.

— E se eu quisesse fazer isto? — perguntou ele, inclinando a cabeça e deixando a respiração passar sobre a pele arrepiada. Com um som suspeitamente próximo de um gemido, ela assentiu, aproximando-se mais enquanto os lábios dele se fechavam à volta do mamilo, sugando, primeiro com suavidade, depois com força.

Wells pensara sempre que ela cheirava maravilhosamente, transportando os odores dos chás e ervas e velas com ela, fazendo tanto parte dela como o cabelo vermelho e os olhos verdes. Mas isso não era nada comparado com o sabor da pele dela, queria perseguir

aquele sabor para todo o lado, queria imprimi-lo na língua para o resto da vida.

Podia dizer o que quisesse a si próprio, que ela só lhe provocava aquilo porque há muito tempo não estava com uma mulher, mas já estava farto de mentiras. Era ela, e era ele, e era qualquer magia que, de alguma forma, os seus corpos acendiam juntos, e nunca antes houvera nada como aquilo, e ele sabia até aos ossos que nunca mais voltaria a ter algo igual.

— Tens demasiada roupa vestida — observou Gwyn, a voz trémula, apesar de tentar rir-se. Wells, relutante, largou o mamilo dela, movendo-se de forma a conseguir tirar o casaco. Gwyn ajudou-o, a seguir levou as mãos aos botões da camisa, e Wells arrancou-a o mais depressa que conseguiu, tremendo quando as unhas dela lhe desceram lentamente pelo peito, cada vez mais para baixo, brincando um pouco no estômago e dando umas pancadinhas na fivela do cinto.

Ela também tremia, apercebeu-se ele, e talvez não só por causa do toque dele. A noite arrefecera, era quase fria agora, e, sem pensar, Wells levantou a mão outra vez. Murmurou rapidamente umas palavras e o ar à volta deles aqueceu uns graus, afastando o frio. Era um feitiço muito útil em Gales, e não um que se esperasse ter necessidade de usar na Geórgia, mas ele também não imaginava que

estaria nu nas traseiras de uma carrinha no meio de um bosque.

Gwyn sorriu junto da sua boca enquanto o beijava novamente. A seguir, saiu de cima dele, pondo-se de pé com um movimento surpreendentemente elegante.

A carrinha abanou um pouco quando ela se baixou, tirando uma das botas e depois a outra, e Wells mantinha-se ali deitado aos pés dela, apoiado nos cotovelos enquanto a via despir as *leggings* ela ficar nua sobre ele, parecendo uma espécie de deusa da antiguidade, emoldurada contra o céu noturno, o comprido cabelo vermelho agitado pelo vento.

Oh, estou tão fodido.

Wells só se apercebeu de que tinha dito aquelas palavras em voz alta quando ela se riu, ajoelhando-se sobre a manta, mulher novamente, ainda assim a coisa mais bela que alguma vez tinha visto.

— Vais acabar por estar, sim — prometeu ela. — Mas acho que me lembro de qualquer coisa sobre ser escolha minha a forma como é que *eu* tenho hoje um orgasmo.

Surpreendido por ainda conseguir formar palavras, quanto mais um gracejo, Wells conseguiu dizer:

— Foi esse o acordo, sim. Palavra de bruxo.

— Isso continua a não existir — disse ela, e percorreu com a mão o maxilar dele, centrando os olhos na boca.

— Nunca tive ninguém com barba lá em baixo — revelou ela, e o sangue de todas as partes do corpo de Wells correu-lhe ao pénis, pois nunca o tivera tão duro na vida.

— Sempre feliz por proporcionar novas experiências — conseguiu murmurar, e um dos cantos da boca de Gwyn subiu.

— Até experiências de *luxo*.

— Essa é a marca Penhallow.

Pareceram aproximar-se um do outro ao mesmo tempo e encontraram-se a meio. Wells desceu-a com ele até estar deitado de costas, com a cabeça quase a tocar na extremidade da carrinha, Gwyn por cima, com as mãos dele a tocarem-lhe nas costas, nas coxas, no rabo, em qualquer parte onde pudesse tocar enquanto a beijava, até que ela se sentou, com as pernas abertas sobre ele.

Gwyn desviou os olhos para o espaço da manta ao lado deles e já estava a inclinar-se para aí quando Wells a apertou e a manteve no lugar.

Gwyn baixou o olhar sobre ele, de sobrelance, levantadas, a pele corada à luz suave do feitiço de Wells.

— Foste tu que disseste — lembrou ele, descendo na caixa da carrinha e levantando os joelhos, instando-a a deslizar para cima, à altura do seu peito. — Experiências de luxo, Jones.

Gwyn ficou apenas um pouco boquiaberta, obedecendo aos toques dele.

— Bem, és cheio de surpresas — murmurou, e Wells permitiu-se um sorriso presunçoso.

— Nem fazes ideia — respondeu, puxando-a com força. Gwyn ficou com os joelhos ao lado dos ombros dele, as coxas abertas à sua frente, a boca de Wells nela.

Wells ouviu um baque surdo quando Gwyn gemeu e se inclinou para a frente, as mãos a bateram no vidro da carrinha, os braços apoiados enquanto movia as ancas contra a boca dele. Estava molhada e quente e perfeita, arrebatada, e Wells sentiu-se embriagado dela quando ela gritou, enquanto gemia o nome dele, procurando o prazer com o mesmo modo implacável com que o fizera desejá-la em primeiro lugar.

E quando ela finalmente estremeceu e desabou sobre ele, quando ele olhou para o corpo dela e viu-lhe os olhos fechados, os lábios entreabertos, o cabelo vermelho brilhante contra o céu escuro, soube que não estava nem perto de estar saciado dela.

Capítulo 24



— Então, como estão a correr as coisas com o Wells?

Maldita invenção, a do FaceTime, decidiu Gwyn, ao ver a cara feliz e luminosa de Vivi no seu portátil, aberto sobre o balcão da *Something Wicked*.

Porque é que as pessoas não podiam apenas falar ao telemóvel? Porque tinham de querer *ver-se*?

Ao telemóvel, ninguém conseguia ver se não estavas a usar maquilhagem ou se ainda estavas de pijama ao meio-dia. Ninguém conseguia ver que a breve experiência com a franja terminara em tragédia.

E ninguém conseguia ver a outra pessoa a corar.

Vivi franziu a testa e aproximou-se do ecrã.

— Tens ar de culpada. Por favor, diz-me que não explodiste a loja dele. Que não o transformaste numa

espécie qualquer de anfíbio.

— Não! — insistiu Gwyn. — Juro!

«Só cavalguei a cara dele na parte de trás da minha carrinha no nosso lugar preferido, só isso, e foi a melhor experiência sexual da minha vida, e não faço ideia de como lidar com nada disto, por isso, talvez *devesse* transformá-lo num anfíbio, porque assim pelo menos teria a certeza de que nunca mais fazia aquilo, só que eu quero mesmo muito, muito voltar a fazer aquilo.»

Por um segundo, Gwyn pensou dizer tudo aquilo a Vivi, mas como gostava mesmo da cabeça de Vivi como era, e não completamente desfeita, decidiu acrescentar apenas:

— Por acaso estivemos juntos ontem e fomos muito civilizados.

Não era *completamente* mentira.

A noite anterior fora definitivamente... amigável.

Era evidente que Vivi não estava convencida, mas deixou passar, olhando para trás por cima do ombro. Estava numa espécie de casa de campo agradável e, apesar de Gwyn não conseguir ver Rhys, conseguia ouvi-lo cantarolar alegremente lá atrás, o que, provavelmente, significava que estava a cozinhar. Já estivera com ele as vezes suficientes para reconhecer esse hábito.

— Vai lá — disse ela para Vivi. — Vai ver que enjoativamente maravilhosa comida o teu marido está a fazer para o jantar, e dorme bem, sabendo que eu e o Wells não andamos à bulha.

Vivi olhou para ela e ajeitou o cabelo atrás da orelha.

— De certeza que está tudo bem por aí? O Encontro Anual de Graves Glen é já daqui a uns dias, e depois a Feira de Outono, e também não vamos estar aí nessa altura, mas...

— Tudo está bem na vila de Graves Glen — garantiu-lhe Gwyn, tecnicamente outra verdade. Sabia que devia falar à Vivi sobre Morgan ter voltado à vila, sobre todas aquelas coisas estranhas em casa dela, mas já bastava o que Vivi e Rhys tinham passado no ano anterior e mereciam uma lua de mel sem preocupações. Se alguma coisa grave acontecesse, talvez ela contasse a Vivi Tudo Sobre Morgan, mas, por agora, Gwyn estava feliz por manter Vivi fora do assunto.

— Está bem — disse Vivi, e acenou para o monitor. — Diz ao Sir Purrcival que lhe mando um olá. Volto a falar em breve.

— Eu digo-lhe!

Com o portátil fechado, Gwyn olhou para o outro lado da loja, onde Cait e Parker estavam a ajudar a reorganizar o

expositor dos cristais. Sam estava a trabalhar no *Coffee Cauldron*, mas tinha lá passado, e os três Bruxos Bebés ficaram um bocadinho tristes por saberem que o ficheiro de Morgan não tinha muita informação.

Gwyn também não estava muito satisfeita com isso, mas ainda andava a pensar em qual deveria ser o passo seguinte. Podia sempre ligar a Morgan, convidá-la para almoçar e ver se ela se descaía com alguma informação, mas Gwyn não queria mostrar o jogo tão cedo, no caso de Morgan *estar* a preparar alguma coisa.

Ainda pensava no que fazer — e tentava com muito esforço não olhar de cinco em cinco segundos pela janela para a loja *Penhallow's* — quando o corvo por cima da porta crocitou.

— Bem-vindos à *Something Wicked!* — disse ela, antes de se virar e ver Jane. — Oh — disse, limpando o pó das mãos na parte de trás da saia. — Bem, tu não precisas de uma saudação de boas-vindas, já conheces bem este sítio.

Esboçando um sorriso débil, Gwyn atravessou a loja e ficou frente a frente com a ex. Jane estava completamente em Modo Presidente, fato preto simples, saltos altíssimos, dois telemóveis numa das mãos, um iPad a espreitar da carteira que trazia ao ombro e uma caneta encaixada na orelha.

— Não me digas que estás aqui para comprar uma abóbora de plástico — brincou Gwyn, e no rosto de Jane

desenhou-se um ligeiro sorriso enquanto abanava a cabeça.

— Por muito que goste delas, não. Por acaso, queria perguntar-te algumas coisas sobre o que a Vivi arranjou em Penhaven para o Encontro Anual de Graves Glen. Queres...
— Jane gesticulou para trás dela. — Beber um chá ou qualquer coisa e conversar?

Gwyn não conseguia pensar em muitas coisas que fossem mais estranhas, ainda assim assentiu, dizendo a Cait e Parker para tomarem conta da loja por alguns minutos. A seguir, seguiu com Jane pela pitoresca rua principal na direção ao *Coffee Cauldron*.

Gwyn pediu um *dirty chai*⁶, esperando que Jane pedisse o habitual, um café do tamanho da cabeça dela, com cafeína suficiente para matar uma manada de rinocerontes.

Por isso, quando Jane pediu um chá de hortelã-pimenta com mel e limão, Gwyn ficou na dúvida sobre se tinha ouvido bem.

Mas, não, Sam estava definitivamente a entregar chá a Jane e, confusa, Gwyn seguiu-a para uma das mesas das traseiras, sentando-se à sua frente.

— Pareces... calma — comentou Gwyn, observando-a melhor. Gostava da presidente, mas não havia como negar que na maior parte do tempo ela era um remoinho dervixe de *stress* e *Red Bull*.

Mas, aparentemente, já não. Gwyn nunca vira Jane tão calma. E agora estava a corar um pouco, baixando a cabeça

e sorrindo. — A Lorna convenceu-me a mudar para chás de ervas, em vez de café, e pôs-me esta aplicação no telemóvel que supostamente deve deixar-me mais consciente ou algo assim. — Jane abanou a cabeça ao levantar o telemóvel que levava sempre consigo. — Parece uma patetice, mas funciona.

— Deves estar mesmo apaixonada para deixares os teus adorados cafés Americanos⁷ — brincou Gwyn, mas não havia nada de divertido na forma como toda a expressão de Jane se tornou mais suave.

— Estou, sim — anuiu ela, e Gwyn esperou sentir-se um pouco triste, talvez até com alguns ciúmes, mas não aconteceu nada disso. Estava simplesmente feliz por Jane.

— Isto é um pouco estranho — reconheceu Gwyn, enquanto mexia o chá, e Jane encolheu os ombros, dando um gole da sua bebida.

— O quê? Nunca ficaste amiga de um ex antes?

— Não — disse honestamente Gwyn, e Jane riu-se, abanando a cabeça.

— Alguma vez tentaste?

— Não — repetiu Gwyn. — Achei que iam estar todos muito ocupados a amaldiçoar o meu nome ou a escrever contos muito maus sobre uma mulher de cabelo vermelho chamada Brynn que destruía a vida deles para sempre.

As sobrancelhas de Jane desapareceram sob a franja.

— Achas que destruístes a minha vida?

— Ninguém pode destruir a tua vida — admitiu Gwyn.

— És uma força da natureza, não seria possível.

Jane sorriu e Gwyn lembrou-se de como Jane tinha um sorriso mesmo agradável.

— Gwyn, as coisas só não resultaram entre nós — disse Jane, estendendo o braço sobre a mesa para apertar a mão de Gwyn. — Não te odeio nem me partiste o coração. Para ser franca, fiquei principalmente triste por não queres passar mais tempo comigo, eu gostava de passar tempo contigo.

— Eu também gostava.

— E não vejo porque é que não podemos passar tempo juntas como amigas — continuou Jane. — Especialmente agora que ambas temos outros relacionamentos.

Gwyn quase se engasgou com o chá.

— O quê?

Jane inclinou a cabeça, confusa.

— Eu só... pensei que tu e o Llewellyn Penhallow andavam.

A Morgan Howell falou disso, no outro dia.

Certo.

Não tinha pensado bem nessa parte quando se atirou à cara de Wells nas escadas, que as notícias se podiam espalhar, que as pessoas iriam pensar que eles andavam juntos, até porque eles *disseram* que andavam juntos.

E a noite anterior...

«Não, não, não. Nada de pensar sobre isso agora.»

Em vez disso, colocou o copo de papel na mesa e começou a cutucá-lo com as unhas verde-escuro.

— Então, já conhecestes a Morgan?

Assentindo com a cabeça, Jane olhou para o telemóvel e digitou qualquer coisa.

— Passou há dias no gabinete para se apresentar. Está muito interessada em envolver-se em tudo. No Encontro, na Feira de Outono, no *Halloween...* Disse que, se precisássemos de alguma coisa, para a avisarmos.

Jane levantou os olhos castanhos brilhantes.

— *E*, além disso, fez uma doação considerável para essas coisas, por isso agora é a minha cidadã preferida, lamento.

Esforçando-se por sorrir, Gwyn acenou com a mão, apesar de a mente estar num remoinho.

— Qualquer pessoa pode passar um cheque, Jane — provocou. — No que se refere ao *Halloween*, tu sabes quem são os verdadeiramente importantes.

Morgan dissera que queria ajudar com coisas. Se calhar era apenas porque estava determinada a assentar ali na Terra do *Halloween*. Talvez realmente *fosse* apenas uma cidadã empenhada.

Mas Gwyn não conseguia deixar de pensar nas coisas que Morgan tinha no sótão, na magia negra que pairava por todo o lado, na estranha coincidência de ela aparecer *agora*, no primeiro Samhain depois de o poder da cidade ter mudado de mãos.

Felizmente, Jane não pareceu notar a distração de Gwyn e passaram a meia hora seguinte a planear coisas divertidas para o Encontro, incluindo a possível participação de Sir Purrcival.

Quando Gwyn saiu do *Coffee Cauldron*, já estava escuro. Passou pela loja para fechar e, ao fazê-lo, reparou

que na *Penhallow's* as luzes ainda estavam acesas.

Lutando contra a vontade de atravessar a rua, Gwyn entrou na sua carrinha e dirigiu-se para as montanhas, para casa.

O chalé tinha um ar caloroso e acolhedor quando ela estacionou em frente e estava a pensar tomar um longo banho quente e pôr a sua camisa de noite mais confortável, aquela que, segundo Vivi, a fazia parecer a rapariga da capa de um romance gótico, quando reparou que a porta da frente estava ligeiramente entreaberta.

Parada nos degraus da frente, susteve momentaneamente a respiração, tentando lembrar-se dessa manhã. Tinha estado um dia ventoso, formava-se uma tempestade e o chalé era velho. As portas nem sempre fechavam como deviam, mas ela trancava sempre a porta da frente.

Tê-la-ia trancado nessa manhã?

Claro que tinha, pensou, subindo os degraus. Não havia uma sensação de magia no ar nem de que outra

pessoa ali estivesse. Ainda assim, avançou lentamente, o coração batia-lhe com força contra as costelas.

A porta rangeu quando ela a empurrou e estendeu o braço para dentro. Acendeu as luzes e espreitou a entrada.

Ninguém ali.

— Sir Purrcival? — chamou. Se alguém tivesse estado lá em casa, ele dir-lhe-ia.

Isso fê-la sentir-se um pouco melhor, até se aperceber de que a casa estava muito silenciosa, não ouvia o som das patinhas nem miados a pedir guloseimas.

Sir Purrcival ia sempre ter com ela à porta, miando a pedir guloseimas.

Bem, agora estava assustada. Inspirou fundo, agitando os dedos ao lado do corpo, reunindo uma explosão de magia ao mesmo tempo que chamava por Sir Purrcival.

Estava tão concentrada em encontrar o gato que demorou um. minuto a aperceber-se de que a sua mão parecia morta, sem poder absolutamente nenhum.

Respirando ruidosamente, olhou para baixo, mexeu os dedos e... nada aconteceu.

— Sir Purrcival? — chamou novamente, subindo as escadas, procurando no quarto dela, no antigo quarto de Vivi, debaixo das camas, nos armários, atrás dos sofás, em todos os seus sítios preferidos. Durante todo esse tempo tentava aceder à magia, com o coração a palpitar, a respiração a começar a assemelhar-se a um soluçar.

A sua magia não estava a funcionar e o gato desaparecera. Enquanto se encaminhava para a entrada, o alpendre, o bosque, o *seu* bosque na *sua* montanha, sentiu subitamente que se fechavam sobre ela, como se qualquer coisa pudesse estar escondida neles. Estava sozinha. E estava sem poder. E estava sem Purrcival.

Por cima dela, as nuvens precipitavam-se no céu noturno, a intensidade do vento aumentava e, à distância, Gwyn viu o clarão de um relâmpago contra as nuvens espessas. Vinha aí chuva, e no cimo da montanha as tempestades podiam ser intensas.

E Sir Purrcival estava algures lá fora.

Abraçando-se, Gwyn inspirou profunda e pausadamente, fechando os olhos por um segundo.

E quando abriu os olhos, viu nas árvores luzes brilhantes que vinham na sua direção.

[6](#) Bebida popular servida em cafeterias. Consiste numa dose de café expresso misturado com um “chá chai” apimentado. (N. da T.)

[7](#) Um tipo de café em que se acrescenta água quente a um café expresso. É mais doce e tem menos cafeína que o café normal. (N. da T.)

Capítulo 25



Wells não parou de pensar em Gwyn nas últimas vinte e quatro horas. Por isso, quando passou pelo chalé dela a caminho de casa e a viu no alpendre, teve quase a certeza de que tanto pensamento obsessivo o levara a ter visões.

Mas depois viu a cara dela, pálida e preocupada à luz do alpendre, e travou a fundo de tal forma que o carro resvalou ligeiramente na estrada de terra e gravilha.

Ainda nem o carro estava estacionado e já tinha a porta aberta. Correu para ela.

— Gwyn?

— Wells! — gritou ela, e foi aí que ele percebeu, fosse o que fosse, passava-se algo de muito sério.

Subiu os degraus do alpendre ao mesmo tempo que ela começava a descê-los, e naquele momento viu que ela tinha lágrimas nos olhos e tão certo como chamar-se Llewellyn, ia *matar* quem tivesse feito Gwynnevere Jones chorar.

A magia já lhe crepitava nas veias, de mãos fechadas em punho enquanto perguntava:

— O que foi? O que aconteceu?

— Não consigo encontrar Sir Purrcival — revelou ela, com uma voz débil e assustada, tão pouco ela. — Quando cheguei a casa, a porta estava aberta. Pensei que alguém poderia ter entrado, mas acho que talvez só me tenha esquecido de a fechar esta manhã. E com este vento todo, deve ter-se aberto e ele saiu.

Como se ela o tivesse invocado com as palavras, o vento aumentou de intensidade, levantando as folhas. O ar estava denso com o cheiro a chuva e ozono.

Olhou para Wells, a boca a tremer.

— Ele é tão pequenino — continuou ela, e Wells sentiu qualquer coisa a partir-se no seu peito. Naquele segundo, ele teria dado qualquer coisa no mundo para lhe dar o gato, para que ela nunca mais estivesse ou parecesse assim.

— Vamos encontrá-lo — assegurou Wells, sem demora. «Nem que tenha de vasculhar cada canto deste raio desta montanha.»

— Eu tentei — disse ela, a voz vacilante. — Ia fazer um feitiço de localização, mas a minha magia pifou ou sei lá. Não acontece nada.

Wells franziu a testa. Era a terceira vez que a magia de Gwyn não funcionava como devia, ou pelo menos a

terceira de que ele soubesse.

Mas podiam preocupar-se com isso mais tarde.
Naquele momento, ele tinha de encontrar o gato.

— Talvez seja porque estás muito preocupada —
refletiu Wells. — Deixa-me tentar, está bem?

Ela assentiu, enxugando os olhos e inspirando,
trémula. Wells agarrou-a pelos ombros por uns momentos e
apertou-os.

A seguir, virou-se e analisou o bosque que tinha à sua
frente, tentando acalmar o seu próprio coração e
concentrar-se. Só vira o gato meia dúzia de vezes, mas
tentou visualizá-lo o melhor que conseguiu, levantando as
mãos à medida que a magia lhe crepitava ao longo dos
dedos. Conseguia sentir uma espécie de puxão na mente e
a imagem de Sir Purrcival foi acompanhada da cara de
Gwyn, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, o peso no
estômago quando se apercebeu de que ela estava a chorar,
o desejo ardente de resolver aquilo para ela.

Ziguezagueante, soltou-se luz das suas mãos e
espalhou-se pelo chão. Era uma faixa de luz ondulante que
serpenteou à sua frente e através das árvores.

Gwyn já se pusera a correr, seguindo a luz enquanto a
mesma ziguezagueava, e Wells ia mesmo atrás dela,

cauteloso para não tropeçar nas raízes ou nas rochas isoladas e cair, à medida que se embrenhavam na floresta.

A luz terminou numa árvore oca e Gwyn parou, ofegante, enquanto chamava:

— Sir Purrcival?

E ali estava ele, o sacaninha, a passear à volta do toco da árvore, os grandes olhos verdes a piscar enquanto olhava para Gwyn.

— Guloseimas? — perguntou ele, e ela desatou a chorar convulsivamente, ao baixar-se e fazer-lhe festas.

Wells ficou aliviado. Aliviado e orgulhoso, com uma alegria selvagem, e então lá estava outra vez, aquela sensação no peito, um aperto e um calor em simultâneo, enquanto Gwyn cobria o gato de beijos.

— Não mereces nenhuma — respondeu-lhe ela. — Mas, sim. Todas as guloseimas que quiseres. Todas as guloseimas do mundo inteiro.

— Guloseimas — confirmou alegremente Sir Purrcival, ajeitando-se para receber mais mimos.

Wells nunca pensou ter tantos ciúmes de um gato.

Gwyn virou-se então para ele, a cara vermelha e molhada, Sir Purrcival aninhado no queixo dela.

— Obrigada — agradeceu ela. — A sério. Estava a entrar em pânico e não sei o que teria feito se não tivesses aparecido.

— Terias arranjado uma maneira — tranquilizou ele, e Gwyn soltou outro suspiro trémulo enquanto aflagava a barriga de Sir Purrcival.

— Mesmo assim — insistiu Gwyn. — Estou muito agradecida, e Sir Purrcival também, não estás?

Sir Purrcival observou Wells por um momento e soltou um sonolento:

— Não, Imbecil.

— Perdão? — soltou Wells, as sobrancelhas levantadas. Gwyn gesticulou com a mão.

— Ele chama Imbecil ao Rhys, por isso, acredita em mim, esta é a versão dele de um elogio.

— Ah. Então, nisso eu e o Sir Purrcival estamos em sintonia — brincou Wells. Gwyn abanou a cabeça para ele, começando a regressar a casa.

— Já falámos sobre o uso desses termos à Austen, Excelentíssimo — disse, soando mais como ela. — Precisas claramente de ver alguns programas de televisão maus ou uma coisa do género para apanhares um pouco de como é que nós, os humanos, falamos.

— Ou talvez passe mais tempo aqui com o Sir Purrcival. Não há dúvida de que ele tem um vasto conhecimento de termos de calão divertidos e excitantes que posso aprender.

Gwyn riu-se e Wells seguiu-a de volta ao alpendre, detendo-se no início das escadas enquanto ela se dirigia para a porta da entrada.

Ela também se deteve ao perceber que ele não ia atrás dela. Voltou-se e olhou para ele.

— Eu devia voltar para a minha casa antes que chegue a chuva — disse Wells, fazendo um gesto em direção ao carro. — Deixo-te para que tu e o Sir Purrcival se restabeleçam.

Tinha sido fácil não pensar na noite anterior, quando estava demasiado preocupado com o transtorno dela, mas agora que a crise passara, as memórias regressavam, pairando pesadamente entre eles, e Wells sentia-se... bem, *envergonhado* talvez não fosse a palavra, mas inseguro. Teria algum significado aquele longo momento arrebatador na carrinha, bem acima de Graves Glen?

Ou fora uma coisa esporádica, uma maneira divertida de passar a noite?

Sabia qual das duas opções preferia, mas não podia ser ele a decidir e talvez o melhor fosse manter a distância

por algum tempo.

Autopreservação e tudo isso.

Mas ela abanou a cabeça, revirando os olhos no que ele pensou — esperou — ser ternura.

— Salvaste o meu gato, Excelentíssimo. Deixa-me pelo menos servir-te uma bebida.

Empurrou a porta com a anca e olhou para ele por cima do ombro.

— Vens?

Enquanto quase corria pelas escadas acima, Wells decidiu que a autopreservação era definitivamente sobrevalorizada.

«É só uma bebida.»

Era o que Gwyn repetia como um mantra, esmagando na cozinha cerejas negras e uma casca de laranja.

Sir Purrcival dormia feliz na sua cama em cima da mesa da cozinha, a ronronar, e quando Gwyn olhou para ele, ouviu-se o trovejar de um trovão e a chuva a bater contra as janelas. A tempestade que ameaçava desde o princípio do dia finalmente chegara e Gwyn sentiu novamente um aperto na garganta. Sir Purrcival tinha-se

embrenhado na floresta muito mais do que ela imaginava. E se ele ainda estivesse lá fora com aquela tempestade? E se Wells não tivesse aparecido?

«Mas apareceu, e é por isso que estás a preparar-lhe uma bebida, e depois de ele a beber vai-se embora, e não tem de ser mais nada do que isso.»

Contudo, já parecia mais do que isso.

Ela tinha *chorado* à frente dele. Isso era muito mais pessoal para Gwyn do que ter um orgasmo à frente de uma pessoa, e com Wells ela fizera as duas coisas nas últimas vinte e quatro horas. Para ela, só podia ser uma espécie de Recorde de Vulnerabilidade Emocional, e dado que ainda se sentia um pouco trémula, teria sido mais inteligente aceitar que ele fosse para casa.

Mas, não, convidou-o a entrar, e agora, ao sair da cozinha, com as bebidas na mão, o coração batia-lhe todo descompensado.

Ele estava de pé, na sala de estar, de costas para ela, o que lhe permitiu admirar os ombros largos, a cintura estreita, a forma como o cabelo ondulava sobre o colarinho, como assentavam aquelas calças pretas naquele rabo e nas pernas.

«Devia ter-lhe também pedido para se despir», pensou ela melancolicamente, antes de abanar a cabeça. Era

suposto estar a dar-lhe a bebida «obrigada por me salvares o gato» e mandá-lo embora, não ficar a admirá-lo.

— Fiz-te um *Old Fashioned*. Pareceu-me apropriado — revelou ela, e Wells virou-se um pouco, aceitando a bebida que ela lhe entregava, tocando-lhe suavemente nos dedos ao recebê-la. Aquele simples toque enviou uma onda de calor através dela. Não o encarou nos olhos quando bateram com os copos num breve brinde.

— A Sir Purrcival e à continuação da sua segurança — disse Wells, e lá fora ouviu-se outro trovão.

Wells olhou para a frente, franzindo ligeiramente a testa.

— Nunca ouvi este som sem pensar que o meu pai está algures por perto e com mau feitio.

— O teu pai é Zeus? — perguntou ela. — Odin, se calhar?

Isto fê-lo rir, e encolheu os ombros enquanto bebia mais um gole.

— Às vezes, parece. Mas, não, a magia dele está ligada ao tempo, o que significa que sempre que está irritado, chove. E chove muito.

Gwyn tinha estado com Simon Penhallow uma vez e não ficara impressionada. Rhys estava sempre a dizer que

Wells era basicamente uma versão mais nova do pai, mas Gwyn não tinha a certeza. Sim, ele podia ser tão altivo como um imperador romano, mas era também simpático e atencioso. Gentil, à sua maneira.

E, aparentemente, *muito* generoso na cama.

Mas aqueles eram Pensamentos da Zona Perigosa, por isso Gwyn voltou a atenção para a prateleira que Wells estava a observar.

— Para onde estás a olhar tão intensamente? — perguntou ela, e ele estendeu o braço e tocou numa carta de tarô que ali estava.

— Isto — disse ele. — É linda.

Era o Dez de Espadas, uma carta difícil, que normalmente mostrava uma pessoa no chão, trespassada por todas aquelas espadas. Mas, apesar de esta ter esses elementos — uma mulher de cabelo vermelho no chão, o corpo cercado de espadas —, não era tão sinistra. Por um lado, as espadas não lhe trespassavam o corpo, apenas o tecido do longo vestido que tinha, e, apesar de os olhos estarem fechados, não parecia nem morta nem ferida, apenas a descansar, com um ténue sorriso nos lábios. Ao longe, a seguir a uma fila de árvores escuras e ameaçadoras, via-se o Sol, iluminando a parte de cima da carta com uma luz suave rosada.

— Geralmente, é uma carta tão sombria — continuou Wells —, mas esta é adorável e parece compreender o verdadeiro significado da carta. Sim, o pior chegou, mas olha. — Tocou no nascer do Sol ao fundo. — Vem aí um novo dia. E as feridas que as espadas infligiram não foram fatais, por enquanto são apenas limitações.

Wells bebeu um gole da sua bebida e Gwyn observou o movimento da sua garganta acima do colarinho branco da camisa, sentindo ela própria um aperto na garganta.

— Tenho de saber quem fez este baralho e pô-lo à venda na *Penhallow's*— continuou ele, e Gwyn abanou a cabeça, pousando a bebida na cornija mesmo à sua esquerda.

— Não podes — disse ela e, quando Wells a encarou, Gwyn cruzou os braços sobre o peito e inclinou a cabeça. — Esse baralho é exclusivo da *Something Wicked*.

Wells levantou uma sobrancelha.

— Oh? E porquê?

— Porque fui eu que o pintei.

Lá fora, a chuva caía com força, o vento uivava e as luzes tremeluziram por um segundo, antes de Wells dizer:

— És mesmo maravilhosa, Gwyn Jones.

Ela estava de calças de ganga com rasgões e uma *sweatshirt* onde se lia *SE EU FOSSE BRUXA*. Ainda tinha a cara um pouco vermelha e talvez inchada por ter estado a chorar, a maquilhagem que colocara de manhã já há muito se desvanecera. Estava cansada e vulnerável e preocupada com a sua magia. E Wells olhava para ela como se fosse a coisa mais maravilhosa que ele alguma vez vira, uma maravilha do mundo que nem podia acreditar estar na sua presença.

— Isso é tão injusto — disse Gwyn, com um suspiro. Bebeu o último gole da bebida e enroscou-se nos braços dele.

Capítulo 26



A boca dele tinha um sabor escuro e doce, como as cerejas e o *bourbon* na língua dela. E quando ele gemeu, envolvendo-lhe o rosto com a mão, Gwyn aprofundou o beijo, comprimindo-se sem pudor contra ele, agarrando-lhe a cintura com as mãos.

Mais um violento trovão abanou a casa e as luzes voltaram a tremeluzir antes de se apagarem, mergulhando-os na escuridão.

Wells levantou a cara e olhou em redor, a mão ainda no maxilar dela, o polegar acariciando-a distraidamente.

— Não me digas que tens medo do escuro, Excelentíssimo — disse Gwyn, com uma voz rouca, o que o fez olhar de novo para ela, curvando os lábios.

— Na verdade, estava apenas a pensar que, um dia destes, temos de fazer estas coisas durante o dia para eu conseguir ver cada centímetro do teu corpo — respondeu ele, e Gwyn riu-se, dirigindo a mão para a nuca dele, acariciando-lhe o cabelo.

— Quem disse que ias ver alguma coisa esta noite? — brincou ela. — Afinal, isto é apenas um beijo. Não uma garantia de nudez.

Wells fez uma expressão séria.

— Claro — disse ele. — E tiveste uma noite complicada, por isso, não quero que pareça que estou...

— A aproveitares-te — completou ela, e fez mais uma carícia no cabelo dele. — Eu sei. O que é muito querido da tua parte, mas, acredita em mim, quando muito, é o contrário.

Gwyn inclinou-se e mordiscou-lhe o lábio inferior. Ele gemeu, contraindo a mão na cara dela. Os olhos escureceram.

— E os planos que esta noite tenho para ti — acrescentou Gwyn, batendo com as unhas nos botões da camisa dele — envolvem montes de nudez excessiva.

— Ai é? — murmurou ele, baixando o olhar para ela. Gwyn assentiu com a cabeça, deixando a mão descair. Mesmo com as calças de ganga pelo meio, ela conseguiu sentir como ele estava duro contra a palma da sua mão. Esboçou um sorriso lento e pressionou-o suavemente, na esperança de que ele fizesse aquele som outra vez.

— Níveis executivos de nudez — continuou ela, e *ah-ah*, lá estava o gemido outra vez. Gwyn precisava de chegar a esses níveis de nudez o mais depressa possível, porque a dor que sentia entre as pernas era já muito intensa, tinha os mamilos duros contra a renda do sutiã.

Mas quando deu um passo atrás e agarrou na extremidade da camisola, Wells pôs a mão no braço dela para a deter.

— Por muito que eu tenha apreciado a noite de ontem, e por mais estranho que possa parecer eu agora achar as carrinhas sítios extremamente eróticos, se concordares, pensei que hoje poderíamos experimentar uma cama.

A ideia de Wells na cama dela provocou-lhe uma ligeira fraqueza nos joelhos e alguma agitação no estômago, porque uma coisa era a carrinha ou o chão da sala de estar, mas deixá-lo ir para o quarto dela?

Para ela, isso tornava as coisas reais.

E Gwyn apercebeu-se, ao aproximar-se mais dele, enrolando-lhe os braços à volta do pescoço, de que queria isso.

— Está bem — concordou ela —, mas só para que saibas, há agora um lance de escada entre ti e veres o meu...

Gwyn soltou um gritinho e agarrou-se aos ombros de Wells quando ele se baixou um pouco e a levantou no ar.

Entre risos, Gwyn segurou-se a ele enquanto Wells a levava escadas acima, envolvendo-lhe as ancas com as suas coxas.

— Nunca pensei que o sexo realçasse esta tua faceta — disse-lhe ela, beijando-lhe o pescoço enquanto ele subia as escadas.

— *Tu* realças esta minha faceta — respondeu ele com uma voz rouca. E se isso, de repente, a fazia ter um sorriso pateta, pelo menos ele não o conseguia ver.

— Este — disse ela, enquanto se aproximavam da porta do quarto dela e Wells a levava para dentro, procurando com a sua a boca dela, antes de a largar.

Ali ainda estava mais escuro, o quarto era um campo minado de roupa, sapatos abandonados, livros, uma caixa de sapatos com material de pintura. Tropeçaram e pontapearam e riram-se na boca um do outro, ao mesmo tempo que se iam despindo, atirando a roupa para cima da restante confusão.

A cama dela, pelo menos, estava, felizmente, livre de tralha. Gwyn afastou a manta e subiu para a cama no preciso momento em que se ouviu um zumbido e a luz voltou.

Ela apenas deixara um pequeno candeeiro de mesa aceso, mas a luz era suficiente para ver Wells na ponta da cama, nu e maravilhoso e perfeito. Bebeu-o com os olhos, ao mesmo tempo que o olhar dele vagueava por ela.

— Oh, nunca estive tão agradecido pela eletricidade como agora — murmurou Wells, e Gwyn fez um sorriso malandro, estendendo a mão e envolvendo com ela o pênis dele, enquanto ele sustinha a respiração e os músculos do seu estômago ficavam tensos.

— Definitivamente, também sou fã — concordou ela, observando-o enquanto lhe tocava, adorando a forma como ele abria a boca, como os olhos se desfocavam e tornavam selvagens, como o peito se agitava.

Podia ter ficado a observá-lo para sempre, podia ter ficado a *tocar* nele para sempre, mas ele afastou suavemente a mão dela.

— Se continuares a fazer isso enquanto *olhas* para mim assim — disse ele, dando-lhe um beijo na palma da mão antes de mordiscar a base do polegar com os dentes —, venho-me antes de ter oportunidade de estar dentro de ti. — Os olhos encontraram os dela, as pupilas dilatadas, o azul um círculo fino à volta do preto. — Isto se me quiseses dentro de ti.

— Quero — respondeu ela, assentindo muito rapidamente.

— Quero muito, muito mesmo.

Ele sorriu, aquele sorriso vagaroso e sensual que, de alguma forma, ela sabia que era dela e só dela, e Gwyn lambeu os lábios, deitando-se de costas na cama. Ele seguiu-a, delimitando-a com os braços enquanto descia o olhar sobre ela.

Os lençóis macios sob ela, a manta colorida uma confusão emaranhada no canto da cama, e ele ficava tão bem ali, no quarto dela, *parecia* tão certo ali, que ela esperou pela descarga de pânico. Mas houve apenas calor e desejo, e algo que, de forma suspeita, se assemelhava a felicidade.

Gwyn levantou a cabeça e passou os lábios nos dele. A barba fazia-lhe cócegas.

— Há algures no chão deste quarto um saco com preservativos — disse ela, e ele beijou-a de volta, murmurando qualquer coisa com a boca encostada a ela enquanto levantava uma mão, com faíscas a dançar-lhe nos dedos.

O saco ergueu-se do chão, flutuando sobre a cama, fazendo-a rir. Mas enquanto Wells remexia no saco, ela lembrou-se de que a magia dela voltara a abandoná-la naquela noite.

Esse pensamento fê-la sentir um tremor na espinha e a única solução era puxar Wells mais para si, beijá-lo para esquecer tudo menos a sensação dele, o sabor dele, o suave picar da barba no seu pescoço, no peito, na pele macia da barriga.

Ele ia começar descer, mas desta vez Gwyn queria-o com ela quando tivesse o orgasmo, por isso agarrou-lhe os ombros e puxou-o para cima, abrindo-se para ele.

Queria-o assim, em cima dela, o máximo da sua pele a tocar-lhe, e ambos gemeram quando ele deslizou para dentro dela e ela o apertou.

Ele tinha o rosto junto ao dela e Gwyn ficou fascinada com cada centelha de emoção quando ele começou a mover-se, com a maneira como estava tenso, quase como se estivesse com dores, e depois, ao abrir os olhos, o calor e a concentração que pôs nela.

Era quase de mais. *Era* de mais, e Gwyn desviou o olhar, elevando as ancas para acompanhar o impulso dele. O prazer e a tensão rodopiavam-lhe na parte inferior da

barriga até que ela colocou uma mão entre os corpos dos dois, tocando-se.

Os movimentos de Wells vacilaram, a respiração era como uma serra num vaivém entre o exterior e os pulmões, e ele murmurou qualquer coisa em galês que quase parecia uma prece.

Depois disso, tudo se tornou turvo, um turvo quente e transpirado dos lábios dele nos dela, e os dedos de Gwyn a esfregar mais depressa e o impulso dele mais forte, mais profundo, a cama de metal a ranger e a tempestade ainda violenta lá fora, e então ela estava a vir-se, com a cabeça contra o ombro dele, os braços a envolverem-no.

Wells teve o orgasmo logo a seguir e o nome dela encontrava-se algures no meio de todo aquele galês. E desta vez, quando os olhos dos dois se encontraram, Gwyn não desviou o olhar.

Capítulo 27



— Gosto disto aqui — reconheceu Wells, sonolento, observando o teto sobre a cama de Gwyn. Não fazia ideia de que horas eram e no exterior a chuva abrandara para um suave tamborilar contra o telhado. Contudo, ali estava quente e seco, e Gwyn era um peso suave no seu flanco.

Ela riu-se e levantou a cabeça do ombro dele para o observar. Ainda tinha a pele rosada, os lábios ligeiramente inchados, e Wells sabia que, acontecesse o que acontecesse dali para a frente, pensaria sempre naquele momento e em quão bonita ela estava.

— Referes-te a estar na cama comigo ou a Graves Glen de uma maneira geral?

— Encantado com a primeira opção, obviamente — retorquiu ele, virando-se de lado e colocando uma mão sobre a anca dela. — Mas, sim, no que estava a pensar era na segunda.

— Alguma razão em particular?

Ele suspirou, sem deixar de acariciar a anca dela, enquanto ela se arqueava para ele como um gato.

— Vou parecer um pateta — avisou, sem saber se conseguiria explicar convenientemente —, mas foi o tempo desta noite. A tempestade. Costumava ficar deitado na minha cama em Dweniniaid, a ouvir a chuva e a pensar que me levantaria na manhã seguinte e ainda estaria a chover, que ninguém iria ao bar e que todos aqueles dias de chuva pareciam intermináveis. Cada dia apenas uma ténue variação do dia anterior.

— E agora? — perguntou suavemente Gwyn, colocando as mãos sob a face.

— Agora — replicou ele —, estava a pensar que estou, numa noite de chuva, na cama com esta mulher gloriosa e amanhã vou abrir a minha loja, onde clientes verdadeiros vão aparecer e estarão satisfeitos por ali estarem. E não faço a mínima ideia do que o dia me trará, e isso é espetacular como o raio.

Ela sorriu com a descrição, esfregando o pé no dele.

— Oh, então agora gostas de surpresas. Mas quando eu estava a organizar a despedida de solteira em tua casa, aí a história era *outra*.

— Isso — reagiu ele, colocando o braço sobre a cintura dela e puxando-a para mais perto, sem lhe passar despercebido a forma como o olhar dela ficou ligeiramente nublado — era eu exausto e confuso, sem que estivesse preparado para encontrar a casa cheia de pessoas.

— Éramos, tipo, seis pessoas.

— Ah, mas só tu vales pelo menos por cinco mulheres, minha Gwynnevere — disse ele, e ela revirou os olhos, mas beijou-o ao mesmo tempo, empurrando-o para que ficasse deitado de costas e inclinando-se sobre ele.

— *Peço desculpa* por a tua primeira noite em Graves Glen ter envolvido bandoletes com pénis — lamentou ela, e Wells riu-se, levantando a cabeça para afagar o queixo dela antes de se deitar novamente na almofada, alçando a mão para tocar suavemente na sua madeixa de cabelo cor-de-rosa.

Gwyn desviou o olhar para o lado e fez um sorriso malandro.

— Tens noção de que fazes isso muitas vezes, não tens? O cabelo cor-de-rosa excita-te ou algo do género?

— Humm — murmurou Wells, depois deixou a madeixa de cabelo cair sobre o pescoço e ombros de Gwyn, e ela abriu muito os olhos.

— Espera, excita? — repetiu ela, e ele sentiu-se corar um pouco ao fitá-la, o que era completamente de doidos, pois estava agora nu e duro e encostado ao corpo dela também nu.

— Eu sei que é mau falar de outras mulheres quando estamos na cama com alguém — começou ele. As sobrancelhas de Gwyn ergueram-se, ao mesmo tempo que colocava as mãos no peito dele, apoiando o queixo nelas.

— Bem, agora tenho de ouvir isto.

Wells sorriu, apesar de ter as pontas das orelhas quentes.

— Muito bem. Quando andei em Penhaven, conheci por acaso uma rapariga.

— Conheceste no sentido bíblico?

Wells estendeu o braço para baixo e deu-lhe um beliscão no rabo, e ela deu um gritinho exagerado.

— «Conheci» como em «conheci romântica e ardentemente à distância», muito obrigado — informou ele, virando o olhar para o teto ao recordar-se.

— Bem, ela tinha o mais belo cabelo púrpura. Violeta, na verdade, e eu via-a pelo canto do olho e pensava que tinha de ir falar com ela. Mas, e como já referi, eu era um completo palerma na altura. E, nessa época, claro, fiz a figura mais triste à frente dela na sala de aula, armado ao pingarelho, por isso foi mais um esmagador sucesso romântico de Wells Pen... Porque é que estás a olhar assim para mim?

Ele baixara os olhos sobre ela e viu-a a olhar para ele com a expressão mais estranha, uma que ele nem conseguia imaginar-se a interpretar, e por um segundo ponderou se teria sido um erro falar-lhe da rapariga do cabelo púrpura.

— Já não a desejo ardentemente — disse ele, franzindo a testa.

— Para o caso de estares preocupada com este regresso a Graves Glen ter alguma coisa de amor perdido. Só gostava mesmo do cabelo e, sim, tive algumas fantasias explícitas sobre isso, mas...

Ela interrompeu-o com outro beijo, e deixou de haver qualquer outra mulher na mente dele, exceto Gwyn, enquanto ela lhe colocava a perna por cima e se deitava em cima dele.

Mais tarde — muito mais tarde —, Gwyn suspirou nos braços dele e disse:

— Estou a adiar o mais possível preocupar-me com a minha magia, acho eu.

Wells estava enroscado nela, as costas dela contra o peito dele, e beijou-lhe o ombro, saboreando aí o leve salgado da sua doçura.

— Estavas transtornada — lembrou ele. — E a magia não funciona sempre segundo as regras.

Levantando uma das mãos, ela moveu os dedos.

Não aconteceu nada.

Outro suspiro, e Gwyn baixou o braço, enroscando-se mais a ele.

— É mais do que isso — disse ela. — Alguma coisa está mal. E está mal desde que a Morgan voltou.

Virando-se sobre o braço dele, Gwyn fitou-o.

— Talvez tenha chegado a altura de uma abordagem direta.

Gwyn não tinha a certeza sobre a roupa apropriada para confrontar uma bruxa maléfica acerca de um roubo de magia, mas achou que não poderia errar se fosse toda de preto. Por isso, na manhã seguinte, depois de tomar banho (que ela muito amável e magnanimamente partilhou com Wells, antes de o mandar embora para casa dele para ir mudar de roupa), vestiu as calças de ganga mais pretas que tinha, uma camisola escura e umas botas pretas.

Só que, quando Wells regressou de casa dele, aparentemente também decidira que preto era uma boa escolha. Ao descerem a montanha na carrinha de Gwyn, ela olhou para ele.

— Não consigo decidir se parecemos intimidantes ou se parecemos fazer parte de uma banda gótica — comentou ela, e Wells fungou, endireitando a lapela.

— E eu aqui a pensar que parecíamos dois cangalheiros.

Aquilo fez com que Gwyn sorrisse, um grande feito, dado o quão assustada — e chateada — ela estava, e ao aperceber-se disso, Wells estendeu a mão para apertar a dela.

— Nós vamos resolver isto, Gwyn — prometeu, e ela apertou-lhe a mão de volta.

Talvez fossem resíduos de hormonas sexuais, mas sabia bem ter Wells ao seu lado. Mais assustador do que isso, parecia *certo*, da mesma forma que na noite anterior lhe parecera certo tê-lo no seu quarto.

Se calhar, só se calhar, estava já na altura de se habituar à ideia de que Wells parecia *certo*... em geral.

E devia.

Mas antes ia recuperar a porra da sua magia.

Ao passar a rua principal, Wells virou-se um pouco no assento, vendo a rua diminuir atrás dele.

— Devia ter posto algum tipo de aviso na *Penhallow's*, esta manhã, a avisar de que está fechada — disse ele, e Gwyn abanou a cabeça.

— Não te preocupes, Excelentíssimo. Parker vai abrir a *Something Wicked* e pedi à Cait que fosse abrir a tua loja. Sabias que o feitiço para fechar a tua loja é fraco como o caraças? A Cait desfê-lo, tipo, em três segundos.

Gwyn conseguia sentir os olhos de Wells fixados no seu rosto.

— Tu... enviaste os teus Bruxos Bebés à minha loja.

— Sim, não tens de agradecer.

Já há algum tempo que ela não via a Testa Franzida Patenteada de Llewellyn Penhallow, mas, oh, lá estava ela, e, honestamente, era um alívio.

— Deveria ligar à minha seguradora? — interrogou ele.
— Ter a certeza de que a minha apólice de incêndio está ativa?

— A Cait tem instruções muito estritas para não fazer qualquer magia lá ou sequer *tocar* na lareira — assegurou Gwyn, e pensou que Wells parecia ter ficado um bocadinho cinzento.

— Tinha-me esquecido da lareira — murmurou para si próprio, e então remexeu no bolso à procura do telemóvel.

— Pelas mamas de Rhiannon — soltou ele, olhando para Gwyn e abrindo uma aplicação —, como é que posso estar irritado contigo e ao mesmo tempo pensar em como está bonito o teu cabelo à luz do Sol?

Gwyn abanou a cabeça.

— Alguma coisa me diz que vamos os dois precisar de algum tempo para nos habituarmos a essa sensação.

Wells bufou. Passou os dedos rapidamente pelo ecrã, a joia preta do seu anel a cintilar.

— Estás a pensar que o *meu* cabelo fica bonito à luz do Sol, Gwynnevere? — perguntou ele, sem olhar para ela.

— Por acaso, estava a pensar que, assim que conseguirmos que a Morgan reverta o feitiço que me lançou, devíamos ir até à tua loja, tirar de lá a Cait, trancar a porta e darmos uma à frente dessa lareira de que tanto te orgulhas.

O ligeiro som de choque que Wells fez foi imensamente gratificante, e agora ela conseguia sentir os olhos dele outra vez no seu rosto. Mas, desta vez, a intenção por detrás desse olhar era muito, muito diferente.

— Recetivo? — questionou ela animadamente, olhando para ele, e, oh, sim, era de facto um olhar *muito* diferente.

— Terrivelmente — conseguiu responder, e Gwyn virou-se para olhar para a estrada que levava à casa de Morgan.

Aclarando a garganta, Wells desapertou o botão de cima do colarinho, puxando um pouco o tecido.

— Então, tens a certeza de que é a Morgan? E que isto será fácil de resolver?

— Primeira coisa, sim, segunda, não tanto — admitiu ela.

Para ser honesta, pensara nisso toda a manhã. Acreditava realmente que era Morgan a causadora daquilo ou só *queria* que fosse porque essa era a resposta mais fácil?

Não sabia, mas Gwyn achava sempre melhor abordar as coisas com quantidades quase letais de confiança, e aquela não seria uma exceção.

A casa de Morgan começou a aparecer, tão grande e sinistra como estava na primeira noite, e Gwyn pensou ter visto uma cortina a abrir e depois a fechar num dos andares de cima.

Ótimo.

Inspirando profundamente, abriu a porta da carrinha e saiu. A relva ainda estava húmida, apesar do dia de outono perfeito, e Gwyn tremeu ao olhar para a casa.

Depois sentiu a mão de Wells, quente e forte, a agarrar a dela.

— Vamos acabar com isto? — perguntou ele, assentindo com a cabeça.

— Oh, porra, se vamos.

Capítulo 28



Noutra vida, provavelmente Gwyn teria sido um bom general, pensou Wells, enquanto a seguia para a casa de Morgan. Possivelmente, líder de um culto.

Porque ele podia pensar em mil razões pelas quais desafiar uma bruxa potencialmente perigosa no seu território lhe parecia, no mínimo, insensato, e, no pior cenário, desastroso, sobretudo por Gwyn não ter acesso a magia. Contudo, quando, nessa manhã, ela anunciou a intenção de fazer precisamente aquilo, ele não a questionou.

Em parte, porque queria acreditar que ela estava certa. Que confrontar Morgan poria um fim a tudo aquilo, daria o poder de volta a Gwyn e restauraria o *statu quo*.

Um pensamento alarmante, pois ele só a conhecia há umas semanas, mas soube o que sentiu quando acordou

nessa manhã ao lado dela. Não era um sentimento com que estivesse terrivelmente familiarizado, na verdade, só se deparara brevemente com ele anos antes, ainda assim reconheceu-o.

Não era luxúria — tudo bem, não era *apenas* luxúria —, mas algo mais profundo.

Algo mais forte.

Algo que mantinha muito bem escondido por agora, uma vez que tinha quase a certeza de que ela não sentia o mesmo.

Ainda.

Mas havia tempo, não havia?

Aquela magia opressiva ainda se agarrava à casa de Morgan, fazendo-lhe cócegas nos dentes e provocando-lhe uma dor de cabeça entorpecedora na nuca à medida que se aproximavam. Quando Gwyn subiu os degraus da entrada, foi atrás dela um pouco mais devagar.

Ao bater à porta, ela virou-se para ele e sussurrou:

— Não decidimos quem ia ser o Polícia Bom e o Polícia Mau.

— O quê? — sussurrou ele de volta, mas então a porta abriu-se e surgiu Morgan, sorridente, mas claramente

surpreendida por os ver ali.

— Gwyn! Wells! O que vos traz aqui?

— Temos de falar contigo sobre uns assuntos, Morgan — respondeu Gwyn, e sem esperar por um convite, entrou, forçando Morgan a afastar-se para ela passar.

Wells foi atrás, e se estava à espera de que a casa fosse um pouco menos horrorosa de dia, ficou profundamente desiludido. Tudo ainda pulsava com aquela sensação que ele apenas conseguia descrever como *errada*, as cortinas pesadas e o mobiliário escuro pareciam absorver toda a luz do lugar.

As botas de Gwyn batiam no soalho de madeira ao avançar para a sala de estar. Morgan seguiu-a, de sobrolho franzido. Tal como Gwyn e Wells, estava toda vestida de preto, uma espécie de vestido largueirão que não ajudava em nada a mudar a impressão de que era uma espécie de bruxa maléfica.

— Como sabes, Morgan — começou Gwyn, cruzando os braços sobre o peito —, o Wells e eu somos responsáveis pela supervisão da magia em Graves Glen e asseguramos de que é usada com responsabilidade e segurança.

Morgan olhou alternadamente para um e para o outro.

— Eu sabia que agora a tua magia controlava a vila, Gwyn — disse lentamente, e Gwyn assentiu, numa expressão séria.

Isto jazia dela o Polícia Mau? Era suposto agora ele ser o Polícia Bom?

Aclarando a garganta, Wells acrescentou:

— Tem havido algumas... anomalias, magicamente falando, desde que chegaste à vila que nos levaram, a mim e à Gwyn, a ficarmos algo preocupados.

Morgan parecia agora genuinamente confusa, as pulseiras a tilintar quando colocou a mão na anca estreita.

— A que te referes?

Aproximando-se de Gwyn, Wells imitou a pose dela, mas depois corrigiu-a para que não parecessem estar a posar para uma capa de disco.

Em vez disso, entrelaçou os dedos atrás das costas e disse:

— Sabemos que te pediram que abandonasses a Faculdade de Penhaven, há dez anos.

Algo na expressão de Morgan endureceu, os lábios vermelhos comprimidos com força.

— E — continuou ele — sabemos que tens uma coleção de... bem, digamos, artefactos *questionáveis* no teu sótão.

— Eu sabia que vocês os dois não estavam aos amassos — reagiu ela, tentando rir-se novamente, mas pareceu mais que estava só a mostrar os dentes.

— E em terceiro lugar — continuou Wells —, há um tipo de magia nesta casa que, francamente, me faz ranger os dentes e não há uma explicação racional para isso. Uma destas coisas seria motivo de preocupação, Morgan, mas as três juntas?

— Graves Glen já foi amaldiçoada antes e nós evitámos que caísse no abismo — acrescentou Gwyn, avançando ao mesmo tempo que Morgan se chegou ligeiramente para trás. — Por isso, somos muito protetores da nossa terra, e eu levo *particularmente* a peito que alguém comece a fazer tretas com a minha magia.

Morgan parecera nervosa antes, mas agora estava mesmo confusa.

— O quê?

— A minha magia — repetiu Gwyn. — Não está a funcionar, e isso começou a acontecer na mesma altura em que *tu* chegaste à vila. Por isso, o que andaste a fazer, sugiro que *desfaças*. Agora.

Sim, era evidente que Gwyn era o Polícia Mau, porque Wells achou que agora podia estar com um pouco de medo.

E, possivelmente, mais do que um pouco excitado.

— Eu, eu não fiz nada com a tua magia, Gwyn — garantiu Morgan, e Wells observou-a, com os cantos da boca a voltarem-se para baixo.

Talvez fosse uma atriz extraordinária, mas Wells achou que ela podia estar a dizer a verdade.

Gwyn pareceu menos convencida, semicerrando os olhos, e Morgan suspirou. A manga do seu vestido fez um arco dramático ao agitar a mão.

— Pediram-me que deixasse Penhaven porque a Rosa, o Harrison e eu, juntamente com o Merry Murphy e a Grace Li, estávamos a fazer magia proibida. Feitiços de *glamour* a humanos, tornar folhas de papel normal parecidas com dinheiro, mudar a nossa fisionomia, esse tipo de coisas. Era... bem, não inofensivo, sei isso agora, mas éramos novos e só pensávamos que nos estávamos a divertir. — Prendeu o lábio de baixo entre os dentes, duas manchas coloridas surgiram-lhe nas faces. — Mas foi humilhante. Toda a gente saber que tínhamos sido expulsos, apesar de nunca o dizerem desta forma. Por isso, quando voltei, eu queria... não sei, causar impacto, acho. Mostrar a todos como me tinha dado bem no mundo.

Moveu a mão e os dedos flutuaram no ar. As paredes à volta deles pareceram ficar desfocadas e balançar, levando Wells a piscar os olhos e a apertar a cana do nariz.

Ainda conseguia ver o papel de parede de seda, as pinturas com molduras douradas, as pesadas cortinas de veludo, mas estavam ondulantes e tornaram-se transparentes. Atrás deles, conseguiu ver pedaços de lenha e cortinas de algodão.

Gwyn rodou lentamente.

— Toda a casa tem um feitiço de *glamour* — disse ela, e Morgan assentiu.

— Eu sei. Claramente, não aprendi a minha lição, mas prometo que ninguém saiu magoado por causa disto. Queria voltar à vila um sucesso e tentei fazer uma casa inteira com magia, mas, *safa*, é muito difícil, por isso pareceu-me mais fácil fazer isto. Eu ia depois transformar tudo magicamente, aos poucos, mas queria fazer a festa antes de começar a época do Samhain.

As paredes deixaram de se mexer, parecendo voltar ao lugar, e Wells pestanejou outra vez, tentando ver bem. Contudo, aquilo podia explicar o que ele andava a sentir.

Um feitiço de *glamour* com aquela envergadura, tão pesado, estava destinado a mexer com a sua percepção da magia.

— E as coisas que tens no sótão? — perguntou, ele, enfiando as mãos nos bolsos. — São também feitiços de *glamour*?

— Não, essas, infelizmente, são bem reais. Comprei a propriedade a outra bruxa, sem a ter visto, e quando abri os baús, fiquei tão horrorizada como vocês. Mas não queria vender nada daquilo ao tipo de bruxo errado, por isso guardei ali. — Virando-se para Gwyn, Morgan continuou: — Era o que eu ia mostrar ao Harrison. Ele estava a pensar em comprar tudo e encontrar uma forma segura de se desfazer daquilo.

Baixou a cabeça e suspirou.

— Aí têm. É estúpido, eu sei, tudo um pouco embaraçoso, e tenho noção de que lixei qualquer hipótese de deixar a boa impressão que queria dar, mas, juro, Gwyn... — Atravessou a sala e agarrou nas mãos de Gwyn. — Não fiz nada à tua magia. Jamais faria isso. Voltei quando soube que eras tu e a tua família a tomar conta da vila,

porque sempre fomos amigas e eu... pensei que Graves Glen podia voltar a ser o meu lar. Peço imensa desculpa.

— Não, eu é que peço desculpa — reagiu Gwyn, com um suspiro, e Wells detestou a forma como os ombros dela descaíram. — Não devia ter-te acusado de nada. E estou verdadeiramente feliz por teres voltado. — Deu um pequeno abanão nas mãos de Morgan. — Somos amigas, e és bem-vinda a Graves Glen. Talvez possas é procurar uma casa nova, menos sinistra, e livrares-te da venda de garagem de Satanás que tens ali em cima?

Morgan riu-se, assentindo.

— Combinado — disse ela, envolvendo Gwyn num abraço breve.

Quando se afastou, deu uma pancadinha solidária a Gwyn.

— E, a sério, eu ajudo-te com esta coisa da magia, se quiseres. Já ouvi falar destas coisas, e tenho a certeza de que há solução.

Wells conseguia perceber que Gwyn desejava acreditar no mesmo, que estava a reunir aquela confiança que ela usava como armadura.

— Isso seria fantástico, Morgan, obrigada — agradeceu ela, antes de acenar com a cabeça para Wells.

— Devíamos voltar para a vila.

Depois de combinarem encontrar-se com Morgan para falarem sobre uma coisa chamada Encontro, Gwyn saiu, com Wells logo atrás dela, e foi em silêncio que fizeram a viagem de volta na carrinha.

O silêncio prolongou-se quase até chegarem à rua principal, quando Gwyn suspirou e disse:

— Estou contente por a Morgan não ser maléfica, mas tenho de ser sincera, Excelentíssimo. Estou muito desiludida por a Morgan não ser maléfica.

Wells sorriu, dando-lhe a mão e beijando-a.

— Apenas um pequeno contratempo no caminho para o triunfo — disse, e ela fungou, levantando um dos cantos da boca.

— Só por esta vez, vou permitir esse tipo de linguagem.

Milagrosamente, a *Penhallow's* ainda estava inteira e Wells passou lá o resto do dia. Gwyn e os seus Bruxos Bebés ficaram na *Something Wicked*.

Ao cair da noite, ele ia começar a fechar quando a viu a atravessar a rua e, por um momento, pensou se a promessa sobre a lareira iria ser concretizada.

Mas depois viu os três bruxos atrás dela e percebeu que não era esse tipo de visita.

«É uma pena.»

Alguns minutos depois, deu por si sentado num dos braços de uma das poltronas em frente à lareira crepitante, com Gwyn no outro braço, Parker e Cait encavalitados numa cadeira à direita deles e Sam estendida no chão sobre o tapete, a folhear um dos livros de feitiços de Wells.

— Tem de haver uma razão para a magia da Glinda estar pifada — disse ela. — Se não foi a Morgan, talvez outro bruxo?

— Se calhar é uma maldição — sugeriu Cait. — Como a que a Gwyn e a Vivi fizeram ao marido dela.

— Isso foi um acidente — lembrou Gwyn. — E acabou por ser muito mais complicado do que isso.

— Mesmo assim, acho que vale a pena ver isso — insistiu Cait.

Gwyn encolheu os ombros e Wells ficou impressionado com o quão cansada ela estava ali, à luz da lareira, ligeiramente murcha, o rosto pálido contra o veludo vermelho da poltrona.

Sem pensar, estendeu o braço para ela, levantou-lhe a mão da poltrona e entrelaçou os dedos com os dela, as palmas a tocarem-se.

Gwyn voltou a cabeça com um sorriso apaixonado nos lábios, alguma vida a cintilar naqueles olhos lindos, e Wells sorriu-lhe de volta.

— *Que porra?*

Ah, pois.

Tinham público.

Sam olhava para eles de boca aberta. Cait tapou a boca com as mãos, de olhos muito abertos. Parker sorria tanto que o rosto parecia correr o risco de se rasgar. E Wells revirou os olhos, as orelhas vermelhas.

— Vá lá, vá lá — murmurou ele, largando a mão de Gwyn quando os três finalmente explodiram numa cacofonia de risinhos e perguntas.

— Há quanto tempo? Há quanto tempo estão a esconder de nós esse relacionamento ilícito?!

— Ohhh, eu pensei no outro dia, quando fomos realizar O Plano, que vocês estavam a fazer olhares excitados um ao outro, e depois pensei, tipo, «não, eles odeiam-se», mas às vezes o ódio é excitante, porque agora estão de mãos dadas? Certo?

— É permitido ter sexo com o irmão do marido da prima? Chegaram sequer a *pensar* nas questões da árvore genealógica?

Rindo-se, Gwyn bateu com o pé em Sam, ao mesmo tempo que Wells apontava para a porta.

— Rua. Rua, seus selvagens.

— Quero lá saber, não é o meu pai verdadeiro — disse Parker, levantando-se da cadeira, e desatou novamente a rir enquanto puxava Cait da cadeira e Sam agarrava no livro e no casaco.

Wells seguiu-os até à porta, ignorando o gozo contínuo, finalmente trancando a porta atrás deles enquanto saíam para a rua, na galhofa e a falarem uns por cima dos outros, Cait a saltar para as costas de Parker enquanto os três se dirigiam para o *Coffee Cauldron*.

Abanando a cabeça, sorrindo involuntariamente, Wells virou a placa para *Fechado* e voltou-se, com as mãos nos bolsos, percorrendo o caminho entre as estantes e a lareira.

— Longe de mim falar mal das tuas capacidades como mentora, Jones, mas aqueles três são uma ameaça e deviam...

As palavras morreram-lhe na garganta ao ver Gwyn em pé, nua, à frente da lareira.

— Eu avisei-te — disse ela, e Wells, com a boca seca, assentiu.

— É verdade. Mas pensei que, depois de tudo o que se passou, esse plano tivesse ficado adiado.

Ela avançou na sua direção e ele abraçou-a, deslizando-lhe as mãos pela pele, aquecida pela lareira.

— Estou desiludida — reconheceu ela, esticando-se para lhe dar um beijo. — Desejava que fosse a Morgan. E quero muito, mas mesmo muito, a minha magia de volta.

Wells emitiu um som de angústia, mas ela beijou-o de novo, curvando os lábios sobre os dele.

— E vou tê-la de volta — prometeu-lhe ela, recuando na direção da poltrona. — Tenho este cérebro maravilhoso, mais todos os recursos de feitiçaria que poderia desejar. Tenho a minha família. Tenho os Bruxos Bebés... Não faças essa cara... E tenho-te a ti.

A parte de trás dos joelhos dele bateram no assento da poltrona e Wells sentou-se pesadamente, puxando-a com

ele.

— Tens-me a mim — concordou, e soou a uma promessa.

Um juramento.

E era.

Capítulo 29



Gwyn sabia, quando concordou em fazer parte do Comité de Planeamento da Época do *Halloween* de Graves Glen, que não ia ser muito agradável, ainda assim foi surpreendida com a quantidade de papelada envolvida.

— Cada um tem a sua pasta, certo? — perguntou Jane, no topo da mesa da pequena sala onde tinham aquelas reuniões, e Gwyn olhou para os outros membros do comité. Todos, tal como Gwyn, tinham uma pasta que parecia conter cinco mil folhas de papel. Havia formulários para os vendedores da Feira de Outono e folhas de inscrição para as lojas que participariam nos eventos do *Halloween*, mais um monte de isenções de taxas. Gwyn pensou que talvez estivessem ali todas as licenças da vila.

Gwyn já fora a algumas destas reuniões nos últimos meses, mas geralmente era Vivi quem representava a família Jones nestas coisas. Deveria ter percebido que esta, a última reunião antes do primeiro Encontro Anual de Graves Glen, *também* o primeiro grande evento da época do *Halloween* desde que a sua família era responsável pela vila, levaria Jane ao seu mais elevado e intenso Nível Jane.

No outro lado da mesa, Morgan estava sentada muito direita, as mãos cruzadas, as unhas de um castanho-escuro.

Quando percebeu que Gwyn olhava para ela, fez-lhe um breve sorriso, os olhos a pestanejar rapidamente para Jane e depois para Gwyn, abrindo-os ligeiramente num olhar tipo *Isto é de mais*.

O tipo de olhar que Gwyn geralmente fazia a Vivi naqueles eventos, para ser franca.

Gwyn sorriu para ela, mas ainda sentia no estômago um pouco de culpa e desconforto por causa da grande cena com Morgan no outro dia.

Ou talvez fosse apenas do péssimo café que ali serviam.

Ou, refletiu enquanto Jane falava sobre a nova carrinha de pipocas artesanais que estaria no Encontro desse ano, era a preocupação com a sua magia e com o que lhe acontecera que começava a corroê-la.

Nos últimos dias, Gwyn quase não pensara noutra coisa e a pesquisa de formas de resolver o que estava mal começara a ocupar todo o seu tempo livre.

Ela e Wells tinham tentado um ritual para fortalecer a magia, na esperança de que a dela apenas estivesse cansada. Era uma possibilidade, certo?

Mas não tinha resultado.

Os Bruxos Bebés encontraram um feitiço que bloqueava o poder de uma pessoa («Tipo um bloqueador de *wi-fi*», nas palavras de Parker), mas isso era fácil de desfazer. Bastava beber água de nascente recolhida em noite de lua cheia e tomar um banho com quartzo e sal, e *bum*, bloqueador removido.

Gwyn tinha feito todas essas coisas, e ainda nada de magia.

Estava a tornar-se cada vez mais difícil adiar contar a Vivi e a Elaine, mas Vivi voltava para casa mesmo antes do *Halloween* e era difícil contactar Elaine no deserto onde ela se encontrava. Além disso, não era exatamente o tipo de coisa que quisesse contar-lhes por telefone e, secretamente, tinha esperança de conseguir resolver sozinha o problema sem ter de as preocupar.

Afinal, tinha de haver uma solução. Bastava pensar no que acontecera com Rhys. Não foi fácil, mas a situação fora um pouco mais dramática e eles tinham conseguido resolver! Até tinham tornado as coisas melhores.

Por isso, havia uma resposta algures... Só tinham de a encontrar.

— E está bem para ti, Gwyn?

Porra.

Levantando o olhar, Gwyn viu Jane fitá-la com aqueles enormes olhos castanhos, pensando no que é que deveria estar bem para ela e em como sair daquilo sem que Jane se apercebesse de que ela desligara cinco minutos antes ou mais.

— Acho que a Gwyn já tem tanto que fazer com a *Something Wicked* que talvez fosse melhor ser outra pessoa a ocupar-se dos bastões luminosos — respondeu elegantemente Morgan, abrindo a pasta dela e fazendo uma nota com a sua caneta púrpura. — Eu posso tratar disso, sem problema.

Jane ficou aliviada, como se o futuro de todos os cidadãos dependesse dos bastões luminosos.

— Obrigada, Morgan. Perfeito.

A reunião acabou pouco depois e, quando Gwyn ia a sair, Morgan pôs-se ao lado dela e acompanhou-a.

— Então, isto é o que está por trás dos bastidores — brincou ela, fazendo um gesto em direção à sala de reuniões. — Tenho de admitir que quando cá estudava não fazia ideia do tremendo esforço que os humanos dedicam ao *Halloween*.

Mudando a carteira para o outro ombro, Gwyn inspirou profundamente o ar frio da noite.

— Acredita em mim, não foi sempre assim tão intenso. Tínhamos o Dia do Fundador e, claro, o *Halloween* era importante, mas a Jane acrescentou a Festa de Outono e agora que o Dia do Fundador passou a ser o Encontro de Graves Glen, ela ainda lhe dá mais importância. Para o ano, nenhum de nós vai conseguir dormir do dia 1 de setembro até ao Samhain, provavelmente.

Morgan riu baixinho. Os seus saltos batiam no passeio.

— Contudo, é divertido. Ver esta época do ano através dos olhos deles.

A noite estava fria e Gwyn apertou mais o casaco de couro enquanto as folhas deslizavam pela rua.

— Se o pões assim, soa, de facto, divertido — reconheceu Gwyn, e olhou para Morgan. — Acho que gostas mesmo do comité de planeamento. Pastas enormes e isso.

— As pastas enormes são uma parte importante do encanto, sim.

— Não querendo exagerar, mas se ficares amiga da Jane, ela poderá dar-te, a certa altura, uma impressora de etiquetas.

— Ooooh, isso é o sonho.

Riram-se as duas, antes de Gwyn parar, voltando-se para observar Morgan. O vento noturno afastava-lhe o cabelo preto da cara.

— Ainda me sinto bastante mal por ter pensado que eras maléfica — reconheceu ela, e Morgan não deu importância, acenando com a mão.

— Está tudo bem — tranquilizou ela, dando um pontapé numa folha com os seus elegantes sapatos de salto alto. — Quer dizer, eu também teria ficado desconfiada. Volto para a vila de repente, tenho aquela casa estranha e aquelas tralhas malucas no sótão. — Fez um sorriso

levemente envergonhado para Gwyn. — E eu sempre um pouco exagerada no meu esforço, já sei. Tu parecias sempre tão descontraída na faculdade, e agora basicamente geres esta vila com a tua própria magia e eu... eu queria que gostasses de mim.

— Eu gosto — assegurou Gwyn, dando um apertãozinho no braço de Morgan. — A sério. E gosto ainda mais agora que me salvaste de ter de andar à procura de milhares de bastões luminosos.

Com um gemido, Morgan inclinou a cabeça para trás.

— Nem me lembres. Pelo menos ela quer isso para o *Halloween*, não para o Encontro. Ainda tenho tempo. — Olhou para Gwyn e franziu as sobrancelhas. — Achas que os conseguia fazer? Com magia?

— Pode valer a pena tentar — reconheceu Gwyn, sorrindo, apesar de sentir um nó no estômago. — Eu ajudava-te, mas...

Calou-se e agora era Morgan quem lhe dava um apertãozinho no braço.

— Ainda nada de magia?

— Não — replicou Gwyn, suspirando antes de tentar atirar o cabelo para trás no gesto mais confiante possível —, mas estamos a tratar disso.

— Se precisares de ajuda, estou aqui para ti — disse Morgan. — E posso vasculhar em toda aquela tralha que tenho no sótão. Como é óbvio — acrescentou, levantando uma das mãos —, não as coisas mesmo assustadoras. Mas há lá uns livros e coisas antigas, talvez valha a pena tentar? Porque não apareces para a semana?

Gwyn assentiu, apesar de o pensamento de passar mais tempo naquele sótão a fazer estremecer.

— Talvez faça isso — replicou ela, e o mais assustador era tê-lo dito com convicção. Se ela e Wells não conseguissem resolver aquilo rapidamente, até um sótão assustador cheio de objetos de tortura antigos não soava assim tão mal.

Despediram-se uma da outra e Gwyn percorreu sozinha o resto do quarto, até onde tinha a carrinha estacionada.

Era suposto Wells estar à espera dela no chalé para poderem trabalhar em mais soluções para restaurar a sua magia, mas quando Gwyn abriu a porta, era claramente outro o tipo de feitiçaria que ali se desenrolava.

Seguindo o cheiro delicioso que enchia a casa, Gwyn entrou na cozinha e viu Wells ao fogão, e a panela maior que ela tinha a borbulhar no bico de gás. Tinha um pano de cozinha preso ao cinto e cantarolava para consigo enquanto

mexia. Gwyn encostou-se à ombreira da porta, feliz por estar a observá-lo sem ele saber.

Não era apenas porque havia algo de tremendamente atraente num homem que sabe cozinhar — apesar de isso não ser descartável —, e não era por ele ficar tão bem ali na cozinha, o cabelo ligeiramente despenteado, as mangas enroladas para cima. Era a sensação no peito de quão confortável ele se sentia ali na cozinha dela, no seu mundo, com Sir Purrcival enroscado nas suas pernas, obviamente à espera de um pedaço do que estivesse naquela panela.

Wells ficava *bem* ali. No espaço dela. Com ela e o seu gato, a entrar nas coisas como se tivesse havido sempre um buraco com a forma de Wells na sua vida.

E a parte mais assustadora é que isso não a aterrorizava nem um bocadinho.

— Mamã! Mamã mamã mamã SOPA guloseimas!

Wells virou-se então, e Gwyn apontou o dedo ao gato, semicerrando os olhos.

— Bufo! — disse ela, e Sir Purrcival foi ter com ela, pondo-lhe as patas da frente nas pernas e espreguiçando-se.

Baixando-se para pegar em Sir Purrcival, Gwyn apontou com a cabeça para o fogão.

— Por favor, diz-me que está quase pronto, porque nunca cheirei nada tão bom em toda a minha vida.

Claramente feliz consigo próprio, Wells sorriu, mexendo novamente o que estava na panela antes de levantar a colher de pau, soprar e oferecer-lhe para provar.

Ela inclinou-se e, sim, o que quer que fosse que ele estava a cozinhar sabia tão maravilhosamente quanto cheirava. Abriu os olhos para ele.

— Excelentíssimo, não tinhas mencionado que eras um Mago da Culinária.

Ele riu-se, estendendo a mão para limpar um bocadinho de comida do lábio dela com o polegar, um simples toque que, mesmo assim, lhe aqueceu todo o corpo.

— Não sou — replicou ele, voltando para a panela. — Apenas tive muito tempo para praticar as minhas capacidades culinárias enquanto ninguém entrava no bar.

Pondo Sir Purrcival novamente no chão, Gwyn aproximou-se do lava-louça para lavar as mãos antes de agarrar em duas taças e colheres. Enquanto Wells servia a sopa, ela perguntou:

— Então, porque é que estavas lá? Em Gales, a gerir um bar onde não aparecia ninguém? Quer dizer, és claramente um bruxo supertalentoso, porquê servir cervejas como modo de vida.

— Desculpa, eu *tirava imperiais* — emendou Wells, levando as duas taças de sopa para a mesa. Ele acendera velas, reparou Gwyn, as agradáveis de faia-da-terra que ela e a mãe tinham feito, e escondeu um sorriso ao sentar-se à mesa.

— E — continuou Wells, sentando-se à frente dela — era mais do que só um bar. Antigamente, foi um Ponto de

Ancoragem.

— O que é isso? — quis saber Gwyn, tirando um pedaço de pão que Wells colocara no centro da mesa.

— Um pouco de magia antiga — retorquiu ele. — Um pouco como as Linhas de Ley daqui, mas não tão poderoso. Basicamente, a minha família plantou uma faísca da sua magia no centro do que viria a tornar-se a aldeia de Dweniniaid, uma espécie de... reivindicação de território contra outros bruxos, acho eu. Qualquer outro bruxo que fosse àquela zona conseguia sentir que já havia ali uma congregação de bruxos.

— Então, essa magia recarrega-te ou uma coisa do género? — perguntou Gwyn, intrigada, e Wells abanou a cabeça.

— Não, nada disso. É mais um pedaço da nossa história, e era importante para o *Da* que fosse preservada. Por isso eu geria o bar e fazia o estranho trabalho do feitiço da runa para manter aquele bocadinho de magia vivo.

— E agora que não estás lá, vai morrer?

Wells encolheu os ombros e levou à boca uma colher de sopa.

— Mais como uma vela a extinguir-se. Mas, sinceramente, já era altura. Estávamos apenas a adiar o inevitável e creio que o *Da* finalmente compreendeu isso.

Gwyn mexeu a sopa com a colher.

— Então, foi por isso que deixaste a faculdade — disse ela.

— Para seres o guardião da chama como ela era.

Ele assentiu.

— O meu tio tinha lá estado muitos anos, mas, quando morreu, era preciso que um Penhallow ocupasse o lugar dele, por isso...

Ficou em silêncio. Por um longo momento mantiveram-se assim, sendo o único som o das colheres a raspar nas taças e o do vento a abanar as árvores mesmo à frente do alpendre.

— Eu conheci o teu pai — disse finalmente Gwyn, e Wells levantou os olhos, muito azuis à luz das velas.

— Oh, eu sei — admitiu ele, e ela riu-se, afastando o cabelo dos ombros.

— Não ficámos grandes fãs um do outro — continuou ela, e Wells bufou, abanando a cabeça e voltando os olhos para a taça.

— Ele ladra muito, mas não morde — disse, mas Gwyn lembrava-se de como Simon se sentara naquela mesa, com um olhar fulminante para todos, e não tinha a certeza de que isso era inteiramente verdade.

— Eu sei que pode parecer... bem, tenho a certeza de que Rhys teria o termo apropriadamente colorido para isso, mas ele não foi sempre assim. Acho que, com a morte da minha mãe, ele achou mais fácil recolher-se na sua magia, na história da família e isso tudo. Deu-lhe algo em que se concentrar, em vez da dor que sentia.

Gwyn estendeu o braço por cima da mesa e deu-lhe a mão, apertando a dele.

— O Rhys diz que a tua mãe era maravilhosa.

Wells retribuiu o aperto de mão com um sorriso tenso antes de a retirar.

— Ele não se lembra dela. Não verdadeiramente. Tinha apenas quatro anos quando ela morreu. O Bowen só tinha cinco. Eu acho que ele também não tem muitas memórias dela, e certamente não dela com o *Da* juntos.

— Mas tu tens — disse Gwyn. Ele assentiu.

— Na verdade, ela era muito parecida com o Rhys. Divertida. Encantadora. Era boa para o *Da* e, sem ela, acho que ele ficou... perdido, a sério. A magia dava-lhe algo a que

se agarrar, algo que o fazia sentir-se novamente ligado ao mundo.

Wells fez outro daqueles sorrisos que não eram um verdadeiro sorriso.

— É verdade que às vezes pode ser um pouco exagerada, a sua obsessão com o legado da família. Mas prefiro aturar o velho rabugento a testar os meus conhecimentos sobre um Penhallow que morreu em 1432 do que aquele que vi quando a minha mãe morreu.

Gwyn assentiu, sentindo um pequeno aperto no coração. Agora fazia sentido. A dedicação de Wells, a lealdade ao pai. Mas se Rhys tinha quatro, isso significava que Wells só tinha sete anos. Sete anos, a mãe morta, os irmãos tão pequenos e o pai perdido em sofrimento.

— Credo, não era esta a conversa que eu queria para o jantar desta noite — disse Wells, voltando para a sopa. — Apenas umas semanas na América e olha para mim, a falar de sentimentos.

Gwyn sorriu e deu-lhe um toquezinho com o pé sob a mesa.

— É uma bola de neve começar a falar sobre a infância e acabar numa conta do Instagram que só tem

pores do sol e citações inspiradoras, Excelentíssimo.

— Devidamente registado. — Olhou para ela. — E tu? Acho que nunca te ouvi falar do teu pai.

— Taliesin? — Gwyn encolheu os ombros. — É ótimo, mas definitivamente um pai apenas no sentido estrito e biológico do termo. A minha mãe decidiu que estava pronta para ter um bebé, mas não queria as preocupações associadas a um casamento, coparentalidade e isso tudo. Por isso, muito sensatamente, escolheu o rapaz mais giro e simpático na Feira Medieval em Tennessee, *et voilà*. — Gwyn apontou para si própria. — *Moi*, Ele manda-me um postal nos meus anos... Quer dizer, numa data *próxima* do meu aniversário. É querido, mas um pouco despistado... E somos amigos nas redes sociais, mas é tudo. O que funciona muito bem para mim. A minha mãe foi tudo o que precisei.

Gwyn apercebeu-se de que tinha saudades da mãe e perguntou-se o que diria Elaine sobre Wells. Ela também não gostara de Simon, mas adorava Rhys. E era fácil imaginar Elaine naquela mesa com eles, Wells a fazer parte das coisas.

Parte da família.

Mais pensamentos que não deveria estar a ter e, contudo...

— Então, o que achas que o teu pai pensaria sobre tudo isto? — perguntou Gwyn, segurando na mão uma colher ao fazer um gesto entre os dois.

Wells pousou a colher dele e entrelaçou os dedos, observando-a.

— De nós os dois a comermos sopa juntos? — perguntou ele.

— Ou de trabalharmos os dois juntos para recuperar a tua magia?

— De nós os dois andarmos enrolados — respondeu ela, e Wells soltou novamente aquela gargalhada abafada, encostando-se para trás, o cabelo a cair um pouco sobre a testa.

— Bem, como não tenho o hábito de falar sobre a minha vida pessoal com o meu pai, posso dizer com bastante segurança que essa é uma ponte que não teremos de atravessar tão cedo.

«Mas temos de a atravessar», pensou Gwyn. «Se continuarmos a fazer isto.»

Como que para ilustrar o argumento, Sir Purrcival, em vez de saltar para a mesa entre eles, enroscou-se serenamente no chão perto da cadeira de Wells, inclinando a cabeça para olhar para ele.

— *Excelentíssimo* — disse ele, a voz um bocadinho sonolenta e carinhosa, e Wells riu-se, baixando-se para lhe fazer festas.

E, de repente, Gwyn apercebeu-se de que tinha um muito, mas muito grande problema.

Capítulo 30



A manhã do dia do Encontro de Graves Glen estava cinzenta e sombria, o primeiro frio verdadeiro de outono a passar pelo vale.

Por outras palavras, completamente perfeito.

Ou seria, se Gwyn ainda não estivesse preocupada com a sua magia.

Depois do jantar, duas noites antes, ela e Wells tinham mergulhado novamente nas pesquisas, encontrando um feitiço para um cristal encantado que era suposto «restaurar o que se perdera», mas o único efeito que teve foi Gwyn finalmente encontrar um par de ténis *Converse* verdes que achava estarem perdidos para sempre.

Uma vitória, mas não exatamente aquilo de que estava à espera.

Wells assegurou-lhe de que continuariam a tentar e ela agarrou-se a isso, apesar de saber que chegara finalmente o momento de contar a Vivi e a Elaine o que se passava com ela.

Mas, primeiro, precisava de ajudar Wells a passar pelo seu primeiro grande feriado de Graves Glen.

Tentara avisá-lo na noite anterior de que o evento anteriormente conhecido como Dia do Fundador era importantíssimo, dando início à época do *Halloween* e trazendo a primeira grande vaga de turistas para a vila.

Ele fizera aquele sorriso exasperadamente arrogante, o Sorriso do Excelentíssimo, e dissera qualquer coisa como:

— Por obséquio, Gwynnevere, não te apoquentes, pois estou *bem* preparado para qualquer invasão abundante de diversos e variados viajantes que cheguem à nossa encantadora vila.

Tudo bem, talvez ela recordasse as palavras de um modo ligeiramente exagerado, mas foi o que *ouviu*.

Agora, já atrás do balcão da *Something Wicked*, viu a fila começar a formar-se à porta da *Penhallow's* e sorriu para consigo.

«Espero que tenhas preparado muito chá, Excelentíssimo.» As horas seguintes passaram muito

depressa, com a loja inundada de clientes. Gwyn quase corria para ir buscar caixas extra à arrecadação, registrando as compras, respondendo a perguntas sobre cristais. Às dez, já fazia cara feia para o relógio.

Sam estava no Coffee *Cauldron* naquele dia, mas onde estavam Parker e Cait? Não era habitual faltarem ao trabalho, embora houvesse tanta coisa a acontecer durante o Encontro que talvez se tivessem distraído.

Mas Gwyn não tinha tempo para se preocupar com isso. Estavam a entrar mais pessoas e um miúdo chocou com um expositor de abóboras de plástico, fazendo com que se espalhassem todas pelo chão.

Por volta do meio-dia, conseguiu finalmente ter um pequeno intervalo e colocou o aviso de que voltava dali a quinze minutos.

As ruas estavam cheias de gente, o ar cheirava a pipocas e caramelo e maçãs, e Gwyn agarrou num saco de pipocas antes de entrar na *Penhallow's*.

— Sim, bem-vindo a... Oh, valha-nos a deusa, és tu.

Gwyn já vira Wells irritado. E já o vira preocupado e já o vira divertido e já o vira consumido pela luxúria, mas aquela era a primeira vez que o via *atormentado*, e era, teve de admitir, ligeiramente divertido.

— Eu avisei-te — disse ela, passando para trás do balcão, onde ele, de bule na mão, ia enchendo várias chávenas alinhadas sobre os pratos. Ao lado dele, estava um monte de cristais à espera de serem embrulhados, assim como caixas de chá.

— Sim, sim, toda a gente gosta de uma rodada de Eu Avisei-te — disparou Wells, e Gwyn riu-se, tirando um bocadinho de pipoca e pondo na boca dele.

Ele fez um som de prazer ao mastigar e depois, olhando em redor, baixou a cabeça para lhe dar um beijo muito rápido atrás da orelha, antes de voltar aos seus Deveres com o Chá.

— Se embrulhares aqueles cristais por mim, faço com que mais logo tenha valido *bem* a pena.

— Ooooh, subornos eróticos, os meus preferidos.

Ao terminar as pipocas, Gwyn sacudiu as mãos e fez o que ele pediu, registando depois várias compras de clientes e ainda assegurando de que ele tinha sacos suficientes perto da máquina registadora.

— Além do esperado — comentou Wells, vendo o que Gwyn tinha feito antes de arquear uma sobrancelha na direção dela. Ela deu-lhe uma pancadinha no ombro e piscou-lhe o olho.

— Se estivesse no teu lugar, hidratava-me — aconselhou, e ele bufou, divertido, mandando-a embora com um olhar que prometia que ele ia fazer mais do que o prometido.

Voltando para a rua, Gwyn pensou em como seria ter aquilo todos os dias. Não o Encontro — a conta bancária dela iria adorar, a sua saúde mental, não —, mas trabalhar com Wells. Cada um a aparecer na loja do outro para dar uma ajuda.

Uma equipa.

Aquele pensamento aconchegou-a mais do que seria de esperar e estava tão embrenhada na sensação que quase não reparou nos Bruxos Bebés amontoados à sua porta.

— Onde é que vocês os dois estiveram? — perguntou a Cait e Parker. — E, Sam, porque é que não estás no *Coffee Cauldron*?

Olhando mais pormenorizadamente para eles, Gwyn franziu o nariz:

— Vocês estão bem? Parecem...

— Estamos acordados há vinte e quatro horas e cada um de nós bebeu mais *Red Bull* do que qualquer médico consideraria aconselhável — interrompeu Sam. — Mas

achamos que já temos alguma coisa, Glinda. Sobre a sua magia.

Pestanejando, Gwyn abriu a porta e eles entraram apressadamente na loja. Tinham todos sacos, reparava ela agora, com protuberâncias que pareciam livros pesados, e estavam agitados de excitação e cafeína.

— O que é que encontraram ao certo? — perguntou ela, ao mesmo tempo que as pessoas começavam a entrar na loja novamente.

Sam abanou a cabeça.

— Ainda não queremos dizer, mas estamos perto. Mesmo perto. Podemos usar a arrecadação?

Olhando em volta, Gwyn suspirou. Precisava de ajuda na loja, mas aqueles três não estavam claramente em condições de o fazer, por isso assentiu, agitando a mão na direção da cortina.

— Vão lá. Mas nada de fogos!

Eles correram pela loja, desaparecendo na sala dos fundos, enquanto Gwyn se preparava para a invasão.

Aproximadamente vinte mil abóboras de plástico depois, a *Something Wicked* fechou oficialmente por esse dia, e Gwyn tinha quase a certeza de que nunca estivera tão cansada na vida. Normalmente, tinha Vivi a ajudá-la e

também costumava fazer o feitiço do chá estranho para a ajudar a aguentar um dia tão longo. A falta de ajuda e de magia davam mesmo cabo de uma mulher.

Quando ouviu o corvo sobre a porta, desejou que a sua magia funcionasse nem que fosse para mandar para a rua quem quer que estivesse a voltar.

Mas era apenas Wells, com um ar tão abatido como o dela. Aproximou-se, quase desfalecendo contra ele com um gemido de exaustão.

Ele abraçou-a como se estivesse a cair e Gwyn riu-se, mantendo-se firme.

— Lembras-te de quando eu disse que gostava de ter uma loja? — perguntou ele. — Era um eu diferente. Um eu tolo. Tão novo nessa altura.

— Bem-vindo à vida de uma cidade turística na época dos turistas — respondeu ela, e Wells deu-lhe um beijo na testa, fazendo-lhe cócegas com a barba.

— Já vi que tenho muito para aprender.

— Pelo menos, tens uma semana para te preparares para a Feira de Outono — lembrou-lhe Gwyn, e Wells gemeu, pondo os olhos no teto.

— Por todos os santos, quantas feiras e festivais pode uma vila ter? Essa é a das barraquinhas, certo? Onde

vendemos as nossas coisas num campo?

— Isso mesmo. E tartes de maçã caramelizada, que valem a pena, juro. Além disso, podemos mascarar-nos.

Wells inclinou a cabeça para baixo, semicerrando os olhos.

— Isso é uma armadilha? Tu vais aparecer com roupas normais e eu apareço vestido com manto de mago, como um pateta?

— Aposto que ficas muito bem com um manto de mago — contrapôs Gwyn, levantando o rosto para lhe dar um pequeno beijo no maxilar, enquanto ele mantinha as mãos nas suas ancas.

— Aposto que ficas muito bem *sem* o manto de mago — disse ele, e Gwyn riu, estendendo os braços para lhe entrelaçar o pescoço.

— Essa foi a coisa mais pirosa que já me disseste, especialmente porque estás *muito* familiarizado com o meu aspeto por baixo de qualquer tipo de roupa.

Ele riu-se.

— Mesmo assim, ficaste um bocadinho excitada, não ficaste?

— Um bocadinho — admitiu ela, e alargou mais o sorriso quando ele baixou a cabeça para a beijar.

Antes de conseguir completar o gesto, ouviu-se um súbito sopro de ar vindo de trás da cortina que dava para a sala das arrumações. Espalhou-se pela loja um cheiro a fumo.

Afastando-se de Wells, Gwyn suspirou. Agarrou-lhe na mão e arrastou-o pela loja.

— Eu disse-vos, nada de fogo — disse ela, abrindo a cortina, com Wells ao lado, quando entraram no espaço escuro.

Sam, Cait e Parker estavam sentados em círculo, com runas desenhadas a giz no chão à frente deles, velas a derreter. Quando ela e Wells entraram, voltaram-se todos, quase em uníssono, e fitaram-na de modo hostil.

Gwyn soltou um som de surpresa.

— O que... — começou, mas depois percebeu que não era para ela que estavam a olhar daquela forma.

Era para Wells.

Capítulo 31



Wells encarou aquelas três caras hostis, que naquele momento lançavam punhais na sua direção, e pestanejou, confuso.

A última vez que vira aqueles três, estavam a rir-se e a gozar com ele.

Agora parecia que todos ficariam muito felizes se vissem as entranhas dele espalhadas fora do corpo, e não fazia ideia do que poderia ter feito para tal mudança.

— O que se passa? — perguntou Gwyn, avançando e largando a mão de Wells.

— Sim, cometi algum tipo de *faux pas* festivo? — questionou ele, colocando as mãos nos bolsos. — Porque se fiz...

— És tu, pá — interrompeu Sam, de pé, braços cruzados sobre o peito. — És tu que estás por detrás da perda de poderes da Gwyn.

Foi uma resposta tão inesperada, tão *absurda*, que Wells riu-se de incredulidade.

— O quê?

Contudo, mais ninguém se ria, e, apesar de todas as brincadeiras que ele fizera com a congregação dos Bruxos Bebés, naquele momento, o trio parecia muito adulto. Muito sério.

E muito zangado com ele.

— Do que estão a falar? — quis saber Gwyn, felizmente com uma expressão tão confusa como a de Wells. Mas já não estava tão próxima dele, e quando Sam se baixou para ir buscar um pesado livro com capa de couro, ela pegou nele com impaciência.

— É um feitiço antigo e muito difícil de fazer. Quer dizer, levaria anos a conseguir tudo o que é preciso — disse Sam, cutucando na página enquanto Gwyn a lia, de olhos semicerrados.

— Nós nem ligámos a isto antes, quem é que consegue fazer este tipo de magia? E depois Parker viu a referência ao anel e lembrou-se de outro feitiço.

Parker levantou-se, o rosto solene à luz das velas enquanto segurava outro livro.

— Era por isso que estava a ser tão difícil encontrar. São *dois* feitiços juntos. Então, fui procurar o que referia o uso do anel, e foi quando vi este.

Apontou para alguma coisa na página, e Wells viu Gwyn contrair-se e engolir em seco.

Gwyn levantou o olhar para ele, o rosto mais parecia uma máscara.

— O teu anel — disse ela, e Wells olhou para a mão, onde se encontrava o anel de sinete do pai. À luz das velas, a joia parecia preta, mas não havia mais nada de sinistro, não oferecia qualquer sensação de poder.

— Isto? — disse ele, levantando a mão acusada da ofensa. — Isto... é uma relíquia de família, não um feitiço. Está na família há gerações. De certeza que se pudesse tirar o poder a um bruxo, já o teria feito antes.

Sem dizer nada, Gwyn passou-lhe o livro.

Wells olhou para ele e apercebeu-se de que tinha as mãos a tremer. De raiva, sim... Era ridículo pensar que ele tinha alguma coisa que ver com o poder retirado de Gwyn. Mas de medo também. Tinha de o admitir.

Aquele olhar distante...

A página era difícil de ler, inglês e galês misturados em linhas finas, mas ali, inserido na margem direita, estava o desenho de um anel.

Um anel que se assemelhava muito ao que Wells estava a usar naquele momento.

— Não, isto... isto não... não vejo como...

— Quem te deu o anel, Wells? — perguntou Gwyn. Olhou para ele, com Parker e Sam de cada lado, Cait ainda sentada aos pés dela, a cara tão séria como a dos outros, e Wells começou a sentir algo como pânico verdadeiro a subir-lhe pela garganta.

— O meu pai — admitiu.

— Mesmo antes de o enviar para aqui para roubar a magia da Gwyn — disse Sam, e Wells abanou a cabeça, passando uma mão pelo cabelo.

— Não. *Não*. Eu ofereci-me para vir. Para dizer a verdade, o meu pai não queria que eu viesse para Graves Glen. O... o anel foi um gesto, nada mais.

— Dá-mo.

Gwyn estendeu a mão e Wells não hesitou, tirando o anel do dedo e colocando-o na palma da mão dela. Aquilo era tudo um engano, afinal. Os pupilos de Gwyn eram bons miúdos, mas ainda eram bruxos novos, propensos a fazer asneiras, e era isso que se passava ali. Uma asneira das grandes, tal como antes tinham pensado que Morgan era a culpada.

— Gwynnevere — começou ele, mas ela já estava a voltar-se de costas.

— Há alguma maneira de termos a certeza? — perguntou ela, e Sam assentiu, voltando para o círculo.

— Podemos usar a nossa magia para a carregar com ela, mas só por alguns segundos — revelou a Gwyn. — Deve ser suficiente.

Gwyn concordou, assentindo, e quando os outros se sentaram, colocou-se no centro do círculo.

Sam acendeu outra vela e Parker desenhou outra runa no chão. Cait começou a murmurar palavras enquanto as velas tremeluziam.

Gwyn estava sentada no centro, de olhos fechados, o anel à sua frente, enquanto os outros três davam as mãos. Demorou um pouco, mas Wells sentiu-o, então, um pulsar lento de magia a sair deles e a centrar-se em Gwyn. Enquanto observava, o cabelo vermelho dela foi agitado para trás, como se alguém tivesse batido com uma porta.

Então, o anel começou a brilhar.

Primeiro a prata, depois a joia no centro, pulsando com luz negra. Wells sentiu uma dor aguda e forte na mão, como se se tivesse queimado.

Desceu o olhar e ali, no dedo onde o anel estivera antes, apareceu uma pequena faixa preta.

Serpenteou sobre a sua pele enquanto ele observava, fascinado e horrorizado. Quando levantou os olhos, Gwyn

estava a observá-lo.

— Eu juro — disse ele, o coração a bater-lhe de tal maneira que estava quase zozzo. — Juro por tudo o que sou que não percebo o que se está a passar aqui.

— O que se passa é que o seu pai lhe deu um anel amaldiçoado com uma antiga magia de sangue que suga lentamente o poder de bruxos de outra linhagem — respondeu Parker, os olhos muito pretos. — Provavelmente, porque estava furioso por a Gwyn e a família dela terem substituído a magia da *vossa* família na vila.

— Não — recusou Wells, abanando a cabeça. — O meu pai pode ser muitas coisas, admito, mas isso... isso é maléfico. Ele é orgulhoso e arrogante, e nem sempre o homem mais simpático, mas não é *isto*.

Recordou aquela noite no bar, quando o pai lhe pareceu tão abatido. Tão triste, mas aceitando a ideia de Wells de ir para Graves Glen. Tinha-lhe chamado filho e tirado o anel, aquele anel que Wells o viu usar durante toda a vida.

Tinha de haver mais qualquer coisa, qualquer coisa que lhe escapava.

— Gwyn — chamou ele, e ela virou-se para Wells. Mas os olhos amorosos estavam vazios, abraçando-se a si própria. — Por favor. Tens de acreditar em mim.

— Acredito que tu não sabias — reagiu ela num tom monocórdico. — Acredito que nunca farias uma coisa destas. Mas, sim, Wells, acredito que o teu pai te carregou como a uma arma e te enviou para aqui para destruíres a minha família.

— Não o conheces — insistiu Wells. — Estou a dizer-te, isto... isto é outra coisa. Estávamos errados em relação à Morgan, estamos errados em relação a isto.

— Não acho que estejamos — disse ela.

Wells atravessou a sala, querendo tocar-lhe, *precisando* de lhe tocar, para que ela visse que podiam resolver aquilo juntos.

Mas ela afastou-se e baixou os braços, um oceano a abrir-se entre eles.

— Há alguma forma de tirar a magia do anel? Voltar a pô-la na Gwyn? — perguntou a Sam, olhando para trás por cima do ombro.

Sam abanou a cabeça, os olhos muito brilhantes, e Wells percebeu que ela estava a tentar não chorar.

— Não. A magia não está no anel. Está no sangue de quem criou o feitiço inicial. E tirar a magia de uma pessoa para pôr noutra sem uma espécie de objeto da treta enfeitado é muito difícil.

— Certo.

Wells ficou ali parado, a pensar, a tentar ignorar como se sentia, como alguém que tinha acabado de ser apunhalado no peito e o sangue jorrasse dele sobre as runas desenhadas a giz no chão.

Aquilo era culpa dele, por isso tinha de ser ele a resolver.
E só se lembrava de um sítio por onde começar.

Procurou no bolso do casaco e agarrou na Pedra das Viagens que levava sempre consigo.

— Vou resolver isto, Gwyn — garantiu ele. — Prometo.

Concentrou-se em Gales, em casa, em Simon.

E então tudo ficou escuro, e Gwyn e os seus olhos tristes desapareceram-lhe da vista.

Capítulo 32



A noite ia a meio em Gales. Mas, felizmente para Wells, o pai nunca se regia pelos horários normais.

Quando subitamente apareceu na biblioteca de Simon, com a cabeça e o estômago às voltas, Wells viu o pai no sítio habitual, perto de uma grande mesa de mapas sob uma janela que dava para as colinas rochosas de Dweniniaid.

Estava escuro, como sempre, e quando Wells cambaleou para a frente, o pai franziu as sobrancelhas.

— Llewellyn?

Saiu de trás da mesa, o manto a farfalhar, e Wells lembrou-se de centenas de momentos naquela sala, milhares. O pai a felicitá-lo pelo primeiro feitiço bem-sucedido, a dizer-lhe que ia para Penhaven, a pedir-lhe que gerisse o bar quando o tio morreu.

Fora aquele o cenário de praticamente todos os encontros importantes que já tinham tido, por isso pareceu-lhe apropriado lidarem ali com aquele que, provavelmente, era o problema mais importante com que alguma vez se deparara.

— *Da* — disse Wells. — Aconteceu uma coisa. Em Graves... em Glynn Bedd.

— Calma, rapaz, calma — aconselhou Simon, aproximando-se para acalmar o filho, mas Wells afastou-o.

— Estou bem, mas não tenho muito tempo. Tenho de te perguntar sobre...

«O teu anel.»

As palavras estavam ali, mesmo nos seus lábios, mas Simon ainda tinha os braços estendidos e o brilho ténue do candelabro de ferro e chifres sobre as suas cabeças fez o seu anel de sinete cintilar.

Wells sentiu como se o chão se estivesse a inclinar muito lentamente sob os seus pés, e Simon avançou novamente para ele.

Recuando, Wells levantou os olhos para o pai.

— Pensava que me tinhas dado esse anel — observou ele, e Simon olhou para a mão.

— Ah — soltou o pai, fletindo os dedos. — E estou a ver que não estás a usar o teu. — Simon apontou com a cabeça para a mão de Wells. — Alguém finalmente percebeu? São rápidos, reconheço. Mas não te preocupes, rapaz. Deduzo que fez o seu trabalho.

Simon estava já a virar-se e Wells sentiu-se paralisado no seu lugar, o sangue a fluir-lhe na direção das orelhas.

— Foste *tu* — acusou Wells, e odiou soar surpreendido. Odiou que ainda houvesse uma parte dele, algures, que queria acreditar que os irmãos estavam errados em relação ao pai. Que ele era melhor homem do que aquilo.

Um melhor *pai* do que aquilo.

Simon franziu as sobrancelhas ao olhar para Wells, cruzando as mãos.

— O quê? Pensaste que outra pessoa tinha amaldiçoado um anel para provocar dor aos nossos inimigos?

Soltou uma daquelas gargalhadas irónicas, aquela que Wells já se ouvira fazer e que jurou nunca, mas mesmo nunca mais a fazer.

— O pai... o pai deu-me aquele anel para eu tirar o poder às Jones — disse ele, ainda não querendo acreditar, apesar da óbvia verdade.

— Sim, mas não pensei que conseguisses tão depressa. Era para ir retirando o poder lentamente, ao longo de meses, talvez anos.

— Demorou poucas semanas — revelou Wells, desfalecido. — E só tirou o poder a uma delas.

Simon ergueu as sobrancelhas.

— Então, debes ter-te aproximado muito dessa, na verdade. O feitiço funciona por proximidade, por isso, quanto mais perto delas estivesses, mais lhes retiravas. Bem, *eu* retirava, para ser honesto. — Deu uma palmada no ombro de Wells.

— Estou mais forte do que estive em anos, o que é uma coisa boa, porque voltar a pôr a nossa magia naquela vila vai dar algum trabalho.

— O pai usou-me — reagiu Wells. — Sabia, naquela noite em que foi ao bar, que eu me ofereceria para ir. Por isso é que lá foi. Tinha de me fazer crer que a ideia era minha, porque eu nunca faria parte de uma coisa dessas conscientemente. Mas o bom e leal Llewellyn não conseguia resistir a uma oportunidade de o deixar orgulhoso.

— Não estejas tão melindrado, rapaz — disse Simon, com uma voz áspera. — Eu fiz o que era preciso ser feito. Além disso, quem diz que aquelas reles bruxas estavam a dizer a verdade? Gryffud Penhallow era um mago poderoso. Não tinha necessidade nenhuma de tirar a magia a uma mulher como Aelwyd Jones. Pouco mais do que uma bruxa inferior, pelo que li. Não. Tudo isto foi apenas um esquema dessas mulheres Jones para tomarem o nosso poder e...

— Pare.

Wells não gritou. Não era pessoa de levantar a voz e certamente nunca levantaria a voz ao pai, mas também nunca o interrompera antes, nunca olhara para Simon da forma que achava que estava a olhar agora.

E talvez tenha sido esse olhar, ou alguma coisa no tom de voz, que levou Simon a ficar em silêncio, apesar de mais carrancudo.

— O Rhys tinha razão — continuou Wells. — O espírito de Aelwyd Jones estava certo. Gryffud tinha magia, sim, mas ele também usou a dela, e a família Jones tem tanto direito a Graves Glen como nós tivemos. Mais, uma vez que a tornaram a casa delas. O que fez foi...

— Foi necessário — interrompeu Simon, e Wells soube que ele nunca iria recuar no que fizera.

Pensou novamente no rosto de Gwyn à luz da vela, afastada dele, os olhos severos.

Sempre que tinha estado perto dela, que lhe tinha tocado, beijado, estava a tirar a magia das suas veias.

A vergonha era tanta que quase se engasgou nela.

Sabia que nunca perdoaria o pai, mas, mais do que isso, achava que nunca se perdoaria.

— Bem, falhou — disse ele. — A Gwyn pode ter perdido o seu poder, mas a mãe dela ainda o tem. Tal como a Vivi. E Rhys nunca mais lhe falará depois disto. Nem o Bowen. Isto... isto foi longe de mais.

Simon sacudiu a mão.

— Saíram todos tão estupidamente dramáticos — desvalorizou ele, e se Wells não estivesse a sentir-se tão

devastado, poderia ter respondido que aquelas eram palavras ousadas para um homem que estava a usar um manto de mago. — A seu tempo — continuou Simon —, compreenderás. Saberás o que é preciso fazer para preservar o legado desta família.

— Nada nesta família vale a pena ser preservado — respondeu Wells, e virou-se, encaminhando-se para a porta.

— Onde vais? — perguntou o pai, e Wells deteve-se, voltando-se para encarar o pai que outrora tanto ansiara por agradar.

— Sinceramente, não sei — respondeu ele. — Mas não fico aqui. Nem mais a porra de um segundo.

A expressão de Simon tornou-se trovejante.

— Não te atrevas a usar essa linguagem comigo, rapaz. Mas Wells já tinha ido embora.

Tinha passado mais de uma semana desde que Wells desaparecera da sala de arrumos da loja de Gwyn.

Mais de uma semana desde que ela soubera que ele era a razão da perda da sua magia.

Mais de uma semana desde que ela não conseguia sorrir. Ou rir. Ou sair da cama.

Só que o mundo não para quando temos o coração partido. Ela sempre dissera a si própria que recuperava rapidamente das separações. E disse a si própria que desta vez era também o que tinha de fazer.

Por isso, *saía* da cama todos os dias, fazia o pequeno-almoço e alimentava Sir Purrcival, geria a loja, procurava formas de desfazer o que Wells, inadvertidamente, tinha feito.

E fazia tudo isso como se tivesse um saco de vidro estilhaçado no peito.

Essa parte era nova. No passado, voltar ao normal o mais depressa possível era a sua imagem de marca mágica, livrando-se do sofrimento da separação melhor do que de qualquer feitiço.

Mas desta vez, não.

Porque é que ele não voltara? Tinha de admitir que o afastara naquela noite, mas quando descobrimos que o homem por quem achávamos que estávamos a apaixonar-nos era a razão da nossa perda de magia, é permitido tirarmos algum tempo para processar o assunto.

E, sim, tinha ficado furiosa por ele ter defendido o pai tão depressa. Mas ela sabia que Wells era leal e, diabos, quem quer acreditar que o pai passa de «um pouco imbecil» diretamente para «monstro sedento de poder»?

Mesmo assim, doía. Naquele momento, queria que ele tivesse acreditado nela, e ele não acreditou.

Ou não foi capaz.

De qualquer forma, ainda estava à espera de que ele aparecesse à porta dela naquela noite. Mas... não apareceu.

Teria ido a Gales, descoberto a verdade e deduzido que ela nunca mais o queria ver?

O pai teria desaparecido e Wells andava à procura dele?

Ou... e isso era o tipo de coisa que lhe entrara sorrateiramente na mente, sussurrando quando ela não conseguia adormecer... tinha tudo sido um plano? Afinal, Wells saberia de tudo e, uma vez a missão cumprida, fugira para casa?

Gwyn sabia, nas suas entranhas, que isso não podia ser verdade, mas quanto mais tempo ele estava longe, mais alta se tornava essa voz.

«Era suposto sermos uma equipa», pensara ela um milhão de vezes desde que ele se fora embora. «Era suposto resolvermos isto juntos.»

E esse era, de facto, o âmago da questão. Quando as coisas ficaram mais difíceis, mais complicadas, ele fugira. E agora, sentada na barraquinha que montara para a Feira de Outono, os seus olhos continuavam a ser atraídos para o lugar vazio onde deveria estar a barraquinha da *Penhallow's*.

Ainda sentia os braços dele a envolverem-na, quando estiveram na última vez na *Something Wicked*, a brincar um com o outro sobre mantos de magos; pensou em como estava feliz, e como se sentiu bem ali com ele, a brincar e aos beijos e a fazerem planos.

Como parecia impossível que, num segundo, tudo tivesse mudado.

Essa recordação fez-lhe arder os olhos, por isso afastou-a, concentrando-se nos clientes que se aproximavam, sorridentes, da sua barraquinha.

Afinal, aquele era o seu lugar. Era aquilo que ela fazia, e era muito boa nisso. Wells Penhallow não ia estragar a sua Feira de Outono.

Por isso, endireitou o chapéu de bruxa e vendeu imensos baralhos de tarô enquanto a brisa agitava as luzes penduradas sobre as barraquinhas e o cheiro a outono enchia o ar.

Quando teve uma pausa de clientes, foi ver o telemóvel — tentava não o ter à vista em eventos como aquele, a tecnologia realmente matava o clima de feitiçaria

que ela queria manter —, e ficou surpreendida por ver que perdera uma chamada de Sam, duas de Cait e uma de Parker.

Que estranho.

Mas talvez soubessem alguma coisa de Wells.

Gwyn estava prestes a ligar-lhes de volta quando ouviu alguém chamar pelo seu nome.

— Gwyn!

Levantou os olhos e viu Morgan a dirigir-se para ela, de maneira alguma austera como era habitual, mas com uma blusa cor de laranja, uma saia-lápis preta e meias com riscas pretas e cor de laranja.

Sorrindo, Gwyn pousou o telemóvel.

— Estou a ver que te entregaste ao tema! — gritou. Morgan fez uma pose, levantando os braços.

— Quando em Graves Glen! — respondeu ela, e Gwyn levantou os polegares. — Na verdade — continuou Morgan, enquanto se aproximava —, posso pedir-te ajuda para uma coisa? Encontrei um quadro naquela tralha toda do sótão

que não era mágico *nem* assustador, por isso pensei em doá-lo para a barraquinha da minha amiga Charlotte.

Gwyn conhecia vagamente Charlotte, uma não bruxa que vivia na vila e tinha uma pequena galeria de arte perto do *Coffee Cauldron*.

— Claro — disse Gwyn, saindo de trás da sua barraquinha. Aquela zona da feira estava calma naquele momento, a maior parte das pessoas encontrava-se em filas para ir comer àquela hora da noite, pelo que podia aproveitar a oportunidade para esticar as pernas.

Morgan andava depressa e, apesar de Gwyn ter umas pernas bem compridas, teve de dar uma corridinha para acompanhar o seu ritmo. Em cima, o céu estava escuro e cada vez com mais nuvens. Gwyn teve um arrepio à medida que o som da feira se ia tornando mais fraco.

— Estacionaste na Carolina do Norte? — perguntou a Morgan, fazendo-a rir de um modo um pouco alto e um pouco forçado.

— Desculpa, é só mais um bocadinho ali à frente.

Gwyn encolheu os ombros.

— Estou a perceber porque é que precisas de ajuda — disse ela a Morgan. — Seria bem doloroso transportar sozinha o quadro ao longo de todo este caminho.

Morgan não respondeu e Gwyn sentiu um arrepio no pescoço.

Ali, sentia a relva alta. Sentiu-a húmida nos tornozelos ao deter-se, olhando em volta. Apercebeu-se de que não era apenas a noite fria que estava a sentir.

Era magia.

Muita.

— Morgan? — chamou outra vez, e então Morgan virou-se, os braços cruzados sobre o peito, os lábios a formar um sorriso presunçoso.

— Sabes que é mesmo uma pena já não teres magia, Gwyn — disse ela, e pelo canto do olho, Gwyn viu uma figura escura aproximar-se.

Virou-se e havia mais uma. E uma terceira. E uma quarta.

— Bom para nós — continuou Morgan, avançando para Gwyn, as mãos à sua frente, os dedos a crepitar de poder —, apesar de não precisarmos da tua magia. Só precisamos do teu sangue.

Capítulo 33



Depois de passar uma semana na cabana de Bowen, bem no cimo das montanhas, Wells começava a compreender porque é que Bowen era como era.

Por um lado, aquele sítio estava a milhas de qualquer tipo de civilização e também era muito difícil de encontrar. Wells passara dias à procura dele, mesmo com a Pedra das Viagens. Acontece que Bowen tinha encantamentos suficientes à volta daquele lugar para enviar qualquer bruxo numa caça aos gambozinos. Mas Wells fora determinado.

Se havia alguém que sabia desfazer o que o pai tinha feito, seria Bowen, ali em cima na sua cabana, envolvido em qualquer treta mágica estranha e esotérica, fosse ela qual fosse, e Wells estava determinado: ele ia desfazer aquilo.

E se isso significava emaranhar-se pela porra da montanha errada acima três vezes, que assim fosse.

Quando encontrou o irmão, sentia-se uma fera de preocupação e raiva, e isso também era evidente, porque Bowen deixou-o entrar apenas com um grunhido e um:

— Mas que raios te aconteceu?

Quando acabou de contar ao irmão mais novo a história toda, os punhos de Bowen estavam fechados, o maxilar rígido. E lançou-se ao trabalho.

A cabana era pequena, praticamente não tinha mobiliário, exceto duas camas de campanha, e havia uma coisa tipo casa de banho exterior, que Wells tinha a esperança de conseguir apagar da sua mente, mas o que faltava a Bowen em comodidade, ele compensava em magia.

Se houvesse um livro sobre um tema, ele tinha-o. Se houvesse um ingrediente para um feitiço, ele tinha-o enfiado numa prateleira com pequenos compartimentos que, tanto quanto Wells conseguia perceber, continham uma infinidade de outros compartimentos. Tudo na cabana estava simplificado ao serviço da magia, e em poucos dias, Wells já pouco se importava com a falta de canalização interior.

Quase não comia, raramente dormia, e Bowen ficou sempre ao seu lado, os dois a folhear os livros, a fazer

experiências com outros anéis, outras pedras, qualquer coisa que pudesse funcionar.

Bowen começou, entretanto, a acreditar que estavam a aproximar-se de qualquer coisa. Quando soube que o feitiço de Simon era uma combinação de dois feitiços, pensou que o lógico seria precisarem de fazer o mesmo para o reverter.

— É complicado — disse a Wells, os dois sobre a única peça de mobiliário sólida, a enorme mesa coberta de feitiços, livros, pedaços de papel. — Mas isso é magia, certo?

— Isto também parece exigir o... meu sangue? — disse Wells, ao ler o que Bowen lhe passava, e o irmão deu-lhe uma pancada no ombro, fazendo surgir uma sugestão de dentes sob toda aquela barba.

— Amor é dor — disse ele, e Wells grunhiu como resposta. Caraças, já estava claramente há demasiado tempo com Bowen. Mesmo assim, estendeu a mão e deixou Bowen passar uma lâmina de prata, num rápido corte na palma da mão, estremecendo enquanto o sangue pingava para dentro de um pequeno prato de madrepérola.

— Onde é que arranjas todas estas coisas? — perguntou ao irmão, tentando distrair-se enquanto sangrava.

— Aqui e ali — respondeu Bowen, no modo que lhe era característico.

— Obrigado — ironizou Wells. — Como sempre, és uma fonte a transbordar de informação.

Um canto da boca de Bowen levantou-se.

— Lojas — clarificou. — Outros bruxos. Alguns humanos usam artefactos mágicos, e eu conheço um deles.

— Isso soa perigoso... Ai!

Wells olhou para o irmão enquanto Bowen espalhava uma espécie de unguento no corte. Cheirava horrivelmente mal, mas o que quer que fosse, sarou o corte quase de imediato. Wells observou a mão, relutantemente impressionado.

— Quando é que achas que estará pronto? — perguntou, e o irmão encolheu os ombros enquanto se afastava.

— Nunca se pode saber com este tipo de coisas — respondeu Bowen, dirigindo-se para o seu armário e colocando o prato com sangue lá dentro. — Disseste-lhe que voltavas quando?

— Não disse.

Bowen ficou paralisado.

— O quê?

— Quando me fui embora... — disse Wells, distraído enquanto lia o feitiço. — Limitei-me a ir-me embora. E assim

que soube, pelo Simon, qual era a verdade, percebi que tinha de resolver o problema e vim logo ter contigo.

— Basicamente... bazaste. Depois de ela descobrir que o pai é a razão de ela ter perdido a magia.

— Se tens alguma coisa específica para dizer, Bowen, agora seria a altura de o fazeres.

— Ocorreu-te que ela possa pensar que estavas metido nisto?

Que voltaste para casa do paizinho com o trabalho bem feito?

Agora era a vez de Wells ficar paralisado.

— Eu... eu não podia voltar sem uma solução — disse, porque esse era o pensamento dominante na sua cabeça. Ele causara aquilo e não ia regressar enquanto não conseguisse restaurar a magia dela.

— Mesmo assim, nem um telefonema? — sugeriu Bowen. — Uma mensagem de texto? «Olá, desculpa ter uma família tão marada da cabeça, volto mal consiga “desmarar” as coisas?»

— Porra — murmurou Wells, passando a mão pela barba. Ainda não estava tão desgrenhada com a de Bowen, mas estava definitivamente a chegar lá. — Devia ter feito isso.

— Pois devias — respondeu Bowen, antes de abanar a cabeça. — Como é que eu, que estou aqui em cima a porra do tempo todo, nenhuma mulher à vista, *sou* mais esperto nessas merdas do que tu e o Rhys? Porra, *isto* dá-me cabo dos cornos, pá.

— Porque quando se está apaixonado, fica-se doido e também bastante estúpido, acho eu — contrapôs Wells, sentindo o estômago a afundar-se.

Gwyn pensaria que ele tinha ido embora para sempre? Ou, pior, que era tudo pane do plano do pai?

— Ouve, temos de ter este feitiço a funcionar o mais depressa possível — disse, virando-se para Bowen. — Tenho de voltar para ela, tenho de...

Num minuto, estava a olhar para o irmão.

No minuto seguinte, Sam, Cait e Parker estavam ali entre ele e Bowen, de olhos arregalados e boca aberta.

— *Ohmeudeus, isto foi tão assustador* — soltou Sam, e atrás dela, Bowen fez uma careta.

— Quem raios são vocês e como é que chegaram à minha montanha?

— O Lobisomem — sussurrou Cait, olhando para ele, e os olhos de Sam andaram algo indecisos antes de pousarem em Wells.

— Oh, graças à deusa! — gritou ela, e aproximaram-se logo dele, todos a falar ao mesmo tempo. Ele estava tão surpreendido por vê-los ali que não conseguia perceber nada do que estavam a dizer, isto até ouvir: «Ela levou a Gwyn!»

— Chega! — gritou, com uma a voz ríspida e nítida, e os três ficaram em silêncio, as caras muito pálidas.

— Mas, afinal, o que se passa? — perguntou Wells, tentando arduamente manter-se calmo, apesar de o coração ameaçar saltar-lhe do peito.

— A Morgan levou a Gwyn! — despejou Parker, e Wells deu um passo atrás, confuso.

— A Morgan? — perguntou ele. — Mas do que estão a falar?

Apercebeu-se de que iam começar a falar todos ao mesmo tempo, por isso apontou para Parker.

— Tu. Diz-me tudo.

Os olhos de Parker começaram a dardejear para um lado e para o outro, mas assentiu, lambendo os lábios.

— Então, depois de se ter ido embora, continuámos a procurar formas de reverter o feitiço do seu pai. E quando estávamos a procurar entre as coisas da Gwyn, encontrámos o ficheiro da Morgan.

— Esse ficheiro não nos revelou grande coisa — lembrou Wells, e Parker assentiu.

— Eu sei. Mas usei isto nele.

Parker tirou a moeda que dera a Wells no dia em que ele subtraiu o ficheiro. Ele lembrava-se, o feitiço que era suposto absorver o que estava escrito e reescrever noutro sítio. Contudo, Wells não o usara, apenas tirara o ficheiro, e Parker acrescentou:

— Estava só na brincadeira, à espera que a Cait terminasse o livro que estava a ler, por isso passei-a pelo ficheiro, só para ver se funcionava. Mas quando pus o que estava no ficheiro noutra folha de papel...

— O ficheiro estava encantado — interveio Sam, passando-lhe uma folha de papel.

Wells agarrou nela e percorreu-a com os olhos. E ali, onde no ficheiro original de Morgan davam a vaga insinuação «magia imprópria», aparecia agora uma história muito diferente — muito mais sombria.

— Porra, mas que raios — murmurou Wells.

— Eles quase mataram uma aluna — disse Cait. — Tipo, sugaram o sangue dela, tipo vampiro, tudo porque acho que a antepassada dela tinha sido uma bruxa poderosa. A única razão para a faculdade não ter ido mais além foi porque a aluna se tinha voluntariado para o que eles lhe fizeram.

— Aparentemente, ela achou que também ia ficar toda poderosa. Mas eles estavam só a usá-la — acrescentou Sam. Wells teve a certeza absoluta de que o seu próprio sangue fora substituído por água gelada.

— E vocês acham que a Morgan levou a Gwyn?

— A barraquinha dela na Feira de Outono estava vazia e alguém disse que a tinha visto sair com uma mulher de cabelo preto e que não tinha voltado. E quando fomos à casa da Morgan, havia uma coisa tipo-campo-de-força-mágico a cercá-la. Não conseguimos entrar — revelou Parker.

— E não sabíamos o que fazer, porque a Vivi e a Elaine ainda não voltaram, e nós não temos poder suficiente para derrotar um bando de bruxos maléficos, mas depois lembrámo-nos de que havia uma Pedra das Viagens na sala das arrumações na *Something Wicked* — continuou Sam.

— E, tipo, nós estávamos chateados consigo e isso, mas não sabíamos a quem recorrer também, por isso

pensámos em si e depois, *puf!* — resumiu Cait.

— Esperem, vocês *pufaram* diretamente para a minha montanha? À primeira? — Bowen estava embasbacado, olhando para os três com um misto de suspeita e interesse, mas Wells já estava em movimento, gesticulando para o feitiço de Bowen sobre a mesa.

— Acaba isto. O mais depressa que conseguires. Depois, vai ter comigo a Graves Glen.

Bowen assentiu.

— Vai ajudar a tua miúda.

— Vocês os três conseguem voltar bem para trás? — perguntou a Sam, e ela agarrou na Pedra das Viagens.

— Acho que sim. Deve ser mais fácil voltar para casa do que vir para aqui.

— Muito bem.

Wells agarrou na sua própria Pedra das Viagens, tentando não pensar em Gwyn, sem magia, desamparada, à mercê de Morgan e da sua congregação.

Concentrou-se no rosto dela, apertou a pedra com força e pensou numa palavra.

Casa.

Capítulo 34



Gwyn não era perita em magia negra, mas tinha quase a certeza de que nada de bom poderia vir de estar amarrada a uma mesa de pedra preta com um bando de pessoas em túnicas sinistras à volta dela.

Ainda com a cabeça um pouco zonza, devido a qualquer que fosse o feitiço que lhe tinham feito, testou as amarras, mas como eram correntes de prata, não era de admirar que por ali não se conseguisse safar, pelo que se endireitou novamente na mesa com um suspiro, lutando para não entrar em pânico.

«Se alguma vez houve altura melhor para entrar em pânico, de certeza que era aquela», pensou ela, mas se entrasse em pânico, não conseguiria pensar, e se não conseguisse pensar, não conseguiria safar-se daquilo. E precisava mesmo de conseguir safar-se daquilo.

— Deduzo então que toda aquela história de terem sido mandados embora por causa de um feitiço de *glamour* era treta, hum? — disse ela, e de algures atrás dela ouviu Morgan rir-se.

— Pelo feitiço de *glamour* castigaram-nos com trabalho no refeitório — revelou ela. — Foi a magia de sangue que nos expulsou.

— Pois, são bastante rigorosos com esse tipo de coisas — reagiu Gwyn, fazendo chocalhar as correntes. — Nem imagino porquê. Embora, para dizer a verdade, nunca percebi o interesse. Quer dizer, podemos conseguir um pouco mais de poder? Sim. É *também* nojento e superdemoníaco? Outro sim!

— Não estávamos à espera que compreendesses.

Quem falou foi Harrison, junto aos pés dela. Estavam no sótão, percebeu Gwyn, ao ver a forma intimidante da dama de ferro atrás dele.

Perfeito.

— Há limites para o que a magia consegue fazer — continuou ele —, mas se se estiver disposto a ir mais além, a sangrar, esses limites desaparecem. Tudo se torna possível. Construir cidades inteiras do nada, criar universos.

— Certo. Mas não são vocês que vão sangrar, pois não? — perguntou Gwyn.

— Não — respondeu Rosa, avançando, os olhos surpreendentemente compassivos postos em Gwyn. — Mas também nenhum de nós tem uma bruxa poderosa como Aelwyd Jones na nossa linhagem.

— Eu fui sincera quando disse que te queria ajudar a recuperar a magia, Gwyn — disse Morgan. — Seria melhor se a tivesses.

— E foi por isso que me convidaste para vir passar um tempo aqui contigo nesta merda de sótão — lembrou Gwyn, trazendo à memória a conversa depois da reunião do comité.

— É verdade. Mas depois o Harrison lembrou-se de que tínhamos de realizar o ritual antes do Samhain, e estávamos a ficar sem tempo. Tinha de ser agora, durante a lua nova. — Morgan fez um gesto para o céu escuro para lá da janela do sótão. — E apesar de não teres magia, o sangue da Aelwyd ainda corre nas tuas veias. Quando o derramarmos, o poder dela torna-se nosso. Graves Glen

torna-se nossa e temos uma vila inteira de onde extrair poder. — Abriu bem os braços para os lados. — Vamos tornar-nos imparáveis.

— Por acaso não acho que funcione assim — disse Gwyn, e Morgan franziu a testa, os olhos escuros incisivos.

— Creio que devemos saber um bocadinho mais do que tu sobre isto, Gwyn. Passámos os últimos dez anos imersos em magia, enquanto tu tens estado aqui, a impingir brinquedinhos aos turistas. Colecionei alguns dos mais poderosos talismãs do mundo, tudo para isto.

Gwyn levantou a cabeça apenas o suficiente para olhar em volta, observando os quadros, os anéis de ferro e toda a restante treta assustadora que ela e Wells tinham visto. Então era disto que se tratava. Estas coisas estavam infundidas com magia negra, fortalecendo os próprios poderes maléficos de Morgan.

— Se quiseres, podemos fazer-te um encantamento antes — propôs Rosa. — Para não doer.

Gwyn quase se riu com aquilo. Ou talvez tenha soluçado.

— Certo. Como se estivesse no dentista e não... seja isto o que raios for.

Morgan colocou uma mão na testa dela, tinha a pele húmida e fria.

— Acaba num instante, prometo — disse ela. — Não temos prazer nenhum em causar dor. Mas aprendemos da

última vez que tirar pouco sangue é como não tirar nenhum. Por isso, vamos precisar de todo o teu sangue.

Regressou o medo que Gwyn tentara com tanto esforço não revelar, fazendo-a tremer um pouco. Mesmo com magia, aquele grupo poderia ser um pouco de mais para ela, mas sem magia?

Fechou os olhos e respirou profundamente, à medida que Morgan e os outros se aproximavam. Qualquer que fosse o encantamento que Rosa prometera estava claramente a começar a funcionar, porque conseguiu sentir uma espécie de peso a deslizar-lhe pelos membros, a mente a turvar-se.

Pensou em Vivi e Elaine, e Sir Purrcival e nos Bruxos Bebés.

Até pensou em Wells, nele atrás do balcão da *Penhallow's*, na cama dela, ao seu lado, e cerrou os punhos, rangendo os dentes.

Morgan estava a entoar uma coisa qualquer e os outros juntaram-se. Gwyn conseguia sentir a força da magia a tornar-se mais forte na sala.

Mais escura.

Ia morrer para que uns bruxos todos janados pudessem brincar aos deuses enquanto usavam túnicas ridículas.

«A porra é que vou.»

O pensamento foi tão forte que a fez abrir os olhos, e a lassitude que o encantamento de Rosa criara esvaiu-se

subitamente dela.

Gwynnevere Jones não ia partir assim.

Continuavam a entoar qualquer coisa e Gwyn concentrou-se com toda a sua força, agitando os dedos.

Surgiu uma faísca como resposta.

Mínima, quase insignificante, mas *estava lá*, e Gwyn lutou contra um sorriso enquanto uma alegria intensa se espalhava através dela.

«A minha magia não é uma coisa que qualquer um possa tirar de mim», pensou, com a mente lúcida. «É *minha*. E ainda aqui está.»

E realmente estava. Conseguia senti-la a fluir por ela, invocada pelo seu próprio sangue, e na próxima vez, quando mexesse os dedos, não ia haver apenas uma faísca.

Ia haver fogo.

E Wells subitamente apareceu no campo mesmo fora da casa de Morgan, sentindo no estômago uma guinada de enjoo.

Desta vez, não era por causa da Pedra das Viagens.

Qualquer sensação de magia errada que ele sentira antes estava agora muito mais forte, uma podridão que

parecia pulsar, fazendo com que rangesse os dentes à medida que avançava.

Estava escuro e, quando olhou para o relógio, viu que eram quase três da manhã.

A hora dos bruxos.

Apesar da dor na cabeça, Wells forçou-se a caminhar e, pelo canto do olho, viu Sam, Cait e Parker a cambalear no chão.

— Não avancem! — gritou-lhes.

Eles não tinham mentido em relação à barreira mágica em redor da casa. Era forte, e Wells tentou concentrar-se, testando mentalmente zonas mais fracas, reunindo uma explosão de magia que conseguisse ser suficientemente forte para fazer uma entrada na barreira ao mesmo tempo que entoava: *Depressa, depressa, depressa, ela está ali, depressa.*

Acabara de reunir poder suficiente para uma explosão decente contra a barreira quando se ouviu um estrondo enorme e o som de vidro a partir-se. Ele levantou o olhar, horrorizado, e viu uma labareda de chamas sair de uma janela no cimo da casa.

Wells não se lembrava de como atravessou a barreira ou entrou na casa. Num momento estava a olhar para a chama, no seguinte estava dentro de casa, a subir velozmente as escadas para o sótão, a abrir de rajada a porta.

A primeira coisa que viu foi Gwyn, a deslumbrante e gloriosa Gwyn, abençoadamente viva e em pé sobre uma

espécie de mesa de pedra preta, as mãos a luzir à sua frente. Quase caiu de joelhos de alívio.

Depois apercebeu-se de que ela estava a enfrentar aquele parvalhão do Harrison, naquele momento a balançar um chicote de armas na direção dela.

A explosão que Wells preparara para destruir o campo de força não era nada comparada à que ele enviou na direção daquele homem. Harrison levantou voo e foi atirado para trás, batendo na parede. Gwyn voltou-se e viu-o.

E sorriu.

Wells sentiu aquele sorriso no corpo inteiro. Um nascer do Sol não podia ser mais luminoso do que aquele sorriso.

Mas não teve tempo de o admirar, porque Rosa ia na direção dele, com uma terrífica espada medieval nas mãos. Desviou-se, tentando juntar energia mágica suficiente para a repelir.

Estava exausto, o tempo que estivera ausente esgotara-o mais do que imaginava, o alívio ao ver Gwyn viva e inteira distraíra-o, e estava tão concentrado em Rosa que só reparou em Morgan atrás dele quando ouviu Gwyn gritar: «Wells!»

Tudo pareceu passar-se em câmara lenta. Morgan aproximava-se dele, mostrando os dentes, com um olhar de louca e na mão uma adaga de prata.

«Acho que ela vai mesmo apunhalar-me», pensou, quase como se estivesse a acontecer a outra pessoa, e então surgiu um clarão de luz e Morgan foi atirada para trás,

com a outra mão agarrada ao braço à medida que a adaga caía ao chão.

Gwyn estava ao lado dele, de braços ainda estendidos, e Wells conseguia ver a extremidade da manga de Morgan chamuscada, a pele da mão vermelha e ferida, de olhos postos em Gwyn e a cambalear para trás.

Ao fazê-lo, embateu num dos baús espalhados pelo sótão e caiu com força sobre ele. A velha e ferrugenta fechadura deu de si e caiu ao chão com um pesado baque.

Por um momento, ficou tudo parado, o único som era a respiração ofegante de Morgan, e de repente a tampa do baú abriu-se com um uivo.

Wells ouviu Morgan gritar e depois foi como se subitamente houvesse um furacão no sótão, um vento feroz que o fez fechar os olhos, puxando Gwyn mais para si. O uivo continuou sem parar e os ossos quase trepidavam com a sua intensidade.

E então o baú fechou-se, fazendo lembrar a Wells uma enorme mandíbula.

O sótão ficou silencioso. Imóvel.

E Morgan e os outros tinham desaparecido.

Capítulo 35



— Sinceramente, tudo isto foi uma valiosa lição para não se ter tretas mágicas assustadoras espalhadas pela casa — disse Gwyn, ao saírem da casa de Morgan. Wells ia ao lado dela e Sam, Cait e Parker rodeavam-na. — Espero que vocês levem isto a sério.

— Então, aquilo... comeu-os mesmo? — perguntou Parker, estremecendo, e Wells suspirou, enfiando as mãos nos bolsos.

— Não exatamente. Acho que o que a Morgan tinha ali era aquilo que se conhece como Coletor de Almas. Suga as pessoas para outras dimensões e mantém-nas aí presas. Uma coisa bem desagradável.

— Não tão desagradável como ser comido — disse Sam, e Gwyn teve de concordar.

— Porque é que não vos levou? — perguntou Parker, e Wells encolheu os ombros.

— Os Coletores de Almas costumam alimentar-se de energia negativa, pelo que me lembro, e havia muita dessa nas almas daqueles bruxos. Quando os sugou a todos, acho que ficou... saciado.

Gwyn não conseguiu reprimir um arrepio perante aquelas palavras, mesmo depois do que Morgan e a sua congregação tinham tentado fazer.

— Bem — disse, tentando brincar —, é bom saber que a minha alma ainda está relativamente imaculada, apesar daquele ano em que fui ao Burning Man. Oh, e quando cortei a minha própria franja. Aliás, todos os anos entre 2011 e 2014.

— Mas a grande notícia — disse Cait, praticamente a deslizar pela erva húmida — é que a magia voltou! — Voltando-se para Wells, perguntou: — O seu irmão conseguiu fazer o feitiço a tempo?

Gwyn parou, olhando para ele.

Wells estava... bem, lindo, independentemente de tudo, não havia como fugir daquela boa estrutura óssea, mas também claramente exausto, olheiras sob os olhos, a barba desgrenhada, e fitou-a com um ligeiro sorriso.

— Não — disse ele a Cait. — Ela fez isto tudo sozinha.

— Boa, Glinda, é do caraças — soltou Cait, e Sam e Parker concordaram, assentindo com a cabeça.

— Melhor mãe bruxa de sempre — disse Sam, dando-lhe o braço, e Gwyn riu-se, cansada, mas feliz, encostando o rosto ao cabelo brilhante de Sam.

— Eu ainda devia castigar-vos por se meterem numa situação perigosa. A Morgan e os amigos não estavam para brincadeiras. Prometam-me que não voltam a fazer uma coisa destas.

— Prometemos — disseram em coro, mas depois Sam deitou a Wells um olhar dissimulado.

— Nós também fomos a Gales. Com *magia*.

— E conhecemos o irmão assustador do Wells.

— E ele não disse, mas acho que ficou muito impressionado por termos lá chegado com magia.

Os três continuaram a falar uns por cima dos outros, contando a Gwyn as suas aventuras, e ela ouvia e sorria nos momentos apropriados, mas sempre a desviar o olhar para Wells, assim como ele para ela, e Gwyn queria bater-lhe e beijá-lo e perguntar onde raios ele tinha estado, e jurou que era precisamente isso que iria fazer quando estivesse sozinha com ele.

Mas quando, graças à Pedra das Viagens, chegaram aos degraus da casa de Gwyn, ela percebeu que isso tinha de

esperar.

— Gwyn!

Vivi vinha a correr porta fora, com Elaine mesmo atrás dela, e Gwyn pensou que o seu coração podia saltar do peito quando correu escada acima para as abraçar.

— O que estão aqui a fazer?

— Soubemos que alguma coisa não estava bem — respondeu Vivi.

— As duas. Praticamente ao mesmo tempo — confirmou Elaine, aproximando-se para acariciar o cabelo de Gwyn. A filha inclinou-se para o seu toque, com lágrimas a picarem-lhe os olhos.

Ao pensar nelas quando estava naquela mesa horrível, a mãe e a prima tinham-na sentido. Souberam que ela precisava delas e voltaram por ela.

— Tem sido uma noite muito comprida — disse Gwyn —, e é uma história ainda mais comprida, mas posso contar uma parte, e o Wells...

Mas quando olhou para trás, Wells tinha desaparecido.

Era a coisa certa a fazer, deixar Gwyn algum tempo sozinha com a família, pensou Wells, ao sentar-se na sua sala de estar escura, sozinho.

Gwyn tinha tantas saudades delas e tinha tanto para lhes contar, ele não queria ficar ali sentado, uma presença estranha, enquanto ela explicava o que o pai dele tinha feito.

Por isso, sim. Estava a ser galante.

Nobre.

— Estás a ser um completo idiota.

Suspirando, Wells virou-se para a porta da frente. As luzes do alpendre estavam acesas e ele conseguia ver uma figura ali de pé.

— Eu sei que estás aí, com pena de ti próprio, seu mariquinhas. Agora, deixa-me entrar.

Wells sabia, por experiência própria, que Rhys não se iria embora até conseguir o que queria, por isso levantou-se para destrancar a porta.

O irmão mais novo empurrou-o para entrar, com ar irritantemente descansado e feliz, e Wells encarou-o com ar zangado.

— Não estou com pena de mim próprio. Estou a dar espaço à Gwyn.

— Ela disse-te «eu preciso de espaço»? , ou estás a fazer aquela coisa que costumás fazer que é assumir que sabes mais do que *toda a gente* o tempo todo e sempre?

— Não tive nenhuma saudade tua, só para que saibas. Na verdade, acho que tu e a Vivienne deviam ir numa segunda, muito mais demorada, lua de mel. Possivelmente, *até à* Lua propriamente dita.

Rhys sorriu, dando-lhe uma palmadinha no braço.

— E perder este tipo de emoção outra vez? Nunca.

Ouviu-se um chocalhar na sala de jantar. Wells e Rhys voltaram-se e viram Bowen ali esprechado, a baloiçar ligeiramente nos calcanhares, mas de resto o habitual rabugento.

— Rhys — disse Bowen, e Rhys fez uma careta, inclinando-se para trás sobre os calcanhares.

— Que raios estás aqui a fazer? Espera, isto é algum tipo de intervenção? Vamos fazer uma intervenção ao Wells por ser um palerma patético e ninguém me avisou?

— Cala-te, Rhys — soltaram Wells e Bowen, em unísono.

E entreolharam-se antes de encararem o irmão mais novo.

— Acho que nós os três não estamos juntos na mesma sala há cinco anos — lembrou Wells, sem ter bem a certeza se seria boa ideia quebrarem essa tendência.

— Merece uma bebida — murmurou Bowen.

Afinal, mereceu mais do que uma. Não só tiveram de falar sobre o pai, como Wells precisou de contar a Rhys exatamente o que acontecera na sua ausência, desde o aparecimento de Morgan a uma (muito resumida) explicação de como era a sua situação com Gwyn. Quando terminou, a última garrafa de bom *scotch* do pai estava quase no fim.

— Eu sabia que o *Da* era um cretino — disse Rhys, suspirando —, mas nunca pensei que fizesse uma coisa destas.

— Acho que perder a vila o afetou mais do que nos apercebemos — acrescentou Wells, rodando o copo na mão, e Rhys aproximou-se e deu-lhe uma pancadinha no joelho.

— Lamento, rapaz. Eu e o Bowen nunca nos demos muito bem com ele. Mas vocês os dois eram próximos. Tem

de doer.

— Humm. — Foi a única resposta de Wells, mas deu uma pancadinha na perna de Rhys, levando o irmão a sorrir para ele.

— Então, e agora? — perguntou Rhys. — Os filhos podem deserdar os pais?

— Talvez não legalmente. Mas em espírito, de certeza — replicou Wells, lúgubre.

Gostava do pai. Se calhar uma parte dele iria sempre gostar. Se fosse possível deixar de amar as pessoas, a vida seria tão mais simples, mas Wells sabia que não funcionava assim.

Não havia lugar para um homem como Simon na vida de Wells, e ele ficara em paz com isso durante a longa semana que passara na montanha com Bowen. Tinha os irmãos, os completos cretinos que eram, e isso era suficiente.

Bem, quase suficiente.

Mas podia lidar com isso mais tarde. Naquele momento, o problema era o pai.

— O *Da, Simon*, está agora mais poderoso do que alguma vez foi — lembrou Wells. — E mesmo que não consiga retomar a vila, tenho a certeza de que tem outro

plano em mente. O bar, talvez. A antiga magia dos Penhallow ainda lá está.

— Vou precisar, no mínimo, de uma sesta e de outra bebida forte antes de declarar guerra ao *Da* — disse Rhys.
— Mas estou disposto a isso, se vocês também estiverem.

Wells assentiu, mas, surpreendendo-o, Bowen acabou a bebida e levantou-se.

— Vocês têm de resolver muita porcaria — disse ele, e depois apontou para Wells. — Especialmente tu.

— Porra, não estava à espera disto, mas adoro este novo mundo em que o Wells é aquele que precisa-de-organizar-as-suas-porcarias, e *eu...*

— Cala-te, Rhys — disseram novamente Bowen e Wells, e Bowen pousou o copo dele na mesa de apoio com força.

— Eu trato do *Da* — garantiu Bowen, e Wells não fazia a menor ideia do que ele queria dizer com aquilo, mas depois de ver a cabana de Bowen, não tinha a menor dúvida de que ele estava à altura de qualquer tipo de batalha com magia.

— Muito bem — disse ele, e Rhys fez um som de incredulidade.

— O quê? Não há sermão? Não vais lembrar ao Bowen o que deve e não deve fazer? Nem um insulto aleatório para mim só pela piada? Estás *mesmo* mudado.

Wells agitou a mão para o irmão mais novo, mas estava a sorrir para ele.

Até Bowen era capaz de estar a sorrir sob aquelas toneladas de pelo que tinha na cara.

— Então, o *Da* está resolvido — continuou Rhys. — E eu, por uma vez, não tenho porcarias para resolver, exceto que estávamos com tanta pressa de voltar que acho que *posso* ter enviado magicamente a nossa bagagem para a Geórgia o *país*, não a Geórgia o *estado*, mas a Vivienne vai compreender. E quanto a ti...

Deu outra pancada na perna de Wells. O irmão suspirou.

«Sim, e quanto a mim.»

Lendo os seus pensamentos, Bowen inclinou a cabeça na direção da porta e, deduziu Wells, da casa de Gwyn.

— Com que então, ela conseguiu recuperar a magia sem a necessidade de um feitiço.

Quando Wells assentiu, Bowen grunhiu.

— Nunca tinha ouvido tal coisa.

— Nunca conheceste a Gwyn Jones — disse Wells, com um ligeiro sorriso, e Rhys riu-se, recostando-se.

— Ah, o som de um homem completamente espezinhado pelo amor. Conheço a sensação.

Wells não se deu ao trabalho de responder. Amava-a, estava completamente louco por ela, e isso, de certeza, era agora óbvio para todos.

Para todos, apercebeu-se subitamente, menos para a pessoa que mais importava.

Capítulo 36



Gwyn achava que ser quase ritualmente sacrificada dava a qualquer rapariga uma desculpa para dormir até mais tarde, por isso era quase meio-dia quando chegou à *Something Wicked*, no dia seguinte. Elaine tinha-lhe dito que nem fosse de todo, mas ficar sozinha em casa fá-la-ia sentir-se inquieta, e isso não era bom.

O que ela precisava era de voltar à normalidade. E nada era mais normal do que a loja dela.

O centro da vila estava razoavelmente calmo, uma vez que era dia de semana à tarde, e ela deitou um olhar à *Penhallow's*, ao abrir a porta da sua loja.

Tinha o aviso de *Aberto* pendurado na janela.

Então, ele ainda estava ali.

Depois de Wells ter desaparecido na noite anterior, Rhys fora atrás dele, e quando ele voltou para o chalé, confirmou que Wells ainda lá estava, na casa na montanha.

Pelo menos, já era alguma coisa.

Também voltara por ela. E, segundo Cait, estivera a trabalhar numa espécie de reversão do feitiço com o irmão, por isso ela tinha razão. Ele só queria voltar a Graves Glen quando conseguisse resolver as coisas.

Era tão... irritantemente à Excelentíssimo.

E agora ia indubitavelmente manter-se afastado, assumindo que ela não o queria ver, o que também era irritantemente à Excelentíssimo. Ficaria à espera que ela desse o primeiro passo, um cavalheiro até ao fim.

Bem.

Gwyn era boa em primeiros passos.

Voltando costas à *Something Wicked*, atravessou a rua em direção à *Penhallow's* já a planear o que iria dizer. Como tivera saudades dele, mas como ficara magoada quando ele se fora embora, como aquela coisa da autoflagelação não funcionaria com ela, e que não era ele que decidia se ela estava zangada ou não com ele.

O caminho era curto, mas Gwyn tinha tido tempo de sobra para ficar irritada e abriu a porta atirando-a para trás, fazendo a campainha tocar muito alto.

— Então, isto vai ser assim... — começou ela, e a seguir toda a verdadeiramente espetacular diatribe que tinha composto na mente dissolveu-se como névoa.

Wells estava em pé, à frente do balcão, com um manto preto comprido. Um manto de bruxo formal, do tipo que a levara a gozar com ele.

Era formal e tradicional, algo que *não* era o chapéu que tinha na mão, uma coisa pontiaguda azul-escura com estrelas prateadas, o tipo de coisa que às vezes a *Something Wicked* vendia.

Tinha os olhos raiados de sangue, e abriram-se muito ao vê-la ali. Ficaram os dois em silêncio, fitando-se mutuamente.

— Estás a usar um manto — disse por fim Gwyn, franzindo a testa, e Wells desceu o olhar sobre si próprio, com o chapéu pontiagudo ainda numa das mãos.

— Sim. Eu... eu apercebi-me de que perdi a Feira de Outono, e tínhamos falado... bem, tínhamos *brincado*, acho eu... sobre usarmos mantos, e o Rhys disse que provavelmente eu precisava de fazer um grande gesto, por isso eu ia assim vestido à tua loja. O chapéu era... bem, o chapéu era para ter piada? É um pouco humilhante, pelo que, deduzo, irias achar graça. E como trocar de mim parece ser uma das grandes alegrias da tua vida... não que me importe... e oh!, também te comprei isto.

Estendendo a mão para o balcão atrás dele, Wells pegou num saco de veludo muito familiar e Gwyn sentiu que as faces lhe doíam com a vontade de sorrir.

— Então, eu ia à tua loja com este manto e o chapéu ridículo, com a purpurina comestível para o banho. E depois implorar pelo teu perdão por o meu pai ser um monstro, e por não ter acreditado logo de início que assim era, e *também* por ter ido embora sem te explicar que ia voltar. A parte do pedido de desculpas ia demorar bastante tempo, posso garantir-te. E depois de tudo isso, ia oferecer-te a *Pixie Licks* e contra-atacar devastadoramente sobre como, apesar de ainda poderes estar zangada comigo, se alguma vez precisares de uma desculpa para me beijares novamente, eu posso arranjar uma.

A respiração dele era agora mais profunda, as pontas das orelhas vermelhas, e Gwyn tentou manter uma expressão muito solene enquanto Wells continuava:

— Só que, quando vesti o manto, apercebi-me de que parecia um *pouco* ridículo e comecei a achar que o plano que tinha formulado quando não se dorme há vinte e quatro horas e se alimenta só de chá e o alívio avassalador de descobrir que estavas viva e bem poderia não ser o melhor dos esquemas. E depois comecei a pensar que em toda a minha vida nunca liguei ao que Rhys diz, então, porque é

que desta vez estava a seguir as indicações dele, num dos momentos mais importantes da minha vida, enquanto tento conquistar de volta a mulher que amo. E três segundos depois de eu ter esta epifania tu entraste — terminou ele, por fim, coroando aquele extraordinário discurso ao atirar o chapéu pontiagudo para uma das poltronas.

Gwyn pestanejou e Wells ficou a olhar para ela, com o peito a subir e a descer, ofegante, um punho apoiado na anca, o cabelo todo despenteado. Ela reparou que ele estava a usar um sapato preto e outro azul-marinho, e se ela não se tivesse apaixonado por ele algures entre a noite em que ele encontrou Sir Purrcival e o momento em que entrou na loja dela no dia do Encontro para o ver a preparar chávenas de chá freneticamente, seriam aqueles sapatos desemparelhados a ter o mesmo efeito nela.

— És um desastre — disse-lhe ela. — Tipo, não só neste momento, mas a um nível fundamental.

Wells assentiu.

— É verdade. De uma maneira geral consigo disfarçar, acho, mas, sim, Gwynnevere, sou completamente um desastre de homem.

O coração dela batia com força, aproximou-se dele um pouco.

— E eu a pensar que eras tu o responsável.

— Uma fraude. Um encobrimento de proporções gigantescas.

Gwyn riu-se, ao mesmo tempo que olhava para os olhos calorosos dele, cada vez mais pretos quanto mais perto ela estava.

— É estranho eu gostar desta tua versão? Nem consigo chamar-te Excelentíssimo quando estás assim.

— Podes chamar-me tudo o que quiseres — disse-lhe ele, e havia tamanha ânsia de nudez naquele olhar que ela engoliu em seco. — Wells, Excelentíssimo, Aquele Imbecil Que Trabalha do Outro Lado da Rua. Qualquer coisa — continuou Wells, e Gwyn voltou a engolir em seco, aproximando dele uma mão e só raspando muito ao de leve na dele, tocando-lhe brevemente com os dedos.

— E se eu quiser chamar-te de meu? — perguntou ela, a voz baixa, e a mão de Wells apertou a sua.

— Serei isso até morrer.

Gwyn levantou a cabeça e olhou nos olhos dele.

— Então, imagino que estavas a sentir o que dizias. Naquela parte de eu ser a mulher que amas.

Wells estremeceu.

— Disse isso no meio do meu desabafo completamente desequilibrado? Dei cabo do pedido de desculpas e da declaração de amor, parabéns para mim.

Mas Gwyn apenas abanou a cabeça.

— Não, isto foi melhor — garantiu ela, e depois sorriu. — Quer dizer, eu quero mais tarde aquele pedido de desculpa a rastejar. Que rapariga não gosta de um bom rastejo? Acho que até vou filmá-lo com o meu telemóvel.

Wells fez um som que podia ter sido um riso, e Gwyn inspirou fundo, aproximando as suas mãos juntas.

— Já passou algum tempo desde que ouvi alguém dizer-me que está apaixonado por mim. E ainda mais desde que respondi na mesma medida.

Wells estava muito parado, de olhos postos nela, e de alguma forma aquilo fez com que dizer algo que antes lhe era tão difícil tivesse sido para ela tão fácil como respirar.

— Mas eu amo-te, Wells. — Os dedos dele apertaram os dela, engoliu em seco, e Gwyn estendeu a mão livre para lhe puxar gentilmente a barba. — E é isto que eu quero — disse-lhe ela. — Não grandes gestos. Apenas tu. Todo tu. As partes desastradas e as partes em que dizes palavras como «doravante».

— Eu nunca disse isso — protestou ele, e o olhar dela fê-lo emendar —, pelo menos a ti.

Ainda sorridente, Gwyn baixou a cabeça e beijou os nós dos dedos dele.

— Quero o homem que encontra animais de estimação perdidos e me faz sopa e fala como se estivesse a fazer uma audição para a *Masterpiece Theatre*⁸, mas que também faz amor comigo nas traseiras de uma carrinha.

Com a mão que tinha livre, ele afastou o cabelo da cara dela.

— Também te quero completa — disse ele. — A bruxa poderosa e a mulher que adora irritar-me quando eu mereço. A mulher que inspira lealdade em gatos que falam e em Bruxos Bebés e em todas as pessoas que a conhecem, porque o seu coração é a única coisa mais impressionante do que a sua magia. Quero-te, Gwyn Jones.

— Então, é só isso que interessa — concordou ela, com a luz do Sol nas veias, no coração, a fluir tão poderosamente como a sua magia.

O beijo dele também era mágico, lento e completo, uma promessa e uma declaração e uma desculpa, e Gwyn aceitou todas, abraçada a ele, o seu corpo a fundir-se com o dele, porque tudo aquilo estava certo.

Um baque repentino interrompeu-lhes o beijo, fazendo-os olhar para a janela da frente da loja, e ali estavam Sam, Cait e Parker, as caras praticamente esborrachadas contra o vidro, com Parker a bater com o punho no vidro perto das letras pintadas, Sam aos gritos e Cait a desfalecer.

— Selvagens — resmungou Wells, mas estava a sorrir, e Gwyn riu-se, ao mesmo tempo que os mandava embora com um gesto da mão.

— Gostas de mim, gostas dos meus Bruxos Bebés — disse ela, e ele olhou para ela a sorrir.

— A primeira parte é a coisa mais fácil que alguma vez tive de fazer. A segunda vai exigir alguma prática.

— É melhor começares agora — respondeu Gwyn. — Acho que aqueles três vão ser uma parte vital do Império Jones e Excelentíssimo.

Ainda a sorrir, Wells passou os lábios pelos dela.

— Penhallow e Jones.

Gwyn beijou-o de volta.

— Jones e Penhallow, última oferta.

— Falamos disso em casa — respondeu Wells, e, ao beijá-la outra vez, Gwyn apercebeu-se de que não sabia se ele se estava a referir ao seu chalé ou à casa assombrada dele, mas na verdade não tinha importância.

Onde os dois estivessem juntos, era casa.

[8](#) *Masterpiece* é uma série de televisão de antologia dramática produzida pela WGBH Boston. Estreou no Public Broadcasting Service em 10 de janeiro de 1971. A série apresentou inúmeras produções britânicas aclamadas.

Agradecimentos



Já faço isto de escrever há tempo suficiente para se pensar que me lembraria do antigo provérbio dos escritores segundo o qual os Segundos Livros São Sempre um Desafio. Ainda assim! Tão casmurros como Wells e Gwyn são, acho que não deveria ter ficado tão surpreendida com toda a luta que me deram no seu percurso para o Felizes para Sempre.

Felizmente para mim, tinha poderosas forças do meu lado na forma da minha brilhante editora Tessa Woodward e da minha fabulosa agente Holly Root. Tessa, a paciência e o apoio que tiveste para com este livro significaram tudo para mim. E, Holly, se houvesse uma medalha de ouro para Persuasão de Autores a Não Saírem da Linha, já terias provavelmente uma sala cheia dessas coisas. Há tanto na publicação que tem que ver com as pessoas com quem

trabalhamos, e eu sou tão feliz por poder trabalhar com As Duas Melhores!

Obrigada a todos na Avon/HarperColling, tanto pelo vosso apoio nestes livros como pela vossa Excelência geral.

E, como sempre, não conseguiria fazer isto sem o apoio da minha família e amigos, de facto uma poderosa congregação.

Por último, foi tão agradável ver Sir Purrcival tornar-se a Estrela destes livros (COMO ESTAVA PREVISTO SER!). Ele é inspirado nos meus dois gatos pretos, dois irmãos que adotei no abrigo de animais da minha localidade em 2018. São mesmo uns fofinhos mágicos, mas os gatos pretos ainda têm dificuldade em serem adotados, devido a fatores que vão da superstição ao medo de não ficarem bem nas fotografias (embora uma vista rápida ao meu Instagram prove exatamente o contrário!). Por isso, se estiver a pensar adotar um gato, espero que pensem no Sir Purrcival quando pararem num abrigo local e que levem para casa o vosso próprio Gatinho Bruxo!